

ESTUDOS DE PSICANÁLISE

Nº 56 - DEZEMBRO 2021

XXIV
Congresso
do Círculo
Brasileiro de
Psicanálise

Para além da
Pandemia:
ecos na
Psicanálise



04,05 e 06
de novembro

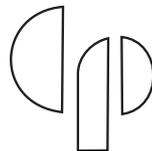
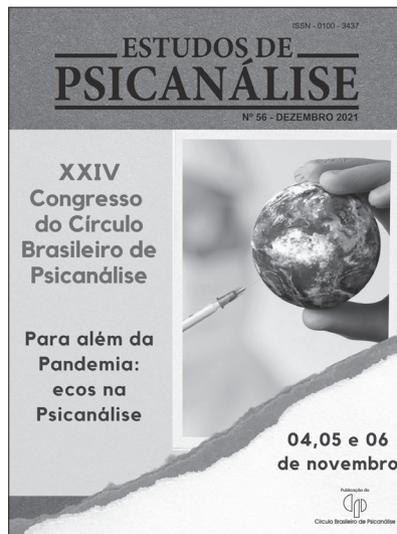
Publicação do



Círculo Brasileiro de Psicanálise

ESTUDOS DE PSICANÁLISE

ISSN - 0100-3437



Publicação do
Círculo Brasileiro de Psicanálise

REVISTA

ESTUDOS DE
PSICANÁLISE

Indexada em:
CLASE (UNAM – México)
IndexPsi Periódicos (BVS – PSI) – www.bvs-psi.org.br
Latindex (Sistema Regional de Información en Línea
para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal)
Diadorim

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
ANPEPP – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia
Classificação Capes/Anppep–B2 - Psicologia - B2 - Interdisciplinar e A2 - Letras/Linguística

Esta revista é encaminhada como doação para todas as bibliotecas
da Rede Brasileira de Bibliotecas da Área de Psicologia – ReBAP

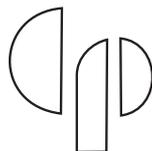
Os artigos são de total responsabilidade dos autores.

FICHA CATALOGRÁFICA

ESTUDOS DE PSICANÁLISE. Rio de Janeiro: Círculo Brasileiro de Psicanálise,
n. 56, dez. 2021. 206 p.

Semestral. ISSN: 0100-3437 – 28 x 21cm

1. Psicanálise – periódicos



Revista Estudos de Psicanálise

EDITORES DA REVISTA

Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)
Maria Auxiliadora Toledo Garcia Freire (CPMG)
Marli Piva Monteiro (CPB)
Noeli Reck Maggi (CPRS)
Paulo Roberto Ceccarelli (CPPA)
Ricardo Azevedo Barreto (CPS)

CONSELHO CONSULTIVO

Ana Cristina Teixeira da Costa Salles (CPMG)
Carlos Antônio Andrade Mello (CPMG)
Déborah Pimentel (CPS)
Maria Beatriz Jacques Ramos (CPRS)
Marie-Christine Laznik (ALI-França)
Marta Gerez Ambertín (Universidad Nacional de Tucumán)
Stetina Trani de Meneses e Dacorso (CBP-RJ)

CONSELHO EDITORIAL

Ana Paula Perissé (CBP-RJ)
Elizabeth Samuel Levy (CPPA)
Juliana Marques Caldeira Borges (CPMG)

ENDEREÇO DA REDAÇÃO

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504 - Copacabana
22050-002 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 2236-0655
E-mail: cbp.rj@terra.com.br
Site: www.cbp-rj.com.br

PROJETO GRÁFICO E FORMATAÇÃO

Valdinei do Carmo

IDEALIZAÇÃO DE CAPA

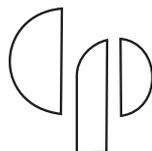
Renata de Brito Pedreira

REVISÃO

Português e normalização
Dila Bragança de Mendonça
Inglês
Anchyses Jobim Lopes

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS

Gráfica Formato – Certificada – FSC®



Círculo Brasileiro de Psicanálise – CBP

DIRETORIA 2019-2021

PRESIDENTE

Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)

VICE-PRESIDENTE

Juliana Marques Caldeira Borges (CPMG)

SECRETÁRIA

Helena Maria Melo Dias (CPPA)

TESOUREIRA

Anna Lúcia Leão López (CBP-RJ)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Déborah Pimentel (CPS)

Eliana Rodrigues Pereira Mendes (CPMG)

Elizabeth Samuel Levy (CPPA)

Maria Beatriz Jacques Ramos (CPRS)

Stetina Trani de Meneses e Dacorso (CBP-RJ)

EDITORES DA REVISTA ESTUDOS DE PSICANÁLISE

Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)

Maria Auxiliadora Toledo Garcia Freire (CPMG)

Marli Piva Monteiro (CPB)

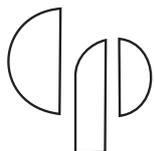
Noeli Reck Maggi (CPRS)

Paulo Roberto Ceccarelli (CPPA)

Ricardo Azevedo Barreto (CPS)

REPRESENTANTE JUNTO À ARTICULAÇÃO DAS ENTIDADES PSICANALÍTICAS BRASILEIRAS

Anchyses Jobim Lopes (CBP- RJ)



Círculo Brasileiro de Psicanálise – CBP

INSTITUIÇÕES FILIADAS

Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro – CBP/RJ

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504 - Copacabana

22050-002 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (21) 2236-0655

E-mail: cbp.rj@terra.com.br

Site: www.cbp-rj.com.br

Círculo Psicanalítico da Bahia – CPB

Av. Adhemar de Barros, 1156/101 - Ed. Máster Center - Ondina

40170-110 - Salvador - BA

Tel./Fax: (71) 3245-6015

E-mail: circulopsi.ba@veloxmail.com.br

Site: www.circulopsibahia.org.br

Círculo Psicanalítico de Minas Gerais – CPMG

R. Maranhão, 734/3º andar - Santa Efigênia

30150-330 - Belo Horizonte - MG

Tel.: (31) 3223-6115 Fax: (31) 3287-1170

E-mail: cpmg@cpmg.org.br

Site: www.cpmg.org.br

Círculo Psicanalítico do Pará – CPPA

Rua Boaventura da Silva, 1303/02/Altos - Umarizal

66060-060 - Belém - PA

(91) 99150-6200 e (91) 3355-6710

E-mail: contato@circulopsicanaliticodopara.com

Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul – CPRS

R. Senhor dos Passos, 235/1001 - Centro

90020-180 - Porto Alegre - RS

Tel./Fax: (51) 3221-3292

E-mail: circulopsicanaliticors@gmail.com

Site: <http://www.circulopsicanaliticors.com.br>

Círculo Psicanalítico de Sergipe – CPS

Praça Tobias Barreto, 510/1208

São José Ed. Centro Médico Odontológico

49015-130 - Aracaju - SE

Tel.: (79) 3211-2055

E-mail: cps@infonet.com.br

Site: www.circulopsicanalitico-se.com.br

Sumário

- 11** Editorial
- MESAS E TRABALHOS
- XXVI CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO
DE PSICANÁLISE - PARA ALÉM DA PANDEMIA:
ECOS NA PSICANÁLISE
- 17** Reflexões pandêmicas sobre
a transmissão da psicanálise e os riscos
do uso excessivo do *on-line* – uma visão psicanalítica
Pandemic reflections
on the transmission of psychoanalysis and the risks
of excessive use of online – a psychoanalytic view
Anchyses Jobim Lopes
- 37** Sofrimentos psíquicos em tempos de pandemia:
da infância à velhice
Psychic sufferings in pandemic times:
from childhood to old age
Anelise Scheuer Rabuske
Magda Maria Colao
Maria Melania Wagner Franckowiak Pokorski
Waleska Pessato Farenzena Fochesatto
- 49** Clínica psicanalítica *on-line*: articulações com a ficção
On-line psychoanalytic clinic: articulations with fiction
Anna Lucia Leão Lopez
Maria Beatriz Jacques Ramos
Noeli Reck Maggi
Paola Fachini
- 63** O medo sem face na pandemia da covid-19
The faceless fear of covid 19 pandemic
Eliana Rodrigues Pereira Mendes
- 69** Uma vida paralela na UTI:
a escuta psicanalítica do paciente pós-covid 19
A parallel life in the ICU:
the psychoanalytic listening of the post Covid 19 patient
Elizabeth Samuel Levy
- 77** Breve revisão das “Recomendações
aos médicos que exercem a psicanálise”
(Freud, 1912) em tempos pandêmicos
Brief review of “Recommendations
for physicians on the psychoanalytic method of treatment”
(Freud, 1912) on pandemic times
Gilla Maria Jacobus Bastos
Dario Perez Bastos
- 85** Reflexões sobre o lugar da supervisão na psicanálise
Reflections on the place of supervision in psychoanalysis
Helena Maria Melo Dias
- 93** Sobre a vida e a morte em tempos de pandemia
On life and death in times of a pandemic
José Alaíde dos Santos Lopes
- 99** A máscara como indumentária e metáfora de um tempo: novos possíveis e impossíveis
The mask as clothing and metaphor of a time: new possible and impossible
Luís Antônio Franckowiak Pokorski

- 105** **Ecoss da pandemia: o que se faz trauma e o que se faz com ele?**
Echoes of the pandemic: what becomes traumatic and how is that dealt with?
Maria Mazzarello Cotta Ribeiro
- 113** **Harmonização orofacial e covid-19: a experiência estética e o desamparo psíquico na interlocução entre odontologia e psicanálise**
Orofacial harmonization and covid-19: the aesthetic experience and psychic helplessness in the dialogue between Dentistry and Psychoanalysis
Rodrigo Zanon de Melo
Luciana Freitas Bastos
Larissa Aparecida Vaz Oliveira
Cristina Fontes Puppim
Marcelo Daniel Brito Faria
- 127** **Corpos que falam: escutando desamparos indizíveis**
Bodies that speak: listening to unspeakable helplessness
Márcia Alves da Rocha
- 135** **Os IDOSos e os idoSOS na pandemia**
The Elderly in the Pandemics
Marli Piva Monteiro
- 141** **Fundamentalismos – uma esquizofrenia histórico-social a partir de uma leitura de “Psicologia das massas e a análise do ego” (1921)**
Fundamentalisms – a historical-social schizophrenia from a reading of “Mass Psychology and Ego Analysis” (1921)
Michell Alves Ferreira de Mello
- 151** **Teoria e técnica psicanalítica em tempos de pandemia: as dificuldades vivenciadas na prática da clínica on-line**
Psychoanalytical theory and technique in pandemic times: difficulties experienced in online clinic practice
Renata Franco Leite
- 159** **PSICANÁLISE: CLÍNICA E TEORIA**
Diversidade de tipos psicológicos: mito ou realidade nas organizações contemporâneas?
Diversity of psychological types: myth or reality in contemporary organizations?
Anderson de Souza Sant’Anna
Luiz Otávio Salgado Vogel
- 175** **Complexos de Édipo e de castração: dispositivos heteronormativos? Subversividades e conservadorismos na psicanálise**
Oedipus and castration complexes: heteronormative devices? Subversivities and conservatism in psychoanalysis
João Eduardo Torrecillas Sartori
Paulo Roberto Ceccarelli
- 187** **A língua não coincide conosco: elementos de indeterminação**
Language does not coincide with us: elements of indeterminacy
Scheherazade Paes de Abreu
- 195** **Solidão: caríssima, quem és tu?**
Loneliness: dear, who are you?
Stetina Trani de Meneses e Dacorso
- 207** **Normas de publicação**
- 211** **Roteiro de avaliação dos artigos**



*“A afirmação de que, psiquicamente,
nós não vivemos nada no presente
parece bastante paradoxal, mas está correta.
Um evento é para nós apenas carregado de afetos
na medida em que puder estimular conteúdos (vivências)
carregados de afetos experimentados anteriormente,
os quais se encontram guardados no inconsciente”.*

Editorial

No XXIII Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise e na III Jornada do Círculo Psicanalítico do Pará, ocorridos em Belém do Pará, em novembro de 2019, o CBP-RJ, ao aceitar sediar o XXIV Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise (2021), não tinha como pensar que estaríamos atravessando uma pandemia e que o nosso Congresso seria totalmente *on-line*. Inimaginável!

Passamos por momentos difíceis de perdas e lutos. Segundo o casal Yalom, “luto é o preço que pagamos por ter coragem de amar os outros”. Registramos nossas saudades de Edith Maria Pereira de Albuquerque Marques, Isabela Santoro e de todos que nos deixaram.

Nesse contexto pandêmico acreditamos que: “quando o abismo olhar para você – como sempre acontece – você seja capaz de retribuir o olhar corajosamente” (SHUSTERMAN, 2018). Com coragem realizamos o XXIV Congresso de Psicanálise do Círculo Brasileiro de Psicanálise com o tema *Para além da pandemia: ecos na psicanálise*.

Nosso Congresso teve o desejo de entender os efeitos da pandemia na subjetividade e na clínica, num tempo de não entendimentos, de questões, de dúvidas, de falta e de interrogações sobre o saber não sabido. Enfim, assim se faz a psicanálise.

Movidos por Eros, tivemos 7 ricas mesas com 28 instigantes apresentações de membros efetivos de todas as filiadas do CBP, além de outras 7 frutíferas mesas simultâneas com 18 excelentes trabalhos de membros efetivos e alunos.

Também tivemos o prazer de contar com a apresentação do curta-metragem *Corpo infamiliar*, de Jessica Dias, e com a presença do convidado Rogério Lerner.

Encontramos no Congresso um lugar de acolhimento e afeto para refletirmos questões fundamentais do nosso ofício de analista em tempos de tanto desamparo e destruição. Vivemos dias intensos e saímos mais fortalecidos para sustentar nossa clínica, e mais próximos. Para além do espaço físico das instituições, vimos a importância do espaço subjetivo, dos laços construídos e da sua manutenção.

O Congresso foi histórico; um ato de coragem para aceitar o desafio de permanecer no artesanal. Um momento em que as filiadas estavam congregadas, juntas, presentes virtualmente, trocando, escutando e compartilhando.

Tivemos bons ecos da pandemia no CBP, tais como as trocas significativas no Grupo de Clínicas Sociais do CBP, criado para pensarmos juntos sobre a clínica social das filiadas, a partir das experiências específica de cada região; e a mesa composta pelas presidentas de todas as filiadas do CBP, na abertura da XII Jornada de Psicanálise do CBP-RJ.

Acreditamos que, com nosso trabalho, conseguimos nos fortalecer ainda mais com nossas trocas afetivas na transmissão da psicanálise, as quais são primordiais para manter a sua

sobrevivência. Desbravamos caminhos que nos aproximaram, que nos proporcionaram possibilidades para nos depararmos com aquilo que nós, analistas, precisamos enfrentar: o desconhecido.

Anna Lucia Leão López
Presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise
– Seção Rio de Janeiro

Reflexões pandêmicas sobre a transmissão da psicanálise e os riscos do uso excessivo do on-line – uma visão psicanalítica¹

Pandemic reflections on the transmission of psychoanalysis and the risks of excessive use of online – a psychoanalytic view

Anchyses Jobim Lopes

Resumo

O *on-line* como imperioso devido à pandemia e suas vantagens. Em oposto a suposta facilidade da transmissão *on-line* da psicanálise, que tende a vendê-la, empobrecê-la sem ser de fato psicanálise. Falta de espaços físicos para convivência social comprometendo o tripé: análise pessoal/supervisão/teoria. A possível falha na formação de vínculos sociais entre: os membros mais recentes e os mais antigos, entre colegas nas aulas de formação, entre supervisores e supervisionados (análise quarta). O excesso da imagem nas redes sociais e teleconferências acentuando a violência. Linguagem e imagem: denotação *versus* conotação (linguística), representação da coisa *versus* representação da palavra (Freud), pensamento concreto *versus* pensamento abstrato (psiquiatria), imaginário *versus* simbólico (Lacan), imagem muro *versus* imagem furo (Tania Rivera). Imagem apenas da face e ombros e sua associação com objetos parciais. Fragmentação da imagem do grupo em imagens individuais.

Palavras-chave: Pandemia, Transmissão, Linguagem, Imagem, Representação de coisa, Representação de palavra.

1 Historicidade e transferência – os desafios da pandemia e o oposto do não pertencimento contemporâneo

A psicanálise surgiu como um saber histórico. Um método que serviu de base para cada ser humano descobrir sua própria história. Método clínico que foi além do que Freud esperava e forneceu a base de uma teoria que, entre outras funções, também se desenvolveu em um saber sobre a história do ser

humano e sua cultura. Tudo na contramão dos agregados contemporâneos de técnicas e instrumentalizações. por meio dos quais a sociedade industrial chegou ao ápice com a computação, com conteúdos sendo transmitidos como se tivessem surgido do nada, como acabados e perfeitos desde sempre.

A historicidade ecoou retornando à própria psicanálise. Além de pesquisar como e por que ocorreu o início da psicanálise, se di-

1. Trabalho apresentado no XXIV CONGRESSO DE PSICANÁLISE DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE – PARA ALÉM DA PANDEMIA: ECOS NA PSICANÁLISE, realizado pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro, de 4 a 6 nov. 2021, por meio da plataforma Zoom.

versificou em sentido oposto: compreender como germinaram e cresceram as múltiplas leituras e aplicações clínicas do saber freudiano. Uma enorme e frondosa árvore que prospera há mais de cento e trinta anos.

A busca das origens permanece como parte do ensino e transmissão da prática clínica psicanalítica iniciada na própria autoanálise de Freud, e continuada através das terapias de seus pacientes. Acrescida pela interpretação de seus próprios sonhos, Freud foi além do mito do herói. Saber e criticar a história do fundador, bem como as origens da psicanálise é essencial para a fundamentação e o exercício do tripé que mantém ensino da teoria/supervisão/análise pessoal. Sendo fundamental e mais importante a análise pessoal. O psicanalista só pode advir de sua experiência no divã. É possível ensinar algo sobre o inconsciente. Mas o inconsciente só se aprende (ou apreende) no divã. E o mais grave sintoma que denuncia instituições que se nomeiam, mas em si não são psicanalíticas, é a incompreensão da importância e do que seja uma análise pessoal. Sintoma gravíssimo, pois, tal escreveu Freud com seu típico humor, o que acontece com quem propagandeia a psicanálise, mas a ela nunca se submeteu enquanto paciente:

Todo mundo está rapidamente disposto a tornar-se adepto da psicanálise – com a condição de que a análise pessoalmente o poupe (FREUD, [1917] 1978, p. 289, tradução nossa).

Análise pessoal que, com todas as vicissitudes de uma autoanálise, provocou Freud a descobrir e ressignificar sua história pessoal. A descoberta do recalque permitiu-lhe lembrar e ressignificar parte das memórias e desejos dos primeiros anos de sua vida, o que o levou à descoberta importância da sexualidade e das experiências primeira infância para a compreensão do nosso eu.

Mas para o *sapiens* um eu não existe sem outros eus. O início da transmissão do saber psicanalítico foi iniciado em 1902, de

modo muito informal, em reuniões na casa de Freud.

O ritual era sempre o mesmo: formando um cenáculo em torno do “pai”, os homens das quartas-feiras identificavam-se com a famosa “horda selvagem” que Freud descreveria em Totem e tabu [...]. Sentados ao redor de uma mesa oval, tinham a obrigação de participar dos debates, sem ter direito de ler papéis preparados com antecedência. [...] Em 1906, o jovem Otto Rank, nomeado secretário, encarregou-se de estabelecer uma ata pormenorizada das sessões. [...] O cenáculo transformou-se num lugar de memória (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 719).

Em 1907 Freud dissolveu esse círculo informal e no ano seguinte fundou a primeira instituição oficial da psicanálise: a Sociedade Psicanalítica de Viena, que três anos depois foi englobada em uma instituição transnacional: a Associação Psicanalítica Internacional.

Nos cem anos que se seguiram, ocorreram cisões e cismas. Alguns mais vinculados a questões políticas e organizacionais. Outros, além de questões institucionais, derivados de novos autores e a partir de diferentes leituras da obra de Freud: Klein, Winnicott, Lacan, citando apenas os mais famosos. Porém outros autores, cuja leitura e prática foi considerada divergente demais, inclusive por eles mesmos, fundaram instituições com nomeações diferentes, tal como Gustav Jung e Viktor Frankl; psicologia analítica, logoterapia, análise existencial e outras, embora o nome “psicanálise” tenha se tornado um significante tão valioso que, com frequência, é espuriamente acrescentado a essas terapias

Essas questões foram revisitadas nos primeiros anos do Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras surgido em 2000. Era necessário minimamente aparar arestas entre as diversas instituições participantes. Tratava-se de um movimento político composto por uma multiplicidade de ins-

tituições e federações, sempre fruto de cisões e divergências políticas e da diversidade de leituras a partir da obra de Freud. Um dos primeiros consensos, algo que deveria ser óbvio, mas fora relegado a segundo plano, foi redescoberto: todas partilham de uma origem histórica comum, seja por apenas uma bifurcação, seja depois de duas ou três outras secessões, todas instituições partilham da mesma origem genealógica: o “grupo das quartas-feiras” e a Sociedade Psicanalítica de Viena. E essa origem, mais que uma tradição e apesar das diversas leituras da obra freudiana, se fundamenta por meio de princípios éticos comuns relativos à transmissão da psicanálise. Ao mesmo tempo, a obrigatoriedade da análise pessoal leva à hipótese de uma longa série transferencial perpassando a história da psicanálise. As instituições que tentavam se apossar do significativo “psicanálise” eram completamente alheias a esses encadeamentos.

Muitos psicanalistas das instituições que compunham o ‘saco de gatos’ da psicanálise brasileira já haviam tido contato com anúncios ofertando cursos supostamente de psicanálise cujas características lhes eram completamente estranhas. E bastava arranhar um pouco a superfície dessas propostas, que surgiam comprometimentos bizarros. Estavam ligadas a denominações religiosas, propostas de regulamentação a partir de supostos conselhos profissionais, sindicatos e o material didático continha conteúdos os mais duvidosos: apostilas contendo tudo exceto a leitura direta das obras de Freud e nem ao menos resumos razoáveis. Além, é claro, de não possuírem a obrigatoriedade da análise pessoal ou oferecerem coisas bizarras como “análise didática de quarenta sessões”. Mas buscavam, para exercer a hegemonia, em proveito próprio, regulamentar a psicanálise no Brasil por meio de Conselhos Regionais e Federal de Psicanálise Clínica.

Já nas primeiras reuniões da Articulação, a diversidade das instituições psicanalíticas que a compunham descobriu mais traços

comuns. Apesar de grande heterogeneidade, nenhuma possuía fins lucrativos. Algumas eram compostas de poucas dezenas de participantes, outras eram federações com centenas ou até milhares de membros e candidatos. Mas, em todas as instituições, eram sempre os membros (ou qualquer outro nome pelo qual se intitulassem) que eram os próprios donos. E como donos dos meios de produção, além da transmissão de ensino e experiência clínica, a produção escrita de saber era enorme – periódicos, revistas, livros – assim como a realização de eventos e congressos. O lucro não ia para terceiros, donos de redes de instituições particulares de ensino ou de denominações religiosas que visam mais o lucro que a fé.

A Articulação chegou a poucos outros consensos. Dois foram essenciais: primeiro, que a transmissão se dá pelo já mencionado tripé análise pessoal/ensino teórico/supervisão; segundo, que toda análise é leiga e laica. O psicanalista não necessita ser médico ou psicólogo. Uma entidade psicanalítica não pode estar ligada a uma instituição religiosa. Como deixou Freud por escrito, ao comentar o vínculo entre duas de suas obras: *A questão da análise leiga* e *O futuro de uma ilusão*:

Na primeira quero proteger a psicanálise dos médicos. Na segunda dos sacerdotes. Quero entregá-la a uma categoria de curadores de alma que não necessitam ser médicos e não podem ser sacerdotes (FREUD; PFISTER, 1963, p. 126).

Tampouco a transmissão da psicanálise pode estar subordinada a uma instituição de ensino pública ou privada. A universidade não tem como exigir e indicar analistas para os alunos entre os membros de seu corpo docente. Seria um modo de coerção. Problema que transpassa a própria história das entidades psicanalíticas. Não pode existir qualquer forma de poder do analista sobre o analisando. A longa história das instituições psicanalíticas as fez experimentar em si mesmas

todos os malefícios quando era usado qualquer sistema minimamente coercitivo para o cumprimento da obrigatoriedade de análise pessoal., principalmente na obrigatoriedade dos analistas de candidatos serem da própria instituição.

Outra característica comum das formações psicanalíticas é o modo de pertencimento dos membros à instituição. Sempre há alguns entrando e outros se desligando. Contudo, o ideal é a participação por toda a vida. Há várias formas rotineiras de reuniões: administrativas, didáticas e clínicas. Contudo, além dessas obrigatórias há cursos complementares, cartéis, grupos de trabalho, reuniões, jornadas, congressos. Qual seja a leitura da obra de Freud, é consenso que a formação psicanalítica é um movimento sem fim. A instituição psicanalítica não é um local que se frequenta por um número específico de anos, se recebe um diploma ou certificado, que daria a certeza de se estar pronto e competente para ser analista, e vai-se embora.

A experiência através da análise pessoal com o inconsciente é complementada com os restos inanalísáveis dos limites do próprio tratamento e da infinitude do inconsciente. Restos que impulsionam o acolhimento de novos pacientes e a necessidade de permanente transmissão de teoria e clínica dentro da instituição. Desde o início a participação, desde novos colegas, até o que para os mais antigos tornou-se um hábito: a convivência é necessária à produção e ao compartilhamento do pouco que se pode saber. A formação permanente de estar sempre se tornando um pouco mais analista. Em resumo, a manutenção da relação transferencial com a instituição.

Todos estes preceitos anteriores ou posteriores à Articulação foram colocados em xeque pela pandemia do covid-19. Em pouco mais de dois meses, abril e junho de 2020, o Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, usando a plataforma Zoom, retomou todas as atividades rotineiras: au-

las, supervisões coletivas e triagem de novos pacientes das clínicas sociais. Apesar da situação dramática, com risco mortal, houve júbilo pela continuidade de todas as tarefas. Ocorreu também o aumento de reuniões e intercâmbio, tanto dentro do CBP-RJ, quanto entre as filiadas do CBP. Mas, a partir do segundo ano da pandemia, diante do uso exclusivo de meios digitais, a questão didática e o pertencimento à instituição tornaram-se um desafio.

De que modos o mundo digital exclusivo pode, por si mesmo, beneficiar ou prejudicar o pertencimento a instituição e a transmissão pelo tripé curso teórico/supervisão/análise pessoal? A tarefa que se impõe é a pesquisa por meio de uma leitura psicanalítica.

2 O pulo do gato: o tripé da formação psicanalítica e os meios digitais em uma situação de emergência

Na segunda quinzena de março de 2020, devido ao início da pandemia de covid-19, todas as atividades na sede do CBP-RJ foram suspensas: trabalho da secretaria, seminários da formação psicanalítica e cursos livres, supervisões coletivas e triagens de novos pacientes pelo Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP) e pelo Núcleo Psicanalítico de Estudos da Infância e Adolescência (NEPsi). O atendimento da secretaria passou a ser *on-line*.

A partir da primeira semana de abril, os membros efetivos e uma psicanalista convidada, professores do curso de formação psicanalítica, reuniram-se às terças e quintas, à noite, a partir das 21 horas, para aprender como trabalhar a partir da plataforma Zoom de videoconferência. Levando em conta que, com poucas exceções, psicanalistas são muito mais adeptos da palavra falada ou livremente escrita do que das telas.

Algumas reuniões terminaram quase à meia-noite. Era o objetivo que as turmas em formação não perdessem o semestre letivo, o que foi alcançado. A partir do dia 15 de abril, foram retomados os seminários das quatro

turmas. Ocorreu apenas uma breve extensão das aulas ao início de julho.

Em 22 de abril e 7 de maio, respectivamente, reiniciaram *on-line* as duas supervisões coletivas do CAP. As supervisões do NEPsi já tinham sido reiniciadas em 15 de abril. A partir de junho recomeçou o aceite de inscrições para entrevistas de triagem ao CAP e o encaminhamento aos candidatos da formação psicanalítica de novos pacientes. Nos meses seguintes todo o cronograma de jornadas e assembleias gerais foi retomado.

Vista de modo objetivo, a passagem para o *on-line* foi um sucesso. Foi para todos uma grande satisfação que não tenha ocorrido perda de continuidade dos trabalhos e de um semestre letivo para nenhuma das quatro turmas de formação. Apesar da catástrofe mundial, foi com algum júbilo e sentimento de heroísmo que transcorreu o restante de 2020. Mas, ao contrário do que se tinha esperança, a pandemia continuou por todo o ano de 2021.

Todos os membros e os candidatos mais antigos conviveram presencialmente. Os que realizaram as entrevistas de seleção no final de 2019 e início de 2020 estiveram presencialmente na sede do CBP-RJ e ali participaram dos seminários iniciais em duas disciplinas. Mas os que ingressaram a partir do segundo ano da pandemia jamais frequentaram a sede física da instituição ou conviveram presencialmente com os demais candidatos e membros. Nem tiveram convívio em eventos na própria sede. Faltaram os lanches e cafezinhos dos intervalos entre seminários, aulas, palestras, supervisões coletivas e jornadas internas. Assim como as viagens a algumas das jornadas de outros círculos ou dos congressos bianuais do CBP.

Bem antes da pandemia, o CBP-RJ escolhera sediar o XXIV Congresso do CBP, além de há alguns anos acolher a sede da federação. Entre os dias 4 e 6 de novembro de 2021 ocorreu o congresso, manhã, tarde e noite, pela plataforma Zoom. Tudo ocorreu a contento. As carências do *on-line* foram com-

pensadas por uma adesão muito maior de membros e candidatos de todos os círculos. Mas os almoços, jantares, passeios e compra de livros dos congressos presenciais também são atividades psicanalíticas, parte do elo entre os membros e candidatos das federadas. E essa parte extinguiu-se.

Ao longo de 2021 todos os trabalhos *on-line* começaram a manifestar mais as carências que a falta da convivência presencial trazia internamente a uma sociedade psicanalítica. E quanto ao tripé curso teórico/supervisão/análise pessoal, quanto e como poderia estar sendo comprometido?

3 A transmissão do tripé – teoria/supervisão/análise pessoal – e a pandemia

3.1 Ensino da teoria

O conteúdo dos seminários seguia de modo adequado. Com pouco mais de um mês de experiência antes dos colegas do Círculo, mas já conhecedor do ensino *on-line* de graduação (mais tarde também de especialização) em faculdade de psicologia, instituição particular, o coordenador da comissão científica e de formação permanente do CBP-RJ propôs aos demais membros da diretoria que, em todas as atividades, os candidatos só recebessem presença se estivessem com as câmeras ligadas. Os colegas do CBP-RJ acataram o relato sobre turmas de graduação universitária de quarenta até mais de noventa alunos, onde quase todos eram reduzidos a letras mudas em uma tela. E muitas vezes ocorria a comprovação de que grande parte, provavelmente a esmagadora a maioria, apenas fingia estar presente.

Em comparação com os cursos de graduação universitária, com dezenas de alunos, o curso de formação constitui uma pós-graduação *lato sensu* e compõe-se de turmas com, no máximo, até 12 ou 13 candidatos. E as câmaras abertas mantinham o mais possível *on-line* a convivência dos membros do grupo entre si e o diálogo com os professores.

Mas, a partir do segundo ano da pandemia, de tempos em tempos, também começaram a surgir as mais variadas razões para que as câmaras não fossem ligadas. Apesar de partirem de uma minoria dos candidatos, também surgiram e foram se avolumando outros fatos, como: dificuldades da internet, presença de terceiros no ambiente do candidato, assistência das aulas no local de trabalho ou dirigindo veículos, candidatos que aparentavam estar simultaneamente realizando outra tarefa, além de problemas técnicos da internet. Seria fácil acusar os candidatos de crescente displicência e cansaço com a duração da pandemia. Mas uma visão psicanalítica também era necessária.

Já foi mencionado que a turma iniciada em março de 2020 teve a seleção por entrevistas presenciais e uma primeira aula presencial na sede do Círculo. Mas a turma de 2021, já iniciada por entrevistas de seleção *on-line*, jamais pôs os pés na sede. Muito menos participava dos cafezinhos e lanches nos intervalos das aulas, dos comentários exclusivos entre os colegas da turma (meios como o WhatsApp transmitiam só recados breves) ou o conhecimento dos colegas candidatos da outra turma daquela noite, muito menos dos membros efetivos que por quaisquer motivos apareciam quando as atividades eram presenciais. Pode-se ver várias falhas básicas para o estabelecimento de vários modos de vínculos transferenciais, também potencializados pelo fato de que, aparentemente uma comodidade que seria benéfica mesmo sem pandemia – a instantaneidade entre a residência e o local das atividades institucionais – priva docentes e discentes do espaço e do tempo transicionais para a passagem de atividades diversas. Percorrer o caminho do trabalho ou lar até a instituição psicanalítica é parte da formação, tanto como o percurso até o consultório do analista é parte da análise. Os rituais têm sua razão de ser.

A crítica de que, mesmo sem pandemia, seria obrigatório o abandono de rituais ob-

soletos em prol do progresso, em sua maior parte mostrou-se uma falácia. Era evidente que para muitas instituições privadas de ensino superior o *on-line* tem interesse oposto ao de uma instituição psicanalítica: aumenta o lucro, precariza o trabalho do professor e permite uma quantidade de alunos que, tanto quanto se sabe, não é permitida presencialmente, tanto por falta de espaço físico como pela legislação. Além do lucro com a diminuição das despesas de manutenção e a diminuição do número dos funcionários de apoio em sedes presenciais.

Mas no terceiro grau, os próprios meios de videoconferência tinham sua responsabilidade na perda da qualidade didática. Tornavam cada vez mais secundário ou inútil o talento do professor em passar o conteúdo da aula e responder a perguntas dos alunos. Em vez de exposições orais, meios que já existiam facilitando a didática, como vídeos ou *Power Point*, hipertrofiaram em métodos que se autoexecutam, visualmente sedutores, mas desprovidos de transferência com o professor. O passo seguinte foi oferecer cursos em aulas gravadas, facilitando que o aluno possa assisti-las quando e onde quiser. Mas o quanto foi perdido em de qualidade do ensino pela falta de uma relação transferencial com o professor?

Câmaras apagadas, aulas gravadas, mecanismo que de acessórios passam a ser a aula em si e a didática decai em treinamento. Uma pós-graduação *lato sensu* em pequenos grupos pode ser vendida maciça e exclusivamente *on-line*. Seja em anúncios pelo Google, seja em redes sociais, notadamente o *Facebook*, a oferta de cursos completamente *on-line* de suposta formação psicanalítica já aparecia em número cada vez maior antes da pandemia. Mas explodiu a partir do segundo ano da pandemia. Casos em que o *on-line* não decorria como algo emergencial, devido à extrema vicissitude da crise sanitária, mas como um fim em si mesmo, mal disfarçando a busca de um lucro muito maior que os custos com instituições presenciais.

A questão das terapias *on-line* já vinha sendo discutida há mais de década. Inclusive foi um dos temas do congresso do CBP em 2015 *Conexões virtuais: diálogos com a psicanálise*. Com considerações que, mesmo predominando o *on-line*, algumas sessões presenciais são necessárias. Mas da transmissão da psicanálise nunca fora objeto de experiência e estudo no CBP.

Contudo, desde Sócrates e Platão, o que hoje designamos como transferência já era considerado fundamental no ensino. Mais ainda em uma sociedade psicanalítica, onde, além do relacionamento com os professores, há também o aconchego do local físico. Embasamento para que além da transferência individual, ocorram também grupais e institucionais. Pensando mais um pouco com Winnicott, quanta carência de *holding* e de *handling*. Privados de aconchego e cuidados, como recriar espaços potenciais e apresentar o novo conhecimento em sua forma de objeto transicional? Sem o lado físico da presença humana, que torna a transferência algo que ocorre em grande parte de inconsciente a inconsciente, tendo também uma dimensão corporal, como apresentar novos objetos que não se tornem meras intelectualizações, racionalizações e solidifiquem um falso *self*?

Mais do que isso, formação psicanalítica não termina por exaurir número de horas de ensino ou de disciplinas. No CBP-RJ a coordenação que administra a parte didática é designada “de ensino e formação permanente”. Quase todos os professores originaram-se da instituição. Ensinar é a melhor forma de continuar aprendendo. Em mais de cento e vinte anos o crescimento e a diversidade do saber e da prática psicanalíticas foram imensos. A duração da existência humana mal dá para arranhar uma pequena parte. Mesmo que fosse um saber bem mais restrito, a fundamentação ética impede que o analista se considere detentor de superioridade sobre o analisando, desembocando no aconselhamento do ‘eu sei o que é melhor para você’. O que mais Freud temia, a decadência da psi-

canálise em hipnose, religião e manipulação do eu ideal. Algo que ocorre não somente no *setting*, mas também compromete a transmissão da psicanálise em uma instituição verdadeiramente psicanalítica.

Aumentaram muito e surgiram na internet novas propostas de outorgar algum diploma ou certificado por meio de cursos inteiramente *on-line*. Curso de pós-graduação e mesmo de graduação, muitos se dizendo reconhecidos pelo MEC. Cursos em que a análise pessoal é apresentada como se fosse apenas mais uma ou mais disciplinas do currículo. Vários textos, escritos por membros da Articulação ou outros, enfatizam que tais cursos são meras armadilhas de consumo, reforçando uma fantasia de completude. Terminando com a concessão de diploma garantindo que seu possuidor está pronto e acabado para o mercado de trabalho.

3.2 Prática da supervisão

A passagem exclusiva para o *on-line* afetou menos as supervisões coletivas das clínicas sociais do CBP-RJ. Tanto por ser uma carga horária menor que os seminários teóricos, quanto pelas supervisões iniciarem a partir do terceiro dos quatro anos do curso teórico. Ao início da pandemia, os candidatos que já haviam participado das supervisões ou que haviam sido admitidos, já vinham de dois ou mais anos de convivência institucional e com outros candidatos. Também ocorreu a grata surpresa de que a maioria esmagadora dos pacientes aceitou bem a passagem para terapias *on-line*.

A partir do terceiro ano da formação, os candidatos do CBP-RJ passam por dois tipos de supervisão. Uma, obrigatória, composta de duas séries de cinquenta sessões com qualquer um dos membros efetivos. Outra, em princípio opcional, com a participação na Clínica de Atendimento Psicanalítica (CAP) e/ou no Núcleo Psicanalítico de Estudos da Infância (NEPSI). Em ambos os casos, as supervisões são coletivas. A forma que instituiu as do CAP ocorreu em

2005 e o NEPsI surgiu seis anos depois. Desde sua criação, todos os candidatos sempre optaram pela participação nas supervisões coletivas.

Mas, a partir do segundo ano da pandemia, começou a ocorrer com frequência também a banalização das triagens. Realizadas exclusivamente por candidatos e, antes da pandemia, sempre na sede do Círculo, contra o pagamento de uma taxa de trinta reais à secretaria, as triagens eram fonte de transferência institucional. Motivos práticos do *on-line* tornaram impraticável o pagamento da pequena taxa à secretaria.

Dezesseis anos antes, quando da mudança radical do modo de funcionamento do CAP, a transferência institucional foi inicialmente considerada negativa, mas inevitável. Com a experiência de muitas triagens *on-line* dos candidatos agora viu-se o oposto. A prática de mais de 1.300 triagens presenciais, ao longo de 16 anos, comparada com aquelas *on-line*, demonstrou que a transferência com a instituição provocava um investimento na terapia prévio à triagem. Após mais de um ano de triagens *on-line*, a consideração feita pelos candidatos era de que, todo um ritual pelos futuros pacientes, desde o deslocamento e o gasto com condução, o pagamento de uma pequena taxa na secretaria (trinta reais), esperar alguns minutos na sala de entrada, espaço comum a efetivos, candidatos da formação e candidatos para terapia, fornecia um investimento transferencial prévio.

Além da perda do tempo e espaço para a transferência institucional, conscientemente ou não fortalecendo o investimento do candidato(a) a paciente em sua terapia, também ocorreram algumas entrevistas em que outra pessoa estava no ambiente do candidato a paciente, outras eram realizadas no ambiente de trabalho do entrevistado, que simultaneamente respondia às questões do entrevistador, enquanto realizava seu ofício. Em suma, uma trivialização, em tudo semelhante à das aulas exclusivamente *on-line*.

Quanto à própria supervisão em si, não se trata apenas da orientação pelo detentor de um saber ou experiência maior. A transmissão em psicanálise vai muito além da mera informação e treinamento, sendo também transferencial. Onde Valabrega (1992 citado por STEIN, 1992) utiliza a expressão “análise quarta”. A análise primeira é aquela entre o paciente e o candidato; a segunda, a do candidato com seu analista, e a terceira, a desse analista em sua própria análise pessoal. Todas as quatro constituem a rede de desejos de análise, com os restos e as sobras de análise, que, transbordando, resultam em uma formação. Com as quatro derramando transferência e resistência, amor e ódio. E sendo as quatro análises as principais mantenedoras de uma sociedade psicanalítica, pode-se também invocar todos os fenômenos grupais descritos por Freud desde *Totem e tabu* (1913) até *Moisés e o monoteísmo* (1939). Nunca a análise quarta está completamente desimpedida da situação institucional. Inclusive numa sociedade como o CBP-RJ, em que os supervisores não prestam contas do “desenvolvimento” do candidato a uma comissão de formação. Apenas ao final de cada uma das duas supervisões individuais de cinquenta horas, para fins curriculares, assinam uma declaração.

Contudo, no CBP-RJ, além das duas supervisões individuais, há as supervisões em grupo semanais. A exigência de duas supervisões individuais já ampliava a rede de análises em uma quinta análise. A criação a partir de 2005 dos grupos de supervisão coletiva expandiu ainda mais essa rede. Há variações: alguns candidatos participam das três supervisões grupais; outros, de uma. Independentemente dessa variação, cada participante de cada grupo é um analista sexto, sétimo, oitavo, etc.

O mesmo caso pode ser levado a diferentes supervisões. Muitas vezes cacofônica e discordante, a variedade de vozes das supervisões individuais e grupais obriga que o candidato desenvolva mais seu próprio modelo de analista. Enquanto irmãos da horda,

os candidatos estão mais à vontade para detonar os receios que supervisores individuais possam ter em apontar pontos cegos, resistências e visões românticas sobre o paciente nos casos apresentados por outrem.

Mas, no *on-line* exclusivo, todos esses fenômenos transferenciais, psicanaliticamente próximos da análise pessoal ou de grupo, não a compra de um produto em supermercado, podem ser comprometidos. Além de sofrer todas as vicissitudes relatadas sobre as aulas *on-line*, o direito do paciente ao sigilo tem de sofrer uma discreta vigilância dos supervisores. Devido ao fato dos diversos locais onde estão os candidatos e a possibilidade da presença de terceiros.

3.3 Análise pessoal

Há mais de vinte anos surgiram na internet ofertas de supostas formações psicanalíticas. Propaganda que continha elementos estranhos à galáxia de instituições conhecidas. Na primeira reunião do que viria a ser o Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras, foi trazido pelo CFP e a Associação Brasileira de Psicanálise (ABP, hoje Febrapsi), no primeiro semestre de 2020, surgiram informações de que eram entidades vinculadas à religião e completamente alheias à genealogia da psicanálise acima mencionada. Mas o realmente grave era que o conteúdo ofertado como ensino teórico pouco ou nada tinha de psicanálise e, entre outras coisas, chegou a incluir curso de primeiros socorros. Não englobava supervisão ou a reduzia a números de um dígito. Era o completo desconhecimento sobre a importância fundamental da análise pessoal para a formação do analista. No início não a mencionava e, quando começou a fazê-lo, sempre usava o termo “análise didática”, com número fixo de sessões, no máximo cinquenta.

Com o passar dos anos, as propostas foram ficando mais estruturadas e complexas. Mas sempre com o desconhecimento sobre a importância e o sentido do que seja análise pessoal do futuro analista. Item que do tripé

da formação do analista é tido o item mais importante. Ocorriam, e ainda ocorrem, até ofertas de “análise didática” como se fosse uma disciplina do currículo.

Ficava nítido o desconhecimento de que na história da transmissão da psicanálise, iniciada no grupo das quartas-feiras, o que primeiro surgiu foi a análise pessoal obrigatória. Somente depois de mais de década, já fundadas as primeiras sociedades da IPA e somente nos anos vinte do século passado, foi organizada a transmissão da parte teórica. Deu-se por meio da criação de órgãos das sociedades psicanalíticas, os institutos de psicanálise, com a finalidade do ensino teórico aos candidatos (DANTO, 2019, p. 125). Ficando completo o tripé teoria/supervisão/análise pessoal.

Seguiram-se décadas de discussão sobre o risco sobre o terapeuta tem poder institucional sobre o candidato. Até mesmo se deveria ser ou não da própria sociedade do candidato. Pois sabedor de que o terapeuta tem poder concreto, inconscientemente o eu do candidato recalcaria tudo que pudesse ser malvisto pelo terapeuta. E muitos casos até mesmo ocorrendo a supressão consciente de material. Em resumo, a suposta análise didática fomentaria a criação de falsos *selfs*.

Mas também não funcionou o modelo oposto, o de muitas instituições lacanianas, de que além da completa independência e sigilo da análise pessoal, teria de haver ‘demanda’. Surge, então, algo que observamos a partir de participação durante cinco anos em sociedade laciana, um grande reforço da resistência: nunca ocorre “demanda”. Variante atualizada da já mencionada frase de Freud de que “todo mundo está rapidamente disposto a tornar-se adepto da psicanálise – com a condição de que a análise pessoalmente o poupe”.

Além disso, a genealogia transferencial desde o grupo das quartas-feiras invoca todos os conflitos sucessórios – logo edípicos e plenos de ambivalência – entre gerações. Um dos motivos pelos quais jamais foi possível organizar um congresso transinstitu-

cional sobre a história da psicanálise no Brasil. Contudo, seja qual for a leitura da obra freudiana, há o consenso de que sem análise pessoal não há analista, possibilidade de neutralidade ou ética. Acompanhando há quase três décadas novos candidatos no CBP-RJ, o cumprimento da exigência de análise pessoal durante toda a formação é o item do tripé que mais requer ser continuamente fiscalizado pela instituição.

Nas últimas três décadas também surgiram especializações e pós-graduações *stricto sensu* por instituições universitárias. Apesar da qualidade do ensino e pesquisa serem em geral sérios, também prescindem de análise pessoal. Nesses casos, apesar da advertência de que o ensino universitário não forma psicanalistas, com muita frequência as pós-graduações *lato* e *stricto sensu* são usadas para que o diplomado se outorgue o título de psicanalista.

Com o crescimento dos sistemas de busca na *internet* e das redes sociais, mais um tipo de oferta surgiu. Em qualquer pesquisa, surgem vários anúncios e mais de uma dezena de ofertas de cursos sobre psicanálise. Em cursos, a maioria exclusivamente digitais, de duração bem delimitada – três ou quatro semestres, às vezes só meio ano – que se propõem formar psicanalistas, a menção de análise pessoal não passa de mera formalidade, com o objetivo de dizer que o tripé teoria/supervisão/análise pessoal está sendo satisfeito.

A seriedade da maior parte das pós-graduações *lato* ou *stricto sensu* não as permite oficialmente oferecer o título de psicanalista. Já os cursos de origem religiosa, e a maior parte do que é oferecido *on-line* explicitamente vende a ideia de que sua conclusão outorgará o título de psicanalista. Contudo, a lógica não difere muito entre todos os casos. Nestes ser psicanalista não seria fruto de uma análise pessoal, cujos restos podem ser os mantenedores do ofício de psicanalista e do prosseguimento de uma formação permanente. Mas a redução do ofício a um

produto que pode ser vendido por um documento que outorga ao seu possuidor a ilusão de que está pronto e acabado para o mercado de trabalho.

Ao histórico das vicissitudes da necessidade de análise pessoal, e de todas as tentativas de iludi-la, associa-se uma questão mais ampla: pode ser feita análise *on-line*? A necessidade e a possibilidade de análise *on-line* surgiram há mais de década. Mas foi imensamente aumentada pelas vicissitudes da pandemia. A prática da análise *on-line* mostrou que sim, é possível. Mas várias precauções são necessárias. E formas até então desconhecidas de resistência podem surgir.

Esse contexto conduz à pesquisa dos efeitos dos meios digitais sobre o inconsciente: logo também sobre o pertencimento institucional, sobre um ensino que não é mero treinamento, sobre uma supervisão que não simples verificação se o trabalho está formalmente correto, mas seja uma análise quarta.

4 Um pouco sobre as redes sociais e teleconferências de vídeo

4.1 WhatsApp: recados

O WhatsApp é um aplicativo de mensagens instantâneas e de chamadas de voz para *smartphones*. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet (WIKIPEDIA, 2021). O uso mais comum do WhatsApp é como um sistema de recados escritos ou por gravação de voz. Os grupos podem ir de 2 até 256 membros. Os usuários também podem usá-lo como telefone e fazer uma reunião de viva voz com mais de duas pessoas. Quando escritas ou gravadas, as postagens aparecem logo após o usuário terminar sua digitação. Sendo esse o uso mais comum desta rede social, configura a postagem de recados ao longo do tempo. Nesse caso, constitui um sistema diacrônico e não sincrônico.

O WhatsApp é um aplicativo muito útil para enviar textos, organizar grupos com tarefas e informações específicas. Grupos de turmas de candidatos, supervisão, membros efetivos, direção e funcionários, coordenadores e supervisores de clínicas sociais das federadas do CBP, entre outros exemplos. Além da transmissão de informações diretas, como propósitos e tarefas específicas, serve apenas um auxiliar para reuniões e eventos, presenciais ou *on-line*.

Um sistema de recados difere de uma assembleia, onde todos estão presentes ao mesmo tempo. A simultaneidade fundamenta um dos pilares da democracia: todos ao mesmo tempo e em igualdade de condições. Pode ser um período mais amplo. Por exemplo, eleições em que o voto pode ser exercido das oito às dezoito horas. Se compararmos com uma eleição, veremos que no WhatsApp equivaleria a um momento – síncrono – de 10 horas, no qual cada cidadão possui o direito de apenas um momento de postagem, ocasião em que pode usado até para votar em candidatos para mais de um cargo. De qualquer modo, a escolha de vários nomes para cargos diversos configuraria um único momento de postagem, que não pode mais ser modificado até que termine o tempo igualmente estipulado para todos.

Como sistema de recados, o WhatsApp que privilegia quem tem mais tempo hábil para postar. Por exemplo, pessoas que têm menos limitações de tempo impostas por ocupações e profissões, pessoas com mais ociosidade desfrutam de privilégio no WhatsApp. E, ao contrário de uma assembleia, seja presencial, seja por uma plataforma que permita todos interagirem simultaneamente, não há um verdadeiro diálogo. E como quase sempre não há um tempo determinado para postar, frequentemente apaga a diferença entre tempo de trabalho e de lazer, entre espaço público e privado. Um acordo pode estipular que uma assembleia dure duas horas, e uma eleição, dez horas. O consenso é que há prioridade ou exclusividade desses períodos,

necessária para a realização de uma tarefa comum.

Assembleias e eleições dependem de quem consensualmente as organize, lidere e estabeleça normas. Necessárias para que todos possuam o mesmo direito de voz ou de voto. No WhatsApp, mesmo os recados mais longos, geralmente são muito menores que uma lauda datilografada. Além de privilegiar quem tem mais tempo disponível, a desordem das postagens, mesmo escritas, também faz com que ganhe o que berra mais alto. Também não se pode deixar de lado que ninguém resiste à tentação de postar anúncios pessoais, o que produz na rede um monte de ruídos e perda de objetividade.

O WhatsApp também fomenta outras condutas pouco democráticas. Por exemplo, quando ocorre uma assembleia, presencial ou *on-line*, em que um documento é produzido e votado. E já finda a reunião, um grupo usa a rede social para votar por alterações do texto. Uma minoria subverte uma decisão democrática, fato que pode ocorrer sem intenção consciente de má fé, mas no fundo movido pelo narcisismo humano, pelo qual, sem conscientemente se dar conta, uma pessoa ou grupo se coloca com mais direitos que outros.

Também são frequentes as desavenças no WhatsApp escrito. Tanto nos diálogos entre duas pessoas ou grupos maiores. Nas conversas entre duas pessoas, a conversa oral direta, pelo próprio aplicativo ou pelo telefone, costuma resolver a desavença. Há que pensar e teorizar sobre a possível regressão que possa ocorrer em uma conversa escrita e rápida, com abreviações e suposta concisão dos recados, muitas vezes percebidas como ordens. Trata-se de textos em tudo diferentes da riqueza textos literários. Ocorrem fenômenos regressivos. A comunicação verbal direta, com entonações da voz, timbre e afeto, transmite muito mais afeto e coloca aos participantes a recuperação de que são seres humanos.

Regressões também nos fazem pensar em outros conceitos psicanalíticos correlatos. O

narcisismo provavelmente é potencializado pela ausência corporal dos demais participantes. Sem a presença física, como em uma assembleia presencial, ou ao menos a imagem da cabeça e o rosto em um evento por videoconferência *on-line*, o supereu já perde o referencial muito concreto do outro corporalmente percebido como limite ao meu corpo. Além do mais, pode configurar o reconhecimento do limite imposto pela presença de uma alteridade: outro eu, com sua história e sua personalidade únicas, com ideias e sentimentos diferentes, mas com direitos iguais. Pode-se também formar a hipótese de que a comunicação visualizando apenas rosto, cabeça e ombros assemelha-se ao que é visto por um bebê em suas primeiras semanas de vida. Mais uma facilitação para regressões.

A tendência antidemocrática das redes sociais é uma característica natural. São negócios e visam lucro. Os usuários são consumidores, mas também produto. E desde o século XIX, teoriza-se sobre a tendência como que instintiva da formação de monopólios. Cabe ao estado regulamentar e limitar essa propensão, bem como fundamentar bases para que em plano microeconômico haja criação de leis para a defesa dos usuários, os consumidores.

4.2 Facebook: propaganda

O Facebook não surgiu como a primeira rede social, mas sobrepôs-se mundialmente sobre todas as outras. Comprando várias, mas principalmente o WhatsApp e o Instagram, tornou-se um monopólio mundial, em que as várias redes trocam entre si informações dos usuários. Incontáveis livros e artigos nos últimos anos tem sido publicados sobre os usos políticos, danos psicológicos e riscos de um monopólio mundial. Abordemos apenas alguns tópicos.

As postagens mais comuns são de fotografias, desenhos, anúncios ou outros tipos de imagens, acompanhadas por textos geralmente de uma ou de poucas frases. O Face-

book nomeia e instigou durante longo tempo que os usuários brasileiros, acompanhando as imagens, narrassem suas “histórias”. Primeiro há a ironia do Facebook utilizar o termo “histórias” para um conteúdo muito pouco discursivo. Ainda mais que em inglês existem duas palavras – *history* (descrição de fatos reais recentes ou antigos) e *story* (contos, fábulas, enredos, isto é, predominantemente ficção). Em português há a palavra estória, com o sentido do inglês *story*. Na prática o termo é muito pouco usado. Mas no Facebook as frases que acompanham usualmente apenas nomeiam quem ou o que aparece, muitas vezes acrescidas do evento ou local onde ocorreu. Raramente discorrem de modo mais amplo sobre o conteúdo das imagens.

Ainda é menos comum que sejam encaixadas postagens, concatenando vários fatos ao longo do tempo. Em alguns artigos tratamos da temporalidade – a experiência humana do tempo – e sua finitude, como característica essencial a todas as linguagens, tema bastante discorrido em artigo na *Estudos de Psicanálise* n. 55 (LOPES, 2021). O processo primário, que rege o inconsciente, segundo Freud, é atemporal. Só a partir do pré-consciente e como característica básica para que um conteúdo inconsciente chegue até ao consciente, surge a temporalidade.

Assim como no WhatsApp, no Facebook as postagens não são sincrônicas, mas diacrônicas e sempre associadas a imagens. Em realidade o Facebook configura e popularizou sem custo econômico para a maioria dos usuários, um sistema de anúncios visuais. E a base da qualquer propaganda não é o diálogo, mas a evocação instantânea de um desejo. O verbal é um mote (*slogan*) impositivo. Com muita semelhança aos imperativos do supereu.

No WhatsApp todas as postagens são recebidas pelos membros do grupo. No Facebook é mais complexo, para não dizer pouco ou desconhecida a forma de distribuição. Os participantes escolhem amigos e grupos.

Mas as postagens não se restringem a estes. A maior difusão das postagens, em contrapartida a pagamentos, seria apenas um dos serviços pagos. Mas existem os algoritmos, que atingem todos, pagantes e não pagantes, e cujo modo como funcionam e distribuem as postagens é até o momento desconhecido.

Contudo, é sabido que os participantes do Facebook cada vez recebem mais postagens semelhantes a seus pontos de vista. Até que quase todas se assemelham aos gostos e crenças do usuário. A diversidade em todas suas formas – ideias, gostos, opiniões, crenças, condutas sexuais – é sempre uma ferida narcísica. Mas sem essas feridas, que obrigam a *psyché* a trabalhar, fica-se cada vez mais no igual si mesmo. Do mesmo modo como no WhatsApp, há um incremento do narcisismo. Algoritmos formam bolhas de pensamento igual – a base de um sistema perverso.

Uma repetição do mesmo, um círculo em vez da espiral, um não movimento que se assemelha cada vez mais com a descrição de Freud sobre a pulsão de morte. E crítica feita a Freud de que, quando criou sua segunda teoria da pulsão, não atualizou a postulação do narcisismo em um de vida e outro de morte. Algoritmos incrementariam o narcisismo de morte.

4.3 Zoom: substituto possível para encontros e reuniões

Além de função diversa do WhatsApp e do Facebook, até o início da pandemia o Zoom era desconhecido ao grande público. O *Zoom Meetings* é um programa de teleconferências. Relativamente simples, gratuito até o limite de cem pessoas e de quarenta minutos por reunião, ou pago – a um custo razoavelmente baixo – para número e duração maiores. Tido como programa de reuniões mais seguro contra invasões. Antes pouco conhecido, mas amplamente usado a partir do início da pandemia. Escolhido pelo CBP-RJ para aulas, cursos, supervisões, jornadas e assembleias. O Zoom também foi escolhido para

a realização do XXIV Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise. O congresso foi concebido nos mesmos moldes dos congressos presenciais: três dias com até três ambientes simultâneos, manhã, tarde e noite. O Zoom também foi a plataforma geralmente usada pelos membros e candidatos do CBP-RJ para atendimento da maioria dos clientes *on-line* que eram presenciais, para as triagens e atendimento dos novos pacientes das clínicas sociais do CBP-RJ.

Já foram mencionados os problemas do uso maciço de teleconferências: a falta de separação nítida entre a casa, o local de ensino e supervisão, a presença de terceiros no ambiente, a banalização e perda de importância nas atividades ligadas à formação psicanalítica. Problemas que não são específicos do Zoom, mas relatados por usuários de outros programas de teleconferências.

Contudo, qual o efeito da imagem de grupos presenciais nos vários tipos de atividades – aulas, supervisões, assembleias – onde todos veem todos simultaneamente e de corpo inteiro, quando transposta para um conjunto de quadros retangulares em uma tela, onde só são vistas imagens de cabeça e ombros. Como mencionado acima, pode ocorrer fragmentação da imagem grupal em imagens individuais, e o corpo reduzido ao rosto, à cabeça e aos ombros, provocar a regressão a objetos parciais. E como ficam os afetos conscientes e, principalmente, inconscientes nas imagens fragmentadas?

Quanto às análises pessoais, o impacto da substituição de sessões presenciais por sessões por meio exclusivo de teleconferências, tem sido muito debatido entre supervisores e candidatos do CBP-RJ. Em análises já iniciadas presencialmente, a transferência sofreu pouco ou nenhum abalo. Na maioria dos novos pacientes, por membros efetivos ou candidatos, a transferência também se estabeleceu plena ou satisfatoriamente. Mas as possibilidades dos fenômenos regressivos mencionados permanece. E o cuidado com a impossibilidade plena de uma das regras

básicas de Freud: o não olhar face a face entre paciente e terapeuta. Um olhar que conscientemente ou não controla as reações do paciente e do terapeuta.

Porém, dúvidas surgiram sobre as consequências mais profundas sobre a transferência e a contratransferência. A ausência do corpo todo do analista e do paciente, reduzidos a cabeça e ombros e a percepção incompleta dos locais onde ambos estão, afetariam de algum modo fenômenos mais arcaicos e, até hoje, pouco conhecidos. Além da já mencionada possibilidade de regressão por um campo visual semelhante ao de um bebê, também a facilitação ou a inibição de outros caminhos diretos de inconsciente a inconsciente, o surgimento de manifestações psicossomáticas durante o encontro e a sensação da falta de acolhimento (*holding*). Temas que foram debatidos nas supervisões coletivas do CAP e permanecem em aberto.

5 Linguagem e realidade: conotação do eu e do mundo

A denotação é a forma de uso e manifestação da linguagem em seu sentido literal, concreto. As leituras instrumentais e informativas utilizam-se exclusivamente denotação, expressa sempre em prosa. E de uma prosa denotativa de pura linearidade, de sentido único e único sentido. Por exemplo, um manual de como funciona um aparelho. Se a partir do manual o aparelho não funcionar, ou o manual está errado, ou o aparelho veio com defeito.

A conotação é a forma de uso e a manifestação da linguagem em seu sentido subjetivo, figurado. A linguagem poética se utiliza de uma linguagem exclusiva ou predominantemente conotativa, intensamente polissêmica. A leitura literária em prosa oscila entre a linguagem denotativa e a conotativa, entre trechos em prosa, outros em poesia.

Desde *Sobre a concepção das afasias* (1891), Freud pesquisou sobre essas diversas formas de linguagem e representação. Pesquisa que abandonou o viés organicista e

tornou-se puramente psicanalítica em *A interpretação dos sonhos* (1900), tendo seu ápice quinze anos mais tarde, nos *Artigos sobre a metapsicologia* (1915). Foi quando os termos “representação de coisa” e “representação de palavra” se superpuseram, e tornaram-se mais ricos e sem uma diferença tão rígida quanto denotação e conotação. Além de que a escolha entre uma e outra forma de linguagem não depende apenas de uma escolha consciente do usuário.

Na *Interpretação dos sonhos* são descritos os dois modos de funcionamento da psique: o inconsciente pelo processo primário e o pré-consciente/consciente pelo processo secundário. Freud tece uma teoria da linguagem, na qual há uma correspondência entre a imagem onírica e uma frase. Mas se trata de uma frase à semelhança do verso de um poema. O que nos chega do inconsciente do sonho é polissêmico, conotativo. Mas se trata de algo que já chegou ao pré-consciente. Podemos inferir como se dá o processo primário, mas só indiretamente. No consciente/pré-consciente e no processo secundário há um desdobramento em vários tipos de linguagem, desde linguagens abstratas, linguagem literária alternando prosa e verso, até linguagem puramente denotativa, descritiva.

Utilizando outro referencial, podemos dizer que a colagem entre cada significante e cada significado é arbitrária. Aprendidos desde o início do bebê desde que nasce, não se encaixam plenamente nas sensações e nas coisas que lhe são apresentadas pelo mundo. Além de universal, o descompasso entre significante e significado é variável de idioma para idioma a respeito de cada palavra. Por todos os lados, a sobredeterminação implica fendas entre significante e significado, mundo e eu, corpo e mente. Nessas brechas, há o espaço para toda sorte de associações, conscientes ou não. Implicando tanto na criação de algo além do que é apresentado, como numa suspeita de que detrás há algo está reunindo essa apresentação.

Em outro texto, sobre a importância da leitura literária, abarcando quantidades variáveis de prosa e poesia, para o ampliar o ensino, partimos dos resultados da *Interpretação dos sonhos* aplicada à pedagogia.

No pensamento onírico, entre várias outras características, predomina uma linguagem condensada, com poucos conectivos, quase exclusivamente composta de substantivos, precha de duplos sentidos, de usos novos e inusitados das palavras. Tanto no sonho quanto na linguagem poética, só o essencial é esboçado. A recriação da imagem pelo leitor deixa a cargo da sua própria imaginação inventar e preencher todas as lacunas. Preenchimento e invenção que diretamente o conduzem a infinitas associações, conscientes ou inconscientes. Assim, mais que no devaneio, podemos pensar no termo imaginação=imagem/ação. Usando os princípios freudianos da interpretação dos sonhos, conceituamos (LOPES, 1996) como sendo a essência da leitura literária um tipo de imagem, aquela que se constitui como sendo o “espaço” intrassubjetivo recriado através da linguagem poética (LOPES, 2007, p. 20).

Em paralelo com a linguagem, em que predominam a conotação e a polissemia, quando se metamorfoseia em imagem, predomina a conotação e possui uma face voltada ao registro do simbólico. A poesia alcança a dimensão de determinar o sujeito em sua relação com o desejo, tanto de modo intrassubjetivo, quanto de modo intersubjetivo. Revela-se que a imagem poética é criada na junção entre o Imaginário e o Simbólico, a dupla face entre imagem e linguagem, entre sonho e palavra, entre o sem-tempo e o fluir do tempo. Além do que, essa confluência conduz a um terceiro termo, o imaginário e o simbólico, borromeamente, confluem no objeto *a*. O que Rivera nomeou de *imagem furo*, em oposição àquela entre imaginário e real, a *imagem muro* (LOPES, 2007, p. 23). Esta última uma expressão que muito bem

define o que frequentemente se sente nas redes sociais.

No artigo *O inconsciente*, Freud ([1915] 2010) necessitou explicar as características do discurso de pacientes esquizofrênicos. O que a psiquiatria descreve como o pensamento concreto desses pacientes em contraste com o pensamento abstrato do são e do neurótico. Concretude que também é usada por aqueles supostamente normais, embora em grau muito menor, muitas vezes involuntário, como nos atos falhos e outros sintomas. Desse modo, Freud caracterizou a diferença entre representação de palavra [*Wortvorstellung*] e representação de coisa [*Sachvorstellung*].

Acreditamos saber agora como uma representação consciente se distingue de uma inconsciente. [...] a representação consciente abrange a representação da coisa mais a da palavra correspondente, e a inconsciente é apenas a representação da coisa. O sistema Ics contém os investimentos de coisas dos objetos, os primeiros investimentos objetivos propriamente ditos; o sistema Pcs surge quando essa representação da coisa é sobreinvestida mediante a ligação com as representações verbais que lhe correspondem. [...] Compreendemos que a ligação com representações verbais ainda não coincide com o tornar-se consciente, e apenas fornece a possibilidade para isso, ou seja, que não caracteriza nenhum outro sistema senão o Pcs (FREUD, [1915] 1978, p. 201-202; [1915] 2010, p. 146-148).

Portanto, além de ser a representação de palavra que permite a linguagem em seu sentido figurado, abstrato e polissêmico, também é necessária, em sua articulação entre os sistemas inconsciente e pré-consciente/consciente da primeira tópica e isso, eu e supereu da segunda à criação da subjetividade.

Se utilizarmos para a conotação uma leitura psicanalítica em termos de significante e significado, ela se torna um conjunto de

superassociações, arbitrariamente amalgamado, aprendido em cada sociedade e cada época. Conjunto que por sua vez é arbitrariamente colado a um significado ao qual não se encaixa com exatidão Já significante e significado não se encaixam com exatidão ao objeto representado. E quanto mais polissêmico e abstrato, maior a fenda. Desse modo, tanto há fendas internas no significante e no significado, como na ligação entre significante e significado, e no encaixe com o que representariam da realidade. Em todas essas fendas emergem o tempo todo associações conscientes ou inconscientes com partes ou todos de outros significantes e significados. Complicação útil porque, tanto nosso eu é composto de múltiplas instâncias quanto a realidade, ela mesma também sempre é polissêmica.

Imagem e ilusão:

denotação nas redes sociais

Se o WhatsApp funciona como um sistema de recados, o Facebook é um de propaganda. Em ambos a linguagem é predominantemente denotativa. Em ambas as redes predominam imagens. E parece se inclinarem à representação de coisa, muito mais que à palavra.

No WhatsApp recados utilizam palavras, mas não as encadeiam em uma história. Pelo contrário, quando passa de alguns minutos, os participantes frequentemente não se lembram da maioria das postagens mais antigas. E quando no grupo participam mais de três pessoas, torna-se difícil lembrar quem postou o quê. Muitas vezes os recados são impositivos, se assemelham ou são mesmo ordens. Frequentemente o aplicativo é usado apenas para dar ordens, com a vantagem para o emissor, que elas atingem seu objetivo a qualquer horário e dia da semana. Desse modo, transgride a separação entre horários dedicados ao trabalho e aqueles dedicados ao lazer e à família. O que tanto pode servir de abuso por empregadores, quanto pacientes e mesmo familiares.

Anúncios como os do Facebook são quase pura instantaneidade. Predomina o impacto das imagens visuais. Tem por meta criar um imperativo de consumo, que não precisa ser um produto comprável em supermercado. Pode ser uma ideia política ou a imagem do locatário da conta. A rede têm por meta o convencimento e não o diálogo. Meta previamente reforçada pela seleção de usuários, tanto pelos algoritmos, quanto por pagamento. Os participantes não estão em igualdade de condições.

As duas redes sociais são meios em que predomina a representação de coisa, tendendo ao pensamento concreto esquizofrênico, facilitando o incremento do narcisismo universal em todos nós. Narcisismo ainda mais ampliado pela difusão algorítmica, que cria bolhas de pensamento convergente. O oposto da representação de palavra, ao fundamento do diálogo e a aparição da necessária ferida narcísica e que, pelo entendimento e concessões de ambas as partes, conduz ao consenso.

Na tentativa de melhor compreender as vicissitudes, podemos usar mais alguns autores e referenciais psicanalíticos. Freud aprofundou sua descrição sobre a representação de coisa a partir de sintomas de pacientes esquizofrênicos. Além do pensamento concreto e da percepção da realidade como autorreferente (um dos efeitos do narcisismo), a psiquiatria descreveu vários outros sintomas de linguagem: desagregação da forma, surgimento de palavras ou expressões incompreensíveis, conteúdo com delírios persecutórios, com muita frequência. Todos esses sintomas linguageiros e de outras esferas psíquicas, compondo um modo de organização que Melanie Klein denominou posição esquizoparanoide. Correlato em adolescentes e adultos ao modo mais antigo de como pensam e sentem bebês.

A posição esquizoparanoide caracteriza-se por uma cisão rígida entre extremos: o muito bom e o muito mau. A construção

muito precoce de um mundo de extremos. E um dos extremos é expelido e visto como completamente alheio a si mesmo, de preferência o mau. Atitude normal em bebês e que no fundo rege grande parte de nossa visão de mundo adulta. Mas deve ser superposta pela posição mais madura, a depressiva. Um mundo muito mais próximo da realidade, em que não há uma cisão tão nítida e simples. Por isso necessário e possível o diálogo e a conciliação.

Tudo indica que as redes sociais criam condições para o reforço deste mundo de extremismo. Onde predomina a representação de coisa sobre a de palavra, a cisão ao invés da integração do eu e do mundo, um narcisismo de vida e de morte ainda não integrado e investido em objetos humanos que, como todos os seres humanos, são bastante imperfeitos.

Outra leitura complementar dos efeitos das redes sociais seria fomentar o imaginário sobre o simbólico. A leitura de Lacan a partir de sua experiência de psiquiatra, e indo além do referencial kleiniano. Mas a essa leitura pode ser acrescentada uma complementação pela psicanalista Maria Rita Kehl (2004), formulada antes da epidemia de redes sociais, quando afirma haver um consenso sobre as sociedades industriais contemporâneas serem sociedades muito violentas, violência que não pode ser explicada apenas pela exclusão social e que a violência do imaginário independe do conteúdo das imagens. Concordamos quando a autora escreve que sustentaria

[...] a tese de que nas sociedades regidas pela cultura de massa – a cultura de massa é uma formação predominante na nossa sociedade e, nela, a tirania da imagem é avassaladora na nossa sociedade – há sim, um tipo de violência que é *própria do funcionamento do Imaginário em si*. Essa violência do imaginário tem, sim, relações com os padrões de comportamento da vida real [...] (KEHL, 2004, p. 88, itálicos da autora).

Conclusões

Uma das conclusões obtidas pelas sociedades, que há mais de vinte anos se reúnem no Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras, é que a transmissão da psicanálise é artesanal. Grupos pequenos, bastante convivência com os colegas mais experientes, instituições das quais os próprios membros são os donos.

O *on-line* e as redes sociais permitiram, nas mãos de entidades mercantilistas, que se criasse a ilusão de que a massificação pode ser vendida como se fosse artesanal. Os encontros para transmissão da teoria e sobre a clínica são reduzidos até o extremo da mera assistência passiva de aulas gravadas. Ao contrário aulas ou seminários presenciais ou *on-line*, mas ao vivo e para uma dúzia ou menos de candidatos, são ofertadas gravações para serem acessadas a qualquer hora, que podem ser vendidas para centenas ou mais de pessoas. O que não significa que o preço será reduzido.

Nesses cursos comerciais é propagandeado que a oferta de tutores *on-line*, como sempre disponíveis e suficientes para tirar dúvidas dos alunos. Relatos, desde áreas tecnológicas até ciências humanas, mostram que as supostas tutorias são absolutamente insuficientes. Há a redução de espaços para discussão, que acabam também se tornando roteiros para reproduzir informações objetivas. Algo que mesmo para treinamentos de técnicas diretivas, como o conserto de geladeiras, seria insuficiente.

O que não atinge apenas a transmissão da teoria. Torna-se mais grave quanto à passagem da prática clínica através das supervisões. No *on-line* exclusivo, mesmo em uma instituição comprometida com o artesanal e sem fins lucrativos, ocorre alguma falha na criação de laços sociais entre os membros mais recentes e os mais antigos, entre os colegas de uma mesma turma, assim como entre os das diferentes turmas de formação e entre supervisores e supervisionandos, que plenamente permitam que os encon-

tros, individuais ou grupais se tornem uma análise quarta. Pode-se supor a degradação da transmissão clínica reduzida à forma de disciplinas de com receitas de como agir e o que fazer. Atenção flutuante, livre associação, neutralidade, transferência, tudo o que não se pode ter esperança em transmitir na forma condicionada de receita de bolo (bolo ruim, os gostosos exigem criatividade).

Contudo, do tripé, o mais importante para a formação do analista torna-se o mais comprometido: a análise pessoal. Experiência única e individual, sem duração, número prévio de sessões. Tudo o que acima foi mencionado, as mais importantes descobertas de Freud, só pode ser redescoberto por cada candidato a analistas em sua experiência pessoal como paciente. Mas como já foi dito por Freud, todos querem ser analistas contanto que a análise os poupe, a análise pessoal é o item do tripé mais comprometido pela venda mercantilista ou religiosamente impositiva de um logro usando o significante psicanálise. Indo ao extremo em cursos nos quais faz parte do currículo, sob a forma de disciplinas expositivas: Análise Didática I, II, III e IV!

Em resumo, no mundo *on-line* há falta dos espaços físicos de convivência, à semelhança da falta do local de atendimento enquanto corpo do analista, da falta do local da instituição enquanto corpo do pai primevo. Comprometimento do banquete totêmico e da degustação da obra e do corpo do pai primevo (Freud) e seus sucessores. Resultando na possível falha na formação de laços sociais entre: os membros mais recentes e os mais antigos, entre os colegas das turmas de formação, entre supervisores e supervisionandos (análise quarta).

O *on-line* é essencial para a sobrevivência da transmissão e da terapia psicanalítica em tempos de pandemia. A descoberta de seus limites e riscos é essencial para sua boa e eficaz utilização. O *on-line* pode ser muito útil para cursos breves de psicanálise e suas aplicações, abertos a um público maior. No caso do CBP nacional, que reúne círculos do Rio

Grande do Sul ao Pará, o Zoom é muito eficaz, por exemplo, para as reuniões mensais dos coordenadores das clínicas sociais. Mas deve-se cuidar de que, havendo condições de segurança, para a formação e eventos maiores, como jornadas e congressos, o presencial deve predominar ou mesmo ser exclusivo. O risco da suposta facilidade de ensino, sem deslocamento e desconforto das grandes cidades e distâncias, facilmente descamba na racionalização para obtenção de lucro fácil e rápido. Desde a sua descoberta há quase cento e trinta anos, sabemos que a psicanálise que se torna rápida e barata deixou de ser psicanálise para ser apenas mais uma forma de reforço do recalque.

Abstract

The online as imperative due to the pandemic and its advantages. On the contrary, the supposed facilitation of online transmission makes it be sold impoverished and without actually being psychoanalysis. Lack of physical spaces and social coexistence compromising the tripod: personal analysis/supervision/theory. The possible failure to form social bonds between: the most recent and the oldest members, between colleagues in training classes, between supervisors and supervisees (fourth analysis). The excesses of the image on social networks and teleconferences accentuating violence. Language and image: denotation versus connotation (linguistics), representation of the thing versus representation of the word (Freud), concrete thought versus abstract thought (psychiatry), imaginary versus symbolic (Lacan), wall image versus hole image (Tania Rivera). Image only of the face and shoulders and their association with partial objects. Fragmentation of the group image into individual images.

Keywords: *Pandemic, Transmission, Language, Image, Thing representation, Word representation.*

Referências

- ALBERTI, S; AMENDOEIRA, W.; LANNES, E.; LOPES, A.; ROCHA, E. (orgs.). *Ofício do psicanalista: formação versus regulamentação*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2009.
- BUCCI, E. *A superindústria do imaginário*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2021.
- DANTO, E. A. *As clínicas públicas de Freud – psicanálise e justiça social*. São Paulo, SP: Perspectiva, 2019.
- FREUD, S. O inconsciente (1915). In: _____. *Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010, p. 99-150. (Obras completas, 12).
- FREUD, S. Introductory lectures on psycho-analysis (1917 [1916-1917]). In: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, v. XVI. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1978.
- FREUD, S. On narcissism: an introduction. In: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, v. XIV. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1978.
- FREUD, S.; PFISTER, O. *Psycho-analysis and faith: the letters of Sigmund Freud & Oscar Pfister*. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1963.
- KEHL, M. R. Televisão e violência do imaginário. In: BUCCI, E.; KEHL, M.R., *Videologias – ensaios sobre a televisão*. São Paulo, SP: Boitempo, 2004. p. 87-106.
- KLEIN, M. Notes on some schizoid mechanisms. In: _____. *Envy and gratitude and other works*. Second impression. London: The Hogarth Press and The Institute of Psycho-Analysis, 1980.
- LACAN, J. Le Stade du miroir comme formateur de la fonction du Je. In: _____. *Écrits I*. Paris: Seuil, 1971.
- LOPES, A. J. Descritivo, recalcado, originário, estruturado como linguagem, Isso, resto de estrutura e outros: quantos são os inconscientes? *Estudos de Psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ, n. 55, p. 147-170, jul. 2021. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.
- LOPES, A. J. *Estética e poesia: imagem, metamorfose e tempo trágico*. Rio de Janeiro, RJ: Sette Letras, 1996.
- LOPES, A. J. Psicanálise, poesia e educação: a imagem furo e a leitura poética. *Estudos de Psicanálise*. Belo Horizonte, MG, n. 30, p. 17-27, 2007. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.
- LOPES, A. J. Sociedades psicanalíticas: modo de usar e efeitos colaterais. *Estudos de Psicanálise*. Belo Horizonte, MG, n. 27, p. 11-18, ago. 2004. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.
- LOPES, A. J. A sobrevivência da psicanálise no Brasil: O Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras. *Estudos de Psicanálise*. Belo Horizonte, MG, n. 52, p. 161-172, dez. 2019. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1998.
- SIGAL, A. M.; COMTE, B.; ASSAD, S. (org.). *Ofício do psicanalista II: por que não regulamentar a psicanálise*. São Paulo, SP: Escuta, 2019.
- VALABREGA, J.-P. A análise quarta. In: STEIN, C. et al. *A supervisão em psicanálise*, 1. ed. São Paulo, SP: Escuta, 1992. p. 41-53.
- WIKIPEDIA. WhatsApp. <https://pt.wikipedia.org/wiki/WhatsApp>. Acesso em: 28 dez. 2021.

Recebido em: 10/12/2021

Aprovado em: 22/12/2021

Sobre o autor

Anchyses Jobim Lopes

Médico e bacharel em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Mestre em medicina (psiquiatria) e em filosofia pela UFRJ.
Doutor em filosofia pela UFRJ.
Psicanalista e membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).
Professor do curso de formação psicanalítica do Centro de Estudos Antonio Franco Ribeiro da Silva do CBP-RJ.
Supervisor clínico do Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP) do CBP-RJ.
Coordenador do Grupo de Trabalho Sobre Neo e Transexualidades (GTNTrans) do CBP-RJ.
Ex-professor assistente do quadro principal do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).
Ex-professor adjunto da Faculdade de Educação e da graduação em psicologia da Universidade Católica de Petrópolis (UCP).
Professor titular III dos cursos de graduação em psicologia e de especialização em teoria e clínica psicanalítica da Universidade Estácio de Sá (UNESA).
Patrono das Turmas de Formandos em Psicologia da PUC-RJ, 1998 e 1999.
Um dos editores da revista Estudos de Psicanálise, publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP).
Presidente do CBP-RJ em vários mandatos.
Presidente do CBP 2004-2006 e 2017-2021.
Delegado do CBP para a International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).
Um dos editores regionais para a América Sul da revista International Forum of Psychoanalysis.

E-mail: anchyses@terra.com.br

Sofrimentos psíquicos em tempos de pandemia: da infância à velhice¹

*Psychic sufferings in pandemic times:
from childhood to old age*

Anelise Scheuer Rabuske

Magda Maria Colao

Maria Melania Wagner Franckowiak Pokorski

Waleska Pessato Farenzena Fochesatto

Resumo

Este ensaio contempla parte do conteúdo abordado no Ciclo de Estudos Psicanalíticos do Rio Grande do Sul (CPRS), que objetiva proporcionar aos profissionais da saúde e da educação alguns fundamentos acerca dos processos psíquicos da infância à velhice, bem como os estados e sintomas que têm demandado escuta e intervenção em tempos de pandemia. Realizamos uma retomada histórica do autismo na psicanálise, das conflitivas da adolescência, dos sofrimentos da vida adulta e dos processos de envelhecimento.

Palavras-chave: Pandemia, Sintomas, Intervenção, Psicanálise, Escuta.

Psicanálise: os autismos na infância

A psicanálise defende que, em sua chegada, o bebê necessita de acolhimento, aconchego e amor para poder traçar um mundo de possibilidades, em que a criatividade e o pensar possam se desenvolver e ter um espaço psíquico. Porém, a chegada de um bebê ao mundo nem sempre ocorre dessa forma. Nosso ensaio busca inicialmente realizar uma retomada histórica do autismo na psicanálise, examinando as intervenções precoces em tempos de pandemia, bem como as funções parentais e o trabalho analítico com pais de autista. Por fim, apresentamos um fragmento de caso clínico de atendimento *on-line* com diagnóstico prévio de autismo. Seguimos examinando as conflitivas da ado-

lescência, especialmente nesse contexto pandêmico, assim como os sofrimentos da vida adulta e dos processos de envelhecimento nesse período marcado por angústias, fobias, perdas, rupturas e lutos.

Em relação à retomada histórica, constatamos que a psiquiatria, a psicologia cognitiva comportamental e a psicanálise têm um entendimento diferente no que diz respeito aos autismos.

Para a psicanálise, o autismo é o primeiro e mais arcaico dos níveis de organização psíquica, aponta para alguma falha no estabelecimento do laço com o Outro primordial no início da vida do bebê. Na retomada histórica, a partir de Roudinesco e Plon (1998), bem como Golse (1998), deve-se a Bleuler a

1. Trabalho redigido a partir de mesa apresentada pelas autoras no XXIV CONGRESSO DE PSICANÁLISE DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE - *PARA ALÉM DA PANDEMIA: ECOS NA PSICANÁLISE*, realizado pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro, de 4 a 6 nov. 2021, por meio da plataforma Zoom.

introdução do termo “autismo” em 1911, um neologismo a partir do autoerotismo abordado por Freud ([1905] 1996).

Melanie Klein, em 1930, atendeu o caso Dick, diagnosticado com psicose infantil, o qual foi designado por Lacan, em 1954, como um caso de autismo, ou seja,

Com efeito, é claro que, nele, o que não é simbolizado é a realidade. Esse jovem sujeito está inteirinho na realidade, no estado puro, inconstituído. Ele está inteirinho no indiferenciado (LACAN, [1954-1955] 1985, p. 84).

Leo Kanner, em 1943, diferenciou autismo da psicose infantil. Tomou o autismo como um quadro denominado de síndrome ou distúrbios de contato afetivo. Percebeu no bebê autista sinais de dificuldades de se aninhar ao colo, de não esticar os braços para ser carregado, não demonstrar sorriso, evitar olhar a pessoa e ter contato corporal. Em 1944, Hans Asperger definiu a síndrome de Asperger como um dos tipos de autismo, reservado às raras crianças autistas quase normais, inteligentes e altamente verbais com problemas nas comunicações não verbais. Seguiram-se os estudos de Bruno Bettelheim em 1944, Margaret Mahler em 1950, Françoise Dolto em 1950, Donald Winnicott em 1967, Donald Meltzer em 1975 e Frances Tustin em 1980.

Entre os autores da atualidade, destacamos Anne Alvarez (1994), que defende causas múltiplas para os autismos, ou seja, que os fatores inatos interatuam com os ambientais. Laznik (2004), a partir de Freud e Lacan, identifica que o autismo se deve a dificuldades significativas do bebê na constituição da imagem corporal, com falha na instauração da relação mãe-bebê. No diagnóstico, seria preciso observar três sinalizadores: o do olhar, o da voz e o do terceiro tempo pulsional, isto é, o de o bebê se oferecer ao Outro primordial. Maleval (2017) apresenta uma nova clínica espectral do autismo, não mais a do retraimento, como no século XX, em

que os autistas criam condições de receptibilidade de um novo gênero literário, em que alguns escrevem como se percebem em seus sentimentos e pensamentos, ou seja, dão-se a conhecer.

Recentemente, Kupfer (2020) escreveu um romance intitulado *Arthur: um autista no século XIX*. Na história, Marguerite, que o acolhe ainda bebê em sua casa, registra em seu diário, escrito de 1891 a 1916, suas tentativas de fazê-lo “sair de seu mutismo e entrar no mundo”. Em 1941, os dois diários, o de Marguerite e o de Arthur, foram enviados para uma apreciação de Françoise Dolto. Dolto escreveu que percebia que Arthur

[...] não pôde desenvolver o prazer compartilhado, base para uma vida sexual e para o amor. [...] Além disso, falar só fará sentido se as crianças desejarem agradar aos outros. [...] Pôde assim usar sua inteligência, sempre em evolução, para imaginar como sentem as pessoas, mesmo sem experimentar nele próprio esses sentimentos plenos (KUPFER, 2020, p. 241-242).

Por fim, damos destaque à equipe da Universidade de São Paulo (USP), coordenada por Kupfer, que tem realizado pesquisas em vários estados do Brasil, com o objetivo de “detectar já no primeiro ano de vida a interrupção do laço da criança com a figura materna” (KUPFER; PINTO, 2010, p. 15), bem como possibilitar, durante o tratamento, que a criança ou o adolescente possa se constituir como sujeito. Os quatro eixos da pesquisa Indicadores Clínicos de Risco do Desenvolvimento Infantil (IRDI) segundo Kupfer e Pinto (2010, p. 15), são: (a) suposição de sujeito; (b) estabelecimento da demanda; (c) alternância entre presença e ausência; (d) função paterna. Esse material tem servido aos pediatras para identificar sinais dos IRDI e para trabalhos e pesquisas em escolas de educação infantil.

Em relação às funções parentais e ao trabalho analítico com pais de autistas, é impor-

tante perguntar: qual é a história da chegada de um bebê na família? Como um bebê pode mudar a família? Batistelli e Amorim (2014, p. 54) afirmam:

A função materna, que se oferece como objeto compreensivo, exige a inclusão do pai como terceiro na mente materna, na configuração edípica; cria a mente humana em complexa relação com muitos outros fatores.

Alvarez (citado por BATISTELLI; AMORIM, 2014, p. 53)

[...] enfatiza que, quando o bebê nasce com estados autistas embrionários, em nível protomental, ele precisa de uma ‘puxada para a vida’, um resgate por meio das funções parentais.

A partir do exposto, vamos apresentar o caso clínico de JB, um menino com 5 anos de idade que passamos a atender na forma *on-line* em maio de 2021, com o diagnóstico de autismo fornecido por neurologista. A mãe foi em busca do atendimento por ter percebido algo diferente no filho, desde o nascimento. Menciona que ele não aceita ser filmado nem participar de chamadas de vídeo e não tem assistido às aulas remotas na educação infantil. Segundo a mãe, ele demonstra bastante sensibilidade auditiva. Por um período, caminhou na ponta dos pés e se mostra seletivo na alimentação. Além disso, JB sabe contar números até centenas, sabe o alfabeto, brinca bastante, conhece marcas de automóveis, repete os mesmos filmes e tem um comportamento bastante possessivo em relação ao pai ou à mãe. A partir de algumas sessões de atendimento com o menino e de escuta da mãe, passamos a questionar o diagnóstico inicial, uma vez que percebemos que JB demonstrava ter uma boa noção da realidade, pois conversa quando brinca, narra o que se passa com os personagens. A linguagem utilizada por JB tem a intenção de se comunicar com o

outro, o que autistas evidenciam dificuldade de manifestar. O que se percebe é uma conflitiva entre as figuras parentais, que romperam o relacionamento antes dos 3 anos de JB, e ambos divergem bastante em relação à educação do filho.

Adolescências em um contexto pandêmico

Com o advento da pandemia da covid-19, humanos do mundo todo são convocados a permanecer em casa, evitando contatos com o mundo externo. Está em cena o perigo iminente de contágio pelo outro. O distanciamento social é apontado como única alternativa para conter o colapso nos sistemas de saúde. Aglomerações humanas, encontros presenciais, abraços e apertos de mão passaram a ser “proibidos”. O uso de máscaras faciais, que escondem mais da metade do rosto, torna-se orientação e obrigatoriedade em caso de eventual necessidade de encontros com outras pessoas. Rituais de higienização de mãos, roupas, calçados e objetos provenientes do mundo externo começam a fazer parte de nosso cotidiano.

A morte nos ronda e fica mais próxima à medida que pessoas conhecidas e familiares começam a partir vitimados pelos efeitos devastadores e não compreensíveis do vírus. O luto torna-se cada vez mais difícil de elaborar: mistura o medo da própria morte com a impossibilidade das despedidas nos funerais – proibidos por questões de segurança.

Os mais vulneráveis continuam sendo a população negra e pobre das periferias brasileiras. Que isolamento? Como higienizar-se? E os recursos para adquirir máscaras e álcool em gel? Como trabalhar para garantir a sobrevivência cotidiana, se há o isolamento social? E com as escolas fechadas, como se alimentam e com quem ficam as crianças e os adolescentes? Quais condições de continuidade da vida são oferecidas às famílias mais vulneráveis?

Por que precisamos, enquanto psicanalistas, olhar para esse cenário?

Freud ([1921] 1996) aponta para a indisociabilidade entre a psicologia social e a psicologia individual, tomando como base a importância do outro na vida (social ou psíquica) de todo e qualquer ser humano, seja como modelo, seja como objeto, seja como inimigo.

Hannah Arendt (2000) diz que o anúncio da chegada de cada indivíduo coincide, para todos os que participam de seu grupo social, com o fato de ser indispensável inseri-lo em um mundo de significados que, em consequência, irá configurá-lo como um participante daquela cultura. Por outro lado, um paradoxo: somos totalmente diferentes uns dos outros. Não existe a possibilidade de repetição de uma existência.

E a vivência das adolescências em um contexto pandêmico, como pode se dar?

Durante o período do desenvolvimento conhecido como adolescência, a convivência e a interação com os semelhantes no grupo de amigos são constituintes da identidade. É um espaço de circulação fundamental para poder afastar-se do meio familiar e constituir-se enquanto um outro, cujas ligações produzem diferentes modelos de identificação e pertencimento. A adolescência configura-se como um complexo movimento de estruturação da personalidade, e o adolescente assume um lugar peculiar com relação aos laços sociais. É um “espelho da cultura”. Pensar a adolescência contemporânea levamos a questionar o mundo contemporâneo e suas formas de subjetivação.

Há um árduo trabalho de reorganização física e psíquica, com a necessária elaboração de diversas mudanças corporais e excessos pulsionais. Esse período da vida pode ser experimentado de forma traumática e violenta, já que o sujeito se encontra passivo diante de transformações que não pode controlar. As pulsões ainda não estão simbolizadas. E perdas angustiantes acontecem: a perda da condição infantil, a perda dos pais da infância, a perda do corpo infantil, a perda dos antigos referenciais identificatórios. O Ego precisa

fazer um trabalho de luto, desinvestindo antigos objetos para, então, construir laços com novos objetos.

Durante o isolamento decorrente da pandemia, todos nós intensificamos o mergulho no virtual como uma exigência da realidade: trabalhar, estudar, manter-se informado, fazer compras. Nossos adolescentes também. No trabalho clínico, observamos que há aqueles que aumentaram seu sentimento de solidão e intensificaram adoecimentos que já vinham em construção no psiquismo. Há outros que vivenciaram uma experiência de maior convivência em casa, mais tempo com a família, mais conversas e momentos de interação.

Onde já existia hostilidade e excesso de cobranças, associados à falta de afeto e lacunas amorosas no desenvolvimento, pode ter havido uma potencialização desses processos. Relatos de gritos, palavrões, xingamentos, desqualificação tornam-se mais frequentes. Isso implica um aumento da tristeza e do sofrimento para os adolescentes. Os contatos virtuais com amigos e a interação através dos jogos e das construções virtuais (mundos melhores possíveis) aparecem muitas vezes como alternativas de escape para situações dolorosas e possibilidades de expressão de afetos e de escuta.

Outro aspecto importante do viver adolescente diz respeito ao processo de aperceber-se. A existência, em determinado momento, revela-se como uma experiência íntima e preciosa. Tal revelação acontece na maioria das vezes, na adolescência, fase de solitárias interrogações acerca de si mesmo. Octavio Paz (2015, p. 11), em *O labirinto da solidão*, refere: “O adolescente se assombra de ser”.

As crianças se esquecem de si mesmas enquanto estão brincando, e os adultos, enquanto estão trabalhando. O adolescente, nem criança nem adulto, fica completamente capturado pelas mudanças que lhe acontecem, o que desperta inúmeras sensações angustiantes e muitas transformações. Os

afetos necessitam de significação. A partir desse olhar reflexivo de autocontemplação, momento de solidão necessária e estruturante, acontecem os questionamentos. Sentir-se só pode significar sentir-se distinto, único, singular.

Um dos movimentos possíveis pauta-se na empatia (do grego *empathia*): a capacidade de sentir *com e como* o outro. Ferenczi ([1933] 2011) destaca-se por investir no caminho do afeto. Aprofunda o estudo da capacidade empática do analista, transformando-o em instrumento a ser utilizado na técnica analítica. Partindo das discussões freudianas sobre o intrapsíquico, Ferenczi convoca a pensar e a viver o intersubjetivo: empatia, transferência, contratransferência, identificação.

Freud revela a fragilidade da condição humana e a fundamental importância do outro na vida de qualquer um de nós. É o outro que recebe o bebê em um mundo repleto de significados – o mundo da cultura. O outro “suficientemente bom”, termo cunhado por Winnicott ([1971] 1975) é aquele que atende às necessidades do bebê de uma forma empática, auxiliando-o a organizar um aparato psíquico capaz de dar sentido e destino aos estímulos que vêm dos mundos interno e externo. Constrói-se, dessa forma, um aparelho de memória, de simbolização e de metabolização.

Para Ferenczi ([1933] 2011, p. 91), uma experiência traumática se dá quando há falta de sensibilidade no adulto para testemunhar o sofrimento, as angústias:

O pior é realmente a negação [desautorização, *Verleugnung*], a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento ou até mesmo ser espancado e repreendido quando se manifesta a paralisia traumática dos pensamentos ou dos movimentos; é isso, sobretudo, o que torna o traumatismo patogênico.

Uma prática psicanalítica ampliada pode possibilitar a movimentação dos afetos e o

fortalecimento de vínculos nos espaços que acolhem crianças e adolescentes. É preciso criar condições para a circulação e a escuta da palavra, pois eles têm muito a dizer sobre si e sobre o mundo.

O xadrez do adulto (ser) na pandemia: considerações pela verdade e pela vida. Função paterna e função escopofílica

“Adultecer”! “Bem-vindo à dor e ao prazer de tornar-se adulto” é a provocação presente no livro de Outeiral, Moura e Santos (2008). Historicamente, espera-se do adulto uma certa homeostase emocional que o leve a fazer opções equilibradas, desfrutando de suas capacidades egoicas para pensar, sentir e agir. A pandemia não é uma histeria.

Qual é a problemática dos sofrimentos psíquicos na pandemia? O cenário sindêmico: o vírus não vencerá esta sociedade patógena que cruzou a nossa vida e promoveu destabilizações, além de uma crise sanitária de forma muito particular, deixando a sociedade em desamparo. Os adoecimentos e as mortes causados pela covid-19 integram um arcabouço de questões e gritos de sofrimento ainda não possíveis de serem assimilados, elaborados e dimensionados. O xadrez do adulto (ser) é colocado em jogo para transformar as marcas que deixam registros da ausência de sentidos, das palavras não ditas, dos atos sufocados e de conflituosas somatizadas. O convite é estendido para olhar a vida adulta. Quem é quem nesta sociedade patógena? O adulto diante dos seus lances de batalha incerta no campo da saúde mental: que inércia sua bateu com a pandemia? Nesse ínterim, simbolicamente, valemo-nos de uma analogia reflexiva sobre os adoecimentos psíquicos com o jogo de xadrez.

No xadrez, há regras, movimentos, posições hierárquicas e relações. Por exemplo: o tabuleiro, o chamaremos, segundo Debord (2004), “a sociedade do espetáculo”; peças com nomes, cada qual em uma ordem crescente, com um valor determinado, movi-

mentos a serem seguidos; e dois jogadores, adversários, aos quais atribuímos, de um lado, a representação da realidade interna do sujeito psíquico e, de outro lado, sua realidade externa. A trama das jogadas, com ganhos e perdas, está marcada pelos movimentos pulsionais diante da potência de ser do indivíduo, efetivando considerações de acordo com sua verdade, sua dramática de infinitos lances de vida. A natureza é pura diversidade. Nela a vida se apresenta como se fosse um jogo de xadrez. “A vida é uma arte e tem seus estilos diferentes, como as artes que tentam exprimi-la” (WILDE, 1995, p. 1098). Como fica esse panorama no *setting* clínico psicanalítico? Freud ([1913] 1969), no texto *Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I)*, escreve:

Todo aquele que espera aprender o nobre jogo do xadrez nos livros, cedo descobrirá que somente as aberturas e os lances finais de jogos admitem uma apresentação sistemática exaustiva e que a infinita variedade de jogadas que se desenvolvem após a abertura desafia qualquer descrição desse tipo (FREUD, 1969 [1913], p. 164).

A psicanálise trata das formações do inconsciente, que é o produtor de desejos. Ao receber um adulto na clínica estendida digital (atendimento *on-line*), percebemos que ele tem consciência de que sofre. Quando expressa sua angústia, faz isso a partir do que associa livremente, atribuindo sentidos. Mediante o conteúdo manifesto, de forma desconexa ou não, desorganizada ou não, o adulto em suas vicissitudes escuta a si mesmo. Assim, o sujeito acessa sua potência de ser, seu manancial de criatividade. Como diz Isaac Asimov diz em sua conhecida frase “Na vida, ao contrário do xadrez, o jogo continua após o xeque-mate”. E a vida segue atribuindo nomes ao estado de seu mal-estar, identificando o descompasso entre possibilidades e realidade dos seus sofrimentos psíquicos provocados pelo distanciamento

social, pelo desemprego, pelas perdas e, assim, seu próprio desamparo. No quadro de uma teoria da angústia, o estado de desamparo torna-se o protótipo da situação traumática. No texto, *Inibições, sintomas e ansiedade*, Freud ([1925] 1976) reconhece o que pode gerar sentimentos de desamparo aos perigos internos.

Inserido no que Han (2017) delineou como “sociedade do cansaço”, caracterizada pelo desaparecimento da alteridade e da estranheza, ocorre um tédio profundo. Nessa configuração, reportamo-nos à função paterna, por ter papel central no desenvolvimento e na estruturação do psiquismo e na formação da personalidade. Há muitos significados atribuídos à paternidade, mas tomamos sua máxima: serve para humanizar.

Pulsão de vida. A vida é o bem mais precioso e valioso. Há que ter olhos para o desejo de olhar. Olhar o que se passa no cotidiano faz um apelo para integrar os sentidos da pulsão escópica na conjuntura atual.

Tal abordagem fica evidente no filme *Mil vezes boa noite* (2013), drama de uma fotógrafa de guerra envolta em tensões familiares e desafios profissionais. O objeto do olhar se coloca em cena. A pulsão do prazer de olhar, a curiosidade e o visto concomitantemente à realidade virtual.

Freud ([1915] 1974), em *Os instintos e suas vicissitudes*, ao inventar a categoria de pulsão, identificou tabus quando revelou que a infância está envolta de sexualidade e que essa etapa do desenvolvimento é determinante para o todo e sempre da vida do sujeito. O olhar é o personagem principal no mundo narcísico contemporâneo. A pulsão fornece energia para a curiosidade de apreender a circunstância que nos cerca. Lacan ([1968-1969] 2008, p. 209) expressa: “a sublimação está com a pulsão”, no *Seminário 16: De um outro ao outro*. Narrativas e imagens levam o sujeito a sublimar, abrindo possibilidades para novos horizontes do aprender, do ser, do sentir e do investigar. O gozo escópico é

tanto do gozo de maravilhas quanto do horror da pulsão de morte.

Manter a saúde mental entrelaça

[...] a verdade de que todo fim na história constitui necessariamente um novo começo; esse começo é a promessa, a única “mensagem” que o fim pode produzir [...]. Cada novo nascimento garante esse começo; ele é, na verdade, cada um de nós (ARENDE, 2000, p. 531).

Tal será o desfecho desse movimento: o adulto com condições materiais garante sua autonomia. Ou seja, torna-se mais fortalecido para promover sua própria subsistência, mirando a saúde mental. Logo, é criador de si mesmo quando em ambientes com ações possíveis. Então, brota o exercício de bem viver com a finalidade de comungar relações cidadãs na coletividade.

O envelhecimento e o contexto pandêmico

Ao longo do último século, em função de diversas questões, observamos um aumento exponencial da expectativa de vida em nível mundial, fato que chamamos de fenômeno da longevidade. Segundo Kalache e Keller (2000), na maior parte do mundo desenvolvido, o envelhecimento da população foi um processo gradual, acompanhado do crescimento socioeconômico durante décadas e gerações. Já nos países em desenvolvimento, o processo de envelhecimento está limitado a duas ou três décadas. Assim, enquanto os países desenvolvidos tornaram-se ricos antes de envelhecer, o Brasil encontra-se em franco processo de envelhecimento, com nítida escassez de recursos, desconstrução de políticas públicas e uma desigualdade social abissal, fatores que repercutem diretamente no processo de envelhecimento da população. Goldfarb (2014, p. 60) refere que há uma intenção em nosso país em desabilitar o velho enquanto sujeito. O velho é ou um empecilho, ou um problema, ou um favorecido, que goza de favorecimentos, e não de direitos. Nas palavras de Goldfarb (2014, p. 53):

O lugar do velho é quase um não lugar, pois os velhos são empurrados para as bordas da estrutura social, são reconhecidamente obrigados a uma subjetividade ancorada na passividade, a uma pobreza de trocas simbólicas e à renúncia ao papel de agentes sociais; são empurrados a uma perda de todo poder, mesmo sobre si mesmos.

De acordo com Goldfarb (2014, p. 45), o fato de a velhice ser o momento da existência humana mais próximo da morte, ligado ao declínio cognitivo e à mercê de questões culturais, acaba por criar um terreno fértil para uma representação social negativa, além de propiciar atitudes de marginalização e exclusão. A autora se utiliza dos postulados de Birman sobre a sociedade do espetáculo para enunciar que, atualmente,

[...] não basta ser belo, deve-se também ser competitivo, autocentrado, agressivo e egoísta. Mas fundamentalmente não se pode nem deprimir, nem sofrer (GOLDFARB, 2014, p. 33).

A proximidade da morte, que, nestas circunstâncias, não pode ser elaborada, é sentida como um limite intransponível e fica no registro do destino iniludível da degeneração e da decrepitude. Os efeitos negativos desta experiência na economia libidinal se fazem evidentes nos discursos infantilizados, depressivos ou rígidos dos idosos (GOLDFARB, 2014, p. 55).

A velhice é uma fase da vida muito exposta à vulnerabilidade, pois se trata de um período em que somos demandados a lidar com perdas das mais diversas naturezas. As mudanças corporais, as eventuais perdas de habilidades, o afastamento dos filhos, a morte de pessoas queridas, o declínio do *status* social e fantasias a respeito da própria morte são acontecimentos que desafiam constantemente a capacidade de lidar com as adversidades e de elaborar os lutos do sujeito que

envelhece. Fochesatto (2018) aponta que, de acordo com Bianchi (1993), uma das tarefas fundamentais da pessoa idosa é manter os vínculos afetivos, permitindo, assim, que o aparelho psíquico continue em atividade, ou, em outras palavras, que ele continue gerando fluxos de investimento. Dessa forma, é possível e desejável preservar a juventude psíquica, o que ocorre se o ego mantiver sua capacidade de investir em objetos externos. Segundo Bianchi (1993), o investimento “fora do eu” é condição de manutenção da subjetividade. O envelhecimento implica um conjunto de renúncias narcísicas que se opõem aos desejos infantis: ser-tudo, ser-por-todo-o-tempo, ser investido sem obrigação de reciprocidade e dispor do objeto amado.

Mucida (2017, p. 44) nos lembra da atemporalidade do inconsciente e questiona: como reconciliar o sujeito do inconsciente – que não envelhece – com o real da velhice?

Se o inconsciente mantém a morte à distância, quase não deixa lugar para a velhice, então a velhice nos ‘pega’ sempre de maneira inesperada.

Se envelhecer já é um processo doloroso em decorrência dos valores da contemporaneidade e de tudo que traz consigo, atravessar uma pandemia na velhice pode ser a personificação do desamparo. Afastados de tudo e de todos, os velhos, ao longo de todo o ano 2020, estiveram frente a frente com a morte. Além de compor o “grupo de maior risco”, foram as maiores vítimas da catástrofe humanitária que ocorreu no Brasil quando o sistema de saúde colapsou.

Um estudo da Universidade de Oxford, publicado em setembro de 2021 (JEAVANS, 2021), apontou que, entre 29 países analisados, 27 tiveram redução da expectativa de vida. O maior declínio foi registrado nos Estados Unidos entre homens – 2,2 anos em relação a 2019. No Brasil, o número de mortes pelo vírus fez a expectativa de vida da população cair de 76 para 74 anos. Para a maio-

ria dos que sobreviveram ao vírus, sintomas de depressão e declínio cognitivo foram os desdobramentos psíquicos mais observados ao longo da pandemia, gerados, em grande parte, pelo isolamento social e pelo desamparo diante da angustiante possibilidade de morrer longe dos familiares. Medo, desesperança, desespero e angústia, quando não são devidamente elaborados, podem ocasionar quadros demenciais? Seria esse o nome da psicose na velhice, na medida em que a demência é também uma dissociação da realidade?

A psicanalista Delia Goldfarb, ao desenvolver, em meados dos anos 1990, sua tese de doutorado acerca das demências, aponta um dado que chama sua atenção: frequentemente (em aproximadamente 50%), o processo demencial iniciava-se logo após um fato extremamente doloroso.

Acontecimentos como a morte de um ente querido, a perda de uma fortuna ou até de um objeto sem muito valor real, porém altamente significativo para a pessoa, pareciam não ter sido elaborados; não tinham submergido o sujeito na esperada depressão elaborativa que lhe permitisse o trabalho de luto (GOLDFARB, 2014, p. 15).

A autora nos convida, enquanto psicanalistas, a conceber a memória como produção histórica do sujeito psíquico, resultante de seu funcionamento inconsciente. Ela cita dois exemplos instigantes de processos demenciais relacionados com a questão traumática. Em 1990, no Brasil, durante o governo Collor, e em 2002, na Argentina, foram confiscados os depósitos em poupança e os depósitos bancários, respectivamente. Meses depois desses dois acontecimentos, a procura por grupos de apoio a familiares de portadores de Alzheimer cresceu consideravelmente. Segundo ela, as duas experiências têm em comum o fato de acontecerem em um período de recessão econômica e de eliminarem drasticamente os projetos a

curto prazo que dependiam das economias da população. Para os mais jovens, embora represente um grande sofrimento, pode ser um simples adiamento, enquanto que, para os mais velhos, é a constatação de que seu tempo acabou. Será que podemos pensar nas vicissitudes da pandemia de forma semelhante, no sentido de adiar a vida como um todo, inclusive o exercício dos vínculos afetivos, sem prazo certo para voltar a acontecer, em que a ameaça da morte é constante?

Nas palavras de Birman (1995, p. 36),

[...] é o vazio e o abismo que está permanentemente sob seus pés, em um vórtice tempestuoso que pode engoli-lo a qualquer momento, pois a morte o espreita.

Freud ([1930] 1974), em *O mal-estar na civilização*, nos fala de três ameaças que colocam o Ego em perigo: (a) a fragilidade dos vínculos e a possível perda do amor do outro, que o deixará em um estado de desamparo; (b) o corpo condenado à decadência e à finitude; e (c) as forças da natureza impossíveis de serem dominadas por inteiro. Essas três dimensões questionam a onipotência do sujeito diante de sua fragilidade. E, segundo Goldfard (2014, p. 50),

[...] talvez ninguém esteja mais consciente de sua finitude, à mercê das dificuldades com a corporeidade, diante das ameaças da natureza e da cultura, do que o sujeito que envelhece.

No contexto pandêmico, podemos pensar em uma potencialização de todos esses aspectos, na medida em que o isolamento e a impossibilidade de negação da morte se apresentam sem filtro, de forma real e cruel.

Tecendo considerações

Este trabalho é fruto da realização de um ciclo de estudos de psicanálise, oferecido pelo Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul para profissionais da saúde e da educação no

mês de julho de 2021, em plena pandemia do vírus SARS-CoV-2.

Configurou-se como um relevante momento de estudo e de trocas, um momento que solidificou a importância dos espaços de fala e de escuta sobre as diversas etapas do desenvolvimento da vida humana.

Abstract

This essay presents part of the content covered in the Psychoanalytic Studies of Rio Grande do Sul Meetings (freely translated from Ciclo de Estudos Psicanalíticos do Rio Grande do Sul CPRS), which aims to provide health and education professionals with some fundamentals about the psychic processes from childhood to old age, as well as states and symptoms that have demanded listening and intervention in times of a pandemic. We revisit the historical approaches to autism in Psychoanalysis, the conflicts of adolescence, the sufferings of adult life, and the aging processes.

Keywords: *Pandemic, Symptoms, Intervention, Psychoanalysis, Listening.*

Referências

- ALVAREZ, A. *Companhia viva: psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, borderline, carentes e maltratadas*. Porto Alegre, RS: Artmed, 1994.
- ARENDE, H. *Origens do totalitarismo* (1951). Tradução: Roberto Raposo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2012.
- BATISTELLI, F. M. V.; AMORIM, M. L. G. *Atendimento psicanalítico do autismo*. São Paulo, SP: Zago-doni, 2014.
- BIANCHI, H. *O eu e o tempo: psicanálise do tempo e do envelhecimento*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 1993.
- BIRMAN, J. O futuro de todos nós. In: VERAS, R. (Org). *Um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro, RJ: Relume-Dumará, 1995.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 2004.
- DOLTO, F. *Solidão*. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.
- FERENCZI, S. Confusão de língua entre os adultos e a criança (1933). In: FERENCZI, S. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2011. (Obras completas, 4).
- FOCHESATTO, W. P. F. Reflexões sobre o envelhecer: a clínica com idosos e a escuta psicanalítica em um serviço de pesquisa. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, MG, n. 50, p. 155-160, jul.-dez. 2018.
- FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade (1926 [1925]). In: _____. *Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos* (1925-1926). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976, p. 93-201. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).
- FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: _____. *A história do movimento psicanalítico. Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos. (1914-1916)*. Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1974b, p. 129-162. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, 14).
- FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos* (1920-1922). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996, p. 81-154. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).
- FREUD, S. Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I) (1913). In: _____. *O caso Schreber: artigos sobre a técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1969, p. 161-187. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, 12).
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade: II - A sexualidade infantil (1905). In: _____. *Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos* (1901-1905). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996, p. 163-195. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).
- FREUD, S. O mal-estar na civilização (1929-1930). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1974, p. 73-171. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).
- GOLDFARB, D. *Demências*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2014. (Coleção Clínica Psicanalítica).
- GOLSE, B. *O desenvolvimento afetivo e intelectual da criança*. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.
- HAN, B.-C. *Sociedade do cansaço*. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2017.
- JEAVANS, C. Pandemia causa maior redução da expectativa de vida nos EUA e na Europa desde a 2ª Guerra. *BBC News*, Londres, 3 out. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58735982>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- KALACHE, A.; KELLER, I. The greying world: a challenge for the twenty-first century. *Science Progress*, v.1, n.83, p. 33-54. 2000. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43424162>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- KUPFER, M. C. *Arthur: um autista no século XIX*. São Paulo, SP: Escuta, 2020.
- KUPFER, M. C.; PINTO, F. S. C. N. (Orgs.). *Lugar de vida, vinte anos depois: exercícios de educação terapêutica*. São Paulo, SP: Escuta; Fapesp, 2010.
- LACAN, J. *O seminário, livro 16: De um Outro ao outro* (1968-1969). Texto estabelecido por Jacques-Alain

Miller. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2008. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Marie Christine Lasnik Penot. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1985. (Campo Freudiano no Brasil).

LAZNIK, M.-C. *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito*. Salvador, BA: Ágalma, 2004.

MALEVAL, J.-C. *O autista e a sua voz*. Tradução e notas: Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo, SP: Blucher, 2017.

MIL VEZES BOA NOITE. Direção: Erick Poppe. Produção: Ahmed Abounouom, Geir Eikeland Henning, Pedro Garde, Finn Gjerdrum, Stig Hjerkin Haug, Stein B. Kvae, Jackie Larkin, Lesley McKimm, Kaare Storemyr. Noruega. 2013. 1h 57min.

MUCIDA, A. *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. 2.ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017.

OUTEIRAL, J.; MOURA, L.; SANTOS, S. *Adulterar: a dor e o prazer de tornar-se adulto*. Rio de Janeiro, RJ: Revinter, 2008.

PAZ, O. *O labirinto da solidão e post scriptum*. Tradução: Eliane Zagury. São Paulo, SP: Cosac & Naify, 2015.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1998.

WILDE, O. *Obra completa*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Aguilar, 1995.

WINNICOTT, D. W. *O brincar & a realidade (1971)*. Tradução: Jose Octávio de Aguiar ABREU e Vanede Nobre. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. *Privação e delinquência*. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2005.

WINNICOTT, D. W. *Tudo começa em casa (1986)*. Tradução: Paulo Sandler. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2005.

Recebido em: 12/12/2021

Aprovado em: 20/12/2021

Sobre as autoras

Anelise Scheuer Rabuske

Psicanalista.
Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS).
Psicóloga clínica desde 1998.
Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
Lecionou na Faculdade São Judas Tadeu, no Instituto Superior de Educação Ivoti (graduação) e na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) (pós-graduação).
Atualmente dedica-se à clínica psicanalítica nas cidades de Dois Irmãos e Ivoti (RS).
Coordena o Seminário Freud V na Formação Psicanalítica do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS).

E-mail: anerab@hotmail.com

Magda Maria Colao

Psicanalista e membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS).
Psicóloga, pedagoga, orientadora educacional.
Doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
Mestre em Aconselhamento Psicopedagógico pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).
Professora adjunta da Universidade de Caxias do Sul (UCS).
Integrante do Grupo Internacional de Pesquisa de Formação de Professores para a América Latina.
Linha de pesquisa: Trabalho, Movimentos Sociais e Educação (FACED/ UFRGS).
Editora da Revista Estudos de Psicanálise 2021/2023 - Seção RS.
Parecerista da Revista Direito Ambiental e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Direito da UCS.

E-mail: magdacolao@gmail.com

Maria Melania Wagner Franckowiak Pokorski

Psicanalista e membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS).
Psicopedagoga titular, mestre em educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).
Doutora e pós-doutoranda em Psicologia Social pela Universidad Argentina J. Kennedy.
Professora em cursos de graduação e pós-graduação na Faculdade Porto-Alegrense (FAPA) de 1996 a 2017.
Autora de artigos sobre psicopedagogia e psicanálise e do livro *O mutismo seletivo no espaço escola* (Editora Diálogo Freiriano, 2019).

E-mail: mwagnerpokorski@gmail.com

Waleska Pessato Farenzena Fochesatto

Psicóloga pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).
Psicanalista e membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS).
Mestre em Ciências da Saúde pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).
Pesquisadora na área do envelhecimento humano (AVAES).
Autora de artigos na área da psicanálise e do livro infantil *Ana Lise e o menino de olhos verdes* (2019).

E-mail: waleska.pessato@terra.com.br

Clínica psicanalítica on-line: articulações com a ficção¹

*On-line psychoanalytic clinic:
articulations with fiction*

Anna Lucia Leão Lopez
Maria Beatriz Jacques Ramos
Noeli Reck Maggi
Paola Fachini

Resumo

A história contada no seriado *O gambito da rainha*, imersa no desamparo, no luto e na dor psíquica é o tema deste texto que aponta para algumas reflexões baseadas na literatura psicanalítica de Freud, Green, Ogden, Bowlby, Klein e Winnicott. O trabalho se propõe a abordar questões sobre morte, adoção, narcisismo e superação das dificuldades vivenciadas pela protagonista do seriado para uma reflexão e associação com os momentos da realidade atual, vivenciados pela condição humana, especialmente nestes tempos de pandemia.

Palavras-chave: Morte, Adoção, Narcisismo, O gambito da rainha, Psicanálise.

*Os primeiros anos de vida são como
os primeiros lances de uma partida de xadrez:
dão a orientação e o estilo de toda partida,
mas enquanto não vem o xeque-mate,
ainda há belas jogadas a serem feitas.*

ANNA FREUD

Introdução

Um encontro virtual com a finalidade de ampliar e aprofundar o debate sobre cinema e psicanálise promovido pelo Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS) fortaleceu o desejo de manter vivas as ideias sobre a arte, o cinema e a psicanálise. O seriado *O gambito da rainha* foi escolhido pelas psicanalistas autoras do presente texto para refletir sobre o tema da morte, da ado-

ção, do narcisismo e da superação das perdas do sujeito. A minissérie ficcional conta a história de Elisabeth desde a infância até a adultez, na década de 1960, em Paris. Sua mãe provoca um acidente de carro, planeja a morte e carrega a filha para um desfecho aterrador. Elisabeth sobrevive, sai do carro e, parada na estrada, olha para frente. A mãe, objeto de amor primário, morre, mas deixa à menina a condição de colocar algo no lugar

1. Trabalho redigido a partir de mesa apresentada pelas autoras no XXIV CONGRESSO DE PSICANÁLISE DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE - PARA ALÉM DA PANDEMIA: ECOS NA PSICANÁLISE, realizado pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, de 4 a 6 nov. 2021, por meio da plataforma Zoom.

da perda. Para além da realidade, Elisabeth tem recursos intrapsíquicos, conhecimentos, experiências de presença e ausência que favorecem a ligação com o outro. Ela é levada para um orfanato e se torna, pelo uso obrigatório, dependente de drogas sintéticas. Ainda assim, a tenacidade e a representação favorecem a capacidade de ficar só e de cuidar de si mesma. Essa personagem se abastece no xadrez, nas competições e, finalmente, enfrenta a jogada decisiva de sua vida num torneio na Rússia: move o 1.º peão na frente da rainha e faz o “gambito da rainha”. Abandona a rainha-mãe vulnerável que a adotou, segue em frente, supera o medo e adere ao desafio de buscar novas ligações. A superação das perdas vai se expressando nos diferentes momentos da vida da personagem do seriado como uma arte.

A morte como experiência vivida

A série, de grande audiência no mundo, permite a reflexão sobre vários temas caros a todos nós, psicanalistas. Em 1950, Beth está com a mãe Alice, que discute com um homem e entra no carro com a filha. A menina, no banco de trás, vê os olhos da mãe no espelho retrovisor no momento em que ela diz: “feche seus olhos”. A batida de frente em um caminhão parece ser um suicídio.

Vemos a cena da mãe morta e coberta no chão. Elizabeth, rígida, em estado de choque, não chora. A polícia leva a menina para o orfanato, onde crianças são recolhidas e submetidas a uma pesada dosagem de psicotrópicos para lidar com o luto, a perda e vários sofrimentos. Nenhuma palavra é dita a respeito da morte da mãe ou da ida ao orfanato: Beth vive o maior trauma da vida de uma criança – ver a mãe morrer – sem poder chorar nem falar. Ressalta-se a importância do choro: chorar é um fato que acalma, coloca as emoções para fora, permite a elaboração da perda e do luto.

Faz diferença perder os objetos primários na primeira infância, especialmente até os 5 anos, ou na segunda infância, até 12 anos.

Na primeira infância, a criança pensa que a pessoa morta retornará, como nos desenhos a que assiste, em que pessoas e animais morrem e retornam. Antes dos três anos, não há ideia da reversibilidade; persiste uma impossibilidade de conservar as transformações entre um momento e outro da realidade. Nessa idade, predomina o pensamento mágico: alguém voou, uma fada levou, etc. O adulto necessita falar em morte ajudando a criança a aceitar essa parte dolorosa da existência. Entre 6 e 9 anos, a criança entende a morte pelas causas biológicas como doenças, infarto, diabetes, entre outras.

Sabemos que ritos e memórias são fundamentais para elaborar o luto. Quão traumática é a morte em tempos de pandemia, em que esses rituais são proibidos?

Contos e histórias de “era uma vez” permitem à criança elaborar os conflitos e se defrontar com a ampla gama de experiências humanas: nascimento, morte, inveja e rivalidade entre irmãos. Nos contos de fadas, quando a mãe morre logo após o nascimento da criança, fica em seu lugar a madrasta, a mulher do novo casamento do pai. Nessa situação, poderá ocorrer tanto a idealização da mãe morta, uma vez que não houve a possibilidade de a criança desenvolver sentimentos hostis para com ela, quanto sentimentos de abandono e dor. Por que ela – a minha mãe – não quis viver comigo? Eu não era motivo suficiente para ela querer viver?

A morte de um genitor significa romper o “apego” fundamental para a segurança emocional da criança. Bowlby (2001) fala em “privação materna” como fator de sérios distúrbios psíquicos na criança. O autor divide esse evento traumático em três etapas: (a) fase de protesto; (b) fase de desespero; e (c) fase de desligamento. Primeiro com lágrimas e raiva, a criança exige o retorno da mãe e tem esperança de revê-la. Depois de vários dias, a esperança converte-se em desespero, e o desespero em renovação da esperança. Na terceira fase, acontece uma mudança maior, o desligamento. Há, então, o perigo de que a

criança fique permanentemente desligada e nunca mais recupere sua afeição pelos pais. De maneira geral, os mesmos tipos de respostas acontecem, na mesma sequência, em qualquer idade em que se perde uma pessoa amada.

Vários autores mostram que, na vida de pessoas gravemente enfermas psiquicamente, houve, durante a infância, uma elevada incidência de perdas, como a chamada reação de aniversário, quando a lembrança da morte do ente querido reativa o sentimento de perda e de ter sido abandonado.

É possível para uma criança de nove anos, como Beth, aceitar que a mãe seja irreparavelmente ausente? Beth não pôde chorar, não pôde cumprir rituais nem falar com alguém. Aí surgem ansiedade e protesto, desespero e desorganização, desligamento e reorganização. Ela não teve a continência da família, não recebeu o afeto do outro genitor, viu a morte da mãe ocorrer sem poder fazer nada, sem nenhum suporte afetivo. A notícia da morte deve ser dada pelo outro genitor o mais rápido possível, quando houver; mas, no seu caso, nada disso houve.

A tarefa de elaborar o luto é certamente mais difícil sem o suporte da família. Sabemos que a própria experiência de separação e o sentimento de solidão podem gerar processos defensivos como a repressão, que tornam inconscientes a dor da perda e o sentimento de abandono, dificultando, assim, sua elaboração na continuidade da vida.

Para tanto, importa saber como a criança estrutura outros processos defensivos para lidar com a morte, como a repressão e a “divisão no ego”, segundo (FREUD, [1940/1938] 1989) no seu ensaio *A divisão do ego no processo de defesa*. Nesses casos, uma parte da personalidade secreta mas consciente, nega que a pessoa tenha realmente desaparecido; simultaneamente, outra parte da personalidade compartilha o conhecimento de que a pessoa amada está perdida para sempre. Essas duas partes incompatíveis coexistem durante anos. Assim como a repressão, a di-

visão do eu causará adoecimentos psíquicos futuros, estados de ansiedade, histeria, melancolia, distúrbios de caráter, transtornos de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), distúrbios de oposição ou de conduta. Isso depende da presença de traumas anteriores, depende da reação do outro genitor e do comportamento de outros adultos que poderão facilitar ou dificultar a sustentação afetiva e a continência da dor.

Melanie Klein (1970, p. 393) escreveu um capítulo sobre o luto e sua relação com os estados maníaco-depressivos e diz que:

[...] o objeto do luto é o seio da mãe e tudo o que o seio e o leite chegaram a ser na mente da criança, ou seja: amor, bondade e segurança. A criança sente que perdeu isto tudo e que esta perda é o resultado de sua incontrolável voracidade e de suas próprias fantasias e impulsos destrutivos contra o seio da mãe [...] a criança, ao incorporar seus pais, sente-os como pessoas vivas dentro de seu corpo, de modo concreto. Assim se edifica um mundo interno na mente inconsciente da criança, correspondendo às suas experiências reais e às impressões que ela obtém da gente e do mundo externo, ainda que alterado por suas próprias fantasias e impulsos.

De acordo com Melanie Klein (1970), o ego desenvolve, além das defesas mais primitivas, métodos defensivos como as defesas maníacas, construindo fantasias onipotentes e violentas, com o objetivo de controlar e dominar os objetos maus e perigosos, e para salvar e proteger os objetos amados.

Podemos supor que essa mãe que cometeu suicídio provavelmente transmitiu sentimentos de abandono antes da morte. Como foram os primeiros nove anos juntas? Segundo Klein, internalizar o objeto doador de vida, o seio bom é a base da confiança. A relação sexual entre os pais, como ato criativo do qual vem a vida, é uma crença que precisa ser construída. Houve essa experiência na vida de Beth? As coisas boas que vieram an-

tes de nós e que continuarão permitem-nos aceitar a ideia da mortalidade. O amadurecimento psíquico depende da boa travessia do Édipo. Nascemos de uma relação amorosa de um casal, sofremos pela exclusão, criamos esperanças no futuro. Será que Beth, quando bebê, teve a fantasia onipotente de ser uma com a mãe, para depois poder suportar a desilusão?

Winnicott (1994) afirma que ninguém atinge a maturidade estável, quando adulto, sem ter sido cuidado por alguém nas etapas iniciais e que é importante manter a imagem da figura parental no psiquismo como referência de experiências emocionais intensas de amor, raiva e sobrevivência ao uso do objeto. O amor é o que vem depois da destruição. Segundo Winnicott (1994), crianças com tendências destrutivas carregam dentro de si os sentimentos destrutivos da mãe como aparecem na vida de Beth.

Segundo Dejours (2019, p. 21), “os lutos afetam a economia erótica do sujeito durante toda a sua vida”, uma vez que a construção do corpo erótico é o resultado de um diálogo em torno do corpo, apoia-se nos cuidados dispensados pelos pais nos primeiros anos de vida, junto com as marcas das relações entre os pais.

O psicanalista André Green, em 1988, escreveu o célebre artigo *A mãe morta*. Para Green, a mãe está morta mentalmente, ainda que viva fisicamente. Por isso não pode acolher, metabolizar a angústia nem ensinar a suportar a dor.

Com a falta de investimento amoroso materno, surge uma perda de sentido que levará a criança a tomar medidas drásticas, tais como o desinvestimento de objetos externos e a identificação inconsciente com uma mãe enlutada [...] essa identificação tornará a criança passiva e desvitalizada, vivendo um luto interminável. O que está em jogo é a vitalidade da relação mãe-bebê (TALYA, 2020, p. 100).

Outro grande analista contemporâneo, Thomas Ogden (2016, p. 72), explica que o analista desenvolve a potencialidade de portar consigo a dor da criança até que ela possa suportá-la. Essa capacidade de suportar a dor da criança é importante tanto quanto a de devolver à criança sua própria dor: uma parte vital de si. O sujeito morre na medida em que a experiência traumática permanece não vivida.

Perder a capacidade de dar sentido à trajetória humana é extremamente empobrecedor, porque impossibilita a criação de uma narrativa sobre a própria existência. Por esse motivo, também é desejável que uma criança, ao perder um dos genitores ou outro cuidador, possa passar por uma experiência terapêutica que lhe possibilite refazer laços afetivos, poder brincar e falar a respeito de suas intensas emoções.

Adoção e orfandade em *Gambito da rainha*, na pandemia e em todos nós

É a partir da adoção, aos 15 anos, da personagem principal Elisabeth da série *Gambito da rainha* e do percurso da personagem e sua mãe adotiva para estabelecerem uma relação mãe-filha que surge a reflexão apresentada sobre a questão da adoção para o sujeito humano.

Em nosso contexto de pandemia da covid-19, nos deparamos com os órfãos da pandemia, seja por perderem seus pais para a doença, seja por serem entregues aos orfanatos devido à falta de condições financeiras dos pais para sustentá-los. De acordo com dados publicados no *site* Brasil de Fato (2021), no Brasil há aproximadamente 282.000 órfãos da covid-19. No presente trabalho, este ponto não será desenvolvido e sim utilizado para reflexão, uma vez que a consequência social da pandemia ainda é uma questão aberta e cada vez mais profunda e complexa. Diante dessa realidade, enquanto analistas, precisamos estar atentos aos efeitos da pandemia, estar disponíveis para a escuta.

Como diz Catão (2020): “A essência da atividade clínica é a escuta do paciente. A clínica é isso, inclinar-se para escutar”.

Ao longo da série, constantemente a câmara direciona para o olhar de Elizabeth. Enquanto sujeito, somos constituídos a partir do olhar do Outro, precisamos desse olhar primordial. Elizabeth se constituiu, uma vez que ela viveu com sua mãe biológica até os 9 anos. Se, no momento da adoção, ela tem 15 anos, com seu aparelho psíquico constituído, isso nos aponta para a possibilidade de pensar que a personagem, ao ser adotada, regride ao seu arcaico. Na cena do primeiro encontro de Elizabeth com a mãe adotiva no orfanato, aquelas que virão a ser mãe e filha, é possível identificar que há um encontro de olhares. Uma cena que remete ao primeiro encontro de olhar entre mãe-bebê.

O desamparo primordial é constitutivo para o sujeito humano, porém ele precisa encontrar alguém que o adote. Todo bebê nasce desamparado e precisa ser adotado. Todo filho, biológico ou não, precisa ser adotado. Como afirma Ceccarelli (2002, p. 88), “do ponto de vista psicológico, as famílias são sempre construídas e os filhos sempre adotivos”.

A maternidade está para além de gerar uma criança. Toda criança precisa ser adotada, na medida em que precisa sair da dimensão de idealização para a dimensão real. Uma mãe vai sempre precisar fazer um luto do filho idealizado e ser o suporte concreto do filho real. Garrafa (2021, p. 57) afirma:

A entrada na parentalidade não é, portanto, decorrência da gestação e do parto, mas de um ato da mulher ou do homem que assume o lugar de mãe e de pai de uma criança. Nesse sentido, para a psicanálise, o ponto de partida da parentalidade sempre implica o paradigma da adoção.

Assim, quando a criança chega, quem se nomeia mãe ou pai terá que se haver com o filho real, que não é o mesmo idealizado.

E, para ocupar esse lugar, será necessário suportar e amar a criança real. É importante ressaltar que, antes de existir, a criança já existe no desejo daquele que irá nomear-se mãe ou pai. Isso independe se aquela criança foi ou não planejada e desejada previamente, pois há uma marca que a antecede. Diria que vale mais uma marca negativa que nenhuma. Sendo assim, é imprescindível que haja uma marca, um lugar, uma idealização daquele filho.

Voltando ao *Gambito da rainha*, destaca-se a cena em que Elizabeth, ao chegar em sua nova casa, seu “lar doce lar”, surpreende-se com o seu quarto e pergunta: “É todo meu?”. Ela se depara com um espaço para ocupar, existir como uma filha. Situação análoga a quando um bebê chega nas famílias e é aberto um espaço para ele. Somos todos adotados, todos temos nossa história de adoção. Precisamos que alguém nos acolha na nossa chegada no mundo. Elizabeth foi sendo acolhida, sua mãe adotiva se disponibiliza a aprender a ser mãe, sua mãe. Na série, a mãe adotiva diz para Elizabeth: “Posso aprender a ser mãe”.

O sujeito humano tem um trajeto identificatório:

[...] é por meio das identificações que a criança introjeta e incorpora os ideais sociais que, no caso de pais e filhos adotantes, estão, muitas vezes, em oposição ao conceito tradicional de família (CECCARELLI, 2016).

Nota-se que, na série, a mãe adotiva toma os remédios que Elizabeth usava no orfanato. Elizabeth, observando os gestos da mãe adotiva e de seus adversários no xadrez (aqueles que se sentam na sua frente, como um espelho), imita, identificando-se, reconhecendo-se. Na série, isso fica exemplificado numa cena em que mãe e filha bebem cerveja assistindo TV na cama, na mesma posição.

Percebemos que essa relação mãe e filha vai sendo construída, costurada. Quando a mãe adotiva diz para Elizabeth que vai vê-la

jogar no campeonato de xadrez, pela primeira vez, seu olho brilha e ela sorri. No campeonato, há troca de olhares. Ela se sente olhada, admirada pelos outros. É uma cena importante, pois a mãe adotiva assiste ao jogo e aplaude sua filha. Catão (2008, p. 32) observa que “o estado de desamparo cria a necessidade de ser amado”.

Depois desse jogo, elas fazem um acordo; a mãe será agente da filha, ela cuidará dos negócios da filha. Nessa cena, Elizabeth oferece o braço para a mãe e de braços dados elas caminham juntas. A partir desse momento, elas passam a viajar juntas, a ter tempo juntas, estão de mãos dadas. Numa noite de Natal, no avião, a mãe adotiva oferece martini para a filha, sua bebida favorita. Nesse cenário, há um “brinde à maternidade”, mãe e filha brindam, comemoram.

Outra cena importante é uma conversa entre mãe e filha. Elisabeth pode conversar com a mãe adotiva e ser escutada. Existe uma mãe disponível para escutá-la, interessada pelo que ela lhe diz e sente, que dá importância. Na formatura de Elizabeth, sua mãe adotiva lhe diz: “orgulho de você” e lhe dá um relógio escrito: “Com amor, mamãe”. No início da relação de Elizabeth e sua mãe adotiva, escutamos a mãe tocar piano melancolicamente e com pânico de palco. Antes de morrer, ela toca alegremente no bar de um hotel onde elas estão hospedadas para um campeonato. E diz para a filha: “Toco bem se for por diversão”.

Elisabeth perde a mãe adotiva. Ela já pode suportar a perda. Ainda não é um xeque-mate, novas jogadas virão.

As fronteiras do narcisismo no jogo de xadrez

Algumas cenas da minissérie ficcional transcorrida em Paris, em 1967, mostram aspectos importantes das construções intrapsíquica e intersubjetiva da personagem Elisabeth Harmon. Entre elas, destacam-se o acidente de carro com a mãe; a mãe, objeto de pulsão, amor primário, se suicida e deixa

padecimentos narcísicos à filha, que tem 9 anos.

Na sequência, a menina é encaminhada para um orfanato, no qual se depara com 21 meninas num alojamento coletivo. Recebe uma cama, duas gavetas e uma roupa. Porém, para além do ambiente, estão suas roupas. Ela mostra vivências de presença/ausência e não tem um terceiro para dar significado ao abandono, acolher seu sofrimento, até surgirem o zelador e o jogo de xadrez.

Desde a infância, aparecem a clivagem, a sexualidade aprisionada nas compulsões, anfetaminas e álcool, a angústia de perda e intrusão, elucidada na cena da praia, na qual a mãe mergulha, depois desaparece/aparece numa ilhota e acena para a filha que chora. A mãe aciona angústia. Uma angústia que irá acompanhá-la no decorrer do tempo. No reencontro, as duas se abraçam num ato de desespero.

Aos 13 anos, Elisabeth é aluna-modelo em aritmética e literatura. É adotada por uma mulher com afeto deprimido e um homem ausente, um “casal aparente”. Aos poucos, ela aceita sua ‘nova-velha-mãe’ e procura se integrar em torneios e competições nos quais se instauram uma relação com a realidade. O psiquismo passa a ser governado pela realidade, mas não ultrapassa o princípio do prazer, pois este é uma salvaguarda. Faz viagens e compras, aparecem transformações na criança, na adolescente e na mulher. Sua meta: ganhar.

Na fase adulta, inscreve-se no torneio aberto dos EUA realizado na Rússia. Ela estuda russo, vive relacionamentos amorosos atabalhoados, faz uso de bebidas alcólicas, aparece perturbada e deprimida como suas mães. Tenta cobrir os buracos psíquicos, reconhece que nunca poderá ser mãe, pois não tem provisões suficientes para nutrir alguém, não tem alimento suficiente nem para si mesma.

Depois da morte da mãe adotiva, por hepatite, Elisabeth providencia o enterro e comenta: “A pessoa mais forte é a que não tem

medo de ficar sozinha. Porque tem de dar um jeito de cuidar de si mesma.”

Nela habitam desfiliação e culpa. A saída é o xadrez. Na partida final do campeonato, arrisca o gambito, move o 1.º peão na frente da rainha. Desfruta a vitória: finalmente mata a rainha-mãe.

Os narcisismos de Elisabeth

Como acessar o amor-próprio dessa figura dramática? Suas nuances narcísicas? Percebe-se a síntese ego-narcísica na luta contra a perda. Elisabeth conhece, em parte, o “não” de modo cindido, com estados de vazio e destrutividade. Nos contornos da menina e da adolescente, são experienciadas a psicose branca, o luto e o negativo na força bruta da pulsão de morte.

Sua constituição psíquica se revela na singularidade indizível, na ação e na palavra, nas imprevisíveis teias relacionais e no desafio de simbolizar, criar representação, dirimir a crueldade voltada contra si mesma, pois em muitos momentos é a morte que prevalece nas atuações e rompimentos com o real-social.

Os disfarces, nos atos de sobrevivência, estão presentes no silêncio, na analidade como proteção a uma regressão oral, na qual a mãe morta reverbera na obstinação, na recusa da dependência e no controle do outro, seja um adversário ou não.

Seu sintoma: jogar, enxadrezar o desejo, os sonhos delirantes e a orfandade. Esses sintomas partem das fantasias inconscientes, se impõem entre Narciso e Édipo, acessam aspirações, despontam no legado da mãe que não se deixa apagar e impossibilita a separação.

Na psicanálise kleiniana, o amor-ódio, as fantasias inconscientes, as angústias e as defesas estão enlaçadas, desde o nascimento, nas relações objetais. O que fundamenta uma estrutura psíquica sadia e estável é a confiabilidade nos objetos externos, principalmente a mãe, como a primeira sustentadora da capacidade de tolerar a angústia da

separação, da falta no objeto (KLEIN, 1996).

A partir dos narcisismos e suas transformações decorrentes das introjeções e projeções, são expostas suas exigências superegoicas: comportamentos, pensamentos e sentimentos. Aos poucos, a destrutividade voltada contra si mesma cede lugar à luta, à agressividade para apostar, para triunfar diante das agruras do passado presente. A energia libidinal investida no jogo determina o caminho de Elisabeth na via da compulsão à repetição.

A expressão “narcisismo de vida, narcisismo de morte”, título de uma das obras de Green (1988), permite ilustrar essa personagem nos processos de ligação e desligamento narcísicos. Investimentos psíquicos cujos objetivos pulsionais são a função desobjetalizante, a desvitalização, o desinvestimento e a função objetalizante, criação de uma relação com o objeto, mas também transformação das estruturas em objetos, mesmo quando não estão mais em questão, em presença.

Os movimentos de expansão do eu testemunham a flexibilidade, o não à queda de aniquilamento. No vaivém econômico, tópicos e dinâmicos, surgem as distinções e a incansável luta de sobrevivência.

O narcisismo gravita entre ligação e desligamento, traduzido em linguagem, inflige marcas ou feridas/afetos deprimidos. Na manifestação do narcisismo, emerge a identidade inscrita no outro e nos outros do outro. O narcisismo tem nuances que podem qualificar ou desqualificar o eu e as demais pessoas. Aparece no pensar, no agir e no sentir por meio das expectativas e das ambições pessoais (GREEN, 1988).

O narcisismo primário percorre o desenvolvimento psíquico no estado de prazer-desprazer, no desejo e no discurso parental. O narcisismo influencia o modo de perceber e de eleger relacionamentos agregadores ou calcados na autossuficiência. No decorrer da história, a personagem passa por modificações corporais, sociais, afetivas, desencontros e encontros com emoções matizadas

de vida e de morte. Ela enfrenta frustrações, oposições, defesas maníacas, medos e culpa.

Bion (1970) enfatiza o quanto é difícil para os seres humanos relacionarem-se uns com os outros de forma realista numa tarefa conjunta. Ele descreve o ser humano como um ser grupal, que não progride sem outros seres humanos. Mas não pode progredir muito bem com eles. O autor mostra que o conteúdo dos papéis que desempenhamos é, em parte, determinado por sistemas de projeção que se fazem refletir sobre algumas situações em que a ansiedade relativa à própria capacidade de realização é projetada para outras pessoas, numa tendência de surrupiar suas potencialidades, diminuí-las, subestimá-las.

Em cada vitória, Elisabeth adentra na mudança, com apoio de alguns parceiros, fortalece o amor-próprio e contorna as fronteiras do *self*. Lentamente, se reconhece como ser-autor, conquista autonomia e autoria, expõe o desejo de habitar o mundo e ser habitada por ele. Aprende a conviver com a “morte em vida”. Sente-se respeitada e aceita. O Eu se tonifica com novos vínculos, com a ampliação das identificações e aprendizagens.

Essas observações sobre o narcisismo de Harmon não são conclusivas. São metafóricas diante dos traços e das configurações singulares dessa personalidade que submerge no vai e vem do negativo estruturante-desestruturante.

Com esses comentários, percebe-se que o analista deve manter-se atento à fala narrativa, à transferência reverberante da fantasia inconsciente e à dupla inscrição periférica e enganosa, em torno do luto branco da mãe morta, para abarcar a roupagem narcísica das dimensões intrapsíquica e intersubjetiva na clínica do vazio.

Toda ação de análise visa, portanto, devolver à estrutura psíquica sua liberdade de movimento, ao deixar o analisando mestre de sua decisão, às vezes sem se preocupar com o despojo de sua análise, da qual ele permite ao

analista dispor à vontade, mas sem envolver aquele que penou muito para se desfazer de sua pele (GREEN, 2010).

A arte na experiência de perder

A sequência dos episódios mostra reincentes perdas vivenciadas pelos personagens que compõem a história. Alguns questionamentos emergem sobre esse tema. Em que momento da vida de um sujeito ele experimenta “a perda” e o que representa “a arte de perder”? A literatura psicanalítica revela que, desde o nascimento, o ser humano enfrenta a experiência de perder. Tornar-se consciente de sua existência, pensar na sua condição “como humano” desde a sua origem mais primitiva é um ato doloroso, porquanto o primeiro pensamento surge quando se aceita a dor da perda, a dor da frustração. A criança solitária, personagem da história, fixa o olhar sobre a mãe morta e vivencia, naquele momento, uma trágica perda.

Qual a dor sentida por uma criança que não chora a morte da mãe enquanto um policial a encaminha para o orfanato, um local onde crianças e adolescentes vivem o drama de terem sido abandonadas, privadas ou excluídas de um lar? A perda e o luto se fazem presentes no orfanato desde as filas para receber a alimentação como para receber o suprimento de vitaminas. Assim, parece estar lançada a base para pensar o desenvolvimento psíquico dessa menina.

Ansiedade e consternação podem ser causadas por separação de entes queridos. Um profundo e prolongado pesar pode seguir após a morte de um deles, assim como os riscos decorrentes desses eventos podem interferir na saúde mental. Atentos a esses fatos, os psicanalistas escutam o sofrimento dos pacientes, que pode ser atribuído a uma reparação ou a uma perda que ocorreu, seja recentemente, seja em algum período anterior da vida. Isso é o que nos diz Bowlby (2001, p. 114), quando trata da formação de laços afetivos, rompimento, perdas e separações.

Ansiedade crônica, depressão intermitente ou suicídio são alguns dos tipos mais comuns de problemas que hoje sabemos serem atribuíveis a tais experiências. Além disso, sabe-se que as interrupções prolongadas ou repetidas do vínculo entre a mãe e o filho pequeno, durante os primeiros cinco anos de vida da criança, são especialmente frequentes em pacientes diagnosticados mais tarde como personalidades psicopáticas ou sociopáticas.

Talvez a tarefa mais importante do psicanalista seja acompanhar o seu paciente para que ele não venha a se evadir das frustrações, mas que tente modificá-las. Uma forte predominância de evasão das frustrações e das verdades intoleráveis pode resultar no enfrentamento das circunstâncias da vida com negação da realidade e com predominante sentimento de onipotência.

Elizabeth, após sua internação no orfanato, tentou apegar-se a algumas pessoas ou situações que revelavam possíveis saídas para seus conflitos internos: a colega que lhe transmitia os truques com o uso dos medicamentos, o senhor solitário que, no subsolo do prédio, exercitava o jogo de xadrez. Agarrava-se a esses objetos e situações como alternativas de sobrevivência. A menina, órfã dos pais, perdia e, ao mesmo tempo, ganhava força, coragem e determinação para continuar a viver.

Bowlby (1984, p. 232-233), no seu livro *Apego e perda: Separação - angústia e raiva*, afirma: “O comportamento de agarrar – literal ou figurativamente – é observado em todas as fases da vida”. O autor afirma que, de modo inusitadamente frequente, comportamento de apego, mesmo que não haja explicações para tal comportamento, essa maneira insistente de se comportar pode ser reveladora de uma perda, de um trauma no desenvolvimento inicial. “Há pessoas de todas as idades inclinadas a exhibir, de modo inusitadamente frequente, comportamento de apego”. Pode ser, segundo o autor, uma manifestação de temor de que as figuras de

apego se mostrem inacessíveis, ou de que a relação afetiva com alguém possa terminar.

A protagonista do seriado, que já tinha experimentado muitas perdas, inclinou-se inteiramente ao jogo de xadrez. Encontrava-se no orfanato, onde as crianças viviam em um mundo imprevisível, onde as figuras de apego se tornavam inacessíveis com muita frequência. Embora as pesquisas (BOWLBY, 1989) revelem que crianças entre 4 e 14 anos que perderam seus pais por suicídio tornaram-se perturbadas e com severos traços psiquiátricos, não parece ter sido esse o destino de Elizabeth que busca, de forma quase compulsiva, o jogo para investir a sua energia. No enigma do deslocamento das peças, obtém um resultado exitoso e encontra o sentido para a sua vida.

No texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, ao abordar os processos afetivos e o trabalho intelectual na organização da sexualidade infantil, Freud ([1905] 1989) diz que “a concentração da atenção numa tarefa intelectual”, ou seja, o “excesso de trabalho intelectual” pode constituir a base justificável para perturbações nervosas (FREUD, [1905] 1989, p. 191-192). A protagonista da história concentrou seus esforços no jogo do xadrez.

Ela vivenciou a presença de uma mãe que recomenda como não se deixar vencer como mulher. No dizer de Winnicott (1975, p. 153), é o olhar da mãe que serve como precursor do espelho no desenvolvimento emocional do filho. A menina que, de modo trágico, perdeu a mãe como objeto primeiro de amor também sofreu rupturas prolongadas no tempo em que aguardava no orfanato uma família que a acolhesse. Quando um casal a retirou do orfanato, encontrou uma mãe guiada pelo seu companheiro para que a adotasse. Percebe que esse pai adotivo a rejeita, não fala sobre a adoção, fica observando à distância, critica a forma como se veste e, por fim, se distancia definitivamente de casa. Esse homem revelou mais tarde que nunca a adotara. Perdas geram depressão e, por vezes, melancolia quando a pessoa fica

aprisionada no objeto perdido, mas podem gerar também muito ódio. Se pensarmos que Elizabeth, em algum momento, tenha entendido que a mãe quis matar-se e matar a ela também, isso poderia suscitar pena da mãe, mas sobretudo muita raiva, tanto pelo abandono do pai quanto pelo abandono e destrutividade da mãe.

Excluída ou rejeitada, Elizabeth chora pouco ou não chora; não demonstra nenhuma reação emocional pelo fato de estar em desgraça, como é comum, segundo Bowlby (1995, p. 38), nas crianças que experimentam perdas menos traumáticas. “Parece não ter maior importância para estas almas perdidas o fato de serem aceitas ou não.” Segundo o autor, a privação prolongada dos cuidados maternos pode ter efeitos graves e de longo alcance sobre a personalidade de uma criança pequena e, conseqüentemente, sobre toda a sua vida futura. No caso de Elizabeth, a sua dedicação e exploração com êxito no jogo do xadrez parece ter sido a via de acesso à superação das suas perdas, ao mesmo tempo que destaca sua inteligência, sua curiosidade e sua persistência. Por vezes, o encantamento de Elizabeth pelo xadrez parece se situar na fronteira de uma atuação, especialmente quando acompanhada de adição.

Green (2017, p. 126), no seu livro *A loucura privada*, observa que, no recalque, quando o retorno do recalque é simbolizado e ligado às demais representações, aos afetos ou aos derivados do inconsciente, a energia psíquica conserva as bases para dar continuidade à sua existência. As ligações estão preservadas e podem servir para recombinações. Parece ter sido essa a experiência vivenciada por Elizabeth: os objetos originais introjetados nos primeiros tempos de sua vida estavam preservados e, após a perda com a morte da mãe, as relações estabelecidas por essas primeiras ligações são substituídas por outras, mas não alteradas, apenas transformadas.

A curiosidade no jogo e a relação com o zelador do orfanato são evidências dessas transformações. Para Green (2017, p. 128),

quando os investimentos narcísicos são especialmente ameaçados, o vazio é a categoria dominante. Não parece ter sido o caso de Elizabeth, que conseguiu transformar as perdas e as frustrações em novas possibilidades de sustentação e seguimento da sua vida. Canalizou sua angústia para algo construtivo e criador; uma energia sublimada, socialmente canalizada. O seu objetivo é vencer o adversário, superar o oponente, derrotá-lo no jogo.

Green (2017, p. 126), ao comentar sobre perda e intrusão, afirma que o sentimento de desinteresse, a falta de vitalidade ou a impossibilidade de sentir e de estar presente para o outro podem ser manifestados pelo vazio fundamental que habita o sujeito. Elizabeth não revela preocupação com sua aparência nem vaidade pessoal, com exceção do investimento na disputa pela vitória, nas competições.

Estas são as palavras de Winnicott (1994, p. 71) quando fala de grandes perdas no desenvolvimento inicial do sujeito:

O indivíduo herda um processo de amadurecimento, que o faz progredir na medida em que exista um meio ambiente facilitador [...] Um meio ambiente facilitador, adaptado às necessidades mutantes do indivíduo em crescimento.

O meio ambiente facilitador pode ser descrito como sustentação, manejo, continência; ambiente em que o indivíduo passa por um desenvolvimento que pode ser classificado como integrador, ao qual se acrescentam as possibilidades de integração rumo à autonomia social.

Em relação com o que se percebe em Elizabeth, a jovem transformou a perda em novas conquistas e realizações. A sua história revela que, mesmo no enfrentamento de tantas frustrações, é possível transformar a perda em arte, a arte de dar continuidade à sua vida psíquica. Nestes tempos de pandemia, nos deparamos com muitas perdas. Perda da

liberdade de transitar entre familiares e amigos, perda do contato físico para desenvolver o trabalho. Também nós, psicanalistas, exercitamos “a arte de perder”.

Abstract

The story told in the TV series “The Queen’s Gambit”, immersed in helplessness, mourning and psychic pain is the theme of this text, which points to some reflections based on the psychoanalytic literature of Freud, Green, Ogden, Bowlby, Klein and Winnicott. The work proposes to address issues about death, adoption, narcissism and overcoming difficulties experienced by the protagonist of the TV series, to reflect on and associate them with moments of current reality, experienced by the human condition, especially in these pandemic times.

Keywords: Death, Adoption, Narcissism, The Queen’s Gambit, Psychoanalysis.

Referências

- BION, W. *Experiências com grupos*. Tradução: Waldereido Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1970.
- BOWLBY, J. *Apego e perda: Separação - angústia e raiva*, v. 2. Tradução: Leônidas Hegenberg, Octanny S. da Mota e Mauro Hegenberg. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1984.
- BOWLBY, J. *Cuidados maternos e saúde mental*. Tradução: Vera Lúcia Baptista de Souza e Irene Rizzini. 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1995.
- BOWLBY, J. *Formação e rompimento dos laços afetivos*. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.
- BRASIL DE FATO. Saúde. Políticas públicas. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/12/03/pais-tem-282-mil-orfaos-da-covid-mas-so-estados-do-nordeste-tem-programas-para-seu-acolhimento>. Acesso em: 19 jan. 22.
- CATÃO, I. (org.). *Mal-estar na infância e na medicalização do sofrimento: quando a brincadeira fica sem graça*. Salvador, BA: Ágalma, 2020. (Psicanálise da Criança).
- CATÃO, I. Bebês órfãos, abandonados e adotivos: o outro olhar sobre a questão. In: KUPFER, M. C. M.; TEPERMAN, D. (org.) *O que os bebês provocam nos psicanalistas*. São Paulo, SP: Escuta, 2008, p. 31-39.
- CECCARELLI, P. Prefácio. In: XERFAN, C. C. *A gente só é bonito quando a mãe da gente acha: psicanálise e adoção*. Curitiba: Appris, 2016.
- CECCARELLI, P. R. Configurações edípicas da contemporaneidade: reflexões sobre as novas formas de filiação. *Pulsional Revista de Psicanálise*, São Paulo, n.1 61, p. 88-98, set. 2002.
- DEJOURS, C. *Primeiro, o corpo*. Corpo biológico, corpo erótico e senso moral. Porto Alegre, RS: Dublicense, 2019.
- FREUD, S. A divisão do ego no processo de defesa (1940 [1938a]). In: _____. *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)*. Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. p. 293-296. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos* (1901-1905). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. p. 128-229. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

GARRAFA, T. Primeiros tempos da parentalidade. In: TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. (org.). *Parentalidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 55-69.

GREEN, A. *A loucura privada: psicanálise de casos-limite*. Tradução: Martha Gambini. São Paulo, SP: Escuta, 2017.

GREEN, A. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Tradução: Cláudia Berliner. São Paulo, SP: Escuta, 1988.

GREEN, A. *O trabalho do negativo*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2010.

GREEN, A. *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Tradução: Ana Maria Rocca Rivarola et al. Rio de Janeiro, RJ: Imago; São Paulo: SBSP, Dep. de Publicações, 2008.

GREEN, A. *Sobre a loucura pessoal*. Tradução: Carlos Alberto Pavanelli. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1988.

KLEIN, M. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*. Coordenação da tradução: Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1991. (Obras completas de Melanie Klein, 1).

KLEIN, M. *Contribuições à psicanálise*. São Paulo, SP: Mestre Jou, 1970.

OGDEN, T. H. *Vite non vissute*. Milano: Raffaello Cortina, 2016.

TALYA, C. *O duplo limite*. O aparelho psíquico de André Green. 2. ed. São Paulo, SP: Escuta, 2020.

WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (org.). *Explorações psicanalíticas*: D. W. Winnicott. Tradução: José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1994.

WINNICOTT, D. W. *O brincar & a realidade*. Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1975.

ZIMERMAN, D. E. *Bion: da teoria à prática*. Uma leitura didática. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1995.

Recebido em: 10/11/2021

Aprovado em: 29/11/2021

Sobre as autoras

Anna Lucia Leão Lopez

Psicanalista.

Membro efetivo e professora do curso de formação psicanalítica do Centro de Estudos Antônio Franco Ribeiro da Silva do Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).

Fundadora, coordenadora e supervisora clínica do Núcleo de Estudos Psicanalíticos da Infância e Adolescência (NEPsI).

Presidente CBP-RJ (2004-2006; 2006-2008; 2018-2020; 2020-2022).

Musicista pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Musicoterapeuta pelo Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário.

Especialista em psicanálise pelo Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Especialista em educação psicomotora pelo Centro Universitário do Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação (IBMR).

Mestre em pesquisa e clínica em psicanálise pelo Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

E-mail: annalucia2004@gmail.com

Maria Beatriz Jacques Ramos

Psicanalista.

Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS).

Filiada ao Círculo Brasileiro de Psicanálise e à International Federation of Psychoanalytic Societies.

Doutora em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Presidente do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (2010-2015).

Coordenadora do Instituto de Estudos de Psicanálise (2015-2021).

Coordenadora de seminários do Instituto de Estudos de Psicanálise – CPRS.

Coautora em livros publicados:

Psicologia e Educação (Edipucrs, 1998); *Aprender e ensinar: diferentes olhares e práticas* (Edipucrs, 2011); *Conexões virtuais: diálogos com a psicanálise* (Escuta, 2016).

E-mail: mbeatrizjacques@gmail.com

Noeli Reck Maggi

Psicóloga.

Psicanalista.

Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS).

Doutora em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Editora da revista *Estudos de Psicanálise* (2007-2021).

Coordenadora do Instituto de Estudos de Psicanálise do CPRS (2021-).

Coordenadora de seminários no Instituto de Estudos de Psicanálise do CPRS.

Coautora em livros publicados:

Conexões virtuais: diálogos com a psicanálise (Escuta, 2016).

Desfazendo o feitiço: a tentativa de reconstituição do sujeito (Evangraf, 2006).

E-mail: nrmaggi@gmail.com

Paola Fachini

Psicóloga.

Psicanalista.

Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS)

Professora do curso de formação do Instituto de Estudos de Psicanálise do CPRS.

Presidente do CPRS (2007-2008; 2008-2009; 2020-2021).

Especialista em psicologia clínica pelo CRP/07.

Especialista em criminologia pela PUCRS.

Especialista em saúde mental coletiva pela Secretaria Municipal de Saúde e Universitat de Roviri I Virgili.

Psicóloga criminalista na Secretaria de Justiça e Trabalho e Cidadania (1991-1994).

Psicóloga da FEBEM/RS no atendimento de adolescentes infratores (1994-2001).

Psicóloga no Centro Médico do Tribunal de Contas do RS (2005-2015).

E-mail: paola.fachini@gmail.com

O medo sem face na pandemia da covid-19¹

The faceless fear of covid 19 pandemic

Eliana Rodrigues Pereira Mendes

Resumo

O medo é uma emoção não patológica, universal, própria dos seres mais elevados da escala animal. Tem sua origem na angústia e no desamparo. É caracterizado, diferentemente da angústia, como tendo um objeto identificável. Na pandemia da covid-19, seu causador, o coronavírus, não é facilmente verificável, o que tornou o medo muito mais próximo da angústia. Todos os outros seres humanos são vistos como possíveis portadores do mal, o que nos faz vulneráveis ao contato humano, em todas as situações.

Palavras-chave: Medo, Angústia, Pandemia covid-19, Desamparo.

O que refletir sobre a pandemia que nos assola desde 2020? Muito já foi dito e analisado recentemente e podemos cair numa repetição fácil. Pensei num aspecto pouco menos abordado e me deparei com o medo.

O medo é um afeto não patológico, universal, próprio dos seres mais elevados da escala animal. Tem sua origem na angústia e no desamparo. Segundo o artigo *Medo, perplexidade, negacionismo, aturdimiento – e luto: afetos do sujeito da pandemia*, de Marco Antônio Coutinho Jorge, Denise Maurano Mello e Macla Ribeiro Nunes (2020, p. 586),

[...] o termo medo não é muito comum nos estudos de psicanálise, onde ele é comumente recoberto por seu afeto gêmeo, a angústia, esta sim, onipresente nos trabalhos teóricos e clínicos. Desde as descobertas de Sigmund Freud sobre o inconsciente, feitas na língua alemã, na qual a palavra *angst* designa tanto o medo como a angústia, esse recobrimento se tornou familiar aos estudiosos da mente.

Freud, entretanto, apesar de ter privilegiado a angústia em sua obra, junto aos sintomas e às inibições, distinguiu um afeto do outro dizendo que a angústia é caracterizada como uma reação a uma excitação que não pode ser assimilada, não tendo um objeto identificável e o medo é caracterizado por ter um objeto identificável (um bicho, uma pessoa, uma situação). Já a angústia se manifesta como um sufoco, uma sensação corporal difícil de ser designada. O desamparo, por sua vez, corresponde a um estado no qual o sujeito se acha privado de ajuda moral e material. Pode-se fazer uma escala crescente do medo em prudência, precaução, alarme, ansiedade e pânico até o terror. À medida que esses estágios são percorridos, vê-se que o medo tem uma função protetora que nos livra dos perigos e que muitas vezes pode nos levar à morte, a menos que sejamos advertidos por esse sentimento de uma ameaça iminente.

Na situação desta pandemia que vivenciamos desde março de 2020, o medo tem sido um afeto que nos toca muito de perto, prin-

1. Trabalho apresentado no XXIV CONGRESSO DE PSICANÁLISE DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE - PARA ALÉM DA PANDEMIA: ECOS NA PSICANÁLISE, realizado pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, de 4 a 6 nov. 2021, por meio da plataforma Zoom.

principalmente o medo da morte. Na pandemia esse medo se evidencia como o medo tanto da própria morte quanto da morte de entes queridos. A morte sempre foi difícil de ser encarada. Não tem representação psíquica, pois não sabemos o que vem depois dela. Morrer significa o fim de tudo que conhecemos, o silêncio mais completo e medonho.

Freud ([1915] 1974, p. 317), em seu artigo *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, escrito durante a Segunda Guerra Mundial, para a qual dois de seus filhos foram convocados a lutar, fala de sua desilusão com a guerra. Destaca a

[...] baixa moralidade mostrada por nações que nas relações internas se arvoram em guardiãs dos padrões morais e também pela brutalidade mostrada por indivíduos que, como participantes da mais elevada civilização humana, jamais seriam julgados capazes de tal comportamento.

O que seria algo inaceitável para um ser humano qualquer, como tirar a vida de outra pessoa, transforma-se, então, num ato heroico, que leva a honras e condecorações. Os que se recusam a lutar numa guerra são considerados covardes e inimigos da pátria, e estão sujeitos à prisão. Isso representa uma torção superegoica significativa, tendo que fazer emergir uma agressividade instintiva.

Quanto à nossa atitude em relação à morte, Freud ([1915] 1974, p. 327) destaca que a morte seria

[...] o desfecho necessário e inevitável da vida e todos devem a morte à natureza e têm que prever o pagamento dessa dívida.

Mas o ser humano mostra uma tendência inequívoca para deixar a morte de lado, eliminando-a da sua mente. Em grandes tragédias como as guerras, catástrofes e pandemias

[...] a morte já não pode ser negada e temos que acreditar nela, forçosamente. As pessoas morrem realmente, mas não mais uma a uma e sim muitas ao mesmo tempo. A morte deixa de ser um evento fortuito (FREUD, [1915] 1974, p. 329-330).

Mas, de qualquer modo, ainda temos uma tendência a não lidar com ela. Não sabemos muito sobre a morte. Ela é o fim de tudo, o silêncio mais completo e medonho.

No dizer de Hamlet,

Quem suportaria fardos, gemendo e suando numa vida de fadigas, senão porque o terror ante algo após a morte, a terra ignota de cujos confins nenhum viajante retornou, nos congela a vontade e nos força a aguentar os males que já temos em vez de ir para outros que desconhecemos? (SHAKESPEARE, [1599/1601] 2015 p. 112).

Esta pandemia nos trouxe um sentimento de medo dos próprios seres humanos. Cada um deles pode ser o possível portador do mal, o que nos faz vulneráveis ao contato humano. Isso torna todas as relações perigosas, pois o vírus nos é trazido por algum semelhante desavisado, que vai nos tirar o ar, nossa tão importante e gratuita fonte de vida. Ao nascermos, a primeira tomada de ar traz o vagido, o primeiro grito do bebê, em reação ao mundo e, ao morrer, o ar que expiramos é também a última troca que se faz com este mesmo mundo.

Jorge, Mello e Nunes (2020, p. 586) afirmam:

É incrível que na pandemia o medo da contaminação pelo vírus, esse enigmático inimigo da vida humana, surge quase indistinguível da angústia: pois há o objeto que se teme, mas onde está ele? A invisibilidade do vírus esvanece o objeto que se teme e ao mesmo tempo o torna onipresente, produzindo o sufocamento característico da angústia. Quando medo e angústia se tornam homogêneos,

prestando-se a uma inédita confusão afetiva, os sujeitos reagem de formas diferentes: com perplexidade, negacionismo ou aturdimento.

O inimigo está em todos os lugares, é anônimo, sem face, irreconhecível. Não sabemos do que e de quem ter medo. Não podemos abraçar ou nos aproximar dos entes queridos, todos eles uma ameaça de doença e morte. O isolamento forçado a que tivemos de nos submeter acirrou o desamparo. Uma das situações mais difíceis dessa infecção é o isolamento também nos hospitais, com a perspectiva de total ausência das pessoas amadas. Nem o consolo de um aperto de mãos é possível, nem mesmo para a despedida final.

Estamos confrontados com os quatro flagelos da humanidade de que nos fala o livro do Apocalipse, de São João: a fome, a peste, a guerra e a morte. A fome é uma das fontes de maior sofrimento, porque obriga os seres humanos a um definhamento lento e criminoso, pois em nosso caso, não é que falte a comida, mas a sua distribuição é tremendamente desigual. As medidas desencontradas e sem planejamento da pandemia levaram a uma falência grande na economia de vários segmentos sociais. Desde o princípio da covid-19, vimos os mais vulneráveis socialmente serem obrigados a perder seus minguados recursos e vasculhar o lixo para a própria sobrevivência, o que constitui uma degradação do humano. A peste, a pandemia que assolou o planeta nos traz a incerteza da sobrevivência, e aí também aparecem os mais indefesos como as maiores vítimas: os idosos. Uma sociedade verdadeiramente civilizada é aquela que pode cuidar de suas pontas: as crianças e os idosos, que representam não uma força de trabalho, mas o respeito ao futuro, no caso das crianças, e ao passado, no caso dos idosos. A guerra, nesta situação atual é a guerra das informações e das *fake news*, fenômenos contemporâneos que nos trazem medo e desassossego. Essa guerra de informações sempre existiu.

Freud ([1915] 1974, p. 316) diz em seu texto *Reflexões para os tempos de guerra e morte*:

O Estado exige o grau máximo de obediência e sacrifício de seus cidadãos; ao mesmo tempo, porém, trata-os como crianças, mediante um excesso de sigilo e de uma censura quanto a notícias e expressões de opinião, que deixa os espíritos daqueles cujos intelectos ele assim suprime, sem defesa contra toda mudança desfavorável dos eventos e todo boato sinistro.

Tivemos, no Brasil, todo tipo de notícias desencontradas e mudança de responsáveis pela pandemia, o que trouxe ainda mais dúvidas, sem fornecer ao menos alguma segurança do que iria acontecer. Também em relação às vacinas, que seriam a forma mais viável de diminuir o grande número de infectados e de limitar o tempo de duração da pandemia, vivemos uma verdadeira desinformação, com notícias alarmantes e mentirosas sobre a validade e os efeitos delas. Isso levou a uma negação da tomada de vacina, exacerbada pela intromissão totalmente indevida de uma política de ódio, ignorância e segregação.

Quanto à morte, essa se tornou tão banalizada, que ficamos entorpecidos pelo número de óbitos diários. Cada vida individual se torna apenas um número na estatística geral. O luto, um sentimento tão característico diante das perdas dos objetos que amamos, fica esmaecido pela alta quantidade de acontecimentos funestos.

Este texto de Freud *Reflexões para os tempos de guerra e morte* foi seguido por outro escrito muito poético: *Sobre a transitoriedade* ([1916/1915] 1974), em que Freud fala sobre o valor da transitoriedade como o valor da escassez do tempo. No final de seu texto *O mal-estar na civilização* ([1930] 1974, p. 171), Freud se pergunta qual seria o resultado do embate das pulsões de vida com as pulsões de morte, dois adversários imortais.

Essa questão fica em aberto. No texto *Sobre a transitoriedade* ([1916] 1974), Freud termina com esperança. Como muitos de nós gostaríamos de afirmar, a pandemia nos fará mais sensíveis para os verdadeiros valores da vida.

São palavras de Freud na conclusão do texto:

O luto, como sabemos, chega a um fim espontâneo. Quando renunciou a tudo que foi perdido, então consumiu-se a si próprio e nossa libido fica mais uma vez livre (enquanto formos ainda jovens e ativos), para substituir os objetos perdidos por novos, igualmente ou ainda mais preciosos. É de esperar que isso também seja verdade em relação às perdas causadas por essa guerra. Quando o luto tiver terminado, verificar-se-á que o alto conceito em que tínhamos as riquezas da civilização nada perdeu com a descoberta de sua fragilidade. Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu, e talvez em terreno mais firme e de forma mais duradoura do que antes (FREUD, [1916] 1974, p. 348).

Como seria bom se essa experiência desalentadora do planeta servisse para realmente valorizarmos mais o que temos e o que deixamos de viver enquanto está durando a pandemia! Em situações de crise, assistimos ao melhor que as pessoas podem dar de si e também ao pior que lhes traz a pulsão de morte. Se tivemos profissionais dedicados que deram a própria vida para salvar seus semelhantes, tivemos também todo tipo de crimes hediondos por parte de outros que roubaram oxigênio, se aproveitaram da situação caótica para encherem os bolsos, passaram à frente dos mais desafortunados pela sorte, tomando as vacinas primeiro que outros, especularam com o sofrimento alheio, viveram como se não houvesse um amanhã, em que teriam de se confrontar com as próprias ambições.

Na última conferência da ONU, em Davos, para se discutir a sobrevivência do planeta, o secretário-geral António Guterres nomeou

quatro outros flagelos atuais que desestabilizam o mundo e que a humanidade tem de encarar, além dos quatro do Apocalipse: as alterações climáticas, a desconfiança dos cidadãos, as tensões geopolíticas e as ameaças tecnológicas.² Enfim, vivemos tempos sombrios, com grandes ameaças e medos indiscriminados. Está armado um grande desafio para o nosso narcisismo: como poderemos contornar todos os fatores negativos que vivemos nestes tempos?

E a psicanálise, como fica nesse momento? A meu ver, a psicanálise é uma saída das mais pertinentes nesta nossa situação. O fato de um sujeito poder ser escutado e trabalhar suas questões mais prementes é um grande privilégio. Impossibilitados pelo distanciamento imposto pela pandemia, a forma presencial da psicanálise teve de ser modificada. A permanência dos atendimentos foi 'resolvida' pelo atendimento *on-line*. Seria a verdadeira psicanálise? O que decorre do fato de não vermos a pessoa em sua totalidade? Tal fato seria impossibilitador da análise? Estaríamos todos aptos a manejar os dispositivos eletrônicos que passaram a ser essenciais? Estas perguntas têm ecoado em nossa mente, e muito se tem discutido sobre elas. Mesmo não sendo perita na informática me pus a trabalho, pois queria receber meus analisandos. Muitos vieram logo, sem questionar, mas outros não se dispuseram a tentar. Penso que a questão principal foi a falta de privacidade que esse formato pode propiciar, tanto no caso do analisando quanto no caso do analista: alguém mais ouviria o relato da intimidade que é exigida para essa situação? Com a demora da duração da pandemia, vários deixaram essas questões de lado, e voltaram às sessões, o que foi muito bom para os dois participantes da sessão analítica. Recebi até mesmo novos analisandos que

2. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/mercados/internacional-e-commodities/noticia/2020/06/03/forum-de-davos-2021-em-janeiro-vai-propor-grande-reinicio.ghtml>.

vieram premidos pela situação vivida. Impedida pessoalmente de atender no presencial por causa da idade avançada, me perguntei: mas afinal, o que é realmente essencial no encontro analítico? Cheguei à conclusão de que é necessário apenas alguém que queira falar de si e alguém disposto a ouvir de forma diferenciada o que for dito. Se Freud não tivesse sido persistente e audacioso na sua ideia de dar voz à histéricas, elas talvez ainda estariam vegetando nos hospitais psiquiátricos. Se o divã não tivesse sido propício para a cura pela fala, se todas essas inovações não tivessem sido descobertas no passo a passo da nova experiência de tratamento, estaríamos ainda enrolando os portadores de sofrimento mental em lençóis molhados para contê-los? Os benefícios da invenção psicanalítica não poderiam ser usados em outras situações?

A experiência nos diz que sim. Onde há um desejo de analista verdadeiro e uma possibilidade de transferência, de uma interpretação ou de um ato analítico, aí pode haver análise. A análise de crianças, de doentes hospitalizados, de psicóticos, todas elas fora do *setting* habitual e fora da “cura tipo” falam em favor da psicanálise. As abordagens que começam a ser feitas nas praças também vão se mostrando viáveis. Em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, Lacan ([1953] 1998, p. 322) já falava que

[...] o psicanalista tem de se haver com a subjetividade de sua época! Pois como poderia fazer de seu ser o eixo de tantas vidas quem nada soubesse da dialética que o compromete com essas vidas num movimento simbólico?

Enfim, todas as situações nas quais não sabemos como agir nos pedem uma invenção. Os tropeços fazem parte das invenções. A psicanálise não abriga em sua prática a mesma regra para todos. Ela sempre nos coloca diante de enigmas e de desafios. A pulsão de morte nos empurra para uma criação. A pandemia da covid-19 nos trouxe a neces-

sidade de tentar outros modos de saber fazer, nos desalojou de uma rotina. Nesse ponto, uma novidade que nos faz procurar a essência de nossa prática se impõe, para seguirmos adiante, mesmo com todos os desafios presentes.

Abstract

Fear is a non-pathological, universal emotion, typical of the highest beings of the animal scale. It has its origin in anguish and helplessness. It is characterized, unlike anxiety, as having an identifiable object. In the covid 19 pandemic, its cause, the corona virus, is not easily verifiable, which made fear much closer to anguish. All other human beings are seen as possible carriers of illness, which makes us vulnerable to human contact in all situations.

Keywords: *Fear, Anguish, Covid-19, Pandemic, Helplessness.*

Referências

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1974. p. 75-177. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

FREUD, S. Reflexões para os tempos de guerra e morte (1915). In: _____. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1974. p. 309-341. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, S. Sobre a transitoriedade (1916 [1915]). In: _____. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1974. p. 343-356. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

JORGE, M. A. C.; MELLO, D. M.; NUNES, M. R. Medo, perplexidade, negacionismo, aturdimiento - e luto: afetos do sujeito da pandemia. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, SP, v. 23, n. 3, p. 583-596, set. 2020.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: _____. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1998. p. 238-324. (Campo Freudiano no Brasil).

SHAKESPEARE, W. *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*. Tradução e notas de Lawrence Flores. Ensaio de T.S. Eliot. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2015.

Recebido em: 18/11/2021

Aprovado em: 29/11/2021

Sobre a autora

Eliana Rodrigues Pereira Mendes

Especialista em Psicologia Clínica.

Atende em consultório particular desde 1970.

Psicanalista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG) filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP).

Presidente do CPMG de 1999 a 2001 e de 2011 a 2014.

Docente de Psicanálise e Cultura no programa de formação de analistas do CPMG.

Delegada do Brasil na IFPS desde 1998.

Editora Regional da IFP para a América do Sul de 1997 a 2020.

Tem vários artigos publicados em livros e periódicos no Brasil e na IFP, editora convidada de três de seus números: *Realidades sociais e psicanálise*; *Múltiplas faces da perversão*; e *Psicanálise e trabalho na contemporaneidade*.

E-mail: elianarpmendes@hotmail.com

Uma vida paralela na UTI: a escuta psicanalítica do paciente pós-covid 19¹

*A parallel life in the ICU:
the psychoanalytic listening of the post Covid 19 patient*

Elizabeth Samuel Levy

Resumo

Trazemos fragmentos clínicos autorizados de um paciente em pós-covid, que relatou sua experiência nomeada por ele de “vida paralela” durante o tempo em que ficou entubado na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) para pacientes com covid-19, o chamado “covidário”. Os relatos seriam delírios, fantasias, devaneios? Como sobreviver a 3 meses de hospitalização: 45 dias de UTI e quase 30 dias entubado? Ainda com poucas respostas e muitas perguntas, contamos com as contribuições da psicanálise na escuta clínica para reconstruir a história particular de cada um diante dos destroços deixados até agora pela pandemia e seus efeitos psíquicos. Na e pela transferência, foi possível sair do estado de angústia e desamparo, e atribuir um sentido ao que foi vivido e revivido na UTI.

Palavras-chave: Pandemia, Angústia, Desamparo, Medo, UTI.

Diante das reverberações da pandemia em nós, a psicanálise também teve que se reinventar e escutar de onde o sujeito pudesse falar. As manifestações transferenciais e contratransferenciais ecoam frente ao desamparo, à angústia e ao medo que afetam todos. Gostaríamos de dividir com vocês nossas reflexões sobre as manifestações do sofrimento psíquico vividas e revividas diante da pandemia, que ainda nos assombra sobremaneira. As questões que abordaremos se baseiam no que escutamos na clínica psicanalítica *on-line* com um paciente que acabava de sair do hospital.

Chamarei de Danilo um paciente de 66 anos, 1,90 m, 125 kg, que contraiu a covid-19 num encontro de família no Natal de 2020. Foi internado e no 6.º dia transferido para a

UTI- covid. Seu quadro foi se agravando a cada dia: saturação baixa, pulmões comprometidos; enfim foi entubado e passou quase 1 mês entre a entubação clássica e a traqueostomia (procedimento de ventilação). Entre a vida e a morte, Danilo foi se mantendo. Passou 3 meses internado entre UTI e apartamento com isolamento. Ao receber alta em março de 2021, Danilo pediu imediatamente para ver um analista, pois dizia que precisava entender o que havia acontecido com a “sua mente” no período em que passou na UTI (quase inconsciente o tempo todo).

Danilo foi indicado para mim por uma colega que sabia que, além de psicanalista, eu tinha experiência em hospitais e principalmente em UTI/CTI. No momento em que entrou em contato comigo, os atendi-

1. Trabalho apresentado no XXIV CONGRESSO DE PSICANÁLISE DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE - PARA ALÉM DA PANDEMIA: ECOS NA PSICANÁLISE, realizado pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, de 4 a 6 nov. 2021, por meio da plataforma Zoom.

mentos estavam apenas *on-line*, sem chance de encontro presencial. Falamos ao telefone inicialmente e ele dizia:

Preciso entender o que aconteceu, naquela UTI. Eu senti tudo que você possa imaginar. Mas preciso entender. Agora continuo com medo, angústia e vontade de chorar o tempo todo. Dores pelo corpo inteiro. Sequelado sabe?

Para entender sobre Danilo ter ficado internado 3 meses no hospital e 1 mês em UTI, nos remeteremos à intersecção entre psicanálise e hospital. Desde trabalhos anteriores, na minha dissertação *Desamparo, transferência e hospitalização em CTI* (LEVY, 2008), tenho investido e investigado sobre a escuta psicanalítica em ambulatórios e instituições hospitalares com pacientes inicialmente com demandas após enfermidades orgânicas.

Sabemos que Freud era médico neurologista e sua trajetória foi se desenvolvendo em suas pesquisas clínicas que o levaram a elaborar um método de investigação científica baseado em suas experiências que estavam ligadas, no início de sua prática profissional, a pacientes internados em hospitais para tratamento de doenças orgânicas. Ao atender as históricas e escutar o que elas tinham a falar, Freud deu um passo fundamental que marca a invenção da psicanálise. Freud deu voz às mulheres e seus sintomas (LEVY, 2008, p. 73). Viemos de uma tradição da psicanálise em que seu criador, que era médico, transformou o leito em divã. Porém, em sua técnica, Freud cada vez mais se distanciou do biológico e foi penetrando na alma humana pela via do reconhecimento dos processos inconscientes.

O hospital é um campo vasto, fértil e ao mesmo tempo árido, que traz consigo os contrastes e a ambivalência da condição humana, num panorama em que a vida e a morte se misturam representados pela dor e pelo sofrimento daqueles que passam por essa experiência (LEVY, 2008, p. 10). Ao se

internar na UTI, o paciente fica longe de sua família e de seus amigos, sem seus pertences, muitas vezes sem nada que o identifique, nem mesmo seu nome. Passa a ser um número ou uma patologia. Veste-se com roupas do hospital ou, às vezes, fica sem roupas, dependendo inteiramente de alguém que possa vir ajudá-lo, alimentá-lo ou cuidar de algo que está impossibilitado de fazer sozinho (LEVY, 2008, p. 75).

Além de inúmeras restrições de toda ordem, Danilo está no que se chama de “covidário”, sem poder ter nenhum contato externo e familiar, a não ser com a equipe de saúde. Esse nome parece remeter o sujeito ao que se imagina um espaço de pessoas contagiosas e condenadas à morte. Ainda mais que as pessoas que vêm ajudar estão vestidas como astronautas, com roupas especiais para não serem contagiadas.

Esse estado de total dependência em que o paciente de UTI se encontra nos levou a pensar no que Freud ([1950/1895] 1976, p. 336) postula sobre o desamparo inicial, quando afirma, de forma objetiva, a impotência do recém-nascido humano de realizar uma ação específica que garanta sua sobrevivência, além de sua total dependência do outro para a satisfação de suas necessidades. E na UTI o paciente fica totalmente à mercê do outro como um bebê desamparado.

Decat de Moura (2000), que também trabalha com essa hipótese, afirma:

[...] na urgência, em situação de hospitalização, o sujeito é lançado no estado inicial de desamparo, estado que pode se repetir em qualquer momento da vida, revelando a precariedade da condição humana [...] (DECAT DE MOURA, 2000, p. 9).

No paciente que a princípio é hospitalizado pelo sofrimento físico, se revela algo que ele traz consigo e que emerge se presentificando pelo medo do abandono, da morte e fundamentalmente frente ao desamparo.

Danilo passou muitas sessões falando com riqueza de detalhes do que vivera na UTI e que chamou de “vida paralela”. Inicia seu relato dizendo que morreu 3 vezes e voltou. Nessa quase morte, lembrava que as pessoas que ele mais amava estavam abandonando-o ou fazendo algo que o descontentava. Seu maior medo era que ele se via impotente diante de sua própria morte. Contou que, nessa vivência de uma vida paralela, seus 3 filhos e sua ex-esposa estavam presentes durante toda a sua hospitalização na UTI.

Mas; eu falava com eles, eles não me escutavam! Eu queria falar e minha voz não saía! Eles vendiam as minhas coisas, usavam meu dinheiro e eu não queria. Por que eles estavam fazendo isso comigo?

E começava a chorar. Assim se passaram várias sessões. E Danilo, ainda em fisioterapia, acamado, cansado e taquicárdico, dizia:

Tenho medo de nunca mais me livrar da covid. Mesmo sabendo que não estou mais com covid, a sensação não passa.

Ao sair de casa para uma consulta médica presencial, Danilo sentia medo e angústia:

Só consigo sentir medo, muito inseguro de sair na rua, parece que sou uma criancinha aprendendo a andar novamente.

Um dia Danilo precisou ir ao dentista e, ao sentir o aparelho de jogar água adentrando em sua boca, ficou em pânico, quase vomitou associando a ideia de voltar a ser entubado. Enfim, muitas reverberações do que foi traumático na UTI, agora sendo revividas em seu dia a dia. Em seu relato, Danilo insistia que não estava sonhando ou delirando ao longo do tempo em que ficou entubado. Foi como se tivesse uma vida paralela. Será que Danilo precisou dessa vida paralela para se manter ligado à vida? Sonho? Devaneios? Delírios? Não temos exatamente como res-

ponder, mas podemos tentar refletir sobre essa vida paralela que o sustentou na UTI por um mês entubado, em estado “inconsciente”.

Quase morri de verdade. É incrível chegar tão perto assim da morte. Uma vez, eu lembro de meu coração ter parado e eu estava dentro de um caixão. Mas eu abria os olhos e via meus filhos. Senti muito medo deles fecharem o caixão e eu ficar ali sozinho. Será que eles não ligavam para mim? Meus irmãos também estavam, mas eu estava totalmente desamparado!

Danilo disse que antes não tinha medo da morte, mas agora tem. Freud ([1914] 1976), em *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, diz que nossa tendência diante da morte é negá-la. Quando refletimos sobre nossa própria morte, ela permanece inimaginável, porque não temos essa representação no inconsciente. O acontecido com Danilo reflete o real traumático vivido naquela situação entre a fantasia e a realidade. E quando somos convocados a pensar na morte como possibilidade real, mesmo assim, ainda parece difícil de aceitar.

Na pandemia, parece que a pulsão de morte se instalou em forma de angústia, que deixa marcas sintomáticas. É o *pathos* fazendo suas manifestações das mais variadas formas. Assim estamos vivendo nestes tempos, em que a morte se avizinha, e eu ou você podemos ser os próximos infectados.

Danilo, por várias vezes, relatava que viu a própria morte:

Parece que eu me olhava de cima de mim e que eu queria lutar contra a morte e eu pensava que estava num campo de guerra!

A Grande Guerra, a que Freud se refere ([1915] 2020) em *Transitoriedade*, radicalizou a transitoriedade dos objetos. Freud se questiona sobre os limites e as possibilidades do trabalho de luto, posto que a guerra

destrói não apenas as belezas da natureza e as obras de arte, mas, igualmente e de forma jamais vista, as mais nobres aquisições da cultura, “deixando nua nossa vida pulsional (*Triebleben*)” (FREUD, [1915] 2020, p. 223-224). Se pensarmos na guerra contra a covid-19, principalmente antes das vacinas, poderemos fazer uma analogia com a Segunda Guerra Mundial e suas consequências psíquicas, principalmente, é claro, naqueles que passaram por ela e a ela sobreviveram.

No caso de Danilo, ele é um sobrevivente que ainda duvida de estar vivo. Parece nu em sua vida pulsional, como sugere Freud em sua analogia da transitoriedade dos objetos diante de uma guerra, da impotência e da finitude. Parece estranho, mas somos até agora sobreviventes desta guerra pandêmica. O trauma comparece nas experiências de cada sujeito afetado, como vimos em Danilo.

Braunstein (2003, p. 93), citado por Ceccarelli e Levy (2020, p. 139) afirma:

O trauma corta a vida em duas partes: antes e depois. Só que aquele que respira depois não é o mesmo de antes. Um morreu; outro ficou em seu lugar [...]. Aquele que “voltou a nascer” é um lesado, um sonâmbulo que carrega os restos mortais daquele que não voltará mais.

Laplanche e Pontalis (1983, p. 678) citados por Levy e Ceccarelli (2020, p. 146) definem:

O trauma se caracteriza pela impossibilidade do indivíduo em responder adequadamente a um afluxo de energia que ultrapassa sua capacidade de elaboração psíquica. Um excesso de excitação que paralisa o sujeito deixando-o sem reação, pois atualiza situações pregressas de desamparo. Como consequência, ocorrem transtornos que podem ter efeitos patogênicos na organização psíquica do sujeito.

A invasão de energia provocada pelo trauma obriga o psiquismo a encontrar outras

formas de dar vazão ao excesso produzido pelo acontecimento traumático. Esse excesso só pode ser descarregado através do representante psíquico da pulsão. Caso a ligação pulsão-representante não ocorra, a integridade do sujeito se vê ameaçada.

O trauma se constitui, então, como um

[...] encontro com o real, mas esse encontro é coberto por outro encontro onde nos falta a representação, o que causaria esse excesso de excitação do traumatismo [...] o efeito disso é o olhar vazio, um sujeito vazio (HARTMANN, 2019, p. 405).

Assim, Danilo segue entre seu próprio estranhamento familiar, entre a quase morte e a meia-vida que se depara. Cada um de nós responde de uma forma diante do inédito da situação traumática, com seus próprios recursos internos e estruturais a lidar com a angústia e o desamparo avassaladores aos quais somos arremessados. Em seus atendimentos *on-line*, Danilo menciona angústia, medo e falta de ar. Às vezes é uma falta de ar lembrada. A falta de ar mergulhada na angústia, invade o sujeito e o move para um sentimento de desamparo mais primitivo, algo da ordem do ‘insocorrível’, como nomeia Ceccarelli (2005) ao se referir ao desamparo de cada um de nós.

No Apêndice B de *Inibição, sintoma e angústia* ([1926] 1976), na seção *Observações suplementares sobre ansiedade*, Freud trata do afeto da angústia e apresenta algumas características sobre o assunto. Afirma que a angústia tem relação com a expectativa, tem uma qualidade de indefinição e falta de objeto. Nesse contexto, Freud ([1926] 1976, p. 190) afirma que, em linguagem precisa, emprega-se a palavra “medo” [*Angst*] em vez de ansiedade ou angústia.

Freud distingue a angústia do medo, pois o medo estaria sempre ligado a um objeto, (alguém tem medo de algo). A angústia faz abstração dessa determinação do objeto e implica uma indeterminação do perigo (não

se sabe o porquê de estar angustiado). A angústia é, por um lado, uma expectativa de um trauma e, por outro, uma repetição dele em forma atenuada. Assim, os dois traços de angústia têm uma origem diferente. Sua vinculação com a expectativa pertence à situação de perigo, ao passo que sua indefinição e falta de objeto pertencem à situação traumática de desamparo – a situação que é prevista na situação de perigo (FREUD, [1926] 1976, p. 191).

Seguindo a sequência angústia-perigo, desamparo-trauma, podemos resumir que Freud ([1926] 1976) sustenta que uma situação de perigo é uma situação reconhecida, lembrada e esperada de desamparo. A angústia é a reação original ao desamparo no trauma e é reproduzida depois da situação de perigo como um sinal em busca de ajuda. O eu que experimentou o trauma passivamente agora o repete ativamente numa versão enfraquecida, na esperança de ser ele próprio capaz de dirigir seu curso.

A vivência de Danilo parece confrontá-lo com sentimentos diversos. E talvez, ao longo da análise, ele possa simbolizar no futuro justamente como acontece com as situações traumáticas que só serão simbolizadas *a posteriori*. A pandemia da covid-19 nos coloca de frente com sentimentos que nos causam angústia, medo e desamparo. Tantas marcas traumáticas! Tantos medos! Tantas perdas! Quais serão os destinos dessas marcas da pandemia na forma de subjetivação contemporânea?

Antes de finalizar, faremos considerações sobre a escuta psicanalítica para além do divã. Temos debatido bastante sobre os novos dispositivos que a clínica psicanalítica vem utilizando. A clínica *on-line* nos coloca frente a frente com novos arranjos de um *setting* possível mantendo o principal: a ética da psicanálise. Repentinamente, nos vimos diante do inédito da técnica, tendo que resignificar nossa prática sem técnicas preestabelecidas, a não ser a própria que já temos, ancorados em Freud e suas recomendações e regras fundamentais.

A proposta da psicanálise está justamente na possibilidade de oferecer escuta à singularidade do sofrimento psíquico, suas implicações no processo de subjetivação do sujeito, levando em conta as condições de possibilidade da situação atual, priorizando a escuta ao *setting* tradicional. Ao atender pessoas em condições diversas e adversas, nos deparemos com novas formas de manifestação da transferência. Estamos atendendo pessoas que nunca vimos pessoalmente. Como acontece o estabelecimento da transferência? Como atender pessoas que ficavam no divã e agora estão cara a cara conosco?

Se pensarmos no que Freud ([1912] 1976) postula em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, podemos fazer uma analogia com este momento virtual. Ele afirma que o analista

[...] deve voltar seu próprio inconsciente, como um órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do paciente [...] (FREUD, [1912] 1976, p. 154).

Mesmo *on-line*, devemos nos deixar fluir para que os inconscientes se conectem. Segundo Lindenmeyer (2020), a conexão com uma pessoa que não está próxima pode remeter o sujeito à sensação de desamparo. A autora afirma que a qualidade da presença do outro tem efeitos paradoxais: de um lado, pode produzir uma dependência e, por conseguinte, aumentar a vulnerabilidade; de outro lado, pode colaborar no surgimento de novas alternativas.

Nesse sentido, afirma Lindenmeyer (2020, p. 2-3),

[...] é fundamental compreender que não se trata apenas de conectar o sujeito a uma resposta, mas de conectá-lo a uma pessoa.

Essa pessoa é o analista, que, na e pela transferência, poderá promover o movimento que transforma numa saída criativa a excitação insuportável ligada ao desamparo. Ao

escutar, o analista possibilita que o sujeito se escute. No modo *on-line*, temos que aguçar nossa atenção para a qualidade dessa escuta, no sentido da própria comunicação, na forma como as associações livres compõem e na representação do silêncio que, na maioria das vezes, se torna mais enigmático: seria um processo inerente ao momento de elaboração, ou a internet travou?

Dessa forma, gostaria de destacar também as manifestações contratransferenciais que compõem ao atendermos em *settings* tão diferentes do divã no consultório. Os atravessamentos desse novo momento em que conhecemos a casa do paciente, ou ele está sentado no vaso sanitário, ou comendo, ou posicionando o celular de forma que você enxerga detalhes de seu corpo que causam sensações no analista. É o encontro com o real do encontro? Que tipo de contratransferência ocorre nesse *setting*?

Na minha dissertação sobre psicanálise e hospital (LEVY, 2008), durante os atendimentos a pacientes em situação de doenças orgânicas, criei o termo “contratransferência visceral” para designar o impacto do corpo do paciente no corpo do analista, o que causa um certo mal-estar como enjoo, suor frio ou qualquer desconforto, ou até mesmo uma repulsa. Geralmente essas sensações tinham a ver com feridas expostas ou cirúrgicas, ou odores que são peculiares ao *setting* hospitalar.

Porém, aqui neste modelo de atendimento, também podemos nos sentir atravessados por essas sensações algumas vezes com alguns pacientes como Danilo, que era atendido *on-line* em sua cama, sem camisa, com marcas pelo corpo, com dificuldade de se locomover, fazendo expressão de dor no rosto durante todo o tempo. As reações contratransferenciais compareciam, mas eram bastante observadas pela analista para que o andamento das sessões fluísse.

Danilo vem atribuindo significados em sua vivência no que chamou de “vida paralela na UTI”, podendo ressignificar o que foi

vivido e revivido lá, diante do que passou e pelo desejo de saber sobre si. Sua posição na dinâmica familiar, a forma como vinha lidando com os filhos e familiares em geral, tudo parecia começar a fazer sentido quando remonta sua história particular. Em sua vivência de quase morte, relatada em análise, as perdas e os mortos anteriores também reapareceram. Mesmo diante de tanto sofrimento físico e psíquico na UTI, Danilo se manteve vivo! Seus sonhos, seus devaneios ou seus delírios o mantiveram em funcionamento? Foi uma saída na guerra de Eros *versus* Tãnatos?

A escuta psicanalítica, na e pela transferência, ao acessar o inconsciente, possibilitou dar um contorno interessante em sua “quase morte”. Na análise, foi possível que Danilo pudesse nomear os vivos e os mortos. E agora as perguntas se tornam questões. Ao falar em análise, ao querer saber sobre si, talvez Danilo não seja apenas um sobrevivente advindo de uma batalha entre a vida e a morte, mas alguém que possa se apropriar de sua história de vida.

Ao se escutar, Danilo parece atribuir significado não somente ao que aconteceu consigo no auge de seu desamparo vivendo e morrendo naquele hospital, mas para que possa simbolizar seus conflitos familiares, seus traumas e dar alguma direção ao seu desejo.

Abstract

We are here surviving with many scratches, reverberating the horror still in the memory of the skin. The covid-19 pandemic has summoned us and still summons us to each wave of variants of the coronavirus, to the variations of feelings that throw us into helplessness, anguish and fear. We all seem to be identified with this sequence of anguished expectations in the face of the traumatic reality we are going through. Still with few answers and many questions, we continue and count on the contributions of psychoanalysis in its clinical listening to reconstruct the particular history of each one in the face of the wreckage left so far by the pandemic and its psychic effects. And how to survive 3 months of hospitalization, with 45 days in the ICU and almost 30 days intubated? We will bring authorized clinical fragments of a post-covid patient who reported his experience that he called “parallel life” during the time he was intubated in the Intensive Care Unit (ICU) for patients with Covid 19, the so-called “covidário”. Were the reports delusions, fantasies, daydreams? In and through the transference, it was possible to leave the state of anguish and helplessness and assign meaning to what was experienced and relived in the ICU.

Keywords: *Pandemic, Anguish, Helplessness, Fear, Intensive Care Unit.*

Referências

BRAUNSTEIN, N. A. Sobrevivendo ao trauma. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, RJ, v. 35, p. 93-114, 2003.

CALAZANS R.; BASTOS A. Urgência subjetiva e clínica psicanalítica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, SP, v. 11, n. 4, dec. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/bWJgqMKJnKrzcHypcYnRsgM/?format=pdf&lang=pt>.

CECCARELLI, P. R. O sofrimento mental na perspectiva da psicopatologia fundamental. *Psicologia em Estudo*, Maringá, PR, v. 10, n. 3, p. 471-477, set./dez. 2005.

FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade (1926[1925]). In: *Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade e A questão da análise leiga*. Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976. p. 189-191. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, 20).

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)*. Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976. p. 336-337. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)*. Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976. p. 154 (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, S. Transitoriedade (1915). *Arte, literatura e os artistas*. Tradução: Ernani Chaves. Belo Horizonte, MG: Autêntica. 2020. p. 223-224. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 3).

HARTMANN, F. Do trauma ao sintoma. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo, SP, v. 22, n. 2, p. 403-406, jun. 2019.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. Tradução: Pedro Tamen. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1983.

LEVY, E.; CECCARELLI, P. R. Considerações sobre desamparo, angústia e trauma: a tragédia em Brumadinho. In: LIGUORI, C.; LEVY, D. R. (Orgs.). *Bruma-*

dinho: da ciência à realidade. São Paulo, SP: LiberArs, 2020. p.139-146.

LEVY, E. S. *Desamparo, transferência e hospitalização em Centro de Terapia Intensiva*. 2008.108 f. Dissertação (Mestrado em psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Pará, Belém do Pará, 2008.

LINDENMEYER, C. O sujeito conectado em tempos de coronavirus. *Revue Hermès – Cognition, Communication, Politique*. 2020. Disponível em: www.hermes.hypotheses.org/4079. Acesso: 04 nov. 2020.

Recebido em: 12/11/2021

Aprovado em: 28/11/2021

Sobre a autora

Elizabeth Samuel Levy

Psicanalista e sócia fundadora do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA).

Psicóloga pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

Mestre em psicologia clínica e social (UFPA).

Especialista em psicologia hospitalar pelo Conselho Regional de Psicologia 10.^a Região.

Pesquisadora do Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia Fundamental (UFPA).

Presidente do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA) 2020/2024, filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e associado à International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).

E-mail: bethslevy@gmail.com

Breve revisão das “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise” (Freud, 1912) em tempos pandêmicos¹

Brief review of “Recommendations for physicians on the psychoanalytic method of treatment” (Freud, 1912) on pandemic times

Gilla Maria Jacobus Bastos
Dario Perez Bastos

Resumo

Surpreendidos pela chegada da pandemia de covid-19 em março de 2020 e com a súbita necessidade da adaptação da técnica psicanalítica para atendimento *on-line*, nos vimos diante do fenômeno com a tarefa de revisar as recomendações para dar conta do trabalho nesta forma contemporânea e de urgência. Revisar o papel do analista como opaco, refletindo como espelho o sofrimento dos pacientes, sua atenção flutuante e o estabelecimento do *setting* possível se colocou desafiador mais intensamente. Como recriar o método psicanalítico? O presente trabalho busca pensar tais questões com o intuito de levantar aprendizagens da experiência em tempos de turbulência em toda a técnica até então estabelecida.

Palavras-chave: Recomendações, Técnica psicanalítica, *Setting*, Campo analítico, Pandemia, Virtual.

O impacto da pandemia sobre o *setting*

O dia 17 mar. 2020 seria inesquecível no imaginário de analistas porque iria modificar absolutamente tudo que estava estabelecido no fazer da clínica até aquele momento. Apresentava-se a inauguração de uma época inusitada para o analista que ficou situado junto com seu analisando na turbulência da pandemia de covid-19.

Na época, muitos colegas disseram que não conseguiriam atender de forma virtual, mas optamos conversar por WhatsApp com

os pacientes sobre a forma de atendê-los nos dias seguintes, já que poderia ser virtual, conforme autorização dos Conselhos Regional e Federal de Psicologia, em decorrência da declaração pela OMS da pandemia de covid-19.

Lembrando Freud, a realidade se impôs. Diante dela buscamos fazer o que seria recomendado pelas instituições. Percebemos que todos nós estávamos passando pela mesma reorganização. Pareceu oportuno fazer o teste da realidade para lidar com o impacto

1. Trabalho apresentado no XXIV CONGRESSO DE PSICANÁLISE DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE - PARA ALÉM DA PANDEMIA: ECOS NA PSICANÁLISE, realizado pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, de 4 a 6 nov. 2021, por meio da plataforma Zoom.

repentino naquele momento, como nos ensinou Freud ([1923] 1996) em *O ego e o id*.

As primeiras impressões

E agora como manter as recomendações aos médicos que exercem a psicanálise de 1912? Onde procurar apoio? Quais materiais e orientações disponíveis para estudo? Como o trabalho se desenvolveria no nível de atendimentos quanto nos estudos sobre o assunto? Poucos escritos até então e nenhum referia o que estávamos passando.

A alternativa foi buscar nas *lives* de profissionais de referência disponíveis em canais de psicanálise na internet, nas instituições de ensino que frequentávamos e com as quais tínhamos vínculo, e rapidamente chegamos às plataformas digitais como o *Zoom*, até então praticamente desconhecida. O que faríamos diante da necessidade de sobrevivência? Criar e aprender, como sugeriu Bion citado por Zimerman (1999). Admitir a ignorância e a incerteza. Nadar e enfrentar a correnteza.

Pensamos em Freud, nos seus anos iniciais da psicanálise, quando buscava um método para trabalhar e minimizar o sofrimento psíquico apesar de todas as resistências encontradas e a incredulidade enfrentada. Percebemos o valor desse período da psicanálise diante do novo e com o desejo de continuar trabalhando. Freud ([1912] 1996, p. 149) disse que iria fazer algumas recomendações para os médicos que exerciam a psicanálise, mas que a técnica estava apropriada a sua individualidade e que outro médico constituído de modo internamente diferente poderia ser levado a adotar atitude diferente em relação a seus pacientes e à tarefa que lhe apresentasse.

Já tínhamos introjetado que o analista deveria cuidar do *setting*, onde o paciente teria o papel de se apresentar, se expor através da associação livre, como recomendou Freud. Relembramos do analista como opaco e espelho, cujo trabalho seria manter a atenção livremente flutuante para ser receptor da mensagem inconsciente vinda do mensa-

geiro transmissor. Será que conseguiríamos manter essa recomendação sentindo a angústia diante da tormenta de medos e incertezas, e refletir somente o que lhe seria mostrado, como pediu o mestre? Descobrimos dentro de nós as recomendações: vieram claras e pulsantes.

Não havia mais o continente físico do consultório presencial. Era preciso criar um consultório imaginário utilizando o dispositivo tecnológico. É possível trabalhar somente após internalizar e preservar o *setting*. Feito isso, o entorno estaria assegurado. E assim, um dia após o outro a experiência foi ensaiando os próximos passos. Nunca foram tão importantes as recomendações de Freud no que se referiu à opacidade do analista, aquilo que ele chamou de purificação psicanalítica. Freud disse que, se o analista tiver consciência dos seus complexos, isso não interferiria na compreensão do que o paciente possa lhe dizer.

Então, ser capaz de manter a análise constantemente para se manter com certo grau de saúde e capacidade de escuta nos possibilitou ouvir como o paciente vivia sua situação na pandemia. O coletivo era semelhante, mas a vivência era de cada um. Essas recomendações podem ser apropriadas se o analista admitir seus sentimentos diante da realidade e da ameaça à dupla e ao *setting*. Assim, conseguirá manter o enquadre e o trabalho. As recomendações freudianas vão se mostrando protetoras da relação terapêutica independentemente das suas circunstâncias.

O consultório imaginário

O consultório virtual se tornou o encontro por intermédio de um dispositivo que reproduzisse uma plataforma digital onde o encontro fosse por áudio, vídeo ou textos, com horários fixos e locais diversos. Em *Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I*, Freud ([1913] 1996, p. 164) escreveu: “Penso estar sendo prudente em chamar de ‘recomendações’ e não reivindicar qualquer aceitação incondicional para elas”. Algumas

modificações nas recomendações se tornaram incontestáveis sob pena de não prosseguir o tratamento.

O virtual substituiu o divã. Analista e paciente poderiam se ver agora na tela, ou não ter nenhuma imagem. O que então estava presente na sessão? A voz e a escuta, entrelaçadas por falhas da tecnologia, ruídos dos ambientes, visão de cenários diversos, como a casa de cada um, o interior de automóveis em estacionamentos, banheiros, cozinhas, entre outros locais inusitados. Situação completamente impensável até então.

Indagou-se como definir uma sessão psicanalítica. O que a caracterizaria? Pensamos na necessidade de recorrer ao conceito de campo psicanalítico, configurado pelas diretrizes do método que Freud se esmerou em recomendar. Campo para o casal Baranger (1992), é uma estrutura diferente da soma de seus componentes, como uma melodia é diferente de suas notas.

Aqui a abstinência recomendada toma a forma extremamente subjetiva, cabendo ao analista conter-se e somente escutar e, ao mesmo tempo, demonstrar que sua presença se fez indispensável, sob pena de o paciente sentir-se entregue ao nada da virtualidade. Se no presencial o silêncio levava à reflexão ou à resistência, no virtual tornou-se mais desafiador. Pensamos que, para estabelecer o campo primeiro, seria necessária a demonstração da presença da dupla através de um encontro mediado pelo virtual. Ou seja, é preciso pontuar o encontro pela voz, pois não há corpos, ou pelo olhar e reconhecimento do outro no vídeo.

Tal qual uma criança curiosa explora o ambiente, tivemos que explorar essa possibilidade de trabalho. Experimentar e criar uma sessão a cada encontro se tornou a forma de iniciar o campo psicanalítico. Freud já se referia à virtualidade do método, na medida em que precisa ser instalado e criado, senão seria um encontro qualquer e não de característica psicanalítica. O que diferencia o encontro psicanalítico de outro?

Podemos acentuar o que Freud referendou: a transferência. O paciente transfere de forma inconsciente para o médico sentimentos outrora vivenciados com figuras parentais. Esse modo de relacionamento com o médico ganha importância porque oferece resistência ao tratamento. No seu artigo sobre *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica*, Freud ([1910] 1996) considera a contratransferência do analista, ou seja, sua reação à transferência do paciente como entrave e aconselhou sobrepujá-la.

Paula Heimann (1949) e Racker (1982) colocaram a contratransferência como instrumento de trabalho na técnica psicanalítica, pois as reações do analista à transferência do paciente auxiliariam no trabalho de entendimento sobre o estado anímico dele.

Já para Baranger (1992), o analista deve estar disponível para receber a contratransferência formando um campo de caráter bipessoal, com sua inevitável participação, com seu mundo interno e suas fantasias inconscientes. Podemos pensar não sendo nem a transferência, nem a contratransferência, mas uma fantasia inconsciente básica, cujas raízes partem do inconsciente de cada um.

Porém, foi Bion (1977) quem sedimentou essa visão sobre a contratransferência quando afirma que se trata de uma comunicação vinda do paciente através das identificações projetivas na sua transferência. O autor vai além e define essa situação como campo analítico, ou seja, um encontro de afetos criados pela dupla. Uma comunicação específica do encontro, que requer a intuição do analista para captar a mensagem do paciente, traduzindo o não dito pela função alfa do analista.

Chuster (2011) defende que a escuta analítica vai estabelecendo um portal para ser continente da fala do analisando (conteúdo). O portal vai tentando integrar os elementos dispersos no campo através da escuta sem memória, sem desejo (função alfa). O autor diz que se faz psicanálise enfrentando o desconhecido, através da disponibilidade do analista em buscar o verdadeiro na relação

e lembra que o verdadeiro está no espectro verdade/mentira. Assinala que a psicanálise acontece na atenção, em busca de um padrão que se repete no desenrolar da história da relação. Aqui não há lugar específico, pode ser qualquer situação. A virtualidade está mais uma vez presente.

Green (2008) argumenta que o objetivo da relação analítica seria, entre tantas coisas, a busca pelo terceiro. Em Green e Urribarri (2019), encontramos uma resposta de Green em que ele diz que na contemporaneidade se procura produzir uma dinâmica criadora na sessão analítica, a qual depende do trabalho em dupla para a manifestação da simbolização em constituição do “objeto analítico” formado pela dupla analisante-analista.

Assim, o trabalho do analista se complexifica, pois implicará a busca pela conexão, pela figuração e pelo pensamento do material antes da interpretação. O autor ainda nos brinda com a expressão de que “o trabalho de imaginização da escuta do analista em relação ao discurso do paciente” (GREEN, 2019, p. 30).

Se o sentido manifesto do discurso foi compreendido, é preciso ainda conseguir imaginá-lo, figurá-lo para si, torná-lo visível para o pensamento do analista. O autor recomenda verificar se o paciente está presente ali no momento, no seu discurso e na sessão. Assim, para se poder pensar, é preciso estar aqui, agora, sem ser disso prisioneiro, conservando esse movimento interno que permite partir, ali permanecendo. Poder fantasiar sem parar de investir na realidade, sem perder o contato como outro. Green (2019) salienta que esse movimento virtual de estar e não estar aqui, agora – de estar presente em si, conservando simultaneamente a capacidade de se ausentar – é que inicia o pensamento propriamente dito.

Passando por esta breve revisão da técnica psicanalítica desde Freud até alguns autores contemporâneos, ganhamos alguns elementos para refletir sobre o *setting on-line* em decorrência da pandemia. No consultó-

rio imaginário do virtual, voz e olhar se tornaram uma possibilidade de contato, em que é preciso figurar uma dupla, estabelecendo um portal para o *setting* se instalar, e o objeto psicanalítico pode ser constituído pelo investimento na presença da dupla e no desejo de ambos que isso aconteça.

Esse fenômeno só pode acontecer pela via do pensamento provocado pela presença/ausência de cada uma das partes através das associações livres do paciente e da receptividade e da atenção flutuante do analista, o que requer criatividade e imaginação de ambos. Mesmo diante do vazio, do silêncio, do negativo, o trabalho será possível pela via da função alfa, como nos ensinou Bion (2004). A contratransferência será a bússola para orientar o caminho, sentindo o que está no campo ali estabelecido.

No início da pandemia, o campo estava saturado pelo medo, pelo pânico e por incertezas. Por estar caótico, foi difícil criar o portal, que estava nas mãos do analista ou, quem sabe, na sua imaginação para convidar o analisando a entrar com ele no desconhecido trabalho remoto da tecnologia. Até aquele momento, o *setting* era criado a partir do encontro presencial. E estabelecer o encontro virtual da dupla também através do dispositivo remoto tornou-se o novo desafio.

Figueiredo (2021) nos apontou que a virtualidade está intrínseca ao dispositivo psicanalítico: é a nova forma remota uma elasticidade da técnica clássica. Imaginação, função alfa, figurabilidade e capacidade criadora entram como elementos indispensáveis para que o campo se crie no presencial também. Mas no *on-line*, com a ausência dos corpos, esses elementos se amplificam, pois exigem uma abstração total da dupla e faz parte do analista iniciar o processo graças à sua abstinência e sua continência. Figueiredo (2021) nos chama a atenção sobre o enquadre interior do analista, ou seja, a disposição da mente do analista em sua dimensão ética e técnica na capacidade de escuta. Uma presença implicada e reservada, uma atenção

flutuante operando em seu mais amplo espectro e englobando todas as modalidades da escuta em análise.

O ambiente remoto seria um “espaço potencial”, expressão cunhada por Winnicott, a ser criado pelo analista como forma de se conectar com o analisando. A mente do analista é o desafio que sustentará esse espaço isolando de certa forma a realidade ameaçadora, se apresentando como um espaço de vida e de proteção contra o excesso de realidade externa, oportunizando espaço para sonhar, brincar e acessar conteúdos infantis da realidade psíquica. Green (1993) vai chamar de alucinação negativa o recurso psíquico para suportar a ausência do objeto.

Fomos entendendo que formar o terceiro analítico referido por Ogden citado por Figueiredo (2018) é uma experiência entre analista e paciente numa forma de vivenciar a subjetividade de cada um, na qual analista e o analisando se tornam outros que, até aquele momento, foram construindo uma experiência nova criada a partir desse encontro, em que forças psíquicas podem gerar a simbolização do vivido sonhado pela dupla no aqui agora.

Então ela se torna viva e liberta do passado rígido, transformado em atual. Aqui o fenômeno pode ocorrer tanto no trabalho remoto quanto no presencial porque implica o interno da dupla paciente-analista. Confirma que o objetivo da análise é alcançar o processo de simbolização.

Green (1993) fala em processos terciários, ou seja, criar sob o impacto da transferência sobre o analista o discurso simbólico desse fenômeno. Isso exige do analista a capacidade de abstrair da concretude do vivido, oferecendo uma saída para o conflito, expandindo a sua vida mental e exercitando com o analisando o que se processou com ele. No remoto, fazer de cada sessão uma transformação do problema em possibilidade de vida, através da escuta e atenção flutuante do analista e da associação livre do paciente. Essa matriz ativa, como refere Green (2002), se mantém.

O estojo que seria o enquadre se desloca para a modificação da técnica.

Considerações finais

O caminho até aqui percorrido nos levou do impossível, impactante e frustrante da pandemia à necessidade de voltar e estudar o que Freud recomendou como forma de preservar o trabalho psicanalítico, agora diante da forma remota. Nesse retorno a Freud, elegemos o papel do analista de espelho e opaco como objetivo de estudo.

Descobrimos que as recomendações freudianas poderiam ser flexibilizadas de acordo com a necessidade de cada analista e conforme suas circunstâncias, nos possibilitando partir de Freud para os seus sucessores numa revisão desse entendimento e ampliando a orientação do mestre, uma vez que ele abriu tal possibilidade. Verificamos que foi preciso dar elasticidade à técnica psicanalítica clássica uma vez que tivemos que criar um consultório imaginário constituído com base na criatividade do analista e paciente como dupla envolvida no processo.

O analista permaneceu como guardião do *setting* remoto, cujo enquadre deve estar nele internalizado para que a matriz ativa aconteça, ou seja, para que o paciente associe livremente e o analista escute atentamente de forma flutuante e, assim, o estojo está posto. Esse estojo protege e isola a dupla do excesso da realidade externa, propiciando o sonhar, o brincar e o retorno da realidade infantil interna, numa alucinação negativa para preencher o vazio da frustração. O trabalho da dupla se realiza nesse processo de construção de um terceiro simbólico sobre o que impede o viver satisfatoriamente.

A construção do simbólico é que desafia o trabalho analítico. O *setting* sempre será virtual independentemente de o ambiente ser presencial ou remoto, pois é um espaço potencial para criar, figurar, conectar, se modificar dentro do que a realidade propicie. Estimular a plasticidade para o eu a partir do trabalho inconsciente. Como Freud nos

ensinou, pode ser mais uma face do trabalho psicanalítico que deve seguir em expansão, numa infinidade de possibilidades.

Abstract

Surprised with oncoming of the covid-19 Pandemic in March 2020 and sudden required to adapt the Psychoanalytic technique for online service, we have found ourselves faced with the phenomenon with task to revise the recommendations to handle the work in this contemporary way and of urgency. Reviewing the analyst's role as opaque, reflecting as a mirror patients' suffering, and their oscillating attention and the establishment of the possible setting, became more intensely challenging. How to recreate the Psychoanalytic method? The present work is looking for such questions in order to raise experiences learning in terms of uncertainty in whole technique established so far.

Keywords: *Recommendations, Psychoanalytic method of treatment, Setting, Analytic field, Pandemic, Virtual.*

Referências

BARANGER, M. A mente do analista: da escuta à interpretação. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, SP, v. 26, n. 4, p. 573-586, 1992.

BION, W. *Transformações – do aprendizado ao crescimento*. Tradução: Paulo Cesar Sandler. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

FIGUEIREDO, L. C. *A mente do Analista*. São Paulo, SP: Escuta, 2021.

FREUD, S. As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica (1910). In: _____. *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos* (1910 [1909]). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. p. 147-156. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 11).

FREUD, S. O ego e o id (1923). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. p. 27-80. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. p. 125-133. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, S. Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I) (1913). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. p. 139-158. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

GREEN, A. *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Tradução: Paulo César Sandler. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

GREEN, A.; URRIBARRI, F. *Do pensamento clínico ao paradigma contemporâneo*. Tradutor: Paulo Sérgio de Souza Junior. São Paulo, SP: Blucher, 2019.

HEIMANN, P. Sobre a contratransferência. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*. Porto Alegre, RS, v. 2, n. 1, p. 171-176, 1995.

OGDEN, T. *A matriz da mente*. Tradução: Giovanna Del Grande da Silva. São Paulo, SP: Blucher 2017.

RACKER, H. *A contratransferência*. Estudos sobre técnica psicanalítica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

REZZE, J. *Bion: transferência, transformações, encontro estético*. 1. ed. São Paulo, SP: Primavera, 2016.

ZIMERMANN, D. *Bion da teoria à prática*. Uma leitura didática. Porto Alegre, RS: Artmed, 2017.

Recebido em: 10/11/2021

Aprovado em: 28/11/2021

Sobre os autores

Gilla Maria Jacobus Bastos

Graduada em psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Psicóloga.

Psicoterapeuta.

Especialista em psicologia clínica pelo Instituto de Psicologia (IPSI) e Conselho Federal de Psicologia. Membro em formação do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS).

E-mail: gillabastos@gmail.com

Dario Perez Bastos

Graduado em psicologia pela Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS).

Psicólogo.

Psicoterapeuta.

Especialista em administração de recursos humanos pela UNISINOS.

Especialista em psicoterapia pelo Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia (IEPP).

Membro em formação do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS).

E-mail: dariopbastos@gmail.com

Reflexões sobre o lugar da supervisão na psicanálise¹

Reflections on the place of supervision in psychoanalysis

Helena Maria Melo Dias

Resumo

Neste texto, reflito sobre a função da supervisão na clínica psicanalítica, considerada um dos pilares da formação e transmissão da psicanálise, que envolve estudo teórico, análise pessoal e prática supervisionada, assim estabelecido desde a primeira geração de psicanalistas. Fundamento minhas reflexões na concepção da supervisão como um lugar do terceiro, o analista-supervisor, que intervém nos impasses oriundos da clínica do analista supervisionado. Assim, a busca pela interlocução do tratamento clínico na prática supervisionada deve proporcionar ao analista do tratamento subsídios para melhor analisar suas identificações transferenciais e contratransferenciais, a fim de refinar sua escuta do caso. Por isso, a posição do supervisor não deve ser a de um controlador superegoico, mas receptivo às demandas do analista-supervisionado.

Palavras-chave: Metapsicologia, Regra fundamental, Transferência, Contratransferência, Supervisão.

Introdução

Como analista, o eixo da supervisão sempre fez parte do meu trabalho tanto como supervisora quanto como supervisionanda. Todavia, o fato de ter assumido a coordenação da clínica social do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA) fomenta meus estudos e alimenta reflexões quanto ao lugar e à função da supervisão no tratamento, na formação e na transmissão da psicanálise num contexto institucional.

Minhas reflexões partem da especificidade da técnica psicanalítica. Em *A interpretação dos sonhos*, peça central de sua obra, Freud ([1900] 1980) discorre sobre o ‘trabalho de desalienação da linguagem’ da

sua função convencional, propondo os dois teoremas que se tornaram os pilares básicos da técnica psicanalítica: um corresponde a “quando se abandonam as representações-meta conscientes, as representações-meta ocultas assumem o controle do fluxo de representações”; o outro é que “as associações superficiais são apenas substitutos, por deslocamento, de associações mais profundas e suprimidas” (p. 487). É justamente esse trabalho de desalienação da linguagem que permite o processo transferencial regressivo: “o pensamento se transforma em imagens visuais e fala” (p. 490).

Esses pilares permitem ao analista estabelecer a regra fundamental do processo tera-

1. Trabalho apresentado no XXIV CONGRESSO DE PSICANÁLISE DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE - PARA ALÉM DA PANDEMIA: ECOS NA PSICANÁLISE, realizado pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, de 4 a 6 nov. 2021, por meio da plataforma Zoom.

pêutico, no qual ele deve manter uma escuta com atenção flutuante à fala associativa do paciente, ou seja, o paciente deve falar tudo o que lhe vier à cabeça, sustentado no processo transferencial. Essa regra fundamenta a máxima liberdade de expressão do paciente, que pode (e deve) falar sem nenhuma censura durante o processo analítico. Ao paciente é dado dizer o que sabe, mas especialmente o que não sabe sobre si, ou seja, seus pensamentos inconscientes tendem a se manifestar, revelando, nos tropeços da linguagem, as falhas do saber.

Todavia, o modo como o analista escuta não é ingênuo, pois se baseia na escuta flutuante que oscila entre o processo primário e o secundário da dinâmica do funcionamento psíquico e é formado por uma longa experiência prévia – que envolve sua análise pessoal, os estudos teóricos, o atendimento clínico e a supervisão.

Segundo Mezan (1993, p. 92),

[...] praticar a escuta psicanalítica – pressupõe um modo de conceber o homem, a alma e a linguagem que não é dado intuitivamente a ninguém [...] é possibilitado por certas hipóteses sobre o funcionamento psíquico – metapsicologia – e sobre a natureza do processo terapêutico – as noções de transferência e resistência.

Dessa perspectiva, Freud define a metapsicologia como o método de investigação teórico-clínico da psicanálise. O discurso da metapsicologia é um discurso heurístico, de descoberta, de desvelamento e é desse modo que, na clínica psicanalítica, a escuta tem um sentido metaforizante tanto para o analista quanto para o paciente ao escutar sua própria história. Então, o pensamento metapsicológico opera no trabalho analítico e no desvendamento do inconsciente, que encontra na linguagem poética sua polissemia.

O fenômeno da transferência é observado desde as primeiras experiências do mestre no campo da clínica psicopatológica. Na sua

sensibilidade clínica aguçada, ele atenta inicialmente a uma falsa ligação e a acolhe, para que, junto com o paciente, possa encontrar a verdadeira ligação da representação afetiva que foi recalçada.

Todavia, até formalizar-se como conceito, a transferência passa por uma longa elaboração – seu conteúdo vai se diversificando e se tornando mais complexo. Assim, a conceituação de transferência integra-se ao processo de criação da psicanálise, exatamente na articulação entre a prática e a teoria. Sua definição decorre da prática clínica. Na verdade, a transferência é o que determina o processo analítico. A transferência é não só o mais precioso aliado da terapia, mas também seu maior obstáculo.

O conhecido caso de Sabina Spielrein com Jung coloca em cena a transferência do analista ou a contratransferência. A posição de Freud é clara e firme quanto ao controle e à abstinência da transferência erótica do analista para o paciente, a fim de proporcionar as condições adequadas de tratamento. Todavia, Freud reconhece que só a autoanálise não dá conta de processos psíquicos inconscientes tão fortes e determinantes na vida do sujeito e impossíveis de controlar. Assim, ele estabelece como pré-requisito da formação dos analistas que aquele que quer ser analista se submeta à sua própria análise.

Ferenczi, preocupado com a prática técnica, propõe a elaboração da metapsicologia da técnica psicanalítica, que envolve os processos psíquicos do analista e do paciente, ou seja, o encontro analítico numa situação singular movida pela transferência, que traz em seu bojo uma memória regressiva do paciente, bem como um potencial de resistência à revelação dessa memória. Quer dizer, Ferenczi propõe a elasticidade da técnica fundamentado na atividade metapsicológica específica da contratransferência, sempre voltado aos processos psíquicos do analista no tratamento, e não à pessoa do analista.

Assim, Fédida (1991) problematiza essa natureza da técnica, ao observar que ela não

seria uma regra psicanalítica se não comportasse a capacidade de avaliação interna do “resto não resolvido” (*ungelöster Rest*). Desse modo, ele faz uma leitura singular do resto não resolvido: em vez de considerá-lo “insuficientemente analisado” ou de conceber esse insuficientemente analisado como marca de uma análise incompleta, esse resto não resolvido torna o inacabamento da análise constitutivo de uma prática técnica (FÉDIDA, 1991). Freud ([1937] 1980) reconhece o inacabamento da análise e no artigo *Análise terminável e interminável* recomenda aos analistas retornar/que retornem à análise de cinco em cinco anos.

Na apresentação do livro *L'absence*, Fédi-da (1978) problematiza a questão que mobiliza a produção na psicanálise, ou seja, o que mobiliza a escrita psicanalítica. O autor propõe que essa questão se origina no ponto cego do analista e, desse modo, apresenta sua concepção de que “uma teoria analítica e seu projeto metapsicológico se engendram, constroem e se desenvolvem em torno desse ponto cego e extraem força de seu foco”². No entanto, Fédi-da (1978) pondera que não é possível expor uma noção ou um conceito psicanalítico sem mostrar a consciência histórica e epistemológica que ele adquire no analista ao mesmo tempo que revela o trabalho específico do analista que o põe em operação.

Na dinâmica contratransferencial, o analista deve levar em consideração suas próprias reações íntimas aquilo que o paciente lhe comunica como inerentes à situação analítica e adequadas ao enquadre do tratamento (DIAS; BERLINCK, 2011).

Supervisão

Movida por esse algo – que emerge desse ponto cego – reflito, neste trabalho, sobre supervisão, na busca de clareza e de uma com-

preensão mais ampla desse processo. Parto da seguinte questão: Que função tem esse lugar no tratamento, na formação e na transmissão da psicanálise?

A formalização da supervisão se dá com a criação do primeiro instituto de formação de analistas, fundado por Karl Abraham e Max Eitington em 1920, em Berlim. Essa criação vem atender ao desejo freudiano – compartilhado por muitos psicanalistas – de que a psicanálise pudesse aliviar o sofrimento psíquico das massas (FREUD, [1919] 1980, p. 219). Por isso, a clínica de Berlim tem a proposta de tornar o tratamento analítico acessível a um grande número de pessoas, independentemente de sua condição sociofinanceira (MENDES, 2012). Nessa clínica de Berlim, Karl Abraham e Max Eitington propuseram que a supervisão fosse feita por um analista diferente daquele que conduzia a análise do candidato para promover a diversidade de transferências (STOPPEL DE GUELLER, 2020).

Jean Cournut (1992, p. 130), em seu breve e instigante artigo *Da solidão à troca na supervisão*, constrói a seguinte argumentação:

Ora, me parece impossível que um psicanalista possa funcionar sozinho satisfatoriamente. A situação analítica é muito difícil, muito envolvente; ela é semeada de armadilhas e de encantamentos, ela é minada pela angústia e pelo entusiasmo, a sedução e a rejeição; não, de fato, um analista não pode ser analista sem referente, sem um lugar onde repercutir suas questões, sem tempo onde achar sua trégua, retirada e refúgio de elaboração e de recreação ou recreação.

Capturada por essa escrita, na qual o autor põe em relevo as evocações que a situação analítica produz no analista, torna-se inegável o reconhecimento da poderosa exigência psíquica para a transferência: transferir via escrita pós-sessão, na elaboração de textos que contemplem a articulação teórico-clínica de questões suscitadas no atendimento, na conversa com outros colegas analistas, mas,

2. Tradução da Apresentação do livro *L'absence* por Cláudia Berliner e apresentada, a convite, na aula do professor Luís Cláudio Figueiredo, em 28 mar. 2007, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tradução em mimeo.

principalmente, na própria análise pessoal e na supervisão. Todo alicerce teórico-conceitual da psicanálise advém da clínica. Nesse contexto, a transferência é o motor da análise e, por isso mesmo, permanece no papel de via régia do trabalho clínico e da transmissão do ofício de psicanalisar.

Fédida (1992) e Delouya (2020) ressaltam a supervisão como o ‘lugar’ privilegiado a partir do qual é elaborável uma teoria psicanalítica. Dessa perspectiva,

[...] o trabalho da supervisão vai gerar um avanço ao pensar, de forma a trazer mais um passo na história da teoria psicanalítica, no interior do trabalho analítico de supervisão (DELOUYA, 2020, p. 40).

Para esses autores, a possibilidade de elaboração teórico-clínica na situação analítica de supervisão promove a inserção do supervisionando na comunidade psicanalítica. Retomando as formulações de Freud ([1937] 1980) apresentadas no artigo *Construções em análise* (1937), Fédida (1992, p. 180) diz:

Se de fato, a construção corresponde à ‘tarefa’ do analista, ela é, de maneira bastante exata, aquilo que deveria ser nomeado memória do infantil, na fonte da metáfora da linguagem do inédito, ali onde se forma a fala possível da interpretação”. [...] A supervisão deve então contribuir para tornar disponível a capacidade de construir.

Delouya (2020, p. 35, grifo do autor) destaca o caráter analítico da supervisão, dizendo:

[...] como supervisores, afirmaria, de modo geral, que não instruímos, não ensinamos, não direcionamos o supervisionado, mas fazemos outra coisa: ajudamos ele a se tornar *analista para seu paciente*.

Mais adiante acrescenta:

Para resumir esse eixo, não há como se tornar analista do seu paciente sem esse deslocamento progressivo do próprio analista e da própria análise, assim como da instituição à qual pertence (DELOUYA, 2020, p. 40).

Lopes (2020, p. 28) relata:

No ano 2000, várias sociedades psicanalíticas brasileiras foram apresentadas ao material sobre instituições que se diziam psicanalíticas e reconheceram a necessidade de se unirem contra a ameaça dos mecanismos espúrios à prática psicanalítica. [...] foi criado o Movimento de Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras.

A Articulação chegou a alguns consensos sobre as premissas básicas para a transmissão da psicanálise. Um deles é que o tripé é indissolúvel, e a transmissão é laica e artesanal. Esse consenso entre as diferentes abordagens teóricas psicanalíticas que compõem o Movimento de Articulação na luta contra a ameaça de usurpação, demarca a especificidade desse saber e desse ofício, que tem na obra do inconsciente sua fundamentação, o qual não pode ser apropriado nem regulamentado.

Esse movimento fez-me lembrar que Fédida (1978) *Topiques de la théorie* do livro *L’Abscense*, faz a distinção relativa e operacional entre teoria e doutrina. Em suma, para ele, a elaboração de uma teoria deve conter tanto a especificação de uma compreensão do fenômeno estudado quanto a dimensão de abertura a outras teorias. Ou seja, por meio da teoria se dá a alteridade – eu não sou tudo, tenho limites – e isso está ligado às primeiras teorizações sexuais infantis e ao ideal do eu.

Diferentemente, o que se organiza como doutrina está sob o império de um fechamento narcísico, que dá contorno e acabamento ao movimento do pensamento e trava em suas possibilidades de abertura à reflexão. Com essa diferenciação, na psicanálise,

a passagem da teoria para a doutrina é mortal, porque o desejo de saber nunca finda.

Diante disso, o ponto principal dessa argumentação

[...] é que se teoriza a partir do recalcado e este sempre retorna. Daí que o processamento psíquico ocorre por meio de representações de ideias devido à função defensiva; por isso, estamos sempre elaborando teorias, desde as primeiras indagações infantis em torno das teorias sexuais (FÉDIDA, 1978, p. 269 ___).

Lopes (2020, p. 31), ao tratar da supervisão em grupo, afirma que, nessa situação analítica,

[...] a fala deve ser compartilhada. O pai totemico tem de oferecer a maior parte do seu poder – a fala – para os filhos da horda, sofrer feridas narcísicas e castração. Assim como para desempenhar um papel feminino na distribuição do tempo de fala, o mais uniforme possível entre seus filhos, os irmãos candidatos. Como também, à medida que as contribuições dos candidatos fluem, para se entregar à atenção flutuante. Cabe ao supervisor, a partir do material em si evocado, apenas traçar os vínculos.

A situação de supervisão em grupo, numa instituição de formação e transmissão da psicanálise, configura-se num campo transferencial bastante complexo, pois envolve as transferências dos candidatos participantes com o supervisor (que, em geral, é colocado na função do mestre), bem como envolve a transferência evocada pela apresentação do caso clínico.

Quanto à transferência dos candidatos participantes ao supervisor, Lopes (2020) menciona a importância do deslocamento desse ideal paterno que o supervisor pode promover ao lidar com sua ferida narcísica e sua castração – eu não sou superpsicanalista. Outro ponto relevante é a atenção flutuante às falas dos candidatos participantes, que, a

meu ver, reverbera na construção do caso em análise de supervisão.

Considerações finais

Como observei no início, o engendramento desse estudo sobre supervisão adveio da minha inserção na instituição de formação e transmissão da psicanálise, em especial, a partir da clínica social. O tripé instituído por Freud e demais psicanalistas da primeira geração – estudos teóricos, análise pessoal e supervisão – é um sólido alicerce que sustenta, demarca e especifica, desde então, a formação e a clínica psicanalítica.

O eixo da supervisão é fundamental porque tece, de modo singular, a articulação teórico-clínica. A supervisão não elimina o lugar solitário da posição do analista, tampouco a radicalidade da responsabilidade para com sua clínica, mas produz um alargamento transferencial que possibilita deslocamentos na escuta, operando efeitos de formação analítica.

Abstract

In this text, I reflect on the role of supervision in the psychoanalytic clinic, considered as one of the pillars of the formation and transmission of psychoanalysis, which involves theoretical study, personal analysis and supervised practice, thus established since the first generation of psychoanalysts. I base my reflections on the conception of supervision as a place for the third party, the analyst-supervisor, who intervenes in the impasses arising from the supervised analyst's clinic. Thus, the search for the interlocution of clinical treatment in supervised practice should provide the treatment analyst with subsidies to better analyze their transferential and counter transferential identifications, in order to refine their listening to the case. Therefore, the supervisor's position should not be that of a superegoic controller, but rather one of receptivity to the supervised-analyst's demands.

Keywords: *Metapsychology, Fundamental Rule, Transference, Countertransference, Supervision.*

Referências

- COURNUT, J. Da solidão à troca na supervisão. In: STEIN, C. et al. *A supervisão na psicanálise*. Tradução: Eliana Borges Pereira Leite. São Paulo, SP: Escuta, 1992.
- DELOUYA, D. Notas sobre o trabalho da supervisão e seus fins. In: DUVIDOVICH, E; GOLDENBERG, R.; BROIDE, E. E. (Orgs.). *A supervisão psicanalítica: ofício da transmissão*. São Paulo, SP: Zagodoni, 2020. p. 35-41.
- DIAS, H. M. M; BERLINCK, M. T. Contratransferência e enquadre psicanalítico em Pierre Fédida. *Revista Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 23. n. 2, p. 221-231, dez. 2011.
- FÉDIDA, P. Crise e metáfora. In: FÉDIDA, P. *Crise et contre-transfert*. Tradução: Martha Gambini. Paris: Presses Universitaires de France, 1992. (Inédito).
- FÉDIDA, P. *L' Absence*. Tradução: Martha Gambini. Paris: Gallimard, 1978. (Inédito).
- FÉDIDA, P. *Nome, figura e linguagem: a linguagem na situação psicanalítica*. Tradução: Martha Gambini e Claudia Berliner. São Paulo, SP: Escuta, 1991.
- FERENCZI, S. *Elasticidade da técnica psicanalítica* (1928). São Paulo, SP: Martins Fontes, 1992. p. 25-36. (Obras completas, v. 4).
- FREUD, S. *A interpretação de sonhos* (1900). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1980. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 4-5).
- FREUD, S. Linhas de progresso na terapia psicanalítica (1919 [1918]). In: _____. *História de uma neurose infantil e outros trabalhos* (1917-1919). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1980. p. 201-211. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).
- FREUD, S. Análise terminável e interminável (1937). In: _____. *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos* (1937-1939). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1980. p. 247-287. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).
- LOPES, A. J. Psicanálise e narcisismo: supervisão coletiva em clínica social psicanalítica. *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, RJ, n. 53, p. 27-35, jun. 2020.

Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

MENDES, E. R. P. Sobre a supervisão. *Reverso*, Belo Horizonte, MG, ano 34, n. 64, p. 49-56. dez. 2012. Publicação semestral do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais.

MEZAN, R. Que significa pesquisa em psicanálise. *In: In: _____*. *A sombra de Don Juan e outros ensaios*. São Paulo, SP: Brasiliense, 1993. p. 85-118.

STOPPEL DE GUELLER, A. O psicanalista e o sujeito em formação: supervisão e análise com crianças. *In: DUVIDOVICHK, E.; GOLDENBERG, R. BROIDE, E. E. (Orgs)*. *A supervisão psicanalítica: ofício e transmissão*. São Paulo, SP: Zagodoni, 2020. p. 19-32.

Recebido em: 12/11/2021

Aprovado em: 28/11/2021

Sobre a autora

Helena Maria Melo Dias

Psicóloga.

Psicanalista e sócia fundadora do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA).

Professora Adjunta IV da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Mestre (2001) e doutora (2007) em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Pós-doutora (2014) pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (AUPPF).

E-mail: hmelodias@uol.com.br

Sobre a vida e a morte em tempos de pandemia¹

*On life and death
in times of a pandemic*

José Alaíde dos Santos Lopes

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo discutir questões do humano desde o surgimento da pandemia de coronavírus, fazer algumas relações com outras pestes que assolaram a humanidade e encontrar questões que perpassam algumas delas. São discutidos os comportamentos, as condutas e alguns pensamentos que motivam, movem e conduzem a pessoa e os que a cercam, bem como a necessária convivência com o outro, o isolamento que se opõe à excessiva exposição virtual. A um tempo, o medo da morte e o seu desejo. Os impulsos que levam o sujeito a se preservar, a expor a si mesmo e aos outros. A sensação de finitude, o respirar mortífero e a experiência fálica de tomar a vacina, de incorporar a proteção contra o vírus por meio de um vírus inativado. Injetar a morte (vírus morto) para ganhar a vida.

Palavras-chave: Pandemia, Coronavírus, Pestes, Isolamento social.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que a covid-19, causada pelo novo coronavírus, é uma pandemia. Isso ocorre quando uma epidemia que afeta uma região se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa. Antes da covid-19, a pandemia mais recente foi em 2009, com a gripe suína, causada pelo vírus H1N1. No total, 187 países registraram casos e quase 300 mil pessoas morreram. O fim da pandemia foi decretado pela OMS em agosto de 2010.

A covid-19 vem se somar a uma lista extensa, conforme Schueler (2021):

- **Peste do Egito (430 a.C.).** A febre tifóide matou um quarto das tropas atenienses e um quarto da população da cidade durante a Guerra do Peloponeso. A força

de combate de Atenas foi seriamente abalada.

- **Peste Antonina (165-180).** Causada pela varíola trazida próximo ao Leste, matou um quarto dos infectados. Cinco milhões no total. Surgiu na China.

- **Peste de Cipriano (250-271).** Possivelmente causada por varíola ou sarampo, iniciou-se nas províncias orientais e espalhou-se pelo Império Romano inteiro. Em seu auge chegou a matar 5.000 pessoas por dia em Roma.

- **Peste de Justiniano (541-544).** A primeira contaminação registrada de peste bubônica. Começou no Egito e chegou a Constantinopla na primavera seguinte, enquanto matava (de acordo com o cronista bizantino Procópio de Cesareia)

1. Trabalho apresentado no XXIV CONGRESSO DE PSICANÁLISE DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE - PARA ALÉM DA PANDEMIA: ECOS NA PSICANÁLISE, realizado pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, de 4 a 6 nov. 2021, por meio da plataforma Zoom.

10.000 pessoas por dia, atingindo 40% dos habitantes da cidade. Foi eliminado até um quarto da população do Oriente Médio.

• **Peste Negra (1300).** Oitocentos anos depois do último aparecimento, a peste bubônica tinha voltado à Europa. Começando a contaminação na Ásia, a doença chegou à Europa Mediterrânea e Ocidental em 1348 (possivelmente de comerciantes fugindo de italianos lutando na Crimeia), e matou vinte milhões de europeus em seis anos, um quarto da população total e até metade nas áreas urbanas mais afetadas.

• **Gripe Espanhola (1918-1920).** A gripe espanhola foi uma pandemia do vírus influenza (H1N1) que, entre janeiro de 1918 e dezembro de 1920, infectou 500 milhões de pessoas, cerca de um quarto da população mundial na época. Estima-se, majoritariamente, que o número de mortos esteja entre 17 milhões e 50 milhões, com algumas projeções indicando até 100 milhões. Independentemente da diferença entre os números, trata-se de uma das epidemias mais mortais da história da humanidade.

Em 2 de março de 2019, a revista *Viruses* publicou o estudo *Bat Coronaviruses in China*, escrito por três cientistas do Instituto de Virologia de Wuhan e um pesquisador da Academia Chinesa de Ciências. Em um trecho do estudo, temos a seguinte informação: “Acredita-se que CoVs carregados por morcegos irão reemergir para causar a próxima epidemia de doença. Nesse aspecto, a China é um foco provável.” Os morcegos representam cerca de 25% dos mamíferos da Terra. Os que vivem na China, até onde li, não são hematófagos. Acredita-se que o vírus passou dos morcegos para o pangolim e daí para o humano.

Por que os morcegos? Porque voam longe, são mamíferos, têm temperatura corporal elevada e seu sistema imunológico os protege contra os vírus. No início do século, eles

foram a causa da transmissão da síndrome respiratória aguda grave, mais conhecida como SARS, que infectou mais de 8 mil pessoas, das quais cerca de 800 morreram. Em meados da década de 2010, os morcegos foram a origem de outra doença respiratória semelhante à SARS: a síndrome respiratória do Oriente Médio (MERS), que afetou menos pessoas (cerca de 2,5 mil), mas foi mais letal, causando a morte de mais de 850 pessoas.

A covid-19 já causou 5 milhões de mortes no mundo, 12% no Brasil. Houve períodos de quase 4.000 mortes diárias no país. Ontem, foram 250. Os demais, protegidos pela potência vital da vacina. No campo político, houve uma desídia homicida dos governantes, respaldados por apoio político criminoso do CFM. Tal política ceifou cerca de 400 mil vidas que poderiam ter sido protegidas.

Os flagelos, na verdade, são uma coisa comum, mas é difícil acreditar neles quando se abatem sobre nós. Houve no mundo igual número de pestes e de guerras. E, contudo, as pestes, como as guerras, encontram sempre as pessoas igualmente desprevenidas. Rieux estava desprevenido, assim como os nossos concidadãos; é necessário compreender assim as duas hesitações. Por isso, é preciso compreender, também, que ele estivesse dividido entre a inquietação e a confiança (CAMUS, [1947] 2019, p. 24).

Em tempos de grave ameaça à vida, o reflexo é a busca de algo que alivie tal sofrimento. As pessoas ficam ansiosas, angustiadas, com medo de morrer. Um mecanismo de defesa muito usado é a negação. É comum ouvir que o medo é “passar a doença” para alguém muito querido e frágil. Assim, o sujeito é portador, mas não morre. Nega a doença em si mesmo. Palavras ditas com frequência na clínica. Um certo grau de onipotência de alguns permitiu comentários como “atletas não morrem”. Outra defesa maníaca. O ví-

rus é a ameaça, o veículo da pulsão de morte, o Thanatos. As chamadas defesas maníacas visam preservar a força vital, o Eros. A terceira defesa da tríade é o triunfo ou controle sobre o objeto. Algo como chamar de “resfriadinho” a *causa mortis* de cerca de 600 mil pessoas no Brasil.

O que se lê acima não significa que o mundo está maníaco, mas que assim se defende. É a forma que as pessoas têm de se proteger da angústia, da agonia, do desamparo. Se tais mecanismos não são suficientes, os reflexos se dão na conduta dos indivíduos. A tolerância se reduz, o egoísmo se acentua, a avareza eclode. Intolerante, o sujeito não convive bem com a frustração, a necessidade, a falta. A empatia se escasseia, desaparece. A elegância e a polidez, já raras, se desfazem. Presidentes e governadores se ofendem ao vivo e *on-line*. Grupos se revoltam e se envolvem em embates virtuais mortais. Fronteiras, divisas e limites se fecham. Controles se perdem na busca de respostas para perguntas sem resposta. Psicopatas encontram seu lugar em tais cenários. Camaleões que são da personalidade, logo se adaptam e tiram proveito do sofrimento alheio. Corrupção, falsas notícias e manipulação da horda são contradições. O medo da morte faz as pessoas cheias de vida ansiarem obsessivamente por um fim, qualquer que seja. Que seja o fim da pandemia. A impossibilidade de abraçar, beijar, apertar, dá lugar ao escarrar, xingar, esmurrar. O cumprimento com um soco denota a agressividade contida. Pugilistas antes do embate.

Na verdade, uma das consequências mais importantes do fechamento das portas foi a súbita separação em que foram colocados seres que não estavam preparados para isso. Mães e filhos, esposos, amantes que tinham julgado proceder, alguns dias antes, a uma separação temporária, que se tinham beijado na plataforma da nossa estação, com duas ou três recomendações, certos de se reverem dali a alguns dias ou algumas semanas, mergulha-

dos na estúpida confiança humana, momentaneamente distraídos de suas ocupações habituais por essa partida, viram-se, de repente, irremediavelmente afastados, impedidos de se encontrarem ou de se comunicarem. Sim, porque as portas tinham sido fechadas algumas horas antes de ser publicado o decreto do prefeito e, naturalmente, era impossível levar em conta os casos particulares. Pode-se dizer que essa invasão brutal da doença teve, como primeiro efeito, o de obrigar nossos concidadãos a agir como se não tivessem sentimentos individuais. Nas primeiras horas do dia em que o decreto entrou em vigor, a Prefeitura foi invadida por uma multidão de requerentes que, ao telefone ou junto aos funcionários, expunham situações igualmente interessantes e, ao mesmo tempo, igualmente impossíveis de examinar (CAMUS, [1947] 2019, p. 78).

A pandemia trouxe mudanças importantes nas relações. O sujeito conviver consigo mesmo é tarefa árdua. Nem sempre a pessoa aguenta a si mesma. Vivenciar a morte todos os dias também é novidade. Desejar viver com qualidade é pensamento presente. A importância da convivência, da tolerância, da solidariedade ganhou espaço maiúsculo. Viver bem é uma arte. Renunciar é tarefa diuturna, intensa e quase insuportável. A saudade, representante da falta, ganhou dimensão inigualável. Abraçar a pessoa querida é anseio vital e, ao mesmo tempo, mortal. Sentir o cheiro da mãe, do filho, do irmão, do amor virou tesouro valioso. Porém, é preciso se isolar.

O isolamento surgiu em Veneza, durante a peste do século 14. O termo “quarentena” vem da Bíblia, que recomendava 40 dias de resguardo para se livrar das doenças. A atual pandemia recomenda 14 dias. Período de incubação da SARS-CoV-2.

Uma nova prática se instalou. A consulta *on-line*. Congressos viraram encontros virtuais interativos e profícuos, porém cansativos pela profusão de cursos e jornadas. Palestrantes tomando mate, jantando ou entre

seus bichos é corriqueiro. Soma-se a isso a necessidade de atender *on-line*.

O contato físico é ansiosamente aguardado. Faltam cheiros. Carece-se do ambiente do *setting*. Nem mesmo a Apple consegue transmitir os odores da vida real. Os calores, entre eles, os das pessoas, não passam pelo *wi-fi*.

Mas o sujeito segue vivendo. A tecnologia permite atender, ser atendido, aprender, ensinar. Músicas maravilhosas tocadas por dezenas de artistas que jamais pensaram em tocar juntos são frequentes e adoráveis. Chacinas, filicídios, fuzilamentos parecem divertir alguns. Até que enfim pararam de falar de corona, exclamam, denotando uma negação do perigo sendo substituída pelo alívio de ver a morte dos outros.

Como vai você? Sem covid, responde-se ao dizer “tudo bem”. Compartilhar um soro positivo virou troféu. Porta-se IgG positiva e a claque urra de alegria. Quase como um Beta HCG positivo. Parabéns, dizem. Pessoas são aplaudidas na alta hospitalar. Vencer a doença significa nascer de novo, vencer a morte, começar uma nova vida.

Mais difícil, mas maravilhoso vai ser ouvir os negacionistas dizerem: “Viu? Eu avisei que era só uma gripezinha? Peguei e não tive nada. Esse isolamento foi em vão”. Mal sabem que só poderão dizer isso porque, de alguma forma, o isolamento funcionou. Somente poderá ouvir quem estiver vivo, especialmente os vacinados.

Na rumorosa eleição americana de 2020, supremacistas brancos invadiram o Capitólio incitados por Trump. Houve 4 mortos. Eram pessoas extremamente perturbadas. Homens e mulheres delirantes, fanáticos e impulsivos. Acreditavam em mentiras e no discurso falacioso de Trump. Em torno deles, milhões se identificam e acreditam em fraude nas eleições, em terra plana, em conspiração comunista, mamadeira de pênis, *kit gay* e alguns são religiosos fundamentalistas.

Há fanáticos em todos os cantos. Não é uma exclusividade brasileira. Pode-se imagi-

nar qual fantasia os nossos eleitores irão usar. Aquele “Village People” peludo e guampudo foi ilustrativo do delírio. Caricatural representante do que se passa no mundo interno dos fanáticos fascistas. Seguiam lá, e seguem aqui, um pai que reforça suas crenças e os impele a reforçar a falsa relação que temos com a morte. A de que somos meros expectadores. São medrosos, são esquisitos que fingem coragem, mas, no fundo, morrem de medo de vacina. O símbolo fálico mais poderoso da atualidade é a seringa. Contém o vírus atenuado, morto, que é capaz de garantir a vida aos vacinados. Alguns não a veem assim. Sentem como algo que vai lhes rasgar o corpo e poderão “virar jacaré”. Uma espécie de seringa de piroca que pode engravidá-los e nascer um bebê chinês. A fantasia inconsciente do mundo interno norteando a conduta no mundo externo. Meras suposições que beiram o ridículo. Ferida mortal no princípio da realidade.

Jean-Paul Sartre ([1945] 1983) escreveu *A idade da razão*. A frase final do livro é um pensamento de Mathieu sobre a sua vida: “Estou na idade da razão”. Sintetiza as reflexões de Sartre sobre a existência, a moral, a convivência com o outro. Isolados, refletimos.

A pandemia está causando muitos problemas de saúde mental. O isolamento social, em especial dos familiares, o medo, a angústia estão aumentados. Medo de adoecer, de transmitir a doença, de sofrer, de morrer e de matar. Matar uma pessoa querida ao transmitir o vírus. Agonia ao ter que trabalhar e não poder se proteger e aos seus. Onipotência de alguns que acham que nunca adoecerão. Está havendo queda nos ganhos das pessoas. Comerciantes veem suas vendas despencar, autônomos veem seus ganhos diminuídos. Profissionais liberais são afetados pelo distanciamento necessário. As pessoas estão convivendo mais consigo mesmas. Ao conhecer aspectos desconhecidos, os indivíduos podem se assustar ou ter gratas surpresas. Um cônjuge pode se mostrar mara-

vilhoso ou intolerável. Saudades de pessoas amadas tornam o viver mais árido. Por amor, algumas pessoas se distanciam. Preservar o outro virou algo muito presente e importante. O cuidar de alguém pode ser, simplesmente, não visitar, não abraçar, não tocar. Relações reescritas, afetos reencontrados, frivolidades sepultadas, bobagens proscritas. Esse reinventar-se pode ser maravilhoso, saudável e proveitoso, mas pode causar sofrimento, ansiedade, doenças depressivas, surtos agressivos, ideias suicidas, avareza, desprezo pelo outro, indiferença.

Uma nova ordem se avizinha. O essencial virou supérfluo. O fundamental é desnecessário. Viver virou sobreviver. Respirar é crucial, desde que com máscara e longe dos outros. A cada minuto, respira-se cerca de 20 vezes de forma involuntária e inconsciente. O quão angustiante pode ser imaginar que 20 vezes expelimos vírus ou o ingerimos? A dinâmica respiratória parece implicar-se com a psicodinâmica. Introjetar a força vital, o Eros ou projetar a morte, o Thanatos. Uma nova ordem se avizinha, uma nova era. Estamos na Idade da Respiração.

Abstract

This paper aims to discuss human issues since the emergence of the coronavirus pandemic, make some connections with other pandemics that have plagued humanity, and find issues that permeate some of them. We will discuss the behaviors, conducts, and some thoughts that motivate, move, and lead the person and those around him/her, the necessary coexistence with the other, the isolation that opposes the enormous virtual exposure. At the same time, the fear of death and the desire for it. The impulses that lead the subject to preserve himself, to expose himself and others. The feeling of finitude, the deadly breath, and the phallic experience of taking the vaccine, of incorporating protection against the virus by means of an inactivated virus. Injecting death (the dead virus) to gain life.

Keywords: *Pandemic, Coronavirus, Plagues, Social isolation.*

Referências

CAMUS, A. *A peste* (1947). Tradução: Valerie Rumjanek. 25. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2019.

FAN, Y.; ZHAO, K.; SHI, Z.; ZHOU, P. Bat Coronaviruses in China. *Viruses*, v. 11, n. 3, p. 210, 2019. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1999-4915/11/3/210/htm>. Acesso em: 15 mar. 2022.

SARTRE, J.-P. *A idade da razão* (1945). Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1983.

SCHUELER, P. O que é uma pandemia. *Fiocruz Notícias e Artigos*, jul. 2021. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>. Acesso em: 15 mar. 2022.

Recebido em: 20/11/2021

Aprovado em: 18/12/2021

Sobre o autor

José Alaíde dos Santos Lopes

Médico formado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Psiquiatra.

Especialista pela Associação Brasileira de Psiquiatria.

Candidato à formação no Instituto de Formação

Psicanalítica no Círculo Psicanalítico

do Rio Grande do Sul (CPRS).

E-mail: josealaide@icloud.com

A máscara como indumentária e metáfora de um tempo: novos possíveis e impossíveis¹

*The mask as clothing
and metaphor of a time:
new possible and impossible*

Luís Antônio Franckowiak Pokorski

Resumo

O presente ensaio se propõe a pensar sobre o analista, a clínica e a instituição psicanalítica, configurados a partir da realidade imposta pelo contexto da pandemia SARS-CoV-2, em que a sociedade buscou e implementou estratégias e alternativas de solução frente ao imenso desafio que se estabeleceu. O ser humano se afirma e se subjetiva diante de obstáculos que são parte da existência. Em um contexto em que a máscara, além de profunda metáfora, tornou-se indumentária necessária e vital, impõe-se o pensar sobre o ser analista, o fazer clínico e o sentido da instituição psicanalítica. Em um cenário de pandemia, não se pode deixar cair a máscara, ainda que, analiticamente, seja saudável que ela possa cair. Freud e autores contemporâneos dão-nos suporte teórico.

Palavras-chave: Máscaras, Psicanálise, Virtualidade, Clínica, Instituição.

Na *Conferência 13: Traços arcaicos e infantilismo dos sonhos*, ao abordar os traços arcaicos dos sonhos, Freud ([1916-1917] 2014) faz menção à pré-história individual de nossa infância, que não está desvinculada de nossa pré-história filogenética. O tecido inconsciente tem uma tecitura social. Essa referência me remete ainda à introdução de *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), onde o pai da psicanálise aponta a pouca agudeza da oposição entre a psicologia individual e a psicologia social ou das massas, destacando:

Na vida psíquica do ser individual, o Outro é, via de regra, considerado como modelo, objeto, auxiliador e adversário (FREUD, [1921] 2011, p. 14).

Ou seja, nossas relações como sujeitos se colocam no horizonte do fenômeno social. Eis que, diante das convocações ao nosso XXIV Congresso de Psicanálise do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) 2021, com o seu provocativo tema *Para além da pandemia: ecos na psicanálise*, certo movimento

1. Trabalho apresentado no XXIV CONGRESSO DE PSICANÁLISE DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE - PARA ALÉM DA PANDEMIA: ECOS NA PSICANÁLISE, realizado pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, de 4 a 6 nov. 2021, por meio da plataforma Zoom.

pulsional foi se instaurando em meu interior. Um movimento de ressonâncias se afirmou com mais intensidade, e o meu ser abriu-se mais atento às vivências e experiências da pandemia e às suas ressonâncias no contexto da psicanálise – na pessoa do analista, na clínica e na própria instituição.

O presente ensaio delineou-se de modo mais concreto em madrugada recente, com o segundo sonho, descrito adiante, quando do sono escapulindo, no anseio de não desperdiçar as imagens, os afetos, os pensamentos, inúmeras máscaras foram se metaforizando em meu psiquismo:

[...] máscaras brancas, *persona*, máscaras negras, máscaras rosas, máscaras xadrezes, máscaras com caveira estilizada, máscaras tantas, variadas máscaras, cai a máscara, ‘põe a máscara, por favor’, variadas cores, máscaras de carnaval, baile de máscaras, máscaras do teatro grego, imagens que se mesclavam ao oceano perfumado das pitangueiras, das laranjeiras e das bergamoteiras do pomar com o seu verdume a se renovar, que se extasiavam ensimesmadas diante do alvo tapete formado pelas pétalas que se desprendiam e se aninhavam no solo, anunciadoras, em meio aos últimos frutos dourados, do adormecer da outonal estação.

Tomado dessa vivência quase alucinatória, pulei da cama em meio aos bocejos da madrugada, dando uma concretude, uma configuração, ao que ora apresento. A partir daí se desenvolveu uma tensão que o próprio existir demanda, a flertar com o gozo e com as demandas do dia a dia, em sua tenacidade, sua aspereza; tensão a encontrar fendas de possíveis espaços e vivências de negociação, tecendo certa (in)sustentável leveza do ser.

Contudo, preciso retornar a uma noite recente. Dela relato o sonho.

Estava em meio ao movimento de pessoas no centro de uma cidade. Não me perguntei em

que cidade eu estaria, nem qual era o meu destino. Fiquei com a minha alma cosmopolita em seu pulsar. A ambiência era de uma libido de vida. Eram ares de movimento, burburinho, contentamento, de liberdade. As pessoas transitavam com seus múltiplos destinos. Minha atenção, porém, fixara-se nos seus rostos; por incrível, eram rostos amáveis. Faces passantes que estampavam sorrisos numa pressa desapressada. Eu fiquei a exclamar a mim mesmo: “Todos estão sem máscara! Meu Deus, que maravilha!”. Surpreso, percebi que eu também me livrara da indumentária que passou a fazer parte de uma realidade que se impôs, realidade esta sempre, de algum modo, anterior a nós mesmos. O cenário era simples, mas dele emanava uma vitalidade, uma vibração coletiva, silenciosa, mas transparente, com um pulsar renovador. Passava a pandemia, com suas imposições ameaçadoras e de irreparáveis perdas.

O sonho descrito, como ressaltado no início deste texto, revela esse Outro que nos entretence. Sou, ali em meu andejar pela rua, o meu ser em sua individualidade e singularidade. Contudo, ao mesmo tempo, sou um tanto dessa multidão. A pandemia em que estamos imersos é uma situação que transcende a nossa individualidade e – mister ser sublinhado – o nosso narcisismo, o nosso egoísta individualismo.

Nessa carona, vamos ao segundo sonho, à vivência da madrugada primaveril.

Estava eu numa instituição. Não distinguia se era um espaço escolar ou hospitalar. Havia um ar de ambivalência. Era um ambiente muito *clean*, organizado. Dois aspectos chamaram minha atenção: o primeiro, um repórter fazia uma enquete com as pessoas, em que dizia “mas não é assim que funciona, não”, como se ali tivesse algo de escamoteado, escondido. O segundo, detalhe importante, todos usavam a máscara, e nos largos espaços, as pessoas, ao se encontrarem, paravam um

instante, com certa reverência, permitindo que o outro continuasse o seu percurso, evitando maior contato e respeitando o certo e o seguro distanciamento.

As vivências oníricas, expressão de nossa vida psíquica, são uma manifestação de nossos desejos, do libidinal, transpassado pelo arcaico individual e coletivo (FREUD, [1900] 2019). Utilizo-me dos meus dois sonhos recentes porque, em meu entender, brotam do meu inconsciente tecido e entretecido, outrossim, de algum modo, por tantos inconscientes, que formam esse coletivo, esse contexto social em seu arcaico e em sua contemporaneidade, o libidinal que nos conecta com o outro. São esses dois sonhos uma ressonância desejante do próprio pensar sobre o contexto pandêmico que se enfronhou na dinâmica globalizante. Realidade que se impôs e se impõe, abrindo espaços de expressão daquilo que temos de mais humano, bem como do que temos de mais regredido.

Notícias recentes de Portugal apontam a liberação do uso de máscaras, atingido o patamar de 80% da população vacinada. O Reino Unido também liberou o uso de máscaras em ambientes livres. Indicadores revelam que os países mais pobres ou estão sem vacinas, ou apresentam índices muito baixos de vacinação. Certas barreiras sanitárias, aos poucos, vão sendo liberadas. Muitas pessoas fazem questão de postar o momento em que recebem a sua vacina. Conforme indicação da Organização Mundial da Saúde e de infectologistas, a vacinação, aliada a outros cuidados, como o distanciamento social, a higienização e a utilização de máscara, ainda nos acompanhará por algum tempo.

Os momentos de vivência se constituem em nossa historicidade. Porém, alguns contextos e vivências mais latentes, como estes dois anos de pandemia SARS-CoV-2, provocaram uma experiência singular, um forte golpe em nosso narcisismo. Os vírus, as bac-

térias, uma infinidade de micro-organismos, estão presentes na cadeia da vida, anteriores a nós. Nosso planeta, em sua cosmicidade, quebrada sua homeostase, podemos afirmar, adocece. É possível que a pandemia esteja nesses desarranjos humanos, os quais, apesar de tudo, podem nos oportunizar uma constituição de saberes e a superação de certas posturas narcisistas, conforme demonstrado por inumeráveis exemplos de cuidados e de humanização, como os variados gestos solidários que testemunhamos.

A humanidade precisou se mobilizar para enfrentar o vírus. Governos, organizações de saúde e laboratórios de pesquisa estão enfrentando essa ameaça que ceifou e ainda ceifa muitas vidas, que gerou sofrimentos, perda de sonhos, orfandade, lutos a serem superados. Uma situação social que convoca a todos e que pode contribuir para o resgate de uma atitude de cuidado com o outro.

Cada um de nós foi ou está sendo afetado por esse contexto. Nossa clínica (quem diria?) também foi abalada pela dinâmica do distanciamento social imposto pelas demandas da pandemia. Alguns pacientes interromperam o tratamento; outros, com o tempo, retornaram. Novos pacientes, nesta clínica *on-line*, procuraram ajuda, conseguindo estabelecer maior ou menor grau transferencial. Outros não se sentiram bem em ser atendidos virtualmente. Frente a essa nova realidade, tomamos cuidados em ambientar o *setting*. Pacientes nos perguntam: “Quando vamos voltar ao consultório?”. Outros demonstram seu desejo de, voltando ao “novo normal”, poder continuar a modalidade virtual no tratamento. Alguns profissionais mesclaram seus atendimentos entre o *on-line* e o presencial, conforme suas condições específicas. Muitos deles destacaram as maiores dificuldades no atendimento às crianças. Na prática da clínica *home office*, observei mais dificuldade em lidar com as resistências dos pacientes, sem negligenciar os fatores inconscientes, uma vez que

o ambiente doméstico nem sempre parece criar certa ecologia de privacidade suficientemente necessária, como na situação de alguém abrir a porta do quarto e exclamar “Ô, mãe, tô de consulta, pô!”

Freud, com a sua genialidade e o seu hercúleo trabalho teórico, construiu, em um contínuo processo de aproximação com o vivenciado em relação a seus pacientes e ao contexto de sua época, a clínica psicanalítica, pensada e repensada por seus seguidores na contemporaneidade.

Somos, por uma imposição da realidade, lançados, como estamos fazendo e vivenciando no contexto aqui focado, provocados e convocados a fazer e a pensar essa “nova clínica”. Não o fazemos sozinhos, como Freud não o fez. Assim, de alguma forma, podemos estar

[...] filiados a alguma instituição psicanalítica e a muitas outras instituições integrantes de nossa vida. Nosso ser analista, forjado e atravessado pelo desejo, sustentado pelas vivências da análise pessoal, seminários teóricos, supervisão e outras instâncias, está relacionado, de alguma forma, à instituição. Esta se constitui de pessoas que constroem sua identidade e um espaço peculiar de pertencimento (POKORSKI, 2019, p. 105).

Johnson (1997) caracteriza uma instituição como um conjunto de ideias de caráter duradouro, atingindo metas reconhecidamente importantes para a sociedade. O autor indica alguns tipos de instituições, como a familiar, a religiosa, a econômica, a curativa e a política, cumprindo funções sociais diferentes. Destaca ainda que, embora a maioria dos aspectos da vida social sejam experimentados como exteriores a si pelos seus participantes, a instituição é moldada e mudada com a sua participação. A instituição psicanalítica, desde a sua especificidade local até a sua afiliação às organizações maiores, é a instância em que se efetiva a formação analítica em seu necessário e fundamental

tripé: análise pessoal, formação teórica e supervisão. A psicanálise, como outras áreas humanas, necessitou buscar alternativas para a viabilização de sua existência. As tecnologias ligadas às redes sociais facilitaram nossos contatos nesses tempos de distanciamento social. Nossas instituições psicanalíticas conseguiram manter e administrar suas diferentes atividades.

Alguém, dias atrás, ao acessar um momento de estudo *on-line* do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS), manifestava seu contentamento em poder ter esses momentos, ter esses espaços e um sentimento de pertença, referindo também que, apesar dos cansaços, todos crescemos, estudamos mais com nossas jornadas, *lives*, seminários, congressos e outros espaços de nossa contínua formação. Uma expressão singela acolhida pelo sentir de todos os ali presentes. Conseguimos sobreviver como indivíduos, como psicanalistas, reconfigurando a clínica, e como instituição, em um processo que, apesar da dureza da realidade imposta pela pandemia, gestou uma reinvenção, dentro de uma historicidade, como referido por Garay (1998), produzindo sua cultura, sua ordem simbólica – e aqui destaco os 65 anos de história viva do CBP e do CPRS celebrados no ano 2021.

Para Mezan (2006), a psicanálise necessitou se institucionalizar para que chegasse até nós. O autor destaca a democracia como um elemento importante da instituição psicanalítica, necessário diante de efeitos transferenciais entre os analistas que impedem o estabelecimento de um essencial funcionamento democrático, capaz de levar a uma construção consensual por parte da maioria.

Em um [Num] contexto em que a máscara, além de profunda metáfora, tornou-se indumentária necessária e vital, impõe-se o pensar sobre o ser analista, o fazer clínico e o sentido da instituição psicanalítica. Em contexto de pandemia, não se pode deixar cair a máscara, ainda que, analiticamente, seja saudável a máscara poder cair.

Fecho o texto com um poema de minha autoria:

Heróis de máscara

*Máscaras
necessárias máscaras.*

*Me habitam as máscaras
dos meus heróis de infância
com as suas fantasias possíveis.*

*Fui Homem de Ferro.
Fui Fantasma.
Fui Zorro.
Fui Batman.
Homem-aranha fui.*

*Os meus heróis em sua humanidade
guardavam o seu rosto e o segredo de seus poderes.
Meus heróis lutavam com vilões
que escamoteavam atrás da máscara
a fragilidade das suas desventuras e malvadezas.*

*Nestes tempos de trágicas dores e desolamentos
a máscara se faz vida
se faz cuidados
se faz proteção.*

*As máscaras são anjos alados
ânsia de novos respirares
na dureza da realidade.*

*Máscaras
necessárias máscaras.*

Abstract

The present essay proposes a reflection about the analyst, the clinic, and the psychoanalytic institution, configured from the reality imposed by the context of the SARS-CoV-2 pandemic, in which society sought and implemented strategies and alternative solutions in the face of the immense challenge that emerged. The human being asserts and subjectifies themselves in the face of obstacles that are part of existence. In addition to being a profound metaphor, the mask has become a vital piece of clothing, which leads to the imperative of thinking about being an analyst, the clinical practice, and the meaning of the psychoanalytic institution. In a pandemic scenario, you can't drop the mask, even though, analytically, the possibility of it falling off is healthy. Freud and contemporary authors give us theoretical support.

Keywords: *Masks, Psychoanalysis, Virtuality, Clinic, Institution.*

Referências

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos* (1900). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2019. (Obras completas, 4).

FREUD, S. Conferência 13: Traços arcaicos e infantilismo dos sonhos. In: _____. *Conferências introdutórias à psicanálise* (1916-1917). Tradução: Sergio Tellaroli; revisão da tradução: Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2014. p. 268-285. *Obras completas*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2014. (Obras completas, 13).

FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos* (1920-1923). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas, 15).

GARAY, L. A questão institucional da educação e as escolas: conceitos e reflexões. In: BUTELMAN, I. (org.). *Pensando as instituições: teorias e práticas em educação*. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998. p. 109-136.

JOHNSON, A. G. *Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1997.

MEZAN, R. *Freud, o pensador da cultura*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2006.

POKORSKI, L. A. F. A psicanálise e a dimensão política. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, MG, n. 52, p. 103-110, dez. 2019. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

Recebido em: 10/11/2021

Aprovado em: 28/11/2021

Sobre o autor

Luís Antônio Franckowiak Pokorski

Psicanalista pelo Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS).

Graduado em filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Especialista em administração educacional pela Faculdade Porto-Alegrense (FAPA), sociologia pela PUC-RS e pedagogia inaciana, pela PUC-RJ.

Doutor e pós-doutorando em psicologia social pela Universidad Argentina John F. Kennedy (UFK). Autor de artigos sobre Psicanálise e dos livros de poesias *E-ternidades*, *Empoemar-se* e *Os porquês da poesia* (coautoria).

E-mail: pokorski17@yahoo.com

Ecoss da pandemia: o que se faz trauma e o que se faz com ele?¹

*Echoes of the pandemic:
what becomes traumatic and how is that dealt with?*

Maria Mazzarello Cotta Ribeiro

Resumo

Este artigo se propõe a elucidar o que faz com que um acontecimento se constitua um trauma psíquico para uma pessoa e outro acontecimento não, e o que determina sua superação. Trouxemos, da vida de Freud, momentos traumáticos e vimos nele posições psíquicas diferentes em cada experiência. Em sua teoria, assim como nos ensinamentos de Lacan, buscamos alicerces que nos conduziram a compreender o trauma como uma atualização das primeiras marcas psíquicas no acontecimento atual. O traumático da sexualidade e da linguagem, na singularidade do ser humano, nos levou a considerar o desempenho das pulsões sexual e de morte, em que o sujeito poderá sofrer a estagnação do desamparo primordial, a morte, ou um empuxo à palavra, à vida. E ao final, o espaço analítico, presencial ou virtual, sustentado pela transferência, vem propiciar ao sujeito em sofrimento a nomeação da sua dor, do seu trauma, podendo, quem sabe, superá-lo.

Palavras-chave: Marcas originais, Sistema psi, Pandemia, Trauma, Elaboração.

Já terminando o segundo ano do assolamento do coronavírus no mundo, deparamo-nos com alguns efeitos advindos de algo da ordem do trauma. Isso nos fez rever a catástrofe da gripe espanhola, ocorrida numa Europa imersa nos acontecimentos da Primeira Guerra Mundial (jul.1914 a nov.1918) e que em pouco tempo, entre 1918 e 1919, dizimou mais de 50 milhões de pessoas, entre elas, uma das filhas de Freud, Sophie, aos 26 anos. Casada há sete anos, residia em Hamburgo e estava grávida do terceiro filho.

Freud, segundo seus biógrafos, procurava visitá-la e aos netos com regularidade, mes-

mo nas dificuldades da guerra. Em set. 1919, fez sua última visita à filha, que veio a falecer poucos meses depois, em 25 jan. 1920, deixando dois filhos pequenos. A gripe espanhola recebeu esse nome, não por ter se iniciado na Espanha e sim porque a Espanha era um dos poucos países neutros na Primeira Guerra Mundial e, tendo uma imprensa livre, começou a divulgar em grande escala notícias sobre a disseminação do que foi o vírus influenza (H1N1) que viemos a conhecer.

Como naqueles anos, hoje o mundo volta a viver um trauma. Estas são épocas devastadoras! Nelas, vemos o traumático se expressar numa sequência de *performances*, em que

1. Trabalho apresentado no XXIV CONGRESSO DE PSICANÁLISE DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE (4 a 6 nov. 2021) e na XII JORNADA DO CBP-RJ (27 e 28 ago. 2021). Ambos os eventos, denominados *PARA ALÉM DA PANDEMIA: ECOS NA PSICANÁLISE*, foram realizados por meio da plataforma Zoom.

o corpo encena o afeto, “um corpo falante” (LACAN, [1972-1973] 1982, p. 178) como o corpo das histéricas da Salpêtrière.

De início temos a perplexidade – o atônito, a suspensão! Segue-se o medo – pelas perdas objetais, perdas do contato físico, das muitas atividades cotidianas, da impossibilidade de planos, inclusive quanto ao futuro! A angústia se introduz – o que se perde com o objeto? A morte se presentifica – expondo a extinção do desejo! E o luto – será possível sua elaboração numa experiência em que não há espaço para ele ser vivido, como é próprio das guerras, tempo em que os lutos se acumulam e seus efeitos se dão *a posteriori*?

Assim descrevi em artigo anterior o atual momento pandêmico:

[...] o real de um número crescente de mortes solitárias em um CTI, [...], sem despedidas de familiares, sepultamentos restritos socialmente e um luto adverso, [...]. O vimos se instalar por perdas objetais significativas, perdas da rotina e da liberdade e pelas alterações na relação com o tempo e o espaço (RIBEIRO, 2020, p. 57 e 59).

O real que se impõe nos questiona: sucumbir ou acionar nossos recursos psíquicos? Foi também uma questão para Hamlet, de Shakespeare, quando disse:

Que será mais nobre para o espírito, sofrer as pedradas e as flechas da fortuna ingrata, ou tomar armas contra um mar de aborrecimentos e exterminá-los por oposição? (SHAKESPEARE, [1601] 1997, p. 153).

No exercício de acompanhar o movimento da pulsão diante do inusitado, do inominável, pedimos licença para pinçar alguns momentos dolorosos da vida de Freud, já tornados públicos, que serão relatados aqui, de forma sucinta, como é possível neste espaço. Sobre o trauma da guerra, no ano 1916, no balneário de Bad Gastein, onde passava férias, escreveu:

A gente tem de utilizar-se de todas as maneiras possíveis a fim de fugir à pavorosa tensão que se observa no mundo exterior; não é coisa que se aguente (JONES, 1979, p. 521).

Com a perda da filha Sophie, impossibilitado de viajar por não haver transporte devido à guerra, Freud escreveu uma carta (25 jan. 1920) a seu genro e fotógrafo oficial, Max Halberstadt, que transcrevo na íntegra:

Meu caro Max,

Uma jovem senhora vai levar esta carta a Berlim e pô-la no correio para Hamburgo. Tenho a sensação de nunca ter escrito uma carta mais supérflua. Você sabe o quanto a nossa dor é grande; nós sabemos das dores que deve estar sentindo; não faço nenhuma tentativa de consolá-lo, da mesma forma que você não pode fazer nada por nós.

Talvez você pense que eu não sei o que significa perder a esposa amada e a mãe dos próprios filhos, porque fui poupado disso. Você está certo, mas, por sua vez, a amarga ferida, em um momento tão avançado na vida e tão próximo da morte, de sobreviver a uma filha jovem e em flor, deve ser algo desconhecido e inconcebível para você.

Também não preciso dizer que essa desgraça não muda nada nos meus sentimentos por você, que continua sendo o nosso filho o tanto que quiser sê-lo, é algo que segue evidente da relação que tivemos até agora.

Para que escrevo então? Acredito que estou escrevendo apenas pelo fato de não estarmos juntos e de não podermos nos ver nessa época terrível de aprisionamento, de modo que não posso te dizer as coisas que fico repetindo com a mamãe e os irmãos, isto é, que foi um ato brutal e sem sentido do destino que nos privou da nossa Sophie, algo que não nos permite fazer acusações nem rumações, mas que nos obriga a abaixar a cabeça sob o golpe, como pobre ser humano abandonado, entregue ao jogo dos poderes superiores.

Pelo menos ela estava feliz enquanto vivia com você, apesar dos momentos difíceis em

que caiu o breve casamento de sete anos de vocês; e ela devia sua felicidade a você.

A mamãe entrou completamente em colapso; ela quer, assim que estiver em condições – a próxima data seria 29 – viajar a Hamburgo e te perguntar quais as suas intenções em relação aos filhos e à casa daqui em diante.

Eu preferia que Math e Robert viajassem no lugar dela, pois confio pouco nas forças da mamãe. Math é inteligente e carinhosa. Robert, apesar do seu jeito brusco e do seu egoísmo evidente, é um bom rapaz e está muito tocado neste momento. Fico feliz também em saber que Oli e, depois Ernst, puderam estar com você, sobretudo que, durante o outono, ficamos em casa aquecidos com vocês.

Dê beijos do avô aos pobres coitados meninos, erga a cabeça e receba as minhas saudações cordiais.

Papai

(SCHRÖTER, [2012] 2021, p. 508).

Segundo Roudinesco (2016, p. 275), Max sobreviveu à guerra e à perda, mas depauperado por uma neurose traumática, com cefaleias e depressão. Seus filhos tiveram os cuidados das tias maternas. Ernst (Ernstl), o mais velho, “o menino do carretel”, com 6 anos, ficou sob os cuidados de Anna, e o mais novo, Heinz (Heinerle), de 13 meses, foi entregue a Mathilde.

Sobre a perda da filha, Freud, ao escrever aos amigos Ferenczi, (4 fev. 1920) e Eitingon (8 fev. 1920), mostrou-se estoico, ocultando emoções profundas, embora as revelasse ao final.

A Ferenczi:

Não se preocupe por mim. Sou o mesmo de sempre, apenas com um pouco mais de cansaço. O acontecimento fatal, embora penoso, não teve força para alterar minha atitude diante da vida. Durante anos estive preparado para suportar a perda de meus filhos (em batalha); agora ocorre a de minha filha. [...] profundamente irreligioso, não há ninguém a

quem eu possa acusar, [...] não há instância alguma a que uma queixa pudesse ser dirigida. [...] Muito lá no fundo posso perceber o sentimento de uma profunda ferida narcisística, que não é passível de cura. Minha mulher e Annerl estão terrivelmente chocadas, num sentido que é mais humano.

A Eitingon:

Não sei o que mais há a dizer. É um fato tão paralisador... [...] Inapelável necessidade, muda submissão (JONES, 1979, p. 585 citado por GAY, 1989, p. 361).

Três anos depois, em 19 jun. 1923, a morte do neto Heinz, aos 4 anos e meio, a quem Freud era muito apegado e que passava uma temporada em sua casa, em companhia de Mathilde e seu marido Robert, causou profundo efeito em seu espírito e no resto de sua vida. Esse golpe foi capaz de levá-lo às lágrimas, segundo relato em suas biografias. O falecimento da criança, por tuberculose miliar, ocorreu três meses após a descoberta do câncer de palato de Freud.

Jones relata o que Freud lhe disse um tempo depois:

[...] essa morte havia feito sucumbir alguma coisa dentro dele, e para sempre. A Marie Bonaparte confessou que nunca mais tivera a capacidade de apegar-se a quem quer que fosse, desde aquela funesta ocorrência, e que meramente retinha as suas antigas vinculações (JONES, 1979, p. 652).

Em carta de condolências a Ludwig Binswanger (15 out. 1926) pela perda do filho de 8 anos, completou:

Heinele representava todos os meus filhos e os outros netos, e desde sua morte, [...] não tenho mais prazer na vida. Este é o segredo da minha indiferença – a que chamam coragem – diante dos perigos que ameaçam minha própria vida (GAY, 1989, p. 386).

No mesmo ano 1926, na entrevista *O valor da vida*, Freud, aos setenta anos, revela ao jornalista americano George Sylvester Viereck, sua aposta na pulsão de vida, pulsão sexual, até que ela seja vencida pela pulsão de morte. Ele disse:

Por fim, a morte nos parece menos intolerável do que os fardos que carregamos. [...] Eu não me rebelo contra a ordem universal. [...] Não, eu não sou um pessimista, não enquanto tiver meus filhos, minha mulher e minhas flores! Não sou infeliz – ao menos não mais infeliz que os outros (VIERECK, [1926] 2001, p. 118 e 128).

Inferimos que, diante dos horrores da guerra, Freud se propôs buscar maneiras possíveis de fugir à pavorosa tensão – ‘defesa’ diante do objeto identificado. Aos horrores da morte de entes queridos, reconheceu os estados de desalento e de abandono humano, entregue ao jogo dos poderes superiores – ‘reconhece’ aí o implacável do real. Ao horror da insistência dos golpes, identifica em si uma incapacidade de apegar-se a quem quer que fosse e de ter prazer na vida – na ‘depressão’, constata o desinvestimento libidinal nos objetos externos e sua volta para o Eu. Na ‘elaboração do traumático’ serve-se do simbólico, nomeando-o ferida narcísica. E para nosso desconforto, o seu veredicto: não passível de cura. Por fim, ‘conciliando-se com a castração’ vale-se do dom do humor, trazendo leveza e elevação a seu espírito: “Não sou infeliz – ao menos não mais infeliz que os outros”.

A vida de Freud nos inspira a refletir sobre as vivências traumáticas do momento atual. E na teoria psicanalítica, buscamos trabalhar as perguntas sobre o trauma e sua resolução.

No texto do *Projeto para uma psicologia científica*, Freud ([1895] 1976) apresenta o ser humano em seu desamparo original, em sua total dependência para com a pessoa experiente, a assistência estrangeira (*Helfer*),

que lhe possibilita a sobrevivência através de uma ação específica, da qual resultam as experiências de satisfação e de dor (FREUD, [1895] 1976, p. 422; QUINET, 2021, p. 157). A dor “não tem obstáculo à sua condução, é o mais imperativo dos processos psíquicos” (FREUD, [1895] 1976, p. 409), e neles sulca trilhas (as facilitações) retomadas a cada nova experiência.

Sobre isso, no *Seminário sobre “A carta roubada”*, Lacan ([1955] 1998, p. 49) fala que o automatismo de repetição (*Wiederholungszwang*), operado pela pulsão de morte, conceituada em 1919 e publicada em 1920 por Freud, reafirma a concepção da memória implicada por seu “inconsciente”. E acrescenta que fatos novos tanto reestruturam de forma generalizada a memória quanto reabrem a problemática da degeneração, que é um efeito que foi considerado por muitos como um simples fato. Neste ponto, Lacan retoma o pensamento freudiano de que nossa existência se baseia na reminiscência ou na repetição (LACAN, [1955] 1998, p. 50).

Ainda no *Projeto*, Freud ([1895] 1976, p. 401) diz que “a memória está representada pelas diferenças (no grau) de facilitação entre os neurônios psi”. O sistema psi, predecessor do inconsciente (LACAN, [1955] 1998, p. 50). “A memória é [...] uma das forças determinantes e orientadoras em relação à via que adotam as excitações” (FREUD, [1895] 1976, p. 401), o que faz com que uma nova excitação, um novo *quantum* de energia prefira uma determinada via e não outra. Essa diferença do *Affekt*, do ser afetado, justificaria um fato ser traumático e outros não? A história humana, iniciada antes do nascimento, desde o desejo dos pais e anterior a eles, se desenvolve num revezamento entre dependência e solidão, em um circuito pulsional que se inicia no corpo e se inscreve no aparelho psíquico. No início da teoria psicanalítica, o factual da sexualidade era o traumático, teoria que foi modificada por Freud após a revelação das fantasias sexuais por suas

pacientes. Como nas palavras de Marco Antonio Coutinho Jorge:

Freud desembocou na noção de “infantilismo da sexualidade”, isto é, de que, a sexualidade é sempre traumática enquanto tal, e isto para todo e qualquer sujeito. Lacan veio a nomear essa passagem (em Freud), como sendo a concepção do *trauma como contingência*, isto é, não se trata de que tenha havido trauma sexual na infância do sujeito, mas sim de que a estrutura da sexualidade é, ela própria, sejam quais forem os acontecimentos históricos, essencialmente traumática (JORGE, 2000, p. 21, *itálico do autor*).

Lacan trouxe ainda o traumático em sua relação com a linguagem, ambos apontando o encontro do sujeito com o enigma do desejo do Outro. Também não passou despercebida a Freud a questão do *a posteriori* nem a função da fantasia,

[...] como a articulação entre inconsciente e pulsão, sendo, essencialmente, fantasia de completude como contrapartida à perda da suposta completude (JORGE, 2000, p. 21).

Diante disso, vemos como respondemos diferentemente ao real. Um acontecimento doloroso, inesperado pode causar uma ruptura de ligações, a efração, à semelhança do *quantum* de afeto que marca diferentemente o sistema psi, desencadeando no aparelho psíquico ‘desavisado’ o retorno ao estado de desamparo original, anterior ao recurso da simbolização.

Aqui cabe uma expressão usada por Lacan ([1953] 1998, p. 319) em *Função e campo da fala e da linguagem*, “o passado revertido na repetição”, isto é, seu retorno ao ponto de origem, ao ponto primevo, a saber, o corpo sem palavra diante do invasor; a pulsão de morte se superpõe à pulsão sexual, atualizando a experiência primitiva. Sua resolução tende a ocorrer pela intervenção do simbólico.

Os sonhos traumáticos revelam a insistência da busca de ligação, em que a imagem, como significante, seria o primeiro movimento numa tentativa de simbolização. No trauma, a linguagem, como expressão simbólica do desejo, não socorre. O sujeito emudeceu. É comum escutarmos: “Não tenho palavras para explicar isso que me aconteceu!”

Escutar em análise exige que o psicanalista acompanhe

[...] a subjetividade de sua época! Pois, como poderia fazer de seu ser o eixo de tantas vidas quem nada soubesse da dialética que o compromete com essas vidas num movimento simbólico (LACAN, [1953] 1998, p. 322).

Essa frase encontrou guarida entre nós e a repetimos sempre que nos deparamos com as intempéries do mundo. Ao enunciá-la, Lacan deu uma sacudida no analista, retirando-o do conforto da teoria e colocando-o tão humano e desamparado quanto seu analisante. O acontecimento penoso atinge os dois lados, mas as respostas serão diferentes, desde que ali esteja um analista com seus instrumentos afiados pela sua análise pessoal: a escuta, a interpretação e o ato, sustentados pelo desejo do analista de que se cumpra uma análise!

Cumprir uma análise é o caminhar em transferência pelo traumático, constituído por aquilo que inundou e estancou o aparelho psíquico. O recurso à fantasia não se sustentando, culmina no sintoma, que traz o sujeito à análise.

Segundo Lacan ([1967] 2003, p. 352), na sessão analítica, “o que temos de surpreender é algo cuja incidência original foi marcada pelo trauma”. A psicanálise “aposta no tratamento do real pela palavra para poder bem-dizer o que faz sintoma” liberando, assim, o sujeito (QUINET, 2021, p. 80).

A epidemia, por suas consequências, causou um estado de pânico! Após os primeiros momentos de atonicidade, houve um desper-

tar para o que nos concerne como psicanalistas: escuta e ato psicanalíticos, no encontro do sofrimento psíquico. O dispositivo da análise virtual surgiu como uma saída possível. Ele exigiu reflexões, propostas, elaborações e aposta num *setting* novo, desconhecido por nós, mas que garantiria sua eficácia ao balizar-se nos fundamentos éticos e clínicos da prática psicanalítica, como transferência, interpretação e ato, sustentados pela voz e o olhar, como extensões do corpo presencial.

“Não se confina o inconsciente”, disse Antonio Quinet (2021, p. 70), tampouco os psicanalistas. De repente, o analista se viu dentro dos espaços da casa de seus analisantes. Isso nos lembrou os atendimentos que Breuer e Freud faziam em visita à casa dos primeiros pacientes. Aprendemos com eles a lidar com o inusitado dessa intimidade!

Somos participantes de um tempo histórico que o futuro conhecerá através dos nossos relatos! Que possamos trazer a prática psicanalítica para o momento atual, com audácia, mas com responsabilidade para com o nosso ofício. É possível que os dois formatos do exercício da psicanálise sobrevivam lado a lado sem se excluírem... Só o tempo nos dirá!

E nas palavras de Hamlet:

Se dizem que no sono sufocamos a dor do coração e os mil acidentes naturais a que está sujeita a carne, aí está um estado que desejamos fervorosamente. Morrer, dormir. Dormir, talvez sonhar. Sim, esta é a dúvida. Que sonhos se pode ter neste sono da morte, depois que escapamos à tormenta da vida, é coisa que nos faz pensar (SHAKESPEARE. [1601] 1997, p. 153).

Abstract

This article aims to elucidate what causes an event to constitute a psychic trauma for one person and not for others, and what determines its overcoming. We considered traumatic moments experienced by Freud and we witnessed different psychic positions in every experience. In his theory, as in Lacan's teachings, we have sought for theoretical foundations that have led us to understand trauma as an update of first-time psychic marks that are re-signified in the current event. The traumaticity of sexuality and language, in the singularity of the human being, have led us to consider the performance of the sexual and death drive, in which the subject may suffer the stagnation of primordial helplessness, death, or a thrust to the word, to life. And in the end, the analytical space, be it face-to-face or virtual, supported by transference, provides the subject in suffering with recognition and a name for his pain, his trauma, and who knows, the possibility to overcome it.

Keywords: *Primal inscriptions, Psy system, Pandemic, Trauma, Elaboration.*

Referências

- FREUD, S. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos* (1920-1922). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976. p. 13-85. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, 18).
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (1886-1889). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976. p. 381-517. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).
- GAY, P. *Freud, uma vida para o nosso tempo*. São Paulo, SP: Schwarcz, 1989.
- JONES, E. *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1979.
- JORGE, M. A. C. *Fundamentos da psicanálise de Freud e Lacan*, v. 1: as bases conceituais. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2000.
- LACAN, J. Da psicanálise em suas relações com a realidade (1967). In: _____. *Outros escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2003. p. 350-358. (Campo Freudiano no Brasil).
- LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: _____. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1998. p. 238-324. (Campo Freudiano no Brasil).
- LACAN, J. O seminário sobre “A carta roubada” (1955). In: _____. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1998. p. 13-66. (Campo Freudiano no Brasil).
- LACAN, J. *O seminário, livro 20: Mais, ainda* (1972-1973). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: M. D. Magno. 2. ed. rev. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1925. (Campo Freudiano no Brasil).
- QUINET, A. *A política do psicanalista – do divã para a polis*. Rio de Janeiro, RJ: Atos e Divãs, 2021.
- QUINET, A. *Análise online – na pandemia e depois*. Rio de Janeiro: Atos e Divãs, 2021.
- RIBEIRO, M. M. C. Análise on-line! Considerações sobre a transferência. *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, RJ, n. 54, p. 57-64, dez. 2020. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.
- ROUDINESCO, É. *Sigmund Freud, na sua época e em nosso tempo*. Tradução: André Teles. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- SCHRÖTER, M. *Sigmund Freud: Lettres à ses enfants - 1907-1939*. França: Aubier, 2012. Tradução livre: Betty Fuks, 2021.
- SCHRÖTER, M. *Sigmund Freud: cartas aos filhos - 1907-1939*. Tradução: Georg Otte e Blima Otte. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2021.
- SHAKESPEARE, W. A tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca. Tradução: Oliveira Ribeiro Neto. In: *Shakespeare tragédias*. Belo Horizonte, MG: Villa Rica, 1997.
- VIERECK, G. S. O valor da vida – uma entrevista rara de Freud (1926). In: GAY, P.; RIEFF, P.; WOLLHEIM, R. *Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan*. Tradução: Isa Mara Lando e Paulo César de Souza. 2. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1990. p. 117-128.

Recebido em: 16/11/2021

Aprovado em: 08/12/2021

Sobre a autora

Maria Mazzarello Cotta Ribeiro

Psicóloga.

Psicanalista.

Professora no Programa

de Formação Psicanalítica do CPMG desde 1994.

Editora da Revista *Reverso* (CPMG) desde 2015.

Sócia do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais

(CPMG).

Sócia do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP).

Sócia da Federação Internacional de Sociedades

Psicanalíticas (IFPS).

Autora de artigos publicados em livro e revistas

de psicanálise.

Presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP)

- gestão 2002-2004.

Presidente do Círculo Psicanalítico

de Minas Gerais (CPMG) - gestão 2005-2007.

Coordenadora da Clínica da Psicanálise do Círculo

Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG) - gestão

1999-2001.

Coordenadora da Comissão de Formação

Psicanalítica do CPMG

gestões 2001-2003 e 2003-2005.

E-mail: mazzarellocotta@yahoo.com.br

Harmonização orofacial e covid-19: a experiência estética e o desamparo psíquico na interlocução entre odontologia e psicanálise¹

*Orofacial harmonization and covid-19:
the aesthetic experience and psychic helplessness
in the dialogue between Dentistry and Psychoanalysis*

**Rodrigo Zanon de Melo
Luciana Freitas Bastos
Larissa Aparecida Vaz Oliveira
Cristina Fontes Puppim
Marcelo Daniel Brito Faria**

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo propor uma interlocução entre odontologia e psicanálise tendo como objeto de estudo o procedimento estético de harmonização orofacial e suas ressonâncias psíquicas. Diante do momento pandêmico atual e do aumento da procura pelo procedimento, fazemos uma reflexão sobre as situações em que a harmonização orofacial comparece como tentativa de “solução” frente a questões decorrentes de sofrimentos psíquicos e sintomas contemporâneos. Entre a indicação clínica e a busca pela imagem simétrica idealizada, percorremos um caminho teórico-clínico entre o olhar do cirurgião-dentista e a escuta do psicanalista, a fim de possibilitar ao sujeito que procura o procedimento estético uma vivência genuína de sua experiência.

Palavras-chave: Harmonização orofacial, Pandemia, Desamparo, Corpo, Imagem, Odontologia, Psicanálise.

*Eu sou você que se vai no sumidouro do espelho...
Você sou eu que me vou no sumidouro do espelho...*

Catavento e girassol
ALDIR BLANC; GUINGA

Introdução

A ideia de estudar psicanálise e odontologia nasceu junto com a coordenação da disciplina de psicologia aplicada à odontologia.

Com a abordagem do novo currículo da Faculdade de Odontologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FO-UERJ), a psicologia, que era ministrada no currículo

1. Trabalho redigido a partir de mesa apresentada pelas autoras no XXIV CONGRESSO DE PSICANÁLISE DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE - PARA ALÉM DA PANDEMIA: ECOS NA PSICANÁLISE, realizado pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, de 4 a 6 nov. 2021, por meio da plataforma Zoom.

básico, agora se integra à formação do futuro profissional de odontologia, e professores das disciplinas de Saúde Bucal Coletiva e Radiologia assumem esse desafio. Como se trata de um conteúdo novo, buscamos estudar a psicanálise para podermos da melhor forma possível ensinar a interlocução da psicologia com a odontologia. Este artigo um dos frutos de nossa experiência.

Paralelamente, nesse mesmo período, construímos o Núcleo Odontológico de Radiologia e Atendimento a Pacientes com Necessidades Especiais, que foi inaugurado no final de 2016 e iniciou suas atividades em janeiro de 2017. Localizado na Policlínica Piquet Carneiro (PPC-UERJ), o Núcleo tem como objetivo prestar serviço de saúde à população por meio de ensino, pesquisa e extensão, construindo ao mesmo tempo um campo adequado para o desenvolvimento de modelos inovadores na assistência e no ensino.

Por meio de projetos do Fundo de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), conseguimos implantar o Núcleo de Imaginologia e Radiologia Odontológica. E na sequência, construímos uma clínica com cinco consultórios para o atendimento odontológico de pacientes com necessidades especiais criando, assim, o Núcleo Odontológico de Radiologia e Atendimento a Pacientes Especiais.

É nesse cenário que estamos expandindo para um apoio psicanalítico com a interlocução entre as áreas de psicologia e psicanálise da UERJ e do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção RJ.

Harmonização orofacial: abordagem odontológica

A pandemia gerou um aumento significativo das experiências virtuais, com a quarentena e o distanciamento social. As reuniões *on-line*, e o *home office* se tornaram parte da realidade das pessoas. Dentro do lar, as pessoas passam mais tempo do dia diante do espelho, mais tempo nas redes sociais, onde os encon-

tros se reduzem à imagem, o que acarretou, em um segundo momento, um significativo aumento na procura dos procedimentos de harmonização.

Entende-se por harmonização orofacial um conjunto de técnicas combinadas de procedimentos estéticos realizados com a finalidade de aumentar a autoestima, corrigir assimetrias e harmonizar os terços da face. É possível tanto realçar quanto melhorar alguns pontos e expressões que estejam em desequilíbrio, inclusive os efeitos do envelhecimento. Exemplos desses procedimentos são o preenchimento com ácido hialurônico, a aplicação da toxina botulínica, a bioestimulação de colágeno, os fios faciais e a bichectomia.

De maneira geral, o procedimento é recomendado para pessoas que não estão satisfeitas com sua aparência, que consideram que alguns pontos não estão simétricos com o restante do rosto, ou que procuram a prevenção e a diminuição dos processos de envelhecimento.

Além de um sólido conhecimento da anatomia e da fisiologia de envelhecimento da face, é necessário que profissional de saúde saiba detectar, abordar e encaminhar aquele paciente cujo tratamento irá finalizar somente com ajuda psicológica.

Diante dessa realidade, apresentamos dois casos clínicos em vivências nos consultórios odontológicos, onde os procedimentos estéticos se apresentaram como tentativa solucionar sofrimentos psíquicos do sujeito, característicos do momento contemporâneo.

Caso clínico 1

Paciente de 60 anos, gênero feminino, que chamaremos de Rosa, trata-se no meu consultório, há mais de 10 anos. Ao longo da convivência, observei muitas situações e, com o auxílio da psicanálise, compreendi melhor suas atitudes durante o atendimento odontológico.

Desde o início, Rosa apresentou muitas questões em relação a sua vida. Sempre sim-

pática e muito carente, é viúva, tem um filho adulto, que está em outra cidade e mora sozinha. Sofre de depressão e relata muitas angústias e sempre conversa antes de ser atendida. Existe uma necessidade de ser acolhida. Temos uma boa relação. Muito instável, relata problemas de saúde e tem muita dificuldade de organizar sua rotina.

Observei que os dentistas anteriores abandonavam seu tratamento. Rosa sempre teve dificuldade em terminar seu tratamento odontológico. Aparecia e voltava para fazer procedimentos. Seu atendimento foi realizado em partes, pois ela desmarca consulta com frequência. Devido ao uso contínuo de antidepressivos, acaba dormindo além da conta, e seu sofá é o local preferido. Seu horário de atendimento é sempre marcado para a tarde, já que ela dorme durante o dia e passa a madrugada acordada.

Faz tratamentos estéticos, como preenchimento com botox e ácido hialurônico. Muito vaidosa, não aceita a sua idade real nem ser idosa. Me pede para chamar pelo seu apelido, não suporta ser chamada de senhora. Rosa se veste como uma jovem: usa *legging*, salto alto, roupas justas, tem muita preocupação em manter os dentes claros, é cuidadosa, tem pânico de se ver com uma “dentadura”.

A paciente revela aspectos importantes. A depressão, a necessidade estética e sua solidão nos fazem pensar que ela deveria ter um atendimento psicanalítico, mas infelizmente sua rotina se mostra desorganizada. Sua relação com o filho é difícil e distante. Durante o atendimento, sente muita necessidade de falar. Passei a ouvir essa paciente com atenção e criamos uma boa relação.

Caso clínico 2

Paciente do gênero feminino, 37 anos, advogada, casada e com dois filhos. Ao ser indagada sobre sua queixa principal, relatou não apenas um anseio por mudanças físicas, mas também uma importante necessidade de transformações pessoais, profissionais e fa-

miliares. Muito além de um preenchimento ou aplicação da toxina botulínica, na anamnese, ela trouxe a expectativa resgatar sua autoestima, seu casamento sua competência no emprego.

Segundo ela, essa seria a “fórmula” para melhorar seu desempenho no trabalho. Desabafou sobre dispensar vários clientes por não se julgar capaz, fato que estava ocasionando problemas também com sua sócia. Seria o resgate do seu casamento, que, pelo relato, estava muito desgastado. Seria o reencontro com seu amor-próprio, sua vaidade e sua imagem sorridente no espelho. Na sua opinião, após as gestações, não mais se enxergava bonita.

É importante ressaltar as indicações clínicas dos procedimentos estéticos. Eles são excelentes para amenizar sinais de envelhecimento, melhorar a simetria facial, aumentar a autoestima, porém devem ser indicados e realizados sob expectativas reais e na sua real finalidade: a melhora estética.

É preciso orientar os pacientes sobre a estética sem exageros e mostrar serviços adequados à sua idade, para que não se mostrem muito artificiais, a exemplo do que estamos vendo na TV e nas redes sociais – a necessidade de uma beleza perfeita.

É inevitável para o cirurgião-dentista não sentir o peso dessa expectativa, o que leva o profissional a repensar os significados de beleza na contemporaneidade. O que se tornou belo? Impossível não dissociar do contexto de bombardeio de ideias e padrões das redes sociais, onde é possível esconder imperfeições atrás de filtros e edições, gerando frustrações no mundo real, onde precisamos viver de “cara limpa”.

Sujeito, cultura e o imperativo da beleza

Atualmente, a cirurgia de harmonização orofacial tornou-se uma das áreas mais evidentes e lucrativas da odontologia estética. A procura por um rosto harmônico e simétrico tem comparecido com bastante frequên-

cia aos consultórios, levando a odontologia moderna a ampliar e renovar seus procedimentos, uma vez que os pacientes têm buscado não somente uma função mastigatória eficiente e um sorriso agradável, mas também a obtenção de um conjunto harmonioso e beleza da face como um todo. E o rosto é a imagem de referência de cada sujeito.

Em nossa clínica, temos visto o sujeito cedendo à lógica mercantil e consumista os territórios outrora privatizados de seu corpo e sua “alma”, isto é, seu mundo interior. Há um esforço para tornar seu corpo o espelho dos modelos vendidos como perfeitos e idealizados, “enquanto sua ‘alma’ vaga nos consultórios odontológicos em busca de um rosto perfeito e simétrico.

Observamos também um forte apelo à medicalização com psicofármacos, na tentativa ilusória de paz ou anestesia alienante. Em relação às novas formas de subjetivação na atualidade, percebemos uma negação do sofrimento acompanhada da busca incessante de felicidade (FORTES, 2009).

Hoje nosso corpo se tornou um reflexo dos modelos vendidos como ideal nas plataformas digitais *Instagram*, *Tik-Tok*, *Facebook*, além de programas midiáticos. Assim também acontece nas salas de espera dos consultórios odontológicos para a realização de uma harmonização orofacial perfeita, cujo modelo está presente na mídia e na nossa cultura. Celebidades, craques futebolísticos, *youtubers* com mais de cem milhões de seguidores, sujeitos alienados nesta indústria do consumo criando uma sociedade narcisista fechada sobre si, cujas principais características são a indiferença e a precariedade das relações.

A sociedade de consumo e o sistema capitalista vêm manipulando o sujeito contemporâneo e transformando seu corpo em objeto de troca. Sua face, sua pele, seu corpo têm um custo financeiro e de objeto fetiche. É preciso estar limpo, simétrico e de acordo com os modelos idealizados na cultura.

Birman (2012, p. 69) afirma:

O corpo é o registro antropológico mais eminente no qual se enuncia na atualidade o mal-estar. Todo mundo hoje se queixa de que o corpo não funciona a contento.

Esse aspecto da descartabilidade é árduo, pois obriga o sujeito a se acorrentar a inúmeros objetos parciais, acabando por não exercer seu desejo que, paralisado, se coloca no lugar do não ser. A proposta é que a alteridade é um risco, pois o que é da ordem do coletivo, da diferença é potencialmente considerado rival, segundo Birman (2012).

Atualmente, os laços afetivos precisam gerar prazer imediato. Corpos em alta *performance* e rendimento. E se porventura aparece qualquer ameaça de sofrimento, o outro é descartado rapidamente para preservar a ilusória sensação de felicidade. A felicidade plena é um atributo fundamental e irrevogável das individualidades contemporâneas.

De acordo com Bauman (1998) e Baudrillard (2008), na passagem do século XX, deu-se uma ruptura da então instalada sociedade de produção para a consolidação de uma sociedade de consumo, em que há uma crescente mercantilização de todos os domínios da experiência humana. Opera-se, com isso, uma ruptura do Eu, uma fragmentação da vida humana, ou seja, a sociedade pós-moderna, marcada por um consumo selvagem, é orientada pela sedução, pela volatilidade e por desejos intermináveis.

A convocatória é estar sempre pronto, ter alta *performance* em todos os níveis da vida humana, ter a verdadeira capacidade de aproveitar a oportunidade no instante em que ela se apresenta, desenvolver novos desejos para as novas seduções que serão sempre indispensáveis. Segundo Shopenhauer (2005), esse seria um caminho para a inexistência e oscilaríamos entre o tédio e o ócio.

Segundo Maria Lúcia Homem (2003), a dialética do desejo e da falta se mostra sem consistência: enquanto a falta deveria permi-

tir ao sujeito se deparar com o vazio, possibilitando o despertar do desejo, o que vem ocorrendo na clínica psicanalítica atualmente é o sujeito com a necessidade contínua de pôr fim à falta, instaurando um novo objeto, um novo produto, um falo que bloqueia e anestesia qualquer alusão ao vazio.

Homem (2003, p. 4) diz que reside aí

[...] o aspecto mais árduo da descartabilidade, já que obriga o sujeito a acorrentar-se a um modelo de perfeições estético, acabando por não exercer seu desejo que, paralisado e perdido, coloca-o no lugar de não ser.

O desamparo e a cartografia corporal

A clínica psicanalítica vem se deparando, cada vez mais, com sofrimentos que não seguem a lógica do conflito psíquico, do recalque e da representação. Sofrimentos que se caracterizam pela impossibilidade de representação e nomeação estão presentes nas novas formas de subjetividade.

O que está em questão nessas modalidades de sofrimento é a tentativa de existir psiquicamente em sofrimentos que implicam uma convocação do registro do corpo, passagens ao ato, além das doenças psicossomáticas.

Como experiência estética, o procedimento de harmonização orofacial convoca o registro corporal a partir da intervenção clínica no corpo biológico. Esse fator possibilita ao sujeito em situação de sofrimento psíquico apropriar-se sintomaticamente do procedimento como tentativa de solução, principalmente para questões da ordem dessas sintomatologias contemporâneas. Há uma convocação do corpo biológico como tentativa de simbolização seu sofrimento.

Pensar o corpo em psicanálise nos coloca diante das vivências originárias do aparelho psíquico em formação, da vivência do desamparo, um conceito muito caro à clínica psicanalítica.

Laplanche e Pontalis (2001, p. 112) definem vivência:

Estado do lactente, dependendo inteiramente de outrem para a satisfação das suas necessidades (sede, fome), é impotente para realizar a ação específica adequada para pôr fim à tensão interna. Para o adulto, o estado de desamparo é o protótipo da situação traumática geradora de angústia.

Nessa experiência originária de constituição psíquica, encontramos uma vivência paradoxal, como protótipo da situação traumática e potencialmente estruturante, onde o corpo biológico se transforma em corpo erógeno, o que implica a construção de uma cartografia pulsional e inscrição primária da possibilidade desejante no aparelho psíquico.

O sentimento de desamparo aparece já nas primeiras experiências da vida como resultado da incompletude do organismo, de sua necessidade de realizar trocas com o mundo e da extrema dependência da ajuda de outros.

Para Birman (2014, p. 39-40),

[...] o registro psíquico do desamparo é algo de ordem originária, marcando a subjetividade humana para todo o sempre, de maneira indelével e insofismável.

Segundo Winnicott ([1958] 2005) no estado inicial da vida, no qual é absoluta a dependência ao ambiente, há, por um lado, um bebê premido pelas exigências da vida e, por outro, um ambiente desejoso por satisfazê-las.

Desse encontro, experiências de satisfação podem ser alcançadas fundando e marcando um solo de experimentações e vivências que, ao serem integradas, forjam a constituição da psique em suas relações mais estreitas com o soma.

A conquista de uma existência psicossomática como fruto desses movimentos se constitui como fundamental para as conquistas emocionais futuras (BREZOLIN; PINHEIRO, 2011).

Freud iniciou sua abordagem teórica sobre o desamparo em 1895, no *Projeto para uma psicologia científica*, no tópico em que trata da “experiência de satisfação”. Nesse texto, Freud (1950 [1895] 2006) relata que o recém-nascido precisa de ajuda para promover a ação específica de que necessita para sua sobrevivência. A ajuda necessária será encontrada na figura de um adulto que passará a responder aos sinais de apelo do bebê. Essa comunicação, que ocorre e que se estabelece entre o bebê e a mãe, é de extrema importância para o desenvolvimento psicológico.

A comunicação mãe-bebê vai tornar possível a tradução das intensidades corporais do bebê em representações, possibilitando a entrada no campo pulsional. O conceito de pulsão nos aparece como um conceito limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico das excitações, oriundas do interior do corpo é chegando ao psiquismo, como uma medida da exigência de trabalho que é imposta ao psíquico em consequência de sua ligação ao corporal.

É nesse momento paradoxal que se inicia o processo de simbolização e a construção da cartografia corporal oriunda dessa vivência. O nascimento biológico e o nascimento psíquico não coincidem no tempo. Assim, para adquirir um primeiro senso de existir enquanto unidade psíquica, o bebê vai precisar alcançar uma consciência de separação física da mãe. Vai precisar sair da unidade dual para perceber a existência de um eu e de um não eu. É a trajetória inicial para o desenvolvimento de um psiquismo. De início, portanto, ego corporal para construir um ego psíquico.

A figura materna tem papel fundamental no desenvolvimento emocional do bebê, isto é, funciona como intérprete das suas ansiedades e medos. A mãe capta as informações que emergem das manifestações do bebê na relação com ela e tenta decodificá-las, devolvendo a ele o que resulta de suas interpretações. Assim, uma boa relação e comunicação fazem o bebê se sentir amparado.

O processo de subjetivação (diferenciação) articularia, através do conceito de pulsão, o somático e o psíquico, A subjetividade ocuparia, seguindo-se a fórmula freudiana da pulsão, o lugar de um corpo específico ao pensamento psicanalítico, constituído pela indicação força pulsional. Tal corpo – não biológico – agregaria os atributos subjetivos assistemáticos, sem unidade ou hierarquia, correspondendo à potência criadora da subjetividade (ROZENTHAL, 2009).

Na construção teórica freudiana, o conceito de desamparo foi se modificando e se prestou a designar desde um estado de imaturidade infantil até a necessidade de dependência que o bebê tem que ter do objeto primário para realizar suas ações específicas. Foi também considerado importante para a edificação da civilização, posto que, temendo o desamparo, o homem teria estreitado o relacionamento com seus pares para superar coletivamente suas fragilidades, ainda que às custas de renúncias pulsionais.

Enquanto um sentimento estruturante do psíquico, o desamparo é imprescindível para a descoberta da dependência e da inevitável relação com o mundo.

Birman (1999, p. 37) esclarece:

A força pulsional não é absorvida totalmente pelo universo da representação, mas demanda do outro um trabalho de interpretação incessante, infinito e interminável. Com isso, o sujeito como destino é sempre um projeto inacabado, se produzindo de maneira interminável, se apresentando sempre como uma finitude face aos seus impasses, confrontado ao que lhe falta e ao que não é. Nessa figuração, seria a pulsão que desordenaria as formas estabelecidas de representação e de subjetivação, já que o mundo instituído de objetos de satisfação e de representações fica sempre aquém das exigências pulsionais.

No processo de representação, os limites corporais contêm e transformam a experiência de intensidade em experiência de potên-

cia. O corpo em sofrimento (impossibilidade de nomeação dos sofrimentos para o corpo de sofrimento pela representação dos sofrimentos).

Inicialmente, o corpo biológico é de extrema importância para o início do processo de simbolização. Memórias corporais são construídas nesse momento, para em sequência se dar o processo de constituição de passagem do eu corporal para o eu psíquico.

Esse processo foi muito bem explorado por Didier Anzieu (2000, p. 61-62) em seu trabalho sobre o Eu-Pele:

Por Eu-pele designo uma representação de que se serve o Eu da criança durante fases precoces de seu desenvolvimento para se representar a si mesma como Eu que contém os conteúdos psíquicos, a partir de sua experiência da superfície do corpo. Isto corresponde ao momento em que o Eu psíquico se diferencia do Eu corporal no plano operativo e permanece confundido com ele no plano figurativo.

Porém, essa vivência pode não se dar de forma estruturante. A qualidade relacional pode não funcionar efetivamente e a experiência pode se tornar potencialmente traumática.

O trauma seria a contrapartida do excesso, que paralisa o psiquismo na sua mobilidade. Isso porque o eu não consegue se precaver dos perigos materializados por acontecimentos imprevisíveis, pela sua antecipação sob a forma de angústia-sinal. Portanto, os acontecimentos não pressentidos se impõem com violência, provocando a angústia do real e não mais a angústia do desejo, isso é, o excesso de excitação que se impõe e a experiência traumática consequente (BIRMAN, 2012, p. 74-75).

A necessidade de sucessivas intervenções no corpo é muito comum nas modalidades de sofrimento a quem da possibilidade re-

presentacional. Segundo Joyce McDougall (2013, p. 172),

[...] um corpo sofredor é um corpo vivo os sofrimentos no corpo são capazes de fazer ressurgir a memória apaziguadora de um outro corpo [...]. Aquilo que deveria provir de fontes psíquicas internas (isto é, de uma representação do ambiente maternante interiorizado capaz de restituir à criança o sentimento de seus limites corporais e de lhe permitir dominar suas emoções) agora tem que ser procurado no próprio corpo doente.

Assim nos diz Anzieu (2000, p. 36) ao se referir às mutilações na pele, sintomatologia característica dos estados-limite, uma patologia dentro dessa realidade de sintomatologias contemporâneas:

As mutilações da pele – às vezes reais, mais frequentemente imaginárias – são tentativas dramáticas de manter os limites do corpo e do Eu, de restabelecer o sentimento de estar intacto e coeso.

Nesses casos específicos, quando a relação primária se constitui precária, torna-se impossível representar o outro na relação. Assim, entramos nas modalidades clínicas em que o corpo convoca essa relação com a alteridade, radical. Então surge a impossibilidade de pensarmos na falta, pois estamos na ordem da inexistência psíquica.

Portanto, a qualidade da alteridade e, conseqüentemente, sua internalização estão diretamente ligadas às primeiras relações mãe (ambiente) e bebê. Um efetivo desprendimento do objeto primordial pressupõe que a problemática primária ego/não ego tenha sido suficientemente bem desenvolvida (ROUSSILLON, 2005, p. 149).

Submeter o rosto a inúmeras intervenções estéticas pode ser uma tentativa de atuação defensiva precária na intervenção concreta no corpo biológico, nas situações em que a impossibilidade do sujeito de nomear seu

sofrimento demanda ao psiquismo uma sensação momentânea de aplacar as intensidades e existir psiquicamente. Assim, o corpo biológico ganha protagonismo, tentando dar contorno, limite e simbolização às intensidades internas disruptivas.

A cada intervenção, o corpo que sobrevive sem colapsar as inúmeras intervenções, proporciona a falsa sensação de existência. Assim sendo, na impossibilidade da construção desse corpo psíquico de representações, o corpo biológico necessitará cada vez mais de intervenções concretas, tentando dar conta do desespero da impossibilidade de nomear a dor.

A impossibilidade do desejo e a construção idealizada da imagem

Uma das características do momento atual é a superexposição virtual, potencializada pelas redes sociais, evidenciando cada vez mais a questão imagética e a construção de um ideal de beleza, através de modelos de relações especulares.

Seguindo o percurso teórico até o presente momento, após abordarmos a experiência do desamparo e suas possíveis ressonâncias corporais na intervenção clínica no procedimento de harmonização orofacial, exploraremos agora a relação da construção imagética idealizada e sua implicação na impossibilidade desejante. Examinaremos, assim, a relação entre a precariedade de simbolização da falta e a impossibilidade do desejo na busca pelo rosto simétrico no procedimento estético.

Freud ([1930] 2006), em *O mal-estar na civilização*, descreve a relação do belo com o prazer, aquilo que faz anteparo ao mal-estar do sujeito, a partir do momento em que oferece um véu sobre o indizível das decepções e dos maus encontros que perpassam a vida de cada um (DARRIBA; RASE, 2008).

A “sociedade do espetáculo” manifesta extrema preocupação com aquilo que é da ordem do externo. A dimensão de espetáculo está referida a uma dimensão teatral, cêni-

ca. O registro do “ser” e do “parecer” tende a se confundir nessa perspectiva, e os valores predominantemente ligados à interioridade tendem a ser deixados de lado.

O que se observa é uma vivência cada vez mais fechada em uma bolha narcísica, negando a impossibilidade das relações com pessoas “reais” em que a busca incessante pelo melhor desempenho não deixa possibilidade para a falha e a frustração.

Tal situação nos leva ao texto freudiano fundamental para reflexão da temática *Sobre o narcisismo: uma introdução*, no qual Freud ([1914] 2006) descreve o narcisismo como uma fase intermediária entre o autoerotismo e a escolha objetal, necessária à constituição do Eu. O autor afirma a existência de um investimento da libido sobre o eu, que será posteriormente deslocado em direção aos objetos.

Assim sendo, o desenvolvimento psíquico será trabalhado como processo de construção de um eu separado do mundo, a partir de uma fase autoerótica de indiferenciação eu-mundo, seguida de uma fase em que o eu, recém-conquistado (por uma “ação psíquica”, é tomado como objeto do desejo e fonte de satisfação.

A superação dessa condição depende das frustrações que a realidade inevitavelmente apresentará ao narcisismo, de maneira que, com o desenvolvimento, o eu investido no narcisismo primário terá de ceder seu lugar de objeto de desejo a um ideal de eu, a uma imagem de como e o que o eu deve ser, oriunda das identificações do sujeito com outros “eus” em suas relações. O estado paradisíaco de perfeição e completude, entretanto, está fadado a ser interrompido sob pena de a criança não ascender ao estatuto de sujeito.

De modo geral, tanto os traços do narcisismo primário (eu-ideal) como os do narcisismo secundário (ideal do eu) irão constituir a personalidade e acompanhar o indivíduo durante toda a sua existência. Foi a partir do olhar libidinizado da

mãe que a criança se reconheceu e se sentiu amada. Daí para a frente, todas as suas escolhas objetais e suas realizações terão por base esse período em que foi possível o desenvolvimento do amor por si mesma, condição estrutural para as relações com objetos externos e para a inscrição do desejo no campo relacional.

Em *Projeto para uma psicologia científica*, Freud ([1950/1895] 2006) estabeleceu o desejo como “atração positiva para o objeto desejado ou, mais precisamente, por sua imagem mnêmica”, e já defende a ideia de que os sonhos são realizações de desejos, porém não reconhecidos como tal pela consciência porque neles a

[...] liberação de prazer é escassa, pois, em geral, eles seguem seu curso sem afeto (sem liberação motora) (FREUD, [1950/1895] 2006, p. 393).

Portanto, o traço mnêmico já seria uma primeira experiência de simbolização (matéria-prima psíquica). Para Freud, a grande força motriz da ação de um sujeito é a busca de retorno a esse momento de satisfação plena, que nunca mais será revivido integralmente.

Na concepção dinâmica freudiana, um dos polos do conflito defensivo – o desejo inconsciente – tende a realizar-se restabelecendo, segundo as leis do processo primário, os sinais ligados às primeiras vivências de satisfação. A psicanálise mostrou, no modelo do sonho, como o desejo se encontra nos sintomas sob a forma de compromisso (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 113).

Paola Mieli (2007) nos apresenta a ideia de uma geografia erógena constituída pela letra. Utilizando a noção de estádio do espelho, de Lacan, ela postula que o ser humano assume como própria a imagem do outro, ou seja, que a imagem de si se estabiliza sobre a borda de uma fronteira entre o eu e o Outro, o que só é possível pela inscrição do que ela destaca como traço.

Esse traço, diz Mieli (2007), é não um significante, mas possivelmente um signo de concordância, de aprovação, de testemunho, que aparece sob a forma do olhar do adulto que cuida da criança. Ele é o termo simbólico primordial que confirma e estabiliza a imagem especular, sendo o responsável pela possibilidade de uma satisfação narcísica ligada ao eu ideal, da qual ele é condição necessária.

Freud ([1900] 2006), na construção da metapsicologia de *A interpretação dos sonhos*, identificou o desejo, como a corrente que investe um traço mnêmico da vivência de satisfação, ocupa um lugar na trama teórica que passará a ser em grande parte ocupado, a partir de 1915, pelo conceito de pulsão, já que, pensando-se na dualidade entre afeto e representação, já fundamental em Freud antes de 1905 o conceito de desejo pertence mais propriamente à esfera do afeto (por sua qualidade de “moção” e “corrente”), enquanto o “traço mnêmico da vivência de satisfação”, investido pelo desejo, pertenceria ao campo do representacional.

Segundo Roussillon (2019), a experiência subjetiva inscreve-se no aparelho psíquico, na forma daquilo que Freud chama diversas vezes de “matéria-prima psíquica”. É a primeira inscrição, a primeira impressão: aquela que – na famosa *Carta 52 a Fliess*, de 6 de dezembro de 1896, em que ele assenta o processo psíquico da memória e da rememoração – ele chama de “traço mnêmico perceptivo” (ROUSSILLON, 2019, p. 175).

Roussillon (2019, p. 29) esclarece:

O aparelho psíquico, como Freud o nomeou, só pode trabalhar a partir de dados representativos (FREUD, 1923; VARELA, 1995); tudo deve, então ser transformado em representação. Realidade psíquica e realidade biológica articulam-se para tanto; como vimos a propósito do exemplo da percepção, nosso cérebro “assimila” os dados perceptivos da realidade externa e os transforma numa forma utilizável, uma forma representativa. Os que opõem

representação e percepção cometem um erro de apreciação teórica: a percepção é necessariamente representação; ela é “representação perceptiva”, mas não é necessariamente representação reflexiva, não é necessariamente representação simbólica, metafórica, consciência de ser representação.

A definição mais elaborada refere-se à vivência de satisfação após a qual

[...] a imagem mnésica de uma certa percepção se conserva associada ao traço mnésico da excitação resultante da necessidade. Logo que esta necessidade aparecer de novo, produzir-se-á, graças à ligação que foi estabelecida, uma moção psíquica que procurará reinvestir a imagem mnésica desta percepção e mesmo invocar esta percepção, isto é, restabelecer a situação da primeira satisfação: a essa moção é que chamaremos desejo [*Wunsch*]; o reaparecimento da percepção é a realização de desejo [*Wunscherfüllung*] (FREUD, 1900, p. 539 citado por COELHO JUNIOR, 1999, p. 29).

Temos aqui uma concepção do desejo como um movimento psíquico em direção à identidade (inicialmente não importa se no mundo externo ou se alucinada, sendo que a via alucinatória é privilegiada) entre o que é percebido em certa atualidade e o traço mnêmico deixado pela vivência de satisfação de uma necessidade orgânica. Aqui podemos pensar que o caráter desejo é irrepresentável não por carecer de um movimento simbólico primário (matéria-prima psíquica) e sim pela característica única e dessa vivência e a seu traço de insatisfação está ligada a impossibilidade de se restabelecer a situação da primeira satisfação.

Quando a relação da insatisfação, característica da condição desejante se confunde com a impossibilidade de representação da falta, a relação do sujeito com seu desejo se torna precária ou até mesmo inexistente. O recurso à construção da imagem idealizada

pode ser pensada como um recuo ao momento do narcisismo primário (eu-ideal) e sua condição de onipotência.

Segundo Miguelez (2007, p. 43):

[...] sabemos que para Freud o eu ideal é o produto do olhar libidinoso dos pais, em especial da mãe, que transforma o desamparo em onipotência narcisista.

Em outras palavras, trata-se de um estágio em que o desejo faz um movimento reflexivo e a satisfação tende a se manter essencialmente alucinatória, já que, em tal condição, denominada de narcisismo primário, o sujeito permanece aprisionado a si, “apaixonado” pela imagem.

O desamparo marcado desde o nascimento é revivido em momentos de privação e separação da mãe e, posteriormente, na perda dos objetos – seio, voz, olhar, fezes e, mais destacadamente, o falo. A construção da representação do objeto implica a possibilidade de sua perda, a possibilidade da falta é poder falar sobre o que está ausente, sentir a dor de uma separação, nomeada, vivenciando-a psicicamente.

A transformação do desamparo em onipotência narcísica surge como tentativa de solução psíquica, gerando um aprisionamento a um ideal especular de beleza, e qualquer relação fora desse modelo é enrijecido potencialmente ameaçadora a sensação de completude característica das vivências primárias do narcisismo. Isso é que transformaria a busca por um rosto harmônico em uma tentativa inglória de evitar a relação com a falta, a frustração e a condição insatisfatória do desejo.

Considerações finais

Mas, quando se pretende falar sobre o corpo, o questionamento que se coloca toma um colorido bastante intenso. A radicalização dessa crise de pressupostos é explicitada em todas as suas nuances ao suscitar algumas ques-

tões, por exemplo: como falar, ou escrever, ou ainda pensar uma coisa que sou eu mesmo e é o outro? Como criar um espaço de elaboração sobre o corpo sem estar falando diretamente do que eu imagino ser ou de como o outro se assemelha a mim mesmo? Como e de que maneira eu me configuro contemporaneamente e me relaciono com a diversidade de outros que também sou eu? (PIRES, 2005, p. 16).

Embora a percepção do que é belo seja uma questão subjetiva, ela pode ser moldada pelos valores sociais e culturais de uma sociedade, apresentando muita influência nas questões de autoestima e aceitação dos indivíduos. O desamparo é uma das marcas da subjetivação contemporânea e das novas formas de sofrimento psíquico, em que a precarização da relação corpo e imagem surge como característica dessa realidade.

Na abordagem psicanalítica, fizemos uma reflexão das duas questões presentes no procedimento de harmonização orofacial: a intervenção corporal e a construção imagética.

Em situações sintomáticas o corpo biológico entra em cena para dar conta de um movimento regressivo à inexistência psíquica pela impossibilidade de simbolizar psiquicamente e construir a imagem idealizada como recuo a um registro onipotente do narcisismo diante da fragilidade na construção dialética da falta e do desejo.

[...] imagina-se sempre que algo deve ser feito para que a *performance* corpórea possa melhorar, pois essa se encontra sempre aquém do desejado. Sentimo-nos sempre faltosos, deixando de fazer tudo o que deveríamos, considerando as múltiplas possibilidades oferecidas para o cuidado do corpo (BIRMAN, 2012, p. 69).

É fundamental a reflexão dos profissionais de odontologia para uma escuta mais sensível das subjetivações humanas, para que realmente o sujeito que busca uma cirurgia

estética e reparadora simétrica possa lidar com a castração dos limites verdadeiros e reais de sua própria existência, que nesses casos é lidar com a graciosa assimetria e as imperfeições faciais libertando-se dessa pequena dimensão parcial da imagem meramente especular idealizada.

Abstract

The present work aims to propose a dialogue between Dentistry and Psychoanalysis having as object of study the aesthetic procedure of orofacial harmonization and its psychic resonances. In view of the current pandemic moment and the increase in demand for the procedure, a reflection will be made in situations in which orofacial harmonization may appear as an attempt to “solution” in the face of issues arising from psychological suffering and contemporary symptoms. Between the clinical indication and the search for the idealized symmetrical image, a theoretical/clinical path will be covered, between the dentist’s look and the psychoanalyst’s listening in order to enable the subject who seeks the aesthetic procedure, a genuine experience of his experience.

Keywords: *Orofacial, Harmonization, Pandemic, Helplessness, Body, Image, Dentistry and Psychoanalysis.*

Referências

- ANZIEU, D. *O eu-pele*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2000.
- BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. Tradução: Artur Morão. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1995.
- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução: Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1998.
- BIRMAN, J. *Cartografias do feminino*. São Paulo, SP: Editora 34, 1999.
- BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2014.
- BIRMAN, J. *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2012.
- BREZOLIN, N.; PINHEIRO, R. Construção, interpretação e holding: reflexões a partir de um acontecer clínico. *Caderno de Psicanálise*, CPRJ, Rio de Janeiro, RJ, v. 33, n. 25, p. 258-271, 2011.
- COELHO JUNIOR, N. E. Inconsciente e percepção na psicanálise freudiana. *Psicol. USP*, São Paulo, SP, v. 10, n. 1, p. 25-54, 1999. Disponível em http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641999000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 jan. 2022.
- DARRIBA, V.; RASE, L. A prática do psicanalista em um centro de tratamento de anomalias craniofaciais: o ideal educativo, os impasses e a questão do belo. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, RS, v. 50, n. 1, p. 290-308, 2018.
- FERNANDES, M. H. *Corpo*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2005.
- FORTES, I. A psicanálise face ao hedonismo contemporâneo. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, Fortaleza, CE, v. 9, n. 4, p. 1123-1144, dez. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000400004&lng=pt&nrm=iso.
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (1886-1889). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2006. p. 347-454. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos* (1901-1905). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2006. p. 128-229. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).
- FREUD, S. O manejo da interpretação de sonhos na psicanálise (1911). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. p. 101-106. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).
- FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade (1926 [1925]). In: _____. *Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos* (1925-1926). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2006. p. 91-170. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).
- FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2006. p. 73-148. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).
- FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916)]. Direção-geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2006. p. 287-289. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- FONTES, I. *Psicanálise do Sensível: fundamentos e clínica*, São Paulo: Ideias e Letras, 2010
- HOMEM, M. L. Entre próteses e prozacs: o sujeito contemporâneo imerso na descartabilidade da sociedade de consumo. *Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial*. Rio de Janeiro, RJ, 2003. Disponível em: http://www.egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/4_Homem_135161003_port.pdf.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. Tradução: Pedro Tamen. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1992.

LOUZADA, A. Resenha: MIELI, Paola. Sobre as manipulações irreversíveis do corpo e outros textos psicanalíticos. *Psychê*, São Paulo, SP, ano XI, n. 20, p. 195-197, jan.-jun. 2007.

MCDOUGALL, J. *Teatros do corpo: o psicossoma em psicanálise*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2013.

MIELI, P. *Sobre as manipulações irreversíveis do corpo e outros textos psicanalíticos*. Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa; Corpo Freudiano do Rio de Janeiro, 2002.

MIGUELEZ, O. M. *Narcisismos*. São Paulo, SP: Escuta, 2007.

PIRES, E. *Zé Celso e a Oficina-Usyna de Corpos*. São Paulo, SP: Annablume, 2005.

ROUSILLON, R. *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia*. São Paulo, SP: Blucher, 2019.

ROZENTHAL, E. A potência do encontro: sobre o silêncio do corpo na análise. *Cad. psicanálise CPRJ*, Rio de Janeiro, RJ, ano 31, n. 22, p. 139-155. 2009.

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo, SP: UNESP, 2005.

WINNICOTT, D. W. (1958). O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. In: _____. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Unesp, 2005.

Recebido em: 10/11/2021

Aprovado em: 28/11/2021

Sobre os autores

Rodrigo Zanon de Melo

Bacharel em odontologia.
Psicólogo e psicanalista.
Membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).
Psicólogo do Núcleo de Pacientes Especiais da Policlínica Piquet Carneiro da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPC-UERJ).
Professor convidado da disciplina Psicologia Aplicada à Odontologia (FO-UERJ).

E-mail: rzmelo@hotmail.com

Luciana Freitas Bastos

Mestre em odontologia Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF).
Doutora em odontologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Pós-doutorado - Laboratório Nacional Computação Científica (LNCC0).
Profa. titular do Departamento Preventivo e Comunitário (PRECOM) da Faculdade de Odontologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FO-UERJ).
Coordenadora da disciplina Psicologia Aplicada à Odontologia (FO-UERJ).
Professora das disciplinas Saúde Bucal Coletiva V e VI (FO-UERJ).
Coordenadora do setor de odontologia da Policlínica Piquet Carneiro (PPC-UERJ).
Coordenadora do projeto Pacientes com Deficiência do Núcleo Odontológico de Radiologia e Atendimento a Pacientes com Necessidades Especiais (PPC-UERJ).

E-mail: lucianafreitasbastos@yahoo.com

Larissa Aparecida Vaz Oliveira

Graduada em odontologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Especialista em radiologia odontológica e imaginologia oral pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Mestre em Ciências da Saúde, Medicina Laboratorial e Tecnologia Forense pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Staff radiologista no Núcleo de Pacientes Especiais e radiologia odontológica da Policlínica Piquet Carneiro (PPC-UERJ).

E-mail: larissa-aparecida@hotmail.com

Cristina Fontes Puppín

Psicanalista.
Membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).
Cirurgiã-dentista pela Universidade Unigranrio.
Especialista em periodontia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO).
Especialista em dentística pela Associação Brasileira de odontologia - Seção Rio de Janeiro (ABO-RJ).

E-mail: cpuppín@yahoo.com.br

Marcelo Daniel Brito Faria

Psicanalista.
Membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).
Mestre e doutor em Ciências da Saúde - Radiologia Odontológica pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP-SP).
Pós-doutor em física médica pelo Conselho Nacional de Energia Nuclear.
Coordenador do Núcleo de Pacientes Especiais da Policlínica Piquet Carneiro da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPC-UERJ) e da Secretaria de Saúde do Governo do Estado do Rio de Janeiro (SES-RJ).
Professor titular da Faculdade de Odontologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FO-UERJ), da disciplina Psicologia Aplicada à Odontologia e da Radiologia Odontológica.
Professor adjunto da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Pesquisador colaborador da FAPERJ e do Laboratório Nacional de Computação Científica do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI - Brasil).

E-mail: mdanb@yahoo.com

Corpos que falam: escutando desamparos indizíveis¹

*Bodies that speak:
listening to unspeakable helplessness*

Márcia Alves da Rocha

Resumo

Freud já nos dizia que o ego é antes de tudo um ego corporal. Ferenczi, por sua vez, apontou que o organismo começa a pensar quando o psiquismo falha. Partindo dessa premissa, o artigo pondera sobre as tentativas do soma em se fazer ouvir, quando o indivíduo recorre ao corpo para comunicar suas dores indizíveis. De acordo com McDougall, o corpo-teatro-psicossomático atua como reflexo de uma representação sem palavras, como se o indivíduo fosse um ator desprovido de texto para a sua representação. Com base nesses e em outros referenciais teóricos (tais quais Balint, Fontes, Green, Khan, Kristeva e Winnicott) o trabalho apresenta fragmentos clínicos que buscam refletir sobre a importância de o analista se deixar levar pela comunicação sensorial, não verbal, para ter acesso à vida psíquica do paciente.

Palavras-chave: Ego corporal, Memória corporal, Representação coisa, Representação palavra, Soma, Transferência.

*Ouvir com os olhos diz respeito
a conhecer o outro amor.*
WILLIAM SHAKESPEARE

Introdução

Em seu célebre texto *O ego e o id*, Freud ([1923] 1996) nos ensina que, em última análise, o ego deriva das sensações corporais, principalmente das que se originam da superfície do corpo. Tomando como base a premissa freudiana de que o ego é antes de tudo um ego corporal, podemos refletir sobre a dimensão corporal tanto nas afecções somáticas dos indivíduos, quanto no fenômeno transferencial. Se o paciente “fala” suas angústias indizíveis através de registros que

não passam pelo verbal, talvez seja verdadeira a hipótese de que o analista também dá contorno e *revêrie* ao paciente através de uma dimensão corporal da dinâmica transferencial.

Creio que vale iniciarmos nossas reflexões com esta pequena citação de Freud:

O ego é primeiro, e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície (FREUD, [1923] 1996, p. 39).

1. Trabalho apresentado no XXIV CONGRESSO DE PSICANÁLISE DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE - PARA ALÉM DA PANDEMIA: ECOS NA PSICANÁLISE, realizado pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro, de 4 a 6 nov. 2021, por meio da plataforma Zoom.

Freud, desde os estudos sobre a histeria, sempre buscou compreender a importância da dimensão corporal no psiquismo humano. O registro corporal sempre esteve presente na obra freudiana e podemos dizer o mesmo de Sándor Ferenczi. Em seu *Diário clínico*, num relato intitulado *Pensar com o corpo é como a histeria*, datado de 10 de janeiro de 1932, Ferenczi afirma:

A histeria é a regressão do erotismo aos órgãos que serviam outrora unicamente às funções do Ego; as doenças corporais de órgãos fazem o mesmo. [...] Nos momentos de grande aflição, em face dos quais o sistema psíquico não está à altura, ou quando esses órgãos especiais (nervosos e psíquicos) são destruídos com violência, forças psíquicas muito primitivas despertam e são elas que tentam controlar a situação perturbada. Nos momentos em que o psiquismo falha, o organismo começa a pensar (FERENCZI, 1990 [1932], p. 37).

Ivanise Fontes (2021) faz uma consistente pesquisa na obra de Freud e Ferenczi – assim como nas cartas trocadas entre ambos – ao apresentar sua hipótese dos entrelaces da memória corporal na transferência. Complementando o pensamento ferencziano, Fontes (2021, p. 21) ousa ir além:

O corpo não começa a pensar. Ele já estava lá, onde a história do indivíduo se fazia. Como testemunha, presente em todas as circunstâncias vividas pelo indivíduo. O corpo não esquece suas sensações, e as mantém na memória do acontecimento. Ele é o suporte carnal de uma lembrança, avalista de nossa continuidade histórica.

Fontes (2021) defende a hipótese de que as doenças somáticas são resultado das excitações produzidas na experiência vivida. A partir desse ponto de vista, as somatizações são regressões a um tempo em que as comunicações não verbais faziam parte da relação do bebê com seu ambiente. Isso equivale a

dizer que as somatizações podem ser conceituadas como uma forma de funcionamento pré-verbal à qual o indivíduo precisou recorrer.

Tomando como base os apontamentos acima, as páginas do presente estudo valorizam a hipótese de que o corpo é o berço mais primevo da constituição subjetiva e, por conseguinte, se torna o registro mais regredido ao qual o indivíduo tem acesso em seus estados de maior vulnerabilidade psíquica. Servem como pano de fundo para minhas reflexões fragmentos de um caso clínico. Os fragmentos relatam dois recortes temporais de uma análise: o primeiro é uma breve citação de um momento anterior à pandemia de covid-19 e o segundo momento, que cito de forma um pouco mais alongada, reflete o auge da pandemia no Brasil. A intenção da apresentação desses dois recortes é compartilhar a intensidade da dimensão corporal no caso em questão, demonstrando o quanto a paciente precisa recorrer ao corpo para comunicar suas angústias mais indizíveis e, em igual medida, o quanto sinto meu corpo convocado em nossa dinâmica transferencial.

O soma se faz ouvir

Compreender o estatuto do corpo, tanto no psiquismo quanto no fenômeno transferencial, tem sido uma busca constante de psicanalistas teóricos-clínicos. Destacarei a seguir algumas das postulações de Joyce McDougall sobre o tema. Baseando-se em diferentes correntes, as abordagens da autora gravitam em torno da metáfora teatral. Para ela, o analista precisa traduzir o drama do paciente em verbalizações analisáveis, não deixando de observar também o seu próprio teatro interno, interpretando-o *a priori*.

Todos os sintomas são criações infantis numa tentativa de autocura, nos diz McDougall (1997). Para ela, os fenômenos somáticos têm como principal função traduzir uma necessidade de defesa contra uma dor psíquica literalmente indizível (e, conseqüentemente, somatizada). McDougall propõe que existe o

corpo-teatro-psicossomático, que atua como reflexo de uma representação sem palavras. É como se as criações neuróticas, assim como as invenções perversas e os teatros psicóticos não tivessem encontrado espaço no psiquismo do sujeito que, sem encontrar outros caminhos, busca a saída psicossomática. Nos diz a autora:

Gostaria de propor a seguinte hipótese: as fantasias aterrorizantes que não conseguem encontrar uma saída pelo lado dos sonhos ficam bloqueadas pelo fato de o psiquismo não ter acesso às *palavras* que poderiam exprimi-las, isso justamente porque estão ligadas a experiências precoces, ocorridas antes da aquisição da palavra (McDOUGALL, 1996, p. 61, itálico da autora).

Assim, McDougall sugere que “o soma se faz ouvir”. Para a autora, é como se percepções, sensações corporais e afetos que normalmente reclamam ruidosamente o acesso à representação, se encontrassem excluídos da psique. Sugere, então, que é como se o indivíduo fosse um ator desprovido de texto para a sua representação. Refletindo sobre as postulações freudianas acerca do inconsciente, a autora elabora:

Quando uma representação ejetada do consciente não tem qualquer possibilidade de recuperação sob a forma de sintoma ou de sublimação, podemos verossimilmente falar de *privação psíquica*. O psiquismo nesse estado vai tentar preencher o vazio assim criado. Para conseguí-lo vai reduzir-se a utilizar mensagens primitivas, sinais de ordem somatopsíquica, como durante toda a primeira infância. O *infans* não possui a capacidade de empregar o pensamento verbal e, no caso de a função maternal de paraexcitações fracassar, terá de enfrentar de outra maneira as tempestades afetivas ou os estados de excitação ou de dor impossíveis de elaborar. Constatamos então que o psiquismo está realmente privado de *palavras*, ou, mais exatamente daquilo que

Freud chamou de *representação de palavras* (1915). No lugar destas, o psiquismo dispõe apenas de *representação de coisas* (McDOUGALL, 1996, p. 65, itálico da autora).

Observamos na clínica psicanalítica pessoas com manifestações sintomáticas ligadas a diversas ações no corpo. Para Júlia Kristeva (2002), é justamente a dificuldade de representar que indica o denominador comum do que denominou como “as novas doenças da alma”, destacando-se os narcisismos feridos, as falsas personalidades, os estados-limite e os estados psicossomáticos. Kristeva (2002, p. 14) ressalta: “o corpo conquista o território invisível da alma. Daí o ato”. Para a autora, é preciso se deixar levar pela comunicação sensorial, não verbal, para se ter acesso à vida psíquica inconsciente do paciente.

Kristeva (2002) ressalta que, apesar das diferenças características que marcam as sintomatologias, as “novas doenças da alma” têm em comum a marcada impossibilidade do indivíduo em representar. Seja através de um mutismo psíquico, de sensações de vazios, ou de artificialidade, a carência de representação psíquica entrava a vida sensorial, sexual e intelectual, podendo também prejudicar o funcionamento biológico, defende a autora. Complementa seu pensamento afirmando que, ao ouvir o paciente em toda a sua singularidade, o analista acaba descobrindo uma “nova doença da alma”, sob distintas formas de disfarce. É como se o paciente clamasse ao analista uma restauração da vida psíquica para permitir ao corpo falante uma vida melhor.

Recorrendo a André Green (1982), somos levados a refletir que as palavras, quando cumprem sua função simbólica, revelam-se representações de ideias fortemente carregadas de afeto. A isso, o autor chamou de “discurso vivo”. Mas na ausência das palavras, o sujeito precisa recorrer ao funcionamento somático ou a uma descarga na ação. Avaliando fragmentos de dois atendimentos clínicos, Green (1982, p. 175) pondera sobre

a defesa contra a representação pelo afeto e a defesa contra o afeto pela representação, concluindo que:

Tudo se passa como se o ego tivesse o poder, ao fazer funcionar os mecanismos de defesa inconscientes, de operar a separação relativa entre o afeto e a representação para que, em nenhum caso, estes pudessem existir na cadeia do discurso.

Um pouco mais à frente, Green (1982, p. 175) também enfatiza que não podemos negligenciar as consequências transferenciais advindas desse tipo de análise. Nos diz ele:

O que faz o analista com seus afetos? [...] Como pedir ao mesmo tempo a mais profunda empatia, a identificação afetiva e o controle da resposta? Não marcar limites para nenhum dos dois é transformar o analista num mago espeleólogo da psique e grande sacerdote da palavra. É também alimentar o fantasma da onipotência analítica que triunfa sobre qualquer estrutura de inconsciente.

Creio que vale aqui retomarmos uma provocação de McDougall (1996), quando ela indaga: com que tipo de escuta o psicanalista ouve as mensagens mudas do soma? Os terrores vividos no estado pré-verbal, nas vivências mais primitivas do indivíduo, deixam suas marcas em experiências extremamente corporais, que retornam em forma de defesa quando o indivíduo se encontra em situações de desamparo, de regressão psicossomática.

Pensando sobre como o psicanalista ouve as comunicações tácitas expressas através do corpo de seus pacientes, penso que é importante retomarmos Ferenczi ([1927] 2011, p. 31), quando o autor nos fala sobre o tato psicanalítico como a faculdade de “sentir com” o paciente.

Mas o que é o tato? A resposta a esta pergunta não nos é difícil. *O tato é a faculdade de*

“sentir com” (*Einfühlung*). Se, com a ajuda do nosso saber, inferido na dissecação do nosso próprio eu, conseguirmos tornar presentes as associações possíveis ou prováveis do paciente, que ele ainda não percebe, poderemos – não tendo, como ele, de lutar com resistências – adivinhar não só seus pensamentos retidos, mas também as tendências que lhe são inconscientes (Itálico do autor).

Se considerarmos como verdadeira a hipótese de que o analista precisa sentir em si o vazio que o paciente experienciou, podemos também pensar na postulação winnicottiana de que o analista precisa se colocar tanto no lugar de mãe-ambiente quanto de mãe-objeto, proporcionando ao indivíduo a vivência de uma experiência de mutualidade e confiança. Para Winnicott (1975), a comunicação entre a dupla analista-paciente precisa ter a força da bilateralidade: se, por um lado, o paciente comunica suas angústias – seja de forma verbal, seja de forma silenciosa ou somatizada – o analista carrega em si a importância da função especular, traduzindo e proporcionando sentidos ao paciente.

Feito este breve percurso teórico, a seguir, recorrerei aos fragmentos clínicos que serviram como base para as reflexões aqui apresentadas.

Desaparecer de si

Atendo Júlia, atualmente com 15 anos, há alguns anos. Vínhamos colhendo frutos do nosso trabalho conjunto quando os impactos da pandemia de covid-19 lhe atravessaram da forma mais avassaladora possível. Seu pai, profissional da área de saúde, foi uma das vítimas em meio ao assombroso número de mortos em nosso país. Atropelada pelos acontecimentos, Júlia se viu caindo num espaço sem fim, quando seu pai não mais voltou, após ter saído de casa com uma tosse que o deixava muito cansado. Seu pai, seu herói que há poucos meses havia ajudado os vizinhos a escapar vivos de um devastador incêndio doméstico, resistiu ao fogo, mas não

resistiu à falta de ar. Naquela manhã, quando seu pai saiu de casa para ir ao médico, Júlia não pôde sequer supor que não o veria mais. Internou, entubou, não voltou.

Diante das inúmeras angústias irrepresentáveis que a morte do pai lhe suscitou, Júlia recorreu a um sintoma que já lhe era conhecido: tinha dificuldades em reter os alimentos, numa oscilação sem fim entre vômitos e diarreias. Frente à impossibilidade de elaborar a realidade, seu corpo atuava onde a representação em palavras não lhe era possível.

Júlia, que já carregava em sua história uma frágil constituição egoica, se viu novamente diante de ansiedades primitivas com as quais nosso trabalho clínico já havia encontrado formas de dar continência. Iniciamos nossos encontros, anos atrás, na clínica presencial e, com a chegada da pandemia, passamos a ter sessões *on-line*. Mas após a morte do pai, que partiu sem a possibilidade de uma despedida, de um último olhar, Júlia passou a não mais ligar a câmera, nem nas sessões comigo, nem nas aulas *on-line* da escola. Ao não suportar ser vista através da câmera, penso que me comunica em silêncio a falta que ser vista por seu pai lhe faz.

Apesar de precisar manter seu corpo invisível, Júlia demanda que meu corpo lhe esteja visível, ativo, vivo. Sua câmera não é ligada, mas a minha é. Ela me vê durante a sessão inteira, mas falo olhando para o *print* de um desenho que a representa na tela. Mesmo diante de uma imagem, mantenho o olhar fixo na tela, indicando que a vejo, mesmo quando ela sente o desamparo de não se sentir vista pelo olhar constituinte de seu pai.

A cada semana, a tela de seu aplicativo de conversas me apresenta uma nova imagem. Personagens variados do universo de mangás. Conversamos sobre os personagens que a representam na tela, sempre guerreiros ou guerreiras que arduamente mudam a dinâmica do mundo no qual habitam. Heróis e heroínas transgressores, que teimam em sobreviver.

Ao retomar sua antiga dinâmica corporal de não conseguir reter os alimentos que ingere, Júlia me comunica tacitamente seus medos de desintegração. E da mesma forma o faz quando precisa recusar ser vista pela câmera. Seu corpo, apesar de invisível, segue a serviço da comunicação que lhe é possível por ora. Curiosamente, apesar de não ligar a câmera, Júlia me descreve espontaneamente suas mudanças corporais: o irregular ciclo menstrual, as curvas do corpo de moça que insistem em não chegar, a evolução corporal que sempre lhe parece tardia e demorada.

Retomando as postulações de McDougall (1996), lembro que, ancorada no pensamento winnicottiano, a autora propõe que um corpo sofredor é uma tentativa desesperada do indivíduo em constituir um objeto transicional em sua própria pele. McDougall (1996, p. 170) propõe que, através das manifestações corporais, o sujeito tenta se sentir vivo. A autora, então, elabora: “um corpo que sofre é um corpo vivo”.

“Ouvindo” Júlia em toda a sua singularidade, percebo que, através de suas manifestações corporais, Júlia me “fala” de seus desamparos. Parafraseando David Le Breton (2018), através de seu corpo ela me fala seus impulsos de “desaparecer de si mesma”, como uma tentativa primária em controlar uma existência que lhe foge. Podemos pensar na problemática alimentar como uma tentativa de constituição de um objeto transicional, mas diante da impossibilidade de tal constituição, a comida e o corpo se limitam a ser objetos transitórios repletos de ambiguidade, que não tranquilizam tal qual um objeto transicional o faz.

Mas penso que, assim como seu corpo fala suas angústias irrepresentáveis através de vômitos e diarreias inesperados e da necessidade de ficar invisível diante das câmeras, Júlia também clama por comunicações de pulsão de vida emanando do meu corpo, quando me pede para que a minha câmera fique ligada. Em uma determinada sessão, especialmente mais difícil para Júlia, além de

não conseguir ligar a câmera, Júlia também não abriu o microfone. Na curiosa dinâmica que se estabeleceu nesse encontro, ela me escrevia pelo *chat* da plataforma, enquanto eu a respondia com minha câmera e microfone abertos. Foi uma sessão intensa e densa, ela escrevia e eu a respondia com um discurso vivo, uma presença viva.

O corpo do paciente fala o tempo todo na dinâmica transferencial. Seja presencial ou *on-line*. Mas o corpo do analista também fala, devolve, dá sentido, ressoa. Em minha dinâmica com Júlia, meu corpo tem a importância da função especular, ajudando-a na atribuição de significados e sentidos. Apesar de sua câmera desligada, eu a vejo, mesmo, quando sem perceber, ela anseia por desaparecer de si mesma.

Para finalizar, algumas considerações adicionais

Balint (2014) fala de um “novo começo” proporcionado pela análise. Um novo começo que visa a elaboração da “falha básica” ocorrida na infância. Isso equivale a dizer que o analista se oferece como objeto primário na relação transferencial, representando para o paciente o esperado encontro com um ambiente suficientemente bom.

Em nossa caminhada, Júlia e eu estávamos indo ao encontro da sua falha básica e dos seus possíveis recomeços quando a pandemia de covid-19 e a repentina morte de seu pai lhe (re)intensificaram suas angústias mais primárias. Penso nas minhas tentativas de demonstrar a Júlia que a nossa dinâmica transferencial pode suportar quantos recomeços forem necessários. Relembrando Winnicott ([1964] 2007), a regressão pode – e deve – ser vista pelo analista com a expectativa de que surjam condições novas, oferecendo uma nova chance para que o desenvolvimento ocorra.

Iniciei este texto enfatizando a importância da postulação freudiana de que o ego é, antes de tudo, um ego corporal. Procurei compartilhar fragmentos clínicos que indi-

cam a importância dos sintomas psicossomáticos e das comunicações não verbais no *setting* analítico. Ouvir as mensagens mudas do soma é estar aberto a ouvir o paciente em toda a sua singularidade, ouvindo suas angústias mais indizíveis.

Masud Khan (1984), considerado um dos herdeiros teóricos do pensamento de Winnicott, propõe que o analista pode e deve se predispor a sentir em seu corpo tudo o que emana do corpo do paciente. Ao defender a ideia de que o analista precisa ouvir com os olhos, o autor propõe:

Ouvir com os olhos diz respeito a conhecer o outro através da experiência visual que temos dele ou dela. Não creio que esse tipo de trabalho clínico seja possível fora de uma simpatia positiva e explícita pela pessoa do paciente e uma grande consideração pela sua presença corporal. Nestas circunstâncias, se não olharmos para um paciente e o, ou a, reconhecemos, falhamos no nosso empreendimento (KHAN, 1984 p. 304).

Para Khan, o analista precisa desempenhar três importantes funções: conhecer o paciente, experimentar os sentimentos oriundos da dinâmica transferencial e se prestar a ser um ambiente suficientemente bom para o paciente. Nessa dinâmica, considerando a importância dos três pilares pontuados por Khan, assim como as importantes ponderações dos demais autores aqui citados, espero ter atingido a expectativa de compartilhar minhas reflexões sobre a importância da capacidade do analista em “sentir com” o paciente, ouvindo os ecos da memória corporal que se presentifica na transferência. Sob essa perspectiva, o analista precisa estar atento – e aberto – a ouvir não somente o que é dito, mas precisa sobretudo estar disposto a “ouvir” os desamparos indizíveis que não conseguem ser ditos, apenas atuados.

Abstract

Freud told us that the ego is above all a bodily ego. Ferenczi told us that the organism begins to think when the psyche fails. Based on this premise, the article ponders the attempts of soma to be listened, when the individual resorts to the body to communicate its unspeakable pains. According to McDougall, the body-theater-psychosomatic acts as a reflection of a wordless representation, as if the individual were an actor devoid of text for his representation. With those theoretical bases and other ones bases (such as: Balint, Fontes, Green, Khan, Kristeva and Winnicott) this paper presents clinical fragments in order to reflect on the importance of the analyst to be guided by sensorial, non-verbal communication, to get access of the psychic life of the patient.

Keywords: Corporal ego, Corporal memory, Transference, Word representation, Thing representation, Soma, Transference.

Referências

- BALINT, M. *A falha básica: aspectos terapêuticos da regressão*. Tradução: Francisco Franke Settineri. São Paulo, SP: Zagodoni, 2014.
- FERENCZI, S. *A elasticidade da técnica psicanalítica* (1927). Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2011. p. 29-42 (Obras completas Sándor Ferenczi, v. 4)
- FERENCZI, S. *Diário clínico*. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1990.
- FONTES, I. *A descoberta de si mesmo na visão da psicanálise do sensível*. São Paulo, SP: Ideias & Letras, 2017.
- FONTES, I. *Memória corporal e transferência: fundamentos para uma psicanálise do sensível*. Rio de Janeiro RJ: INM, 2021.
- FONTES, I. *Psicanálise do sensível: fundamentos e clínica*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.
- FREUD, S. O ego e o id (1923). In: _____. *O ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)*. Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro RJ: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud, 19).
- FREUD, S. O inconsciente (1915). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro RJ: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud, 14).
- FUCHS, S. M. S. *O indizível em psicanálise: trauma e regressão terapêutica em uma perspectiva relacional*. Curitiba, PR: Appris, 2021.
- GOMES, S. *A gramática do silêncio em Winnicott*. São Paulo, SP: Zagodoni, 2017.
- GREEN, A. *O discurso vivo: a conceituação psicanalítica do afeto*. Tradução: Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro RJ: F. Alves, 1982.
- KHAN, M. M. R. "Ouvir com os olhos": notas clínicas sobre o corpo como sujeito e objeto (1971). In: *Psicanálise, teoria, técnica e casos clínicos*. Tradução: Glória Vaz. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1984.

KRISTEVA, J. *As novas doenças da alma*. Tradução: Joana Angélica D'Ávila Melo. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2002.

LE BRETON, D. *Desaparecer de si: uma tentação contemporânea*. Tradução: Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MCDOUGALL, J. *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. Tradução: Pedro Henrique Bernardes Rondon. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997.

MCDOUGALL, J. *Teatros do corpo: o psicossoma em psicanálise*. Tradução: Pedro Henrique Bernardes Rondon. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1996.

MCDOUGALL, J. *Teatros do eu: ilusão e verdade na cena psicanalítica*. Tradução: Marta Donilda Claudino e Orlando Coddá. São Paulo, SP: Zagodoni, 2015.

WINNICOTT, D. W. *A natureza humana*. Tradução: Davi Litman Bogomoletz Cabral. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1990.

WINNICOTT, D. W. A importância do setting no encontro com a regressão na psicanálise (1964). In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. *Explorações psicanalíticas*: D. W. Winnicott. Tradução: José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artmed, 2007.

WINNICOTT, D. W. Desenvolvimento emocional primitivo. In: *Textos escolhidos: da pediatria à psicanálise*. Tradução: Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2000.

WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Tradução: Irineo Constantino Schch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. O destino do objeto transicional (1959). In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. *Explorações psicanalíticas*. D. W. Winnicott. Tradução: José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.

Recebido em: 10/11/2021

Aprovado em: 18/11/2021

Sobre a autora

Márcia Alves da Rocha

Bacharel em comunicação social.
MBA pela Fundação Getúlio Vargas.
Pós-graduada em gestão e recursos humanos pela PUC-RJ.
Psicanalista e membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).
Professora do curso de Formação Psicanalítica do Centro de Estudos
Antonio Franco Ribeiro da Silva do CBP-RJ.
Integrante do Grupo de Trabalho sobre Neo e Transexualidades (GTNTrans) do CBP-RJ.
Integrante do Núcleo de Estudos Psicanalíticos da Infância (NEPI) do CBP-RJ.
Coautora do livro *Transexualidades: reflexões psicanalíticas sobre gênero e Édipo*.
Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi (GBPSF).

E-mail: marcia_a_rocha@hotmail.com

Os IDOSos e os idoSOS na pandemia¹

The Elderly in the Pandemics²

Marli Piva Monteiro

Resumo

Embora a pandemia tenha afetado toda a população mundial nas várias faixas etárias, foram, sem dúvida alguma, os idosos, os mais prejudicados nessa situação. Além de serem alvo das maiores complicações da doença, sofreram importantes danos na sua vida emocional, afetiva e social. Analisar esses aspectos em sua repercussão sobre os idosos é o escopo desse trabalho.

Palavras-chave: Idosos, Pandemia, Envelhecer.

*Uma catástrofe social
toma conta de uma cidade.
Como reagem as autoridades e o povo,
os ricos e os pobres?
Qualquer que seja a classe social dos indivíduos,
a maioria deles tentará no início ignorar o problema.
Quando o perigo se mostra inadiável,
serão muitos os que buscarão saídas individuais,
ignorando a coletividade.
Só alguns, na verdade, sentirão
vergonha de se salvarem sozinhos,
e procurarão juntar esforços
para lutar contra o mal.
ALBERT CAMUS. A peste.*

O alvo principal da pandemia foram os idosos. E de um jeito ou de outro, foram sempre eles os mais sacrificados. Os primeiros ameaçados de morte. No intuito de protegê-los, concederam-lhes prisão domiciliar, sem direito a banho de sol, tornozeleira eletrônica ou visita íntima.

O conceito de velhice é um conceito social, variável nas diferentes culturas. São as aposentadorias compulsórias, aos 75 anos, no Brasil, por exemplo. Ou até as pseudo-vantagens da prioridade de atendimento que são cumpridas de forma canhestra, quando são observadas. Podem-se ver caixas, balcões

1. Trabalho apresentado no XXIV CONGRESSO DE PSICANÁLISE DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE - PARA ALÉM DA PANDEMIA: ECOS NA PSICANÁLISE, realizado pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro, de 4 a 6 nov. 2021, por meio da plataforma Zoom.
2. No título original há um jogo de palavras com a palavra IDOSOS, que sugere que os efeitos da pandemia sobre os idosos foram devastadores: uns (IDOS) faleceram, e os outros estão a pedir socorro (SOS). Tal jogo de palavras não é possível na língua inglesa.

com a placa de atendimento prioritário, sempre vazios ou atendendo pessoas de outras idades.

Ao renovar minha carteira de habilitação, fui submetida a uma imensa fila, claro que antes da pandemia e, ao inquirir a funcionária se não havia atendimento prioritário, ouvi que não, porque ali não era um banco. Como se essa lei tivesse especificidades. Sabe-se ainda que muitas empresas contratam pessoas de mais idade para servirem de despachantes e, aproveitando-se da prioridade, resolver com mais presteza os serviços que lhes competem.

O envelhecer faz parte da vida, embora o rejeitemos tanto. A verdade é que em francês a palavra “*viellissement*” contém na primeira sílaba a palavra “vida” [*vie*]. Em inglês, para saber a idade de alguém, perguntamos: “*How old are you?*”.

Socialmente rotula-se o velho como o inútil e incapaz, considerando-o a grande preocupação econômico-financeira do futuro porque vai receber benefícios às custas dos que trabalham, esquecendo-se que, por detrás disso, há toda uma vida de trabalho e que pelo menos, entre nós, caso venha a trabalhar após a aposentadoria, vai ter que contribuir para o INSS, embora nada mais vá perceber dessa contribuição. Como se não bastasse, a realidade brasileira mostra um grande número de avós, arrimos de família, sustentando filhos e netos às custas dos mínguaos salários e dos indefectíveis empréstimos compulsórios.

Para a sociedade, o velho é o déficit; o jovem, o benefício. Para o velho, ficam o desgaste, o enfraquecimento, a diminuição, enquanto se esquecem dos benefícios que os anos trazem, a maturação e o acréscimo que a experiência possibilita.

Irônico é também constatar quanto provavelmente essa proibição da aproximação com os idosos na pandemia não significou excelente álibi para a ausência dos filhos.

“A velhice é um real difícil de suportar”, diz Angela Mucida (2004, p. 15) no seu li-

vro *O sujeito não envelhece – psicanálise da velhice*.

E na verdade os psicanalistas, durante muito tempo, seguindo as afirmações de Freud e Ferenczi, desconsideraram a possibilidade da análise para os idosos. Em *A sexualidade na etiologia das neuroses*, Freud ([1898] 1976, p. 309) refere que na velhice as defesas estariam por demais assentadas e não haveria tempo hábil para mudanças subjetivas. Freud pareceu ter esquecido que a questão da psicanálise não diz respeito ao dado cronológico, mas à resposta à falta do Outro e ao desejo.

O sucesso da análise baseia-se em três fatores: (1) o recalque originário; (2) a força pulsional; (3) as alterações do Eu. Lembrando esses três itens, Mucida (2004, p. 189) chama a atenção para o fato de que

O reforço pulsional, devido às várias perdas e modificações do sujeito, chegando tarde na vida, pode produzir os mesmos efeitos do fator constitucional, resultante do recalque originário.

Ainda Freud ([1937] 1975, p. 256), em *Análise terminável e interminável*, diz que há uma ascensão libidinal acentuada na senescência de homens e mulheres, que produz os mesmos efeitos do recalque originário, modifica o Eu e pode fazer reaparecerem muitos traumas.

O desequilíbrio entre perdas e ganhos na velhice é um fato, no entanto, dos investimentos anteriores ficam, além das marcas das perdas, as trilhas para encontrar novos caminhos.

Entra-se na velhice quando se perde o desejo, segundo Mannoni (1995, p. 145), em *O nomeável e o inominável*. A velhice ativa a sensação de desamparo, o perigo de perda do amor e a angústia relativa ao desejo do Outro (MUCIDA, 2004, p. 41). O descompasso entre a percepção e a vivência causa angústia. Assistimos nossa imagem envelhecer sem sentir os efeitos da velhice.

Uma grande parte das pessoas idosas só se dá conta do envelhecer quando alguém o aponta. Como a palavra “velho” incomoda, o velho é sempre o outro e usam-se eufemismos como ‘terceira idade’ ou ‘melhor idade’ – com o que não concordo efetivamente, porque já vi melhores.

A partir do aspeto físico, aceitam-se cabelos grisalhos e protusão do ventre nos homens, como sinal de charme e prosperidade. Mas, para as mulheres, nada mais é do que descuido consigo mesma, com sua aparência e sua saúde. Todos admiram um “coroa”, mas a expressão “coroa” usada em referência a uma mulher tem outra conotação. Se um homem idoso enviúva, logo se instala um séquito de amigas e amigos para lhe conseguir uma companheira, caso contrário, ele poderá não sobreviver sozinho. Não é o que ocorre com as viúvas.

Há um conflito intenso entre o EU e o ISSO, na velhice. O EU sabe que vai morrer e o ISSO o nega o tempo todo. É a temporalidade do EU contra a intemporalidade do ISSO.

O que importa para o Eu são as novas provas de realidade. O idoso tem que provar o tempo inteiro, desde as provas de vida para receber a aposentadoria, até provar que ainda pode realizar algumas coisas, que não é um inútil.

Cada um, no entanto, envelhece a seu modo. Não existe uma velhice normal ou padrão, ela é ditada pelo destino (MUCIDA, 2004, p. 40).

Em correspondência a Lou Andreas Salomé, Freud (1975, p. 178-179) assim se expressa: “Enfrentei as realidades infames, mas não suporto bem a ideia das perspectivas à minha frente, e não consigo habituar-me à ideia de uma vida sob sentença”.

Quando se envelhece, a brusca deterioração do estado físico faz o sujeito imaginar a dependência em que se projeta e que exclui toda a esperança.

Dois grandes problemas para os idosos sempre foram a solidão e a perda da auto-

nomia e nessa pandemia esses os dois fatores foram atingidos em sua plenitude. Com o confinamento, perderam suas comunidades, seus grupos de dança, de conversas, de costuras, ginástica, pilates, hidroginástica, viagens.

É somente o afeto que garante a possibilidade de ganhos para a vida do idoso. É preciso entender que o corpo envelhece e o Ego sofre muito seus efeitos, reduzindo a sua plasticidade. Mas o inconsciente e a libido não envelhecem.

As aquisições dos idosos são baseadas nos investimentos feitos nos entes queridos, compondo a dimensão imaginária do Ego moldada nos afetos de qualquer natureza. Necessitamos de afeto para reescrever os traços e proporcionar novas traduções. A memória também é ligada ao afeto.

Neste período de pandemia, afastam-se os netos dos avós e, mais que isso, atribui-se aos netos a grande ameaça da probabilidade de reproduzirem a doença com muito mais agressividade, por serem portadores sãos.

No caso da pandemia, a angústia pulsional junta-se à angústia real frente ao perigo iminente. Isso pode implicar uma volta do sentimento da destruição contra si mesmo, haja vista a alta prevalência dos casos de suicídio durante a pandemia. O indivíduo se aferra ao outro (colocado no lugar do grande Outro) e a si próprio até o dia em que tenha que soltar a presa (MUSSY, 1999, p. 45).

Uma das causas da angústia do idoso é a perspectiva da dependência, ao perceber que algumas de suas funções se deterioram. A angústia do abandono, da solidão contribui para romper os laços de sujeito com seus objetos. O medo do idoso é o medo da angústia que achou seu objeto – o medo da fragilidade, da finitude, da morte.

À medida que as formas de comunicação vão falhando, surge o medo do tombo, da queda ou da descida simbólica, da decadência. O perigo no tombo que leva à morte. Esse

medo da morte pode se manifestar como um perigo indefinido, medo do desconhecido que expressam medo da perda da lucidez, do controle, do equilíbrio. O discurso é mais ou menos este: “Não sei o que está acontecendo comigo, parece que estou ficando maluco, sinto coisas estranhas que não consigo entender”.

Uma tentativa de controlar essa angústia é escolher o tipo de morte que mais lhe convém. Ao mesmo tempo, experimenta a angústia do abandono. A solidão acaba contribuindo para romper os laços do sujeito com seus objetos. O medo do idoso é o medo da angústia que achou seu objeto – o medo da fragilidade, da finitude, da morte.

A dificuldade do trabalho com idosos é que o analista se defronta com o Real. O tratamento do Real no idoso só pode ser realizado através do Simbólico. Há um conflito psíquico intenso entre o EU e o ISSO. O EU sabe que vai morrer e o ISSO nega o tempo todo. É a temporalidade do EU contra a atemporalidade do ISSO.

É importante para o EU uma nova prova de realidade a todo momento. O idoso tem que provar desde a prova de vida para receber os proventos da aposentadoria e até que ainda pode realizar algumas coisas e não é um inútil absoluto.

GS é uma senhorinha de 67 anos, extremamente simpática e tem aspecto de uns cinco anos a menos. Veste-se com apurada elegância. Seu corpo não sugere o descuido da falta de atividade. Participa de um clube da terceira idade, onde tem aulas de dança, pilates e hidroginástica. Ainda tem aulas de inglês e turismo numa universidade da Felicidade. Vive a tranquilidade da companhia de filhos e netos que costumam revezar-se para tomar café com ela à tardinha. Durante as aulas de dança percebe uma atração especial por um dos professores e começa a convidá-lo, como é praxe aliás, nesses cubes, para acompanhá-la quando quer dançar em outro lugar. Nesse ínterim, começa a notar o interesse de uma companheira pelo mes-

mo rapaz. Seu sofrimento de vergonha não a deixa falar com ninguém, pois considera ridículo tudo que está vivenciando. Ao mesmo tempo, o instrutor de dança, percebendo a situação começa a aproveitar-se pedindo para comprar coisas no seu cartão de crédito.

Sua vida tornou-se conflituosa e na análise passa a trabalhar essa situação. Nesse momento chega a pandemia e GS desaparece por uns dois meses, quando o filho me ligou comunicando que ela esteve internada com infarto do miocárdio. A escolha da doença não poderia ser mais simbólica. Devido a essa situação, resolveram levá-la para uma cidade do interior, mais tranquila, onde ficaria com uma das filhas solteira, já que não podia mais morar sozinha. Falei da possibilidade de um atendimento *on-line*, mas ele objetou que o sinal da internet no local é difícil e nem ela nem a filha dominam os dispositivos da informática.

O que se pôde observar no meio de tantas privações foi o agravamento de muitas comorbidades, aparecimento de novas doenças não diagnosticadas nem tratadas precocemente, crises de ansiedade, depressão, diminuição da capacidade cognitiva principalmente por causa do isolamento e falta de rotina, falta do contato estimulante do ambiente familiar.

A expectativa da morte que em si já é uma grande ameaça, torna-se constante. O medo de morrer acaba sendo o companheiro inseparável para essas pessoas. De forma angustiante ouvem falar de amigos e parentes que se foram ou estão hospitalizados, sem poder visitá-los ou se despedir, pois até velórios estão racionados.

BCM tem 75 anos e é diabética, ex-obesa, fez cirurgia bariátrica há mais de dez anos. Separada há mais de 20 anos do marido, tem cinco filhos e quatro netos. Queixava-se de ficar muito tempo sozinha e a neta com quem morava, sugeriu que se inscrevesse num programa voluntário da igreja, onde começou um trabalho numa comunidade carente do mesmo bairro. Como essa neta

era enfermeira, os filhos trataram logo de separá-la assim que começou a pandemia. O trabalho foi também interrompido.

A partir daí passou a ficar triste e não se alimentar direito, chorava muito quando os netos ligavam para ela. Começou o acompanhamento *on-line*, sendo assistida pela família que lhe levava as compras semanalmente. Com os netos só falava por telefone e sofria muito. Escorregou no banheiro e fraturou o pé tendo que ser internada para fazer a cirurgia. Enquanto aguardava a autorização do plano de Saúde contaminou-se com a covid no hospital e teve que ser removida para um hospital de referência até sarar. Na avaliação pré-cirúrgica detectou-se comprometimento vascular e os médicos avisaram à família que teriam que amputar o pé. Foi amputada até o terço inferior da coxa direita. Continua hospitalizada.

IPP, 76 anos. Internada após dias de diarreia recorrente intensa. Tinha perdido uma irmã e dois irmãos com covid, após um churrasco na fazenda da família de onde saíram 8 contaminados. No segundo dia da internação foi entubada e passou 28 dias hospitalizada. Ao sair, me conta seu sofrimento:

Foi um desespero terrível. Não sei se posso dizer que era medo ou pavor, era uma sensação de estar ameaçada de ser lançada no espaço, de não saber onde estar, de estar sujeita aos maiores perigos, indefinidos. O mais impressionante é que tinha uma espécie de alucinação – uma ave enorme que batia as asas e voava em minha direção. No começo não conseguia identificar, porém depois me lembrei que era a fênix. Eu a esperava com ansiedade, só aparecia quando eu estava sozinha no quarto. Veio mais duas vezes. Sua visão era o sinal de esperança que me sustentou.

A fênix, como sabemos, era uma bela ave que possuía uma força extraordinária e podia viver 500 anos. Suas penas eram vermelhas, enquanto o bico, a cauda e as asas eram douradas.

Provavelmente ainda não foi possível contabilizar os prejuízos afetivos desta pandemia, mas não restam dúvidas de que a faixa etária dos idosos foi a mais atingida, inclusive, a mais dizimada nas sociedades do mundo inteiro.

Concluo com os versos da minha autoria:

(RE/DES)ENCONTRO

*Quem é esta mulher
que me olha indagadora
de dentro dum espelho
do fundo de minh'álma
Parece que me conhece
parece que a conheço
mas já faz tanto tempo
que temo o desencontro
nesse encontro defasado.
Ela sabe de mim
como dela eu sei
segredos que já não quero contar.
Seguiremos de mãos dadas.
Insiste em me conhecer
Não consigo me lembrar.
Vamos marcar encontro num café
E seja o que Deus quiser.*

Abstract

Although the pandemic has affected the entire world population in different age groups, it was undoubtedly the elderly who were most affected in this situation. In addition to being the target of the greatest complications of the disease, they suffered significant damage to their emotional life, affective and social. Analyzing these aspects in their impact on the elderly is the scope of this work.

Keywords: *Elderly, Pandemic, Aging.*

Referências

CAMUS, A. *A peste*. Tradução: Torrieri Guimarães. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1984. (Col. Grandes romancistas).

FREUD, S. A sexualidade na etiologia das neuroses (1898). In: _____. *Primeiras publicações psicanalíticas* (1893-1899). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1976. p. 289-312. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).

FREUD, S. Análise terminável e interminável (1937). In: _____. *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos* (1937-1939). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1975. p. 247-287. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).

FREUD, S. *Lou Andréas Salomé* – correspondência completa. Tradução: Dora Flacksman. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1975.

MANNONI, M. *O nomeável e o inominável: a última palavra da vida*. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1995.

MESSY, J. *A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice*. Tradução: José de Souza e Mello Werneck. São Paulo, SP: Aleph, 1999.

MONTEIRO, P. M. *A psicanálise do envelhecer*. Curso ministrado no CPB, rio de Janeiro, 21 jul. 2014 a 15 set. 2014. Notas de aulas.

MUCIDA, A. *O sujeito não envelhece: psicanálise da velhice*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.

Recebido em: 10/11/2021

Aprovado em: 28/11/2021

Sobre a autora

Marli Piva Monteiro

Membro do Círculo Psicanalítico da Bahia (CPB). Filiada ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP). Filiada à International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).

Médica pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

Tradutora. Escritora.

Membro da Academia Brasileira de Médicos Escritores e da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil.

Presidente do Círculo Psicanalítico da Bahia (CPB) no biênio 1990-1992.

Representante da IFPS entre 2012 e 2018.

Livros publicados:

- *Feminilidade: o perigo do prazer* (2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974).

- *Mulher - profissão mulher* (Petrópolis, RJ: Vozes, 1991).

E-mail: pivamarli@gmail.com

Fundamentalismos – *uma esquizofrenia histórico-social* *a partir de uma leitura de* *“Psicologia das massas e a análise do ego” (1921)¹*

Fundamentalisms
– *a historical-social schizophrenia*
from a reading of
“Mass Psychology and Ego Analysis” (1921)

Michell Alves Ferreira de Mello

Resumo

O trabalho visa abordar o fenômeno dos fundamentalismos contemporâneos dentro de uma leitura da *Psicologia das massas e análise do eu* (FREUD, 1921). A partir do processo de identificação das massas apontado por Freud no texto, pensamos que certos tipos de comportamentos identificatórios parecem criar um caminho para que um grupo, ao lutar por um ideal ou crença, negam a realidade externa na qual esse mesmo ideal ou crença é forjado. Ou ainda, parece que as identificações inconscientes ganham força no grupo de modo que tal conjunto de pessoas regride e fixa-se à fase oral, através da onipotência infantil e da voracidade, uma espécie de delírio onírico e conseqüente negação da castração. Sua majestade, o nós.

Palavras-chave: Fundamentalismos, Identificação, Ideal do eu, Psicologia de grupo.

1 Prolegômenos

Fui informado por um colega de ofício da indicação de uma paciente para análise. Helga tem uns 80 anos, mora distante da cidade de origem, tem sérios problemas de saúde. Seu marido encontra-se na mesma situação. Todavia, essa não era a queixa verbalizada pela senhora, mas sim sua relação com o filho. Esse senhor com quase 60 anos deixou de falar com ela porque ela

tomou vacina contra a covid. Da mesma forma, deixou de falar com todos os parentes. Helga me pergunta: você acha que pode ser esquizofrenia? Ele corre risco de cometer suicídio? Eu sou responsável por algum trauma?

Eis um exemplo de fundamentalismo atravessando nossa clínica, e isso causa um sofrimento psíquico que talvez nos exija um olhar mais atento.

1. Trabalho apresentado no XXIV CONGRESSO DE PSICANÁLISE DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE - PARA ALÉM DA PANDEMIA: ECOS NA PSICANÁLISE, realizado pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, de 4 a 6 nov. 2021, por meio da plataforma Zoom.

2 Fundamentalismo e psicologia das massas

O líder da massa continua sendo o temido pai primevo, a massa continua querendo ser dominada por um poder irrestrito; em grau extremo, ela é ávida por autoridade; tem, segundo a expressão de Le Bon, sede de submissão. O pai primevo é o ideal da massa, que, no lugar de Ideal do eu, domina o Eu (FREUD, [1921] 1996, p. 208).

O fundamentalismo, como o entendemos, seria a total servidão voluntária (BIRMAN, 2017) a uma única proposição categórica. É a busca pelo pai primevo (*Urvater*) que detém todo saber e, por isso, todo poder sobre as pessoas da horda primitiva.

Esse pai primevo é análogo às suas ideias, queremos dizer: ele encarna e personifica determinados ideais. Esses ideais podem advir de diversas fontes, das mais variadas possíveis: a lei natural, o mercado, o Estado, a moral, o livro sagrado, a obra de Freud ou de Lacan, etc. Pensamos aqui, num primeiro momento, numa certa análise linguística sobre performatividade de determinados atos de fala. O líder representa a fala, e sua fala, que é unívoca, ressoa em toda a massa numa espécie de onda piroclástica. O fundamentalismo não surge da pena ou da tinta, mas da interpretação da fala. Essa interpretação é considerada como uma verdade absoluta e, por exclusão, tudo que é diferente é considerado como falso.

Pensamos em fundamentalismos, no plural, dado que o identificamos com determinados fenômenos de massa, mas não todos. Poderíamos dizer que todo fundamentalismo é um fenômeno de massa, mas nem todo fenômeno de massa é um fundamentalismo.

Os fundamentalismos seriam, em nossa perspectiva através de uma leitura da *Psicologia das massas e análise do Eu* (FREUD, [1921] 1996), uma massa não tão organizada enquanto estrutura e sua temporalidade não é estável. Essa delimitação se faz importante

para diferenciar os fundamentalismos de outros fenômenos de massa, que podem até ser tomados como instituições sociais, tal como a Igreja e o Exército.

Diz Freud ([1921] 1996, p. 207):

Cada indivíduo é uma parte constitutiva de muitas massas, é ligado de maneira multilateral por identificações e construiu seu Ideal do Eu segundo *diversos* modelos (itálico nosso).

Ora, ter diversos modelos (pensemos na dupla parental e no ambiente sociocultural no qual o bebê se vê imerso *a priori*), no Ideal do Eu favorece ao vindouro superou uma amplitude maior de diálogo com o Eu na administração do dinamismo pulsional, evitando assim, possivelmente, um maior número de neuroses. Claro que não podemos provar isso aqui, afinal a metapsicologia é nossa bruxa (disse uma vez Freud). Pensemos no exemplo de pessoas criadas em comunidade isoladas e fechadas (os Amish, por exemplo) e suas diferenças sociocomportamentais, se forem comparadas com pessoas em grandes centros urbanos (Nova York, por exemplo).

Outra característica do autoritarismo está na passagem direta ao ato quando se põe a dualidade autoridade *versus* autoritarismo: a primeira é conferida pelo grupo; o segundo é outorgado pelo líder. Nos fundamentalismos, autoridade e autoritarismo são idênticos para os membros do grupo, mas o mesmo não acontece para os que estão fora de um grupo fundamentalista. Os fundamentalismos conferem ao líder uma “autoridade autoautoritária” ou, como se chamava na antiga Rússia, czarista: o czar é um autocrata. Ou Luís XIV quando disse “O estado sou eu”. Em outros termos, o líder autoritário se identifica tanto com as ideias que defende e personifica quanto com o próprio grupo: o líder e o grupo e suas ideias são a mesma coisa – uma massa homogênea. Um ataque ou crítica ao líder é ao mesmo tempo uma agressão a todos os membros do grupo e co-

loca na berlinda todo o conjunto imaginário que sustenta o próprio grupo. A resposta a uma crítica ou desacordo vem na forma de uma violência. Aliás, poderíamos dizer aqui que onde falta a palavra emerge a destruição de *Thanatós*.

Os fundamentalismos se instauram na vida política como um regime sem exceção. Entendemos por vida política a esfera da vida pública, na qual mostramos aquilo de que não temos vergonha e que não é a esfera da intimidade nem a vida privada (ARENDRT, 2010). Nessa mesma linha de pensamento, ainda segundo a autora, chamamos de societário a mistura entre o público e o privado, que, ainda conforme Arendt, teria surgido no seio da modernidade. Assim, podemos dizer que os fundamentalismos tendem à autocracia e à eliminação entre o público e o privado, pois se dirigem a uma mistura entre a esfera pública e a esfera privada da vida humana: um grupo de fundamentalistas assume uma axiologia privada e deseja com ela seja imposta a todos os outros membros da sociedade, sem exceção. A eliminação causada pela mistura entre público e privado impede que a individualidade do sujeito tenha sua existência, dado que o sujeito psíquico é visto apenas quando é parte constituinte de um grupo maior – um panpsiquismo artificial. Pensemos, por exemplo, no que tem acontecido nas relações privadas, em cada família, como no fragmento citado anteriormente – o público invadiu o privado e, como reação, a individualidade de Helga foi negada dado que ela não integra o grupo do qual seu filho faz parte.

Nos fundamentalismos parece não haver espaço para um não eu, pois se apresenta como algo contraditório com o que propomos ser a vida pública – se a vida pública é a esfera da não vergonha, ela há de supor a existência de um outro, um não eu. É desse outro, desse não eu, que eu tenho “vergonha”. Ao contrário, a esfera da intimidade ou da vida privada é a esfera da “desvergonha”, quando estou entre iguais ou sozinho não

me é possível sentir vergonha (nesse caso, chamamos esse sentimento de culpa).

Voltemos ao texto freudiano que diz que

[...] a massa não tem dúvidas sobre o que é verdadeiro ou falso, e ao mesmo tempo tem consciência de sua grande força, ela é tanto intolerante quanto crente na autoridade (FREUD, [1921] 1996, p. 148).

Talvez hodiernamente (re)apareça uma forma diversa de vida pública distante daquela na qual nascemos: para nós, a esfera pública seria o campo difícil do acordo entre diferentes, sem qualquer intimidade. Hoje se apresenta para outros a vida pública como a esfera do acordo entre semelhantes, com pinceladas de intimidade. Talvez por isso se criou na vida política uma aversão ao politicamente correto, ou seja, uma aversão à vida pública sem intimidade – uma ação pública que não passa pelo crivo da vergonha, ou seja, pelo olhar do outro, do diverso. Desse modo, falácias *ad hominem* se tornam demonstrações históricas.

Mas ainda assim: o que une as massas em geral e os fundamentalismos de modo específico? Freud aborda a temática no capítulo VII:

A identificação é conhecida na psicanálise como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva com uma outra pessoa. Ela desempenha um papel na pré-História do complexo de Édipo (FREUD, [1921] 1996, p. 115).

A primeira identificação mãe-bebê é colocada por Freud ([1921] 1996, p. 115) como “investimento de objeto claramente sexual; já a com o pai, uma identificação como modelo”. Acreditamos que aqui se trata mesmo de algo anterior à escolha objetal, mas diz respeito à construção da identidade do gênero. Aqui o importante é pensar que ambas as identificações são ambivalentes desde o início, ponto assinalado pelo próprio Freud: pode ser objeto tanto de ternura como de eli-

minação. Freud continua e diz que a identificação

“se conduz como um derivado da primeira fase oral da organização libidinal, na qual o objeto cobiçado e apreciado foi incorporado através do ato de comer e assim foi aniquilado como tal” ([1921] 1996, p. 115).

Bem, esse processo é comum a todos os humanos, guardadas as particularidades de cada sujeito. É nessa fase do narcisismo infantil e formação da instância do Eu que as relações de identificações com os modelos parentais formam o ideal do Eu. Freud ([1921] 1996, p. 116) resume, ainda no capítulo VII, a identificação com a figura paterna em três partes: (a) ter o pai – incorporação; (b) ser o pai – introjeção; (c) estar no lugar do pai – regressão narcísica.

Chamamos a última de regressão narcísica porque, segundo Freud, ela se dará num momento posterior: busca pelo objeto perdido, quase que de maneira melancólica e encontrar esse objeto, que é identificado com o próprio ideal do Eu. “Não se é igual ao líder, mas se torna igual a ele”.

Voltemos ao texto freudiano. O Eu torna-se cada vez menos exigente, mais modesto, e o objeto, cada vez mais grandioso, valioso; esse finalmente alcança a posse de todo o amor próprio do Eu, de modo que o autossacrifício do Eu torna-se uma consequência natural. O objeto (o líder) consumiu o eu. [...] A situação inteira se deixa resumir, sem resíduos, em uma fórmula: o objeto colocou-se no lugar do Ideal do Eu (FREUD ([1921] 1996).

Nas massas que não possuem a característica de fundamentalismos, o processo de identificação se dá por introjeção, através da qual a unidade do seio bom/seio mau se encontra no que se chama de posição depressiva. Nos casos da massa fundamentalista, parece que o processo predominante é a incorporação do seio bom e ao mesmo tempo o ataque ao seio mau através da voracidade – uma posição esquizoparanoide. Se nossa

hipótese for verdadeira, poderíamos dizer que uma diferença entre os movimentos de massa e os movimentos fundamentalistas é que os primeiros são ainda capazes de fazer uma certa integração entre eu/não, seio bom e seio mau; já os segundos, mantêm-se numa cisão entre eu e o não eu, entre o amor ao seio bom e o ódio ao seio mau, devorando-o.

Mas como alguns indivíduos tendem aos fundamentalismos e outros não?

Pode ser que a separação entre o Eu e o ideal do Eu, em alguns indivíduos, não se deu de modo satisfatório. Tanto o Eu quanto o não eu ainda coincidem facilmente; inúmeras vezes o Eu preservou a autocomplacência narcísica anterior. A escolha do líder é facilitada por essa relação. Muitas vezes ele só precisa possuir as características típicas desses indivíduos, destacadas de maneira particularmente nítidas e desnudas. Isso confere uma força e uma liberdade libidinal maiores, quase que absolutas, ao líder de um grupo fundamentalista (FREUD, [1921] 1996).

Essa liberdade libidinal favorecida pela identificação (dual-porosa, psicótica?) da massa fundamentalista com o seu líder causa uma espécie de “Sua majestade, o povo!”.

A questão narcísica do processo identificatório com o ideal do Eu aqui é importante, pois também pode ser usada para diferenciar grupos em sentidos geral das massas que denominamos nesta apresentação como fundamentalismos: nos grupos em geral, o laço libidinal com o líder causa uma perda da realidade momentânea (ou criaria uma realidade fantasmática, histórica), como bem acontece no contágio afetivo assinalado por Scheler (1916): assistir um jogo no Maracanã ou participar de uma manifestação sociopolítica e ao fim das quais, quando as pessoas voltam para casa, elas se sentem como que realizadas libidinalmente. Elas gozaram em si mesmas. Descarregaram. Introjetam uma causa, um líder, um projeto, um time de futebol e esse corresponde ao ideal do eu somente enquanto a massa está reunida. Parece mais com uma neurose, pois o eu volta a se

relacionar com seus objetos e suas fixações fálicas, funcionando, assim, com o mecanismo da *Verdrängung*. Aqui se mantém a tríade: Eu - Ideal do Eu – princípio de realidade/ limite.

No caso dos fundamentalismos, o narcisismo se encontra mais fixado através da incorporação do objeto e, assim, um ideal do Eu vai no caminho de um processo identificatório com o líder. O processo de incorporação bem como seu equivalente identificatório é voraz, quer destruir o próprio seio, devorando-o. O laço libidinal com o líder é absoluto, uma identificação maciça: o indivíduo e o líder são um e o mesmo, e tudo que se opõe a isso é um inimigo a ser destruído. Assistir a um jogo no Maracanã ou participar de uma manifestação sociopolítica, e, no fim, as pessoas **não** voltam para casa, pois as pessoas são a negação do laço libidinal-identificatório: brigas de torcida, depredação de vias públicas, ataques ferozes aos opositores. Elas gozaram em si mesmas, mas é um gozo fálico. Descarregam atacando tudo que ameaça o substituto do pai. Incorporam uma causa e se tornam a causa, incorporam um líder e são um corpo com ele. Essas incorporações correspondem ao ideal do eu aquém e além da massa reunida. Tal modelo nos parece mais com uma psicose, pois o Eu volta a se relacionar consigo mesmo e com suas ideias através da figura do líder. Assim, continua com a própria libido, ou melhor, com o investimento libidinal feito em si mesmo através da incorporação e identificação entre ideal do Eu e do Eu. O que não se encontra nessa díade Eu e Ideal do Eu, está fora. O que está fora? O princípio da realidade. O mecanismo econômico se assemelha mais com a *Verwerfung*, e a fixação parece estar na fase oral.

3 Reflexões para além do texto

Propomos voltar um pouco à Bergasse 19, numa fantasia em que imaginamos o que Freudalaria na vida privada entre amigos sobre acontecimentos como os atuais – na realidade, ele viveu momentos ainda mais

radicais com o *Anschluss* da Áustria pelos nazistas em março de 1938. Podemos ler algo que ele pensou no período, sobretudo nos seus escritos finais, segundo o biógrafo Peter Gay (2012, p. 622):

A ideia de suicídio chegou a invadir o lar dos Freud naquela primavera. Mas Schur, médico de confiança de Freud, que estava próximo à família naqueles meses desesperados, conta que, quando parecia impossível fugir da Áustria nazista, Anna Freud perguntou ao pai: “Não seria melhor se todos nós nos matássemos?”. A resposta de Freud foi típica: “Por quê? Porque gostaríamos que fizéssemos isso?”. Ele podia resmungar que as coisas não valiam a pena e ansiar para que caísse a cortina, mas não estava disposto a abrir mão delas ou a deixar o palco, segundo a conveniência do inimigo. O espírito de desafio que dominou tão grande parte da vida de Freud ainda se agitava nele.

Esse espírito de desafio do qual fala Peter Gay, pode ser visto como uma certa recusa em aceitar fazer parte dos fundamentalismos de sua época, inclusive do movimento sionista. Esperar para agir por si, até certo ponto. Muitos podem se questionar por qual motivo [o motivo pelo qual] a família Freud não deixou a Áustria quando surgiram os primeiros indícios do que viria a lhes acontecer – mas parece ter preferido não ser mais um elemento na massa – mas eles desconfiavam sempre, inclusive das próprias impressões (por mais que seu espírito fosse obstinado). Na leitura do biógrafo, poderíamos dizer que “desconfiar” é uma defesa contra os movimentos identificatórios psicóticos dos fundamentalismos.

Ao ler a obra freudiana, nos deparamos com a terceira ferida narcísica em nossa cultura: a razão não é senhora nem em sua própria casa (FREUD, [1916] 1996, p. 292). Aqui, diríamos, ninguém está completamente blindado aos fundamentalismos, no sentido aqui abordado.

Assim, uma interpretação dos fundamentalismos, se pensássemos numa “psicanálise da História”, dependeria de três níveis. Um primeiro seria o presente e o passado narrados; depois, quais grupos de pessoas escreveram esse presente e esse passado e, por último, e mais importante, porque assim o fizeram, isto é, quais eram suas identificações psíquicas. Para algo ser “cientificamente” comprovado seria necessário analisar cada membro do grupo que narra um acontecimento histórico. Ora, isso nos parece impossível. Por isso, talvez a intuição da escrita e produção psicanalítica freudiana lança mão de uma mitologia para tentar balizar determinados conceitos, tais como inconsciente, falta, Lei, etc. (FREUD, 1913; 1987; 1921).

A categoria da possibilidade (o que não cabe no fundamentalismo) implica uma potência hermenêutica de todo e qualquer discurso e a probabilidade de assunção a uma verdade possível que em um determinado momento funciona.

Mas e na clínica, como escutar os fundamentalismos? Bem, a ética do analista e o imperativo da escuta afinada através da atenção flutuante impõem um lugar: o lugar da diferença. Um analista que, na clínica, entra em quaisquer formas de fundamentalismos, fere a ética na psicanálise.

Aqui nos dirigimos à noção de *differance*, no sentido de Derrida (1993). Pensar a ética do analista como um lugar da *differance* é estar entre a verdade psíquica trazida pela analisante e a metapsicologia do analista – não é um lugar fixo, mas um processo que acontece no decorrer dos encontros analíticos.

Não se pensa aqui no texto expresso de Freud quanto à sua visão da massa e sua psicologia, como pode ser encontrada em alguns textos, mas cogitamos pensar em que medida a metapsicologia e a clínica freudiana poderiam estar nesse espaço lacunar dentro das próprias linhas traçadas pelo autor. Assim, é necessário aqui um *epoché* fenomenológico para ir além do texto expresso e

admitir a possibilidade de se estar buscando construir um dispositivo conceitual, jamais uma verdade num sentido ontológico. Assim, escutar os fundamentalismos na clínica e entendê-los como sintomas de um sujeito que expressam suas angústias é estar entre a verdade do sujeito e os mecanismos pulsionais que validam essa mesma verdade. Pensar nos fundamentalismos requer uma disposição do analista a estar “entre” a fala e os afetos. Se o analista sair desse “entre”, ele assume uma das partes, que pode validar determinado fundamentalismo (ou outro qualquer). Caso contrário, a própria clínica poderia estar fundamentada no fundamentalismo do analista, não na ética. Isso seria um desastre.

Tal pressuposto nos leva a crer que a História, pelo menos sob o olhar da psicanálise, é trágica – não há previsibilidade. Podemos supor, intuir, mas não ter uma certeza única, sobretudo sobre o processo histórico. O mesmo vale para uma história clínica, aquela que estamos inseridos junto a nossos analisantes. A certeza do futuro melhor para todos, quase que num modelo positivista de Comte, não cabe numa análise da História que, se é compreendida como trágica nem numa clínica que se propõe que o sujeito trace seu próprio caminho. Um psicanalista que coloca uma certeza sobre o futuro para o paciente pode se tornar um líder fundamentalista no seu próprio mundo/consultório particular.

Desse modo, parece ser quase que um imperativo categórico o superego do psicanalista se opor a toda e qualquer forma de fundamentalismo, inclusive dentro das próprias sociedades psicanalíticas – ainda que não estejamos imunes às identificações psíquicas que temos com colegas de ofício.

Como refletimos acima, denominamos o fundamentalismo na vida pública em quaisquer de suas formas como um regime sem exceção – não supõe ambiguidades. Ora, em psicanálise pensamos em determinismo psíquico e o psíquico é o individual e forjado

também *a posteriori* pela história do constituir-se sujeito. Por isso mesmo, então, não seria possível uma compreensão unívoca dos processos históricos através de um poder externo que os determinasse: quer seja esse poder uma verdade do grupo, quer seja a verdade do analista na sua clínica. Esse poder externo poderia ser o Estado, os deuses, o mercado, uma teoria psicanalítica, etc. Se a História é sempre a história dos homens, ela sempre será ambígua – tirar a ambiguidade da vida humana, como requerem os fundamentalismos, seria tirar, talvez, a única coisa que nos restou: o conflito psíquico: Eros e Thanatos. Nossa hipótese partilhada aqui é que nós, psicanalistas, devemos defender a “exogamia” e jamais querer substituir o pai primevo assassinado ou apoiar qualquer indivíduo que almeja ser um novo pai primevo: aceitemos a morte do pai que nós o matamos na passagem das nossas construções subjetivas em análise e na formação do próprio psiquismo - a passagem do Ideal do Eu até a formação do superego no desfecho do complexo de Édipo. Nenhum de nós deseja ser o pai da horda, nossa verdade é a realidade psíquica, que é exogâmica e transmitida de modo artesanal.

O acordo entre os irmãos de que ninguém pode ser o pai da horda é um paradigma para a clínica, para a metapsicologia e para a responsabilidade de nossas falas. Assumir uma postura contrária à exposta acima, parece negar os processos de deslocamento e condensação, de metáfora e metonímia. Assim, poderíamos ousar afirmar que o tempo dos homens não é teleológico, sequer cronológico. Para a psicanálise, o tempo assume uma matriz psíquica e trágica.

Esse acordo entre os indivíduos não nos pode garantir uma satisfação pulsional equivalente à perda que obtivemos ao ter sido feito o contrato entre os “irmãos”: ninguém mais poderia ter o poder absoluto sobre todas as mulheres da horda. Num devaneio podemos até pensar que o nascimento da História, num olhar a partir psicanálise,

acontece junto ao assassinato do pai e o acordo entre os irmãos – a História nasce do recalque. Dessa forma, aparece na vida pública um certo fenômeno de massa como elemento compensatório da renúncia pulsional, pois é justamente essa massificação do sujeito que lhe garante certa plausibilidade satisfatória.

Caso seja questionado se aquilo que se pode falar sobre o psiquismo do indivíduo está proporcionalmente equivalente à psicologia de grupo, Freud diz que

O grupo nos aparece como uma revivescência da horda primitiva. [...] Temos que concluir que a psicologia dos grupos é a mais antiga psicologia humana; o que isolamos como psicologia individual, desprezando todos os traços do grupo, através de um processo gradual, que talvez possa, ainda, ser descrito como incompleto. [...]

Uma reflexão mais demorada irá demonstrar-nos sob que aspecto essa afirmativa exige uma correção. A psicologia individual, pelo contrário, deve ser tão antiga quanto a psicologia de grupo, porque, desde o princípio, houve dois tipos de psicologia, a dos membros individuais do grupo e a do pai, chefe ou líder (FREUD, [1921] 1996, p. 134).

Assim, a História humana nada mais seria que a busca, que sempre se frustra, por esse pai ideal que nos defenderia do sentimento de finitude: tanto da finitude individual, ou seja, nossa própria morte como da finitude coletiva: vive-se pequenas mortes durante as muitas renúncias pulsionais que a vida em sociedade impõe aos homens.

O líder do grupo ainda é o temido pai primevo; o grupo ainda deseja ser governado pela força irrestrita e possui uma paixão extrema pela autoridade; na expressão de Le Bon, tem sede de obediência. O pai primevo é o ideal do grupo, que dirige o ego no lugar do ideal do ego. [...] uma convicção que não está ba-

seada na percepção e no raciocínio, mas em vínculo erótico (FREUD, 1921, p. 138).

Por isso, quando durante um determinado momento histórico a civilização não foi capaz de lidar com essa dupla finitude que gera em nós o sentimento de desamparo, um que advém da natureza e outro da vida em comum, não caberia dizer que os deuses ou entidades sobrenaturais seriam os responsáveis, mas que teríamos o desejo que um pai, expresso pela figura do líder, fosse o responsável cuidador de nossas próprias ações enquanto grupo e enquanto indivíduos.

O moralismo próprio dos fundamentalismos, quero dizer, aquilo que desloca os costumes a um passado jamais vivido, propõe a muitos um único modelo diante do fracasso do acordo entre irmãos. Como se um dos irmãos durante o jantar totêmico dissesse para outros irmãos: era muito melhor quando o “pai cuidava” de todos, aquele era o modelo perfeito. Se aquele foi o modelo perfeito, todos os outros são imperfeitos. Essa univocidade de pensamento é uma das expressões que se observa nas diversas formas de fundamentalismos – lembrando que esses também não denegam quaisquer ambiguidades. Podemos até mesmo pensar o moralismo como uma identificação psicótica com a figura do líder, uma vez que esse é substituto do pai e precisamos aplacar nossa culpa pelo seu assassinato – a lei do totemismo (FREUD, [1913] 2006). Talvez seja um negar o que já foi negado: *eine Verneigung*.

4 Considerações finais

O moralismo é a força ou poder do fundamentalismo, pois exerce coerção sobre os sujeitos e se apresenta ora como uma metonímia dos deuses primitivos, ora como metáfora do retorno do recalcado através dos mesmos deuses em suas versões contemporâneas.

Se o “cabedal” de ideias presentes nos muitos moralismos existentes pudesse nos proteger um pouco e de modo precário do desamparo, ainda assim, parece que nem

sempre (provavelmente nunca) um substituto do pai primevo nos pode garantir o amparo que ansiamos. Esse trágico da existência humana nos leva a pensar que o desamparo jamais foi eliminado, mesmo as melhores conquistas da humanidade falharam.

O pai substituto pode não dar conta de tantos filhos, é-lhe impossível cuidar de todos como todos desejam – sobretudo quando esses brigam numa tentativa de convívio. No conflito pulsional, imanente a cada sujeito, encontra-se nosso mais íntimo desamparo. Na clínica, pensamos que aprender a viver com esse desamparo pode ser um dos maiores ganhos de uma análise, pois jamais abandonamos o Ideal do Eu. Mas fazer dele o próprio objeto faz-nos um tanto psicóticos por foracluir da vida as realidades que ameaçam a suposta integridade ou completude do sujeito. Mas essas realidades fazem parte da nossa condição humana, demasiadamente humana. Sempre se segue uma sensação de triunfo quando algo no Eu coincide com o Ideal do Eu.

Abstract

This paper aims to approach the phenomenon of contemporary fundamentalisms according to Freud's book “Group Psychology and the Analysis of the Ego” (FREUD, 1921). Based on the mass identification process pointed out by Freud, we think that certain types of identificatory behaviors seem to create a path in which a group, when fighting for an ideal or belief, denies the external reality. But it is the external reality where this same ideal or belief was forged. Or yet, it seems that the unconscious identifications gain strength in the group in such a way that that group of people regresses and fixates in the oral phase, through the child omnipotence and voracity, a kind of dream delirium and consequent denial of castration. Your majesty, the us.

Keywords: *Fundamentalisms, Identification, Ideal of the ego, Group psychology.*

Referências

- ARENDDT, H. *A condição humana*. Tradução: Roberto Raposo. 11. ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2010.
- ARENDDT, H. *As origens do totalitarismo: totalitarismo, o paradoxismo do poder*. Rio de Janeiro, RJ: Documentário, 1979.
- ARENDDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Tradução: Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BIRMAN, J. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2017.
- COMTE, A. *Cours de philosophie positive: première leçon* (1825). Paris: Gallimard, 2004.
- DERRIDA, J. *La voix et le phénomène: introduction au problème du signe dans la phénoménologie de Husserl*. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.
- FREUD, S. Conferência XVII: O sentido dos sintomas. In: _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (Parte III. Teoria geral das neuroses. 1917 [1916-1917]). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. p. 265-279. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16).
- FREUD, S. *Neuroses de transferência: uma síntese*. Tradução: Abram Eksterman. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1987.
- FREUD, S. O inconsciente (1915). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1016)*. Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2006. p. 163-222. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. p. 73-148. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).
- FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)*. Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. p. 81-154. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).
- FREUD, S. Totem e tabu (1913). In: _____. *Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914)*. Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 2006. p. 21-162. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13).
- GAY, P. *Freud: uma vida para nosso tempo*. Tradução: Denise Bottmann. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- HEGEL, G. W. F. *Philosophie der Geschichte* (1807). Stuttgart: Reclam, 1999.
- KUHN, T. *Die Struktur wissenschaftlicher Revolutionen* (1962). Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2009.

Recebido em: 10/12/2021

Aprovado em: 22/12/2021

Sobre o autor

Michell Alves Ferreira de Mello

Psicanalista.

Membro efetivo do Círculo Brasileiro

de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).

Mestre em filosofia pela Pontifícia Universidade

Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).

Doutor em filosofia pela Basel Universität.

Professor efetivo da Fundação

de Apoio à Escola Técnica (FAETEC-RJ).

Professor do Centro de Estudos Antônio Franco

Ribeiro da Silva (CEAFRS) do CBP-RJ.

Membro do Grupo de Trabalho Sobre Neo

e Transexualidades (GTNTrans) do CBP-RJ.

Membro do Grupo Brasileiro

de Pesquisas Sándor Ferenczi (GBPSF).

Coautor de *Transexualidades: reflexões psicanalíticas*

entre gênero e Édipo (2018) e *Duas éticas em questão:*

cuidado de si e práticas de liberdade

em Ferenczi e Foucault (2020).

E-mail: mafmello@gmail.com

Teoria e técnica psicanalítica em tempos de pandemia: as dificuldades vivenciadas na prática da clínica on-line¹

*Psychoanalytical theory and technique in pandemic times:
difficulties experienced in online clinic practice*

Renata Franco Leite

Resumo

A teoria psicanalítica mostra-se sempre muito complexa. São muitas as suas peculiaridades e, por causa do seu vasto desenvolvimento, algumas dúvidas podem aparecer. Em um momento de pandemia como o vivido atualmente, muitos desafios surgiram, por isso pensar sobre essa relação entre teoria e prática se faz tão importante. Sendo assim, o presente trabalho tem por objetivo refletir acerca das dificuldades que muitos profissionais apresentaram durante esse período quanto à aplicação das técnicas psicanalíticas em suas atividades diárias no consultório no enquadre *on-line*, destacando a importância da proposição de Freud sobre o tripé da psicanálise.

Palavras-chave: Teoria psicanalítica, Aplicação, Prática clínica *on-line*, Pandemia.

Introdução

Após a publicação da *Interpretação dos sonhos*, de Freud ([1900] 2019), a psicanálise iniciou um movimento de grandes proporções. A teoria foi sendo difundida, estudada, manejada e aprimorada por diversos autores. Embora a teoria clássica se mantenha até os dias atuais, o surgimento da pandemia de covid-19 trouxe a preocupação de como se daria um processo analítico de maneira *on-line*. Alguns autores preocupam-se em seguir à risca a técnica proposta, outros tentam adaptar a teoria clássica à sua nova realidade, utilizando essas modificações para se apro-

ximarem de outras vertentes que seguem os princípios, mas se diferenciam das técnicas clássicas.

Pensando nas principais mudanças e nas proposições decorrentes da teoria clássica freudiana, coloca-se em discussão um pouco desses aspectos para que se possa entender o funcionamento da ponte teoria-prática num contexto pandêmico e os principais desafios encontrados pelos profissionais que aplicam a teoria psicanalítica na prática clínica. Além disso, um breve relato das vivências profissionais desta autora será trazido visando ilustrar alguns desconfortos e questionamentos re-

1. Trabalho redigido a partir de mesa-redonda apresentada no XXIV CONGRESSO DE PSICANÁLISE DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE - PARA ALÉM DA PANDEMIA: ECOS NA PSICANÁLISE, realizado pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, de 4 a 6 nov. 2021, por meio da plataforma Zoom..

sultantes da sua prática. Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo pensar sobre as questões pontuadas, ponderando a rotina daqueles que utilizam a técnica psicanalítica em sua prática clínica *on-line* e reforçando a importância do tripé da psicanálise.

Principais orientações de Freud:

Recomendações ao médico que pratica a psicanálise (1912)

As recomendações feitas por Freud são a base da psicanálise. A constituição do seu trabalho, mesmo tendo sido estudado e apropriado por outros profissionais, partiu das percepções e vivências do autor. Sendo assim, buscamos suas direções como ponto de partida para pensarmos nos desafios da prática clínica *on-line*.

No texto *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise*, Freud ([1912] 2010) considera algumas premissas básicas que se entrelaçam durante a prática psicanalítica. Inicialmente, ele se preocupa em mostrar ao “médico” [psicanalista] a importância em memorizar questões básicas e específicas de cada paciente e introduz o método da “atenção flutuante” justamente como forma de facilitar esse processo de captação de informações. Complementando essa primeira tarefa, o autor ainda fala da importância em não tomar notas durante os atendimentos, pois isso pode causar uma má impressão ao paciente, a menos que haja uma intenção de publicação científica. Freud faz ressalvas com relação a essa dupla funcionalidade, pois o tratamento psicanalítico e o trabalho científico nem sempre podem funcionar conjuntamente, e esse exercício pode influenciar no tratamento e vice-versa.

Outro aspecto que deve ser destacado é a afetividade durante o processo. Para Freud, os afetos do analista podem ser perigosos para o andamento do processo, pois têm o potencial de alterar a sua perspectiva e permitir que ele crie expectativas e ambições com relação ao tratamento, podendo chegar até a colocar sua individualidade em questão

durante o tratamento, abandonando a prática psicanalítica. Esse ponto destaca a importância de o analista também estar em análise pessoal e supervisão clínica. Outra prática não indicada é a atividade pedagógica, pois esse aspecto pode gerar diferentes questões e despertar pontos que não são relativos ao tratamento psicanalítico. Por fim, cabe ao analista incitar e conduzir o paciente a entender e interpretar suas próprias questões, sem interferir nesse processo. Vale ressaltar que também é fundamental que outros indivíduos, sejam amigos, sejam familiares, sejam cônjuges não interfiram na análise do paciente.

Os manuais de teorias e técnicas psicanalíticas

Mesmo com as orientações feitas por Freud ([1912] 2010), por causa do número de adeptos e da propagação que a psicanálise teve ao longo de todos estes anos, os manuais de teorias e técnicas psicanalíticas ganharam espaço no mercado científico e literário. Apesar de existir uma grande quantidade de trabalhos desse tipo, dois deles se destacam: Etchegoyen e Zimmerman.

Zimmerman (1999) divide a parte técnica inicial da prática psicanalítica em: entrevistas iniciais (contrato), *setting* (enquadre), resistências e contrarresistências; impasses e transferências e contratransferências. Pensando, então, na realidade atual, percebemos que nenhum desses pontos se faz ausente na prática clínica *on-line*. Exemplificando: o *setting* (enquadre) é conceituado por Zimmerman (1999, p. 67) como “a soma de todos os procedimentos que organizam, normatizam e possibilitam o processo psicanalítico”. Dessa forma, o fato de o analista e o analisando estarem em espaços físicos diferentes, mesmo considerando que a videoconferência os coloca no mesmo lugar, não implica a inviabilidade ou o impasse terapêutico, desde que exista o vínculo e que o enquadre tenha sido realizado de maneira satisfatória.

Etchegoyen (2004), tratando da situação analítica traz que,

Ao definir a situação analítica como o conjunto de transações que sobrevêm entre analisando e analista, em função da tarefa que os reúne, estamos implicando que há regras que devem ordenar essa relação. São normas que foram sendo estipuladas empiricamente, em função do melhor desenvolvimento na tarefa analítica, e continuam sendo, sem nenhuma modificação substancial as que Freud propôs em seus artigos de técnica nos anos de 1910, sobretudo em seus “Conselhos ao médico”, de 1912 e 1913 (ETCHEGOYEN, 2004, p. 283).

Sendo assim, vê-se que, para diferentes autores, inclusive o próprio Freud, o ponto mais importante do desenvolvimento do trabalho analítico não se dá no encontro do analisando e do analisando num ambiente físico de maneira presencial, mas sim no respeito e na atenção aos pressupostos da técnica, que é baseada, sobretudo, no contrato e no firmar do vínculo terapêutico.

Os desafios da teoria e da prática da clínica *on-line*

Pensando nas recomendações descritas por Freud e junto aos principais manuais de técnica psicanalítica, chegamos a uma problemática: como adaptar/entender os princípios básicos da teoria psicanalítica e aplicá-los dentro de uma nova perspectiva de atendimentos?

Ao longo de sua vida, Freud passou a se comunicar com diversos professores, colegas e pacientes através de correspondências. Em uma breve retomada histórica, lembramos, por exemplo, que em 1887 Freud é apresentado a Fliess e aos poucos os colegas passam a se corresponder com o objetivo de trocar experiências. Essas cartas permitiram a Freud compreender melhor suas próprias questões e teorias (ROUDINESCO, 1998).

Dessa maneira, mesmo no momento em que os meios de comunicação eram extremamente limitados, a formação do vínculo entre os colegas permitiu que o processo

analítico fosse iniciado, tornando, naquele momento, a palavra escrita um importante recurso transferencial (BELO, 2020). Outro dado histórico que reitera essa questão é o início da clínica psicanalítica infantil. Freud ([1909] 2015, p. 124 esclarece:

Nas páginas que seguem é apresentada a história da doença e cura de um paciente muito jovem, uma história que, a rigor, não provém de minha observação. [...] o tratamento mesmo foi realizado por seu pai, e a ele sou profundamente grato por confiar-me suas notas para publicação.

Através desse dado compartilhado por Freud, percebemos que ele supervisiona o pai de Hans e, através dos relatos enviados por carta ao supervisor, a análise da criança pôde se desenvolver (BELO, 2020). Como, então, deve ser o contrato entre o analista e o analisando em uma mudança atípica como a que aconteceu em decorrência da pandemia?

Belo (2020, p. 73) traz uma excelente reflexão sobre essa questão:

Algo da posição idealizada do *setting* e do próprio analista se decompõe. É como se a análise *on-line* fosse sempre menor, um tanto impura, marcada por uma insuficiência.

Pensando de uma maneira mais concreta, é como se tivéssemos entendido algo equivocado ou se o espaço físico e o encontro presencial fossem aquilo que determina o desenvolvimento do processo analítico, quando não. O que permite que o processo analítico aconteça se dá principalmente a partir do contrato, do enquadre, do *holding* e da devida proteção ao sigilo.

Almeida (2020), em seu artigo *Pra falar de psicanálise em tempos contemporâneos – um conto sobre travessia*, traz outra reflexão que nos permite entender que a análise, de fato, não acontece graças ao endereço de um consultório físico, mas a partir do vínculo,

do enquadre, da transferência e do processo de associação livre.

Freud ([1912] 1996, p. 126) nos ensinou que a psicanálise, enquanto técnica, é o tratamento pela palavra em associação livre: “Diga-me tudo o que vier à sua lembrança, sem censura”. Ou seja, deixe que a palavra se torne presença, através da voz. Habite-a. Porque habitar a palavra é habitar-se (ALMEIDA, 2020, p. 35).

A importância do tripé da psicanálise: análise pessoal, estudos teóricos e clínicos e supervisão clínica

Belo (2020) argumenta que cada analista é responsável pela sua própria formação, já que existe uma diversidade de instituições psicanalíticas, sem haver conselhos reguladores ou fiscalizadores. O modelo do analista nada mais é que a sua própria formação, as suas conseqüentes experiências na análise pessoal, o estudo teórico contínuo e a supervisão clínica.

Em *Princípios básicos da psicanálise*, Freud ([1913] 2010, p. 269), argumenta:

A psicanálise é uma disciplina singular, em que se combinam um novo tipo de pesquisa das neuroses e um método de tratamento com base nos resultados daquele. Desde já enfatizo que ela não é fruto da especulação, mas da experiência e, portanto, é inacabada enquanto teoria.

Essa explicação reforça a ideia de que a psicanálise é muito mais do que uma teoria, ou seja, é uma vivência baseada em análise pessoal, estudos teóricos e contínuos, observações clínicas e supervisão.

Em *A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial*, Freud ([1926] 2014) destaca o funcionamento dos institutos de psicanálise, reafirmando a importância do tripé da psicanálise para a formação do candidato e, ainda assim, o consi-

dera como um “principiante” e reforça que, mesmo com as experiências e a troca de conhecimento com os membros de sociedades psicanalíticas, o preparo para o exercício da atividade analítica é intenso e demorado.

Pimentel (2004, p. 19) relata um pouco de sua história com a psicanálise e com o Círculo Psicanalítico de Sergipe (CPS) e traz:

Um analista se funda na sua própria análise e por isso mesmo a sua formação se distancia daquelas que oferecem títulos ou garantias. [...] o CPS é fiel aos princípios da transmissão da psicanálise, honrando o eixo ético de sustentação da formação de candidatos e o seu caráter permanente: análise pessoal, teoria da psicanálise e supervisão clínica.

Sendo assim, reitera-se que, com o objetivo de desempenhar o seu papel da melhor maneira possível, o analista deve, independentemente de seu exercício se dar de forma presencial ou *on-line*, preservar a manutenção da sua análise pessoal, dos estudos teóricos e da supervisão clínica. [manter sua análise pessoal, os estudos teóricos e a supervisão clínica.

Relato de uma vivência

Era um dia aparentemente comum, alguns pacientes questionavam o que estava acontecendo pelo mundo sem ter a dimensão do que estava por vir. Naquele dia, alguns chegaram a me questionar se os atendimentos seriam suspensos. Honestamente, não vi motivo para modificar algo e mantive a normalidade da minha rotina. Tivemos um feriado local e, para a minha surpresa, as autoridades determinaram algumas medidas restritivas a partir daquela data. Minha primeira reação (após alguns minutos de angústia) foi ligar para a minha supervisora. Agendamos um horário e trouxe a temática para discussão: como eu iria proceder a partir daquilo.

Em 2018, o Conselho Federal de Psicologia havia regulamentado os atendimentos *on-line* e eu não me via trabalhando naque-

les moldes. Tinha medo de as conexões falharem, não apenas as digitais, obviamente. Fui acolhida pela minha supervisora, que me orientou aderir aos atendimentos *on-line*, mantendo tudo aquilo que já era trabalhado na análise de cada paciente e reforçando o contrato terapêutico diante dos novos moldes. Anunciei aos pacientes que iria interromper os atendimentos por uma semana, tempo que utilizei para estudar e pensar como seria esse novo desafio. Após a supervisão e a minha análise pessoal, as atividades que se deram de forma *on-line* e me senti mais segura. Ainda assim levantei todos os textos e cartas de Freud, além de artigos sobre atendimentos *on-line* que pude.

Em 26 de março de 2020, iniciei os atendimentos *on-line*. Nem todos os pacientes aderiram no primeiro momento. Precisei ajustar horários, encontrar na minha casa um espaço que fosse confortável e o mais livre possível de influências externas, apesar de não poder controlar os passarinhos pousando na janela, o barulho do interfone tocando ou uma das minhas cachorrinhas pulando no meu colo tentando interagir com os meus pacientes. Para minha surpresa, não parecia que havia tantas mudanças quanto eu dimensione.

É óbvio que o assunto de todos os pacientes circundava sobre as mesmas angústias que tive quando entrei em contato com minha supervisora. Todos estavam ansiosos para saber como ficariam seu trabalho, o estudo, os relacionamentos afetivos, sociais e familiares. E o acolhimento foi fundamental para que o vínculo terapêutico se sustentasse em um momento de tantas incertezas e fragilidades.

Não imaginava que a minha agenda fosse voltar a uma regularidade tão rápido. Em menos de quinze dias, os pacientes que haviam suspenso por acharem que não se adaptariam retornaram. Além disso, tive outra grande surpresa: ao anunciar que estaria atendendo *on-line* a partir daquele momento, pacientes antigos que não estavam na cidade entraram em contato comigo. De

repente, minha agenda funcionava regularmente e em mais de um fuso horário. Tive o privilégio de rever pacientes que há algum tempo moravam em outros estados ou no exterior, que haviam interrompido o processo analítico devido à distância física e que, naquela circunstância, puderam retomar o acompanhamento.

Os pacientes em continuidade estavam funcionando maravilhosamente bem, mesmo com algumas intercorrências durante a sessão. De repente, novos pacientes. E agora? Como eu formaria vínculo com um paciente com quem nunca tive contato? Que nunca foi até o meu consultório? Pensei: se a demanda está chegando é porque, de alguma forma, o vínculo já está presente, então “por que não?”. E chegaram os novos pacientes que, assim como aqueles que já eram acompanhados por mim há algum tempo, adaptaram-se muito bem ao novo formato.

Honestamente, problemas pontuais aconteceram, mas nada que um ajuste de horários ou alguma outra modificação no enquadre não resolvesse. E o mais maravilhoso: todo o material que eu achava que havia sido perdido surgiu de uma nova forma e, assim, o local que o paciente escolhia para ser atendido, os itens que tinha disponíveis ao seu alcance, além das interferências que surgiam, tudo virou material.

Vou me permitir a ousadia de pegar um gancho de Freud e dizer: “Senhoras e Senhores”: que incrível experiência pude vivenciar”. Nada disso teria sido possível sem a minha análise pessoal, a supervisão clínica e o estudo teórico. O tripé da psicanálise faz parte da minha vida desde 2014, ano que finalizei a graduação em psicologia e filiei-me ao Círculo Psicanalítico de Sergipe como candidata à formação. Sempre soube da importância desses três aspectos, mas nunca havia sentido tanto “na pele” o impacto dessa base em minha vida profissional.

Hoje, um ano e meio após o início da pandemia, retornei às atividades presenciais motivada pela necessidade pontual de

alguns pacientes, por precisarem daquele espaço por algum motivo individual. Porém, a maioria dos atendimentos segue acontecendo de maneira *on-line*, sem prejuízos. Pelo contrário: há uma série de evoluções e novas perspectivas.

Considerações finais

Através do entendimento dos pontos mais importantes para o desenvolvimento do trabalho analítico, podemos perceber que muito da resistência de alguns profissionais em aderir ao trabalho de forma *on-line* se dá, na verdade, por uma série de fantasias a partir de um olhar enrijecido no que diz respeito ao *setting* terapêutico.

É compreensível que o atendimento presencial pareça, de certa forma, mais confortável para o analista e para o analisando, mas o desenvolvimento analítico não se dá através de um endereço físico, poltronas, divã e livros à mostra. A essência para um desenvolvimento analítico potencialmente positivo se dá a partir das técnicas descritas ao longo deste artigo.

Por fim, trago o texto *As perspectivas futuras da terapia psicanalítica* escrito por Freud em 1910 com a intenção de firmar do que se trata a psicanálise:

Despeço-me dos senhores, então, garantindo-lhes que cumprem seu dever em mais de um sentido, quando tratam psicanaliticamente os seus doentes. Trabalham não apenas a serviço da ciência, ao aproveitar a oportunidade única de penetrar os segredos das neuroses; não apenas proporcionam a seus doentes o tratamento mais eficaz para seus males que hoje temos à disposição, mas também contribuem para o esclarecimento das massas, do qual esperamos a mais abrangente profilaxia das enfermidades neuróticas, pela via indireta da autoridade social (FREUD, [1910] 2013, p. 301).

Abstract

Psychoanalytic theory is always very complex. There are many peculiarities and, due to its vast development, many doubts may arise during clinical practice. At a time of pandemic like the one we are currently experiencing, many challenges have arisen and, therefore, thinking about this relationship between theory and practice is so important. Therefore, this paper aims to reflect on the difficulties that many professionals presented during this period in relation to the application of psychoanalytic techniques in their daily activities in the office, at this time in an online framework, highlighting the importance of Freud's proposition about the tripod of psychoanalysis.

Keywords: *Psychoanalytic theory, Application, Online clinical practice, Pandemic.*

Referências

- ALMEIDA, A. M. M. Pra falar de psicanálise em tempos contemporâneos – um conto sobre travessia. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, MG, Círculo Brasileiro de Psicanálise, n. 54, p. 31-36, dez. 2020.
- BELO, F. *Clínica psicanalítica on-line: breves apontamentos sobre atendimento virtual*. São Paulo, SP: Zagodoni, 2020.
- ETCHEGOYEN, H. R. *Fundamentos psicanalíticos*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.
- FREUD, S. *A interpretação dos sonhos* (1900). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2019. (Obras completas, 4).
- FREUD, S. A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial (1926). In: _____ *Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos*. (1926-1929). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2014. p. 124-230. (Obras completas, 17).
- FREUD, S. Análise da fobia de um garoto de cinco anos (“O pequeno Hans”) (1909). In: _____ *O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos*. (1906-1909). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2015. p. 123-284. (Obras completas, 8).
- FREUD, S. As perspectivas futuras da terapia psicanalítica (1910). In: _____ *Observação sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação da infância de Leonardo da Vinci e outros textos*. (1909-1910). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 287-301. (Obras completas, 9).
- FREUD, S. Recomendações ao médico que pratica a psicanálise (1912). In: _____ *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”) artigos sobre técnica e outros textos*. (1911-1913). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. p. 147-162. (Obras completas, 10).
- FREUD, S. Princípios básicos da psicanálise (1913) In: _____ *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”) artigos sobre técnica e outros textos*. (1911-1913). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. p. 268-276. (Obras completas, 10).
- PIMENTEL, D. *Formação de psicanalista*. Aracaju, SE: CEFET-SE, 2004.
- ROUDINESCO, É.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1998.
- ZIMERMAN, D. E. *Fundamentos psicanalíticos: teoria e clínica – uma abordagem didática*. Porto Alegre, RS: Artmed, 1999.

Recebido em: 10/11/2021

Aprovado em: 18/11/2021

Sobre a autora

Renata Franco Leite

Psicóloga graduada pela Universidade Tiradentes (Unit).
Psicanalista.
Membro autorizado do Círculo Psicanalítico de Sergipe (CPS).

E-mail: renatafrancoleite@hotmail.com

Diversidade de tipos psicológicos: mito ou realidade nas organizações contemporâneas?

*Diversity of psychological types:
myth or reality in contemporary organizations?*

Anderson de Souza Sant'Anna
Luiz Otávio Salgado Vogel

Resumo

Criatividade, diversidade e inovação são continuamente apontadas como atributos centrais de diferenciação e obtenção de vantagens comparativas às organizações do competitivo mundo contemporâneo dos negócios. Tal premissa tem induzido inúmeras organizações adotar processos internos direcionados à maior inclusão de minorias sociológicas, bem como ao desenvolvimento de políticas e práticas que favoreçam a gestão da diferença e da diversidade. Nesse contexto, este artigo tem como objetivo investigar a amostra de 7.924 profissionais indicados por suas organizações para participação em programas de educação executiva promovidos por reconhecida escola de negócios brasileiros, os quais foram submetidos, no período de 2010 a 2016, ao MBTI, instrumento desenvolvido a partir dos tipos psicológicos de Jung, para a mensuração de preferências psicológicas individuais. A expectativa consistia em verificar, ao longo do período investigado, maior diversidade de perfis, com ampliação da presença da função psíquica *Intuição*, como dominante ou auxiliar nos tipos psicológicos investigados. Os resultados, todavia, apontam para elevada preponderância das preferências *Pensamento* e *Sensação*, tendo os perfis *Intuição* e *Percepção*, comumente relacionados à criatividade e inovação, apresentado as mais baixas incidências, ao longo da série histórica investigada.

Palavras-chave: Tipos psicológicos, MBTI, Diversidade, Inclusão, Jung.

Introdução

A busca por categorizar a multiplicidade dos indivíduos humanos sem eliminar a singularidade de cada um não constitui iniciativa recente. Ao contrário, remonta a tempos longínquos. De acordo com Jung ([1921] 2013), a mais antiga talvez possa ser atribuída à astrologia do antigo Oriente, baseada nos trígono dos quatro elementos: ar, água, terra e fogo. Ainda na Antiguidade, muita atenção é conferida, especificamente pelos médicos, à busca de princípios ordenadores que tornassem possível reduzir a caótica diversidade do

gênero humano a grupos organizados. Entre eles, Empédocles, inspirado nos fenômenos naturais, propõe, por meio de conexão com a filosofia naturalista dos gregos, um ordenamento baseado nas noções igualmente naturalistas de seco, quente, úmido e frio. No entanto, a tentativa mais exitosa cabe a Galeno, que baseado no ensinamento de Hipócrates (século V a.C.) acerca dos quatro elementos fundamentais – ar, água, fogo e terra –, distingue, no século II de nossa era, quatro temperamentos humanos básicos: o sanguíneo, o fleumático, o colérico e o melancólico

(JUNG, [1921] 2013). A tais elementos corresponderiam, no corpo humano, o sangue, a fleuma, a bile amarela e a bile negra. A ideia de Galeno era que as pessoas podiam ser divididas nessas quatro classes, de acordo com a mistura desses quatro elementos (JUNG, [1921] 2013).

O mérito de Galeno pode ser reconhecido não apenas por desenvolver uma classificação que seria aplicada ao longo de cerca de mil e oitocentos anos, mas, sobretudo, ao buscar estabelecer diferenças entre os indivíduos a partir de fatores “internos” e “externos”. De um lado, indivíduos que se deixam determinar, em suas motivações, sobretudo pelo objeto externo e, de outro, aqueles determinados principalmente por características diretamente ligadas à sua subjetividade. Inspirado nessas noções, Jung ([1921] 2013) denominará o primeiro grupo de “extrovertido”, e o segundo, de “introvertido”.

Desde a Antiguidade, no entanto, a concepção de “temperamento” baseada em fatores internos e externos ao indivíduo apresenta-se recalcitrante. Somente com a modernidade, a dimensão psicológica vai se liberando da concepção de “alma” e de sua vinculação estrita com humores quentes e frios, mucosos e belicosos, os quais acabavam por induzir a muitos, mesmo atualmente, à tentação de considerar a psique

[...] como órgão sensível e dependente da fisiologia das glândulas, onde sutis hormônios influenciariam em larga escala o ‘caráter’ humano (JUNG, [1921] 2013, p. 530).

De modo geral, no entanto, o caráter humano pode ser compreendido como a forma individual estável da pessoa, de natureza corporal e psíquica. É, no entanto, verdade que a compreensão da dimensão psíquica é bem mais complexa que a do corpo visível. A psique, ainda hoje, constitui terreno estranho, pouco explorado, cuja apreensão se dá apenas por vias indiretas, fornecidas pe-

las funções da consciência, as quais, por sua vez, estão expostas a possibilidades infinitas de equívocos. O caminho mais seguro parece ser, portanto, e com razão, o que vai de “fora” para “dentro”, do “conhecido” para o “desconhecido”, do “corpo” para a “alma” (JUNG, [1921] 2013, p. 530).

Sob o enfoque científico, tal direção – de “fora” para “dentro” – deve, ademais, ser trilhada por meio de pesquisa sistemática, de modo a poder estabelecer, com relativa acuidade, certos fatos elementares da psique. A simples constatação de que certas pessoas se manifestam desta ou daquela forma não significa nada se não permitir inferir uma correlação psíquica. Sob tal perspectiva, os esforços de Jung não se direcionam ao estudo clínico de características externas, mas à pesquisa e classificação de dados psíquicos passíveis de se estabelecer por conclusões. Desse trabalho resulta, em primeiro lugar, uma fenomenologia psíquica que permite uma correspondente teoria estrutural e, por meio do emprego empírico da teoria estrutural, chegar a uma tipologia psicológica (JUNG, [1921] 2013).

A fenomenologia clínica é sintomatologia e, como se sabe, conseguida pelo uso de métodos analíticos. Atualmente, tem-se conhecimento dos processos psíquicos que produzem sintomas psicogênicos e, dessa forma, tem-se a base para uma fenomenologia psíquica: a teoria dos complexos não são mais que isso.

Aprofundando na dimensão da análise dos complexos, atinge-se logicamente a questão de suas causas. As diversas teorias desenvolvidas apontam para um número relativamente reduzido de formas, básicas e típicas, associadas aos principais complexos humanos, todas elas fundamentadas nas primeiras vivências da infância (FREUD, [1905] 2016). Isso traz à tona outra questão relevante, a qual não se coloca na existência de um dado complexo em si, mas no modo como atua nos indivíduos, em especial, como o indivíduo reage a ele (JUNG, [1921] 2013).

Há, certamente, indivíduos nos quais é possível reconhecer à primeira vista o “tipo” psicológico, mas isso não é o comum. Em geral, somente a observação e a ponderação cuidadosa de suas experiências tornam possível uma classificação precisa. A psique é singular a cada indivíduo e não é passível de explicação por nenhuma classificação. Contudo, a compreensão dos tipos psicológicos abre um caminho importante para melhor compreender a psicologia humana em geral (JUNG, [1921] 2013).

Em linhas gerais, a “diferenciação” do tipo acontece, muitas vezes, bem prematuramente. O principal sinal de “extroversão” na criança é sua rápida adaptação ao meio ambiente e a atenção que confere aos objetos, principalmente sua ação sobre eles. Parece não sentir especial distância entre eles e si mesma. Não se importa em levar seus empreendimentos ao extremo, expondo-se a riscos. Tudo que é desconhecido lhe parece atraente (JUNG, [1921] 2013).

Por outro lado, um dos primeiros sinais de “introversão” refere-se à sua natureza reflexiva e pensativa, seu pronunciado receio e, inclusive, medo de objetos desconhecidos. Bem cedo manifesta-se também a tendência de autoafirmação perante os objetos e a tentativa de dominá-los. O desconhecido é olhado com desconfiança. Em geral, essa criança coloca forte resistência contra influências externas. Ela quer ter seu próprio caminho e, de forma alguma, não aceita um caminho estranho que não consegue entender por si só (JUNG, [1921] 2013).

Na criança introvertida encontra-se, portanto, desde bem cedo a atitude de defesa contra o poder dos objetos, da mesma forma que se pode observar bem precocemente na criança extrovertida notável segurança, espírito de iniciativa e confiança no tratamento com os objetos. Esse é o traço fundamental da atitude extrovertida: a vida psíquica transcorre, por assim dizer, nos objetos e nas relações com os objetos, fora do indivíduo. Em casos especialmente marcantes, atinge-

se uma espécie de “cegueira” para com a própria individualidade. Ao contrário, o introvertido se comporta em relação aos objetos como se estes possuíssem um poder sobre ele, contra o qual precisa se defender. Seu mundo propriamente dito é seu interior, sua subjetividade.

Lamentavelmente, dado aos valores psíquicos em lados opostos, os dois tipos tendem a manifestar entre si conceitos desfavoráveis. Não é de admirar, portanto, que se combatam. No entanto, com o tempo, emerge em cada um deles a necessidade de desenvolver também o que ficou desprezado. Para Jung (2013), o próprio desenvolvimento humano se realiza sob a forma da “diferenciação” de certas funções psíquicas.

Nesse sentido, a psique – e seu desenvolvimento – constitui uma espécie de aparelho de adaptação ou orientação, constituído de certo número de diferentes funções psíquicas. Como funções básicas ele elenca: a “sensação”, o “pensamento”, o “sentimento” e a “intuição”. Sob o conceito de sensação, Jung ([1921] 2013) abrange as percepções através dos órgãos sensoriais; o pensamento é a função do conhecimento intelectual e da formação lógica de conclusões; por sentimento, entende a função que avalia as coisas subjetivamente e, por intuição, a percepção por vias inconscientes ou a percepção de conteúdos inconscientes.

De acordo com ele, portanto, uma orientação plena da consciência pressuporia que o conjunto das funções psíquicas concorressem igualmente. No entanto, as funções básicas estão raras vezes – ou nunca – igualmente diferenciadas e, portanto, disponíveis. Em geral, uma ou outra ocupa o primeiro plano, e as demais permanecem indiferenciadas no segundo plano.

Assim, há indivíduos que se limitam a perceber simplesmente a realidade concreta, sem se preocupar em refletir sobre ela ou em considerar seu valor sentimental. Pouco se importam também com as possibilidades que podem estar presentes em certa situação. Tais pessoas, Jung ([1921] 2013) denomina

pelo tipo “sensação”. Outras se deixam determinar exclusivamente pelo que pensam, e não conseguem se adaptar a uma situação da qual não têm conhecimento intelectual. São os tipos “pensamento”. Outras, ainda, deixam-se guiar em tudo exclusivamente pelo sentimento. Perguntam apenas se algo é agradável ou não e se orientam por suas impressões sentimentais. São o tipo “sentimento”. Por fim, os “intuitivos” não se direcionam nem pelas ideias, nem por reações sentimentais, tampouco pela realidade das coisas. Eles se deixam atrair exclusivamente pelas possibilidades, abandonando qualquer situação que não permite vislumbrar maiores possibilidades.

Esses tipos apresentam ainda outra espécie de diferenciação que, no entanto, se complica de modo especial com a atitude “introvertida” ou “extrovertida” e, em geral, resulta na perda de equilíbrio se não psiquicamente compensada por uma atitude inconsciente oposta. Em outros termos, a pesquisa sobre o inconsciente indica que um introvertido tem, ao lado ou atrás de sua atitude consciente, uma atitude extrovertida que lhe é inconsciente e que compensa automaticamente a unilateralidade consciente. Como decorrência, se as atitudes extrovertida e introvertida não podem ser demonstradas, no caso particular, como algo geral, podem, no entanto, ser consideradas a partir da peculiaridade da função consciente predominante. Outra decorrência, que implica sérias dificuldades ao diagnóstico dos tipos, é, portanto, a possibilidade de identificar, por exemplo, em um intelectual introvertido sentimentos extrovertidos (JUNG, [1921] 2013).

Em outras palavras, como conclui Jung ([1921] 2013, p. 527), “[...] entre consciência e inconsciente existe normalmente uma oposição”, um contraste que não se apresenta como conflito, enquanto a atitude não for unilateral em demasia e não estiver afastada demais da atitude inconsciente. Se isso, porém, acontecer, os impulsos inconscientes procuram simplesmente outras saídas, difí-

ceis de reconhecer, abrindo válvulas indiretas que resultam nas neuroses.

Nessa direção, a oposição entre os tipos é não apenas um conflito externo entre as pessoas, mas também uma fonte infindável de conflitos internos, não apenas a causa de disputas e antipatias externas, mas também motivo de doenças e sofrimentos psíquicos.

Partindo da premissa de que, na luta pela existência e pela adaptação, cada qual emprega instintivamente sua função mais desenvolvida, que se torna, assim, o critério de seu hábito de reação, a investigação dos tipos se orienta por outra questão fundamental: “Como reunir todas essas funções em conceitos gerais de modo que possam distinguir-se dos simples acontecimentos individuais?” (JUNG, [1921] 2013, p. 541). Em outros termos, o que funciona, primordialmente, na reação individual?

Uma vez mais, para Jung ([1921] 2013), o tipo representa um exemplo, um modelo que reproduz de forma característica o caráter de uma espécie ou de uma generalidade. Em relação ao tipo psicológico, trata-se, portanto, de um modelo característico de uma atitude geral que se manifesta em muitas formas individuais. Como o tipo psicológico é evidenciado quando uma das atitudes é habitual, imprime-se ao caráter do indivíduo um cunho determinado.

Ainda de acordo com Jung ([1921] 2013), fundamentados nas funções básicas, esses tipos se dividem conforme a qualidade da função básica em duas classes: “racionais” e “irracionais”. Fundamentados nas funções básicas, esses tipos se dividem em duas classes: “racionais” e “irracionais”, conforme a qualidade da função básica (JUNG, [1921] 2013).

Aos primeiros pertencem o tipo “pensamento” e “sentimento”; aos últimos, o tipo “intuição” e “sensação”. Cabe salientar que o conjunto dos tipos básicos pode pertencer a uma ou outra classe, dependendo da atitude predominante: se mais introvertida ou mais extrovertida. Ou seja, um tipo “pensamento”

pode ser da classe “introvertida” ou “extrovertida” e, assim, qualquer outro tipo. A divisão em tipos “racionais” e “irracionais” é, portanto, outro ponto de vista e nada tem a ver com “introversão” e “extroversão”.

De toda forma, para Jung ([1921] 2013, p. 557), a tipologia psicológica não tem a finalidade de dividir as pessoas em categorias. Ao contrário, visa se constituir como uma “psicologia crítica” que possibilite uma investigação e ordenação metodológicas de elementos empíricos relacionados à psique, representando auxílio relevante à compreensão das variações individuais, além de orientação quanto a diferenças fundamentais das teorias psicológicas em voga. Representa também possibilidades de mitigar erros no julgamento dos indivíduos, a partir de suposições e opiniões não científicas (JUNG, [1921] 2013).

Há que ressaltar que toda pessoa tem ambos os mecanismos para exprimir seu ritmo natural de vida. Uma alternância rítmica de ambas as formas psíquicas de ação talvez corresponda ao fluxo “normal” de vida. Contudo, situações de incerteza e elevada complexidade, raramente permitem um fluxo totalmente imperturbável da atividade psíquica. Circunstâncias externas e disposição interna favorecem muitas vezes um dos tipos. Tornando-se crônica a situação decorre, então, um tipo; ou seja, uma atitude habitual, na qual predomina um dos mecanismos sem, contudo, suprimir totalmente o outro, que também constitui parte necessária da atividade psíquica. Logo, não pode haver um tipo puro no sentido de possuir apenas um dos mecanismos e o outro ficar completamente atrofiado. Uma atitude típica significa sempre e tão somente a predominância relativa de um dos mecanismos (JUNG, 2013).

E, curiosamente, quanto mais se retrocede na história, tanto mais se constata a subjetividade “[...] desaparecendo sob o manto da atividade” (JUNG, [1921] 2013, p. 25). De fato, quando se chega à psicologia primitiva nem vestígios do conceito de indivíduo se

encontra. Em vez da “singularidade” somente o “relacionamento coletivo” (JUNG, [1921] 2013, p. 25).

Mas o caso é diferente quando a ciência passa para a aplicação prática. Nesse contexto, em vez de falar em “fantasia criadora” tem-se a primazia de uma “psicologia prática”, direcionada quase exclusivamente ao fim absoluto da ciência. Não se deve, entretanto, esquecer que a fantasia criadora mantida dentro de limites adequados pode produzir soluções bastante satisfatórias (JUNG, [1921] 2013).

Tais limites, no entanto, não deveriam ser artificialmente impostos pelo intelecto ou pelo sentimento racional porque são impostos pela necessidade e pela realidade irrefutável de cada individualidade. Além disso, e cada vez mais, os desafios de cada época são diversos e crescentemente mais complexos, tornando sistematicamente mais difícil discernir com segurança o que deveria ter sido e o que não deveria ter ocorrido. Ademais, sabe-se que toda boa ideia e toda obra criadora surgem da imaginação e tiveram seu começo naquilo que se costuma chamar de fantasia infantil. Em outras palavras, não é apenas o artista que deve sua máxima realização à fantasia, mas também qualquer pessoa criativa, pois o lúdico é o princípio dinâmico da fantasia (JUNG, [1921] 2013).

Próprio da criança e, por isso, aparentemente incompatível com o princípio do “trabalho sério”, esse “brincar com a fantasia” constitui a origem da obra criativa, e a imaginação constitui seu ingrediente fundamental. Porém, adverte Jung ([1921] 2013), somente passível de realização quando criadas as condições para seu efetivo desenvolvimento.

A “seriedade” provém de uma necessidade interna profunda; o “jogo”, porém, é sua expressão externa, que se apresenta para a consciência. Não se trata, evidentemente, de querer produzir uma obra criativa sem estabelecer as condições para a emergência da dimensão lúdica da fantasia, oriunda das necessidades internas de seus agentes, ou ainda pela compulsão das circunstâncias ou

imposição da vontade: “É brincadeira séria” (JUNG, [1921] 2013, p. 134).

Final, se a “brincadeira” se esgota em si mesma, sem nada criar que seja duradouro e vital, trata-se, sem dúvida, de “mera brincadeira”; caso contrário, é uma “obra criadora”. Logo, não é o intelecto que realiza a criação de algo novo, mas o instinto lúdico agindo por necessidade interna: “O espírito criador brinca com um objeto que ele ama. Por isso é fácil considerar toda atividade criativa cujas possibilidades ficam ocultas ao coletivo (JUNG, [1921] 2013, p. 135).

Mesmo que o grande valor da obra criadora e sua relação pessoal com o mundo esteja subordinada à tradição, somente é considerada enquanto tal ao se converter em “símbolo”: “Para que saia da mera importância estética e chegue à realidade deve entrar na vida e aí ser assumida e vivida”. Para tal, somente possível por meio de atitude “introvertida”, baseada na abstração. Com vistas a essa finalidade, a função do extrovertido é “inferior”, isto é, está no limite da restrição coletiva que impede que o símbolo criado pela “alma” se torne vivo (JUNG, [1921] 2013, p. 196).

Sob tal perspectiva, o racionalmente concreto apresenta-se como um conceito por demais direto para abranger e expressar suficientemente a vida em seu todo e em sua duração. Na incapacidade de compreender esse acontecimento, qualquer outra direção tende a desaparecer aos poucos, sucumbindo à obsolescência e à irrelevância (JUNG, [1921] 2013).

É corrente que a inteligência procura a solução sempre no caminho racional, consequente e lógico, o que se corrobora em todas as situações e problemas de “médio porte”. Porém, ao se colocar incapaz de criar a imagem – o símbolo, de natureza “irracional” –, revela-se impotente para lidar com a esfera das grandes e decisivas questões. Como resultante, “quando o caminho racional se torna beco sem saída – o que sempre tende a ser depois de certo tempo – aí a solução só

surge do lado que não se esperava”, onde, *a priori*, a solução parecia a mais improvável (JUNG, [1921] 2013, p. 273).

Tal solução, não raro, é uma conciliação dos opostos. O critério da ação distintiva é a força irresistível do impulso inconsciente. Assim, sua liderança é orquestrada por aquela figura dotada de uma “força mágica” que parece tornar possível o impossível, de mobilizar um símbolo como caminho intermediário que integra os opostos em vista de um “movimento novo” (JUNG, [1921] 2013, p. 275).

Contudo, ao ser intimamente associada ao “perigoso” e ao “ameaçador”, qualquer função que não hegemônica se vê imediatamente ameaçada de exclusão ou destruição. A aceitação do novo equivale a uma grande catástrofe, notadamente, ao derivar de uma função nova e poderosa, na qual não era presumível que houvesse alguma força ou possibilidade de desenvolvimento bem-sucedido, ainda mais associada à esfera do “inconsciente, daquela faixa da psique que por querer – ou sem querer – não se torna consciente e por isso é tratada por todos os racionalistas como não existindo” (JUNG, [1921] 2013, p. 277).

De fato, como admitir sem maiores sofrimentos, que dessas concepções desacreditadas e rejeitadas provém um novo afluxo de energia e renovação? E, antes disso, como explicar todos aqueles conteúdos psíquicos que, por sua incompatibilidade com os valores conscientes, foram reprimidos ou suprimidos? Como aceitar que aquilo que se desprezou anteriormente torna-se agora o princípio mais elevado? Essa inversão de valores equivale a uma destruição de valores vitais pessoais e coletivos antes fortemente internalizados e compartilhados (JUNG, [1921] 2013).

Em termos da economia psíquica, tal recusa à diferença corresponde à quantidade de libido reprimida. Porém, de toda forma, o símbolo, produz efeito. Mesmo não aceito de forma pura, ele é paulatinamente absorvi-

do pelos poderes arcaicos e indiferenciados, abrindo-se espaço ao que Jung ([1921] 2013, p. 282) denomina de “enantiodromia”, isto é, a “[...] transformação do que era valor, até agora, em não valor, do mal, até agora, em bom” (JUNG, [1921] 2013, p. 282).

De forma alguma, no entanto, isso significa que introversão e extroversão deixam de dominar como linhas de ação – dessa forma necessária também a dissociação da psique –, o que se registra é o aparecimento de uma função nova (JUNG, [1921] 2013). Nesse processo, em nível das relações interpessoais, a posição estrutural da “liderança” apresentar-se-ia fundamental como mediadora entre o símbolo e uma nova atitude capaz de integrar os opostos.

Para Spittler (1915), referenciado por Jung ([1921] 2013), o grande perigo em tais dinâmicas é, ao invés do símbolo emergente, os símbolos arcaicos despertados por esse processo serem assumidos racionalmente e reintegrados nas formas tradicionais de pensar. Diante disso, aponta-se também, em nível relacional, para o papel posicional da liderança na construção e identificação de ambiências coletivas em que predomine a diversidade de funções psicológicas e, em particular, a liberdade de cada indivíduo ser o que é, não preexistindo, nem forma ideal de integrá-los, tampouco configurações artificialmente arranjadas (JUNG, 2013).

Também referenciado por Jung ([1921] 2013), Gross (1909) sugere que do tipo extrovertido teria nascido o chamado “gênio civilizatório” e, do tipo introvertido, “o gênio cultural”. Ao extrovertido corresponderia o agir prático, ao introvertido, a imaginação abstrata. Para o autor, vivendo na virada para o século XX, as expectativas de progresso alicerçada nos avanços da tecnociência: “[...] o novo século precisaria, sobretudo, da consciência restrita e aprofundada” (GROSS, 1909, p. 75).

Face aos desafios do século XXI, talvez fosse mais preciso indicar, conforme sugerido por Jung ([1921] 2013), a necessidade

das duas instâncias – “civilização” e “cultura” –, com diminuição da função secundária na primeira e seu prolongamento na segunda. Cada vez mais ciente da impossibilidade de produzir uma sem a outra, o verdadeiro desafio lhe parece anterior: desenvolvê-las na humanidade atual. Em suas próprias palavras, “o que uma tem de mais, falta à outra se quisermos fazer um pronunciamento mais cauteloso. O repetido discurso sobre progresso torna-se continuamente mais desacreditado e suspeito (JUNG, [1921] 2013, p. 297).

Tendo por base tal problemática, analisamos os resultados de pesquisa destinada a investigar os tipos psicológicos dominantes junto a uma amostra de 7.924 profissionais indicados por suas organizações para participação em programas de educação executiva promovidos por reconhecida escola de negócios brasileira. Para tal, foi empreendida a análise do conjunto de respostas dos participantes ao Myers Briggs Type Indicator (MBTI), instrumento amplamente difundido junto a empresas e iniciativas de desenvolvimento de executivos para a identificação de preferências psicológicas, a partir do arcabouço teórico de Jung ([1921] 2013). Oriundos de organizações de diferentes setores da economia, distintas áreas de atuação, foram considerados participantes de programas realizados ao longo dos anos de 2009 a 2016, período de significativo *boom* na adoção do MBTI em programas de capacitação profissional, no Brasil.

Quanto à sua relevância, a proposta se justifica na medida em que amplia os estudos acerca de tendências que apontam para a relevância de maior diversidade de perfis psicológicos diante das transformações que caracterizam o ambiente de negócios contemporâneo e dos modos emergentes de arquitetura e arranjos organizacionais mais flexíveis, adaptáveis e orientados à criação e à inovação.

Em termos práticos, visa aportar subsídios aos processos que se orientam a imprimir mais diversidade organizacional, extrapo-

lando modelos de gestão centrados na mera racionalidade instrumental e na objetividade cientificista, em detrimento daqueles calcados na racionalidade substantiva e em *soft-skills*, comumente apresentadas, pelo menos em nível do discurso, como essenciais aos desafios de nossa época (CAMPBELL, 2015; WHITE, GUNASEKARAN, ROY 2014; IONESCU, CORNESCU, DRUCA, 2012).

Operacionalizando a tipologia junguiana: o MBTI

Na década de 1950, Katharine C. Briggs e Isabel Briggs Myers, tendo por base a tipologia de tipos psicológicos de Jung ([1921] 2013), propuseram a construção de instrumento que permitisse sua operacionalização por meio de escalas estatísticas. A primeira versão do que se viria a se configurar o Myers Briggs Type Indicator (MBTI) é aplicada em

1953. Desde então, o MBTI é sistematicamente aprimorado, expandido e validado, constituindo atualmente um dos instrumentos mais adotados, em nível internacional, em processos de aconselhamento de carreira, seleção e desenvolvimento profissionais (BAYNE, 2011, MYERS; MYERS, 2004).

Organizado em escalas compostas por pares dicotômicos, o MBTI apresenta conjuntos de definições empíricas relacionadas a cada aspecto da teoria dos tipos psicológicos de Jung ([1921] 2013): Extroversão (E) / Introversão (I), Julgamento (J) / Percepção (P), Intuição (N) / Sensação (S) e Pensamento (T) / Sentimento (F), conforme exposto no Quadro 1.

Dos pares antitéticos constantes do Quadro 1, cabe ressaltar o papel da dicotomia Intuição (N) / Sensação (S), no grau em que o indivíduo percebe a realidade em termos de

Quadro 1 – MBTI: Pares dicotômicos

<p>Extroversão (E)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aprendem melhor ao fazer ou discutir • Estão sintonizados com o ambiente externo • Preferem se comunicar verbalmente • São sociáveis e expressivos • Tomam iniciativas no trabalho e nas relações pessoais 	<p>Introversão (I)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aprendem melhor por meio da reflexão • Preferem se comunicar por escrito • São direcionados para o mundo interior • São reservados e contidos • Tomam iniciativas quando a situação ou o problema é muito importante para eles
<p>Julgamentos (J)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Planejam a curto e longo prazos • São metódicos • São organizados • São programados • São sistemáticos 	<p>Percepção (P)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Adaptam-se, mudam de rumo • São espontâneos • São flexíveis • São imprevisíveis • São informais
<p>Intuição (N)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Confiam na inspiração • Focam em padrões e significado nos fatos • Lembram de fatos quando relatam padrões • São imaginativos e verbalmente criativos • São orientados para possibilidades futuras 	<p>Sensação (S)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Confiam na experiência • Focalizam a realidade e a atualidade • São factuais e concretos • Observam e lembram de fatos específicos • São orientados para realidades do presente
<p>Pensamento (T)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Buscam a verdade objetiva e impessoal • Resolvem problemas racionalmente • São analíticos • São justos, querem o mesmo tratamento para todos • São racionais • Usam raciocínio baseado em causa e efeito 	<p>Sentimento (F)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliam impactos das decisões nas pessoas • Buscam interações harmoniosas e positivas • São empáticos • São guiados por valores pessoais • São justos, querem que todos sejam tratados como um indivíduo • Têm compaixão

Fonte: MYERS; MYERS, 2004. Adaptação.

dados e fatos, sem mais considerações a significados alternativos (Percepção).

De modo similar, a dicotomia Pensamento (T) / Sentimento (F) busca descrever a extensão em que eles se utilizam de processos racionais e sistemáticos para a apreensão da realidade, via análise e inferência lógica (Pensamento) *vis-à-vis* àqueles que enfatizam imagens e emoções (Sentimento).

A partir da conjugação desses oito pares de atitudes e funções psíquicas, o MBTI contempla a análise de 16 tipos psicológicos, no lugar dos 8 originalmente propostos por Jung ([1921] 2013), organizados pelos critérios dicotômicos apresentados no Quadro 2.

No instrumento, cada um dos tipos é representado por uma simbologia composta pelas letras iniciais em inglês das dicotomias, tais como ESFP, INTJ, ENTP e daí sucessivamente. A conjugação das duas principais atitudes e funções do indivíduo configurará, portanto, seu tipo psicológico, encerrando suas preferências e características comportamentais com as quais se sente mais “confortável” nas relações consigo mesmo e com os outros (GARFIELD, TAYLOR, DENNIS, SATZINGER, 2001).

Das análises estatísticas empreendidas por Myers e Briggs, resulta também uma hierarquia entre as funções dominantes, auxiliares e terciárias, definida a partir de dois componentes atitudinais e orientativos: E/I e J/P. Desse modo, se o indivíduo apresenta um tipo ENTP, ele terá um Pensamento (T) Extrovertido como função dominante, e uma Intuição (N) Introversa como função auxiliar. A função inferior, como na teoria de Jung ([1921] 2013), é a oposta à dominante. Já a função terciária é a oposta da auxiliar (MYERS; MYERS, 2004).

MBTI: aplicações em nível organizacional

Em nível organizacional, vem sendo desenvolvido um número crescente de estudos e pesquisas empíricas sobre o tema (RANDALL, ISAACSON, CIRO, 2017). Como resul-

tado, destacam-se achados de Garfield et al. (2001), os quais propõem que indivíduos Intuição/Sentimento (NF) tendem a gerar mais ideias de modificação de paradigma que os Sensação/Pensamento (ST).

Já Morasky (2002, p. 72) aponta que “indicadores de personalidade, como Myers-Briggs e Keirse-Bates, vincula tipos de personalidade e estilos de liderança, existindo certos tipos e características de personalidade que tornam líderes eficazes”. Tendo realizado sua pesquisa em estruturas militares americanas, Morasky (2002, p. 85) afirma que

[...] indivíduos com certos traços e tipos específicos de personalidade têm maior potencial de se tornarem líderes militares de alto escalão, sendo que [...] a mistura única dos traços da personalidade de um líder cria seu estilo de liderança e determina a qualidade de sua capacidade de liderança.

A autora identifica, especificamente, quatro tipos que descreve como os “[...] mais propensos a se tornarem líderes eficazes” nas forças armadas americanas: ISTJ, ESTJ, ENTJ e INTJ. O conjunto desses quatro tipos compõe, segundo a pesquisa, aproximadamente 78% da classe de oficiais em ascensão dentro das forças armadas americanas, embora esses tipos representem, em conjunto, apenas 30% da população americana.

Bayne (2011), por sua vez, em pesquisa junto a gestores norte-americanos, além de corroborar o interesse pelo MBTI em processos de seleção e desenvolvimento profissional, aponta para sua aplicação crescente em processos de comunicação, promoção da saúde ocupacional, aconselhamento de carreira, *coaching* e desenvolvimento de liderança. Em relação à dimensão da carreira, o autor sugere, inclusive, a existência de relações estatisticamente positivas e significativas entre determinados pares de funções psíquicas, satisfação e desempenho ocupacional (Quadro 2).

Quadro 2 – Relações entre funções psíquicas, satisfação e desempenho no trabalho

Tipo psicológico	Carreiras mais aderentes
• ST (Sensação Pensamento)	• Produção, áreas técnicas, cirurgia, administração e negócios
• SF (Sensação Sentimento)	• Magistério, área de saúde, vendas, serviços
• NF (Intuição Sentimento)	• Aconselhamento, jornalismo, artes, psicologia
• NT (Intuição Pensamento)	• Ciências, arquitetura, engenharia, <i>design</i>

Fonte: BAYNE, 2011. Adaptação.

Lussier (2016), por seu turno, ao investigar a noção de gerenciamento intuitivo, constata que os indivíduos com perfil tipológico *Intuitivo* se apresentam mais afeitos à criatividade, principalmente quando acompanhados da *Função Sentimento*, compondo o par psíquico *Intuição/Sentimento* (NF), presente nos tipos psicológicos ENFJ, INFJ, ENFP e INFP.

Método

Em termos metodológicos, a pesquisa que subsidia os resultados deste estudo pode ser caracterizada como de abordagem quantitativa e caráter descritivo, conduzida por meio de análise de dados secundários. Em relação ao público-alvo, a pesquisa envolve o universo de egressos de programas de desenvolvimento de executivos – incluindo ex-participantes de 40 turmas de Executive Master Business in Administration (EMBA) de importante escola internacional de negócios sediada no Brasil, respondentes do MBTI, no período entre 2009 e 2016, totalizando 7.924 casos (Quadro 3).

Quadro 3 – Respondentes do MBTI, por ano

Ano	N.º de respondentes	% de respondentes
2010	330	4,2%
2011	767	9,7%
2012	2.157	27,2%
2013	1.629	20,6%
2014	1.159	14,6%
2015	989	12,5%
2016	893	11,3%
Total	7.924	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto ao perfil sociodemográfico e profissional, os respondentes, em sua maioria, são do sexo masculino (59,4%), casados (68,0%), na faixa etária de 39 a 54 anos (56,0%) – integrantes da chamada geração X e com idade medida de 43,87 anos –, com formação superior completa (99,31%), ocupando posições de nível gerencial (53%).

Já no que tange ao MBTI, o instrumento:

[...] consiste de uma bateria de 93 perguntas ou itens com respostas dicotômicas, ou seja, admite apenas uma resposta de duas possíveis, que a pessoa que está sendo avaliada responde. Os itens estão divididos em quatro escalas de preferências bipolares e cada pergunta avalia uma preferência específica. Cada resposta conta um ponto para um polo ou outro dessa preferência. Assim, temos: funções da Percepção (sensação ou intuição): avaliada por 26 perguntas. Cada polo pode acumular um máximo de 26 pontos, se todas as respostas às 26 perguntas forem referentes àquele polo. Funções de Julgamento (pensamento ou sentimento): avaliada por 24 perguntas. Cada polo pode acumular um máximo de 24 pontos, se todas as respostas às 24 perguntas forem referentes àquele polo. Funções de Orientação (julgamento ou percepção): avaliada por 22 perguntas. Cada polo pode acumular um máximo de 22 pontos, se todas as respostas às 22 perguntas forem referentes àquele polo. Funções da Atitude (extroversão ou introversão): avaliada por 21 perguntas (COUTO, BARTHOLOMEU, MONTIEL, 2016, p. 12).

No que se refere ao tratamento e análise dos dados, os registros foram submetidos a estatísticas descritivas e análises de correlação e, para tal, contou-se com o auxílio do pacote de tratamento estatístico de dados SPSS 21.0. Cabe destacar ainda a realização de análises comparativas entre as variáveis de interesse do estudo e aquelas de natureza sociodemográfica e profissionais investigadas. Assim sendo, para verificação de possíveis associações entre os dezesseis tipos psicológicos constantes do MBTI e as variáveis demográficas adotou-se teste *Qui-quadrado* de independência. O *Qui-quadrado* de independência – também chamado de associação – testa a hipótese de que os valores obtidos pelos dados e os valores esperados em caso de independência dos grupos é igual. O resultado desse teste gera um valor – estatística de teste – que no caso de ser superior a um valor crítico, pode-se considerar que as variáveis apresentam um perfil de associação entre si. Quando os resultados apontam para associação bivariada, o tamanho do efeito precisa ser averiguado. Nesse sentido, o teste *V de Cramer* foi aplicado para verificar a extensão do efeito da associação entre as variáveis. Essa métrica varia entre 0 e 1, e os pontos de corte para associação fraca, moderada e forte são, respectivamente, 0,1, 0,3 e 0,5.

Achados e discussão

Como resultado, o conjunto das respostas ao MBTI aponta como *Funções* dominantes, o *Pensamento* (41,0%) e a *Sensação* (40,9%), seguidas por *Sentimento* (10,1%) e, por fim, pela *Intuição*, representada por apenas 8,0% dos profissionais pesquisados (Tabela 1).

Análises considerando o cruzamento dos tipos psicológicos e variáveis socioprofissionais dos respondentes apontam em relação ao nível hierárquico, para a inexistência de diferenças estatisticamente significativas entre os tipos, não obstante a maior concentração de respondentes com perfil ESTJ e ISTJ, seguidos daqueles com perfil ESTJ e ISTP. Com exceção dos *trainees* e estagiários, re-

TABELA 1 – Distribuição dos tipos psicológicos por funções dominantes

Função dominante	Tipo	N	Tipo (%)	Função (%)
Pensamento	INTP	144	1,8	41,0
	ISTP	464	5,9	
	ENTJ	322	4,1	
	ESTJ	2.321	29,3	
Sensação	ISTJ	1.746	22,0	40,9
	ISFJ	305	3,8	
	ESTP	831	10,5	
	ESFP	361	4,6	
	INFP	95	1,2	
	ISFP	157	2,0	
Sentimento	ENFJ	118	1,5	10,1
	ESFJ	430	5,4	
	INTJ	200	2,5	
	INFJ	63	0,8	
Intuição	ENTP	191	2,4	8,0
	ENFP	176	2,2	

Fonte: Dados da pesquisa.

gistra-se significância estatística entre 9 dos 16 tipos psicológicos investigados e algum dos níveis hierárquicos ocupados, tendo o tipo INFP apresentado significância em três níveis hierárquicos, o tipo ENFJ em dois e os sete demais em um tipo psicológico. Em uma análise por sexo, os dados apontam para o predomínio tanto em homens (31%) quanto em mulheres (26%) do tipo ESTJ, seguido do tipo ISTJ, registrado por 25% dos respondentes do sexo masculino e 18% do sexo feminino. Os dois tipos somados totalizaram mais de 50% dos casos. Quanto à faixa etária, constata-se, para os anos 2010 e 2011, uma associação marginalmente significativa para o conjunto dos tipos psicológicos pesquisados, com exceção de 2013, cujos dados indicam associação significa-

tiva. Já em relação ao grau de escolaridade, constata-se significância na associação entre os tipos apenas para o ano 2015. Nos demais anos, os tipos se mostram independentes. De modo similar, quando analisados longitudinalmente, considerando o período de 2010 a 2016, verifica-se a inexistência de diferenças estatisticamente significativas em relação aos percentuais obtidos.

Em suma, a partir do conjunto de dados obtidos, constata-se baixo grau de *diversidade* quanto a preferências psicológicas, apontando para um ciclo vicioso de reprodução de discursos e práticas que corroboram teses que apontam para o caráter conservador da modernização brasileira (FAORO, 2012; LEITE, 1996). Sugere também desbalançamento entre demandas por competências organizacionais ambídestras *vis-à-vis* a atração, o desenvolvimento e a retenção de competências individuais mais afins às dinâmicas contemporâneas de criação e inovação (HAVERMANS, DEN HARTOG, KEEGAN, UHLBIEN, 2020). Nessa direção, não obstante os discursos que preconizam a relevância das chamadas *soft-skills*, não parece prevalecer ambiências organizacionais capazes de superar o caráter autoritário, hierarquizado e centralizado que ainda tende a caracterizar o contexto organizacional nacional (SANT'ANNA, MORAES, KILIMNIK, 2005).

Os dados obtidos corroboram também achados quanto às tendências de “objetificação” das relações humanas, via atração, desenvolvimento, reconhecimento e retenção de quadros profissionais centrados em premissas “gerencialistas”, senão na mera automação de processos e atividades, indo ao encontro de estudos que sugerem relações entre modelos de negócios e de gestão caracterizados pelo empobrecimento do trabalho, sua precarização, bem como pela intensificação de novas patologias e mal-estares, inclusive o crescimento alarmante de casos de depressão, ansiedade e suicídio, associados a “estilos de liderança” – seria mais correto, nesse caso, apontar como estilos de

“dominação” e “controle” (FOUCAULT, 2014) – “mortalmente” orientados a tarefas e resultados (ANTUNES, 2018). Vale acrescentar que personalidades Pensamento e Sensação (56,42%) são maioria entre os respondentes da geração X, sugerindo processos seletivos que igualmente tendem a priorizar a atração e a promoção de sujeitos com esse tipo de preferência psicológica.

Os dados, desse modo, corroboram achados anteriores, como os obtidos por Bayne (2011) junto a executivos e gestores norte-americanos, os quais, mesmo que em menor grau que suas contrapartes no Brasil, apresentam predomínio de tipos psicológicos associados às funções Pensamento e Sensação (67,7%), com foco em resultados de curto-prazo, “[...] na prática e em habilidades técnicas para fatos e objetos” (BAYNE, 2011, p. 55).

Conclusão

Conforme evidenciado por Jung ([1921] 2013), cada época apresenta, devido a suas características e jogos de poder dominantes, um conjunto de atitudes e funções psicológicas mais aderentes à sua (re)produção e sustentabilidade. Conforme a visão antecipatória desse autor, o ambiente contemporâneo sugere a impossibilidade de predomínio de dado tipo em contraposição ao outro. Ao contrário, o mais indicado parece de fato ser a capacidade de construção de ambiências coletivas e organizacionais em que ambas as atitudes e funções possam se manifestar, interagir e produzir, de forma interativa, resultados efetivos. Isso coloca, uma vez mais, a relevância da posição da liderança, a qual seja capaz de integrar as diferenças, superando padrões valorativos hegemônicos durante estágios anteriores de desenvolvimento dos processos de produção e regulação do trabalho humano.

Nesse sentido, os resultados obtidos de nosso estudo indicam a prevalência de “estilos de liderança” selecionados a partir de preferências psicológicas caracteristicamen-

te marcadas pelos valores típicos das primeiras revoluções industriais, com processos de identificação, recrutamento, seleção e desenvolvimento sintomaticamente orientados à captação e valorização de tais perfis de trabalhadores orientados a “fatos” e “objetos” (BAYNE, 2011). Igualmente, registra-se a construção de estruturas organizações, filosofias e modelos de gestão orientados mais para tarefas do que para pessoas (HERSEY; BLANCHARD, 1986).

Em mercados e segmentos em que tecnologias disruptivas têm o potencial de alterar regras competitivas, a concentração monocórdia de dados perfis profissionais pode, todavia, impedir que as organizações identifiquem, o momento e a forma de se (re)posicionarem no “circuito superior da economia” (SANTOS, 2004) marcado pela transição em curso para a chamada “quarta revolução industrial” (SCHWAB, 2016), catalisada pela pandemia de covid-19.

Em *O dilema da inovação*, Christensen (2012, p. 24), igualmente, adverte para os riscos do foco no aparato do *Management* unicamente como meio de “[...] melhorar o desempenho de produtos estabelecidos”.

De forma similar, Lévi-Strauss (1993, p. 336) também tece alertas sobre a relevância do desenvolvimento de competências sociais, organizacionais e pessoais diversas que permitam à humanidade estar às voltas com os processos contraditórios que engendram sua dinâmica, dos quais um tende a instaurar a unificação, ao passo que o outro visa manter ou restabelecer a diversificação.

Sob tais perspectivas, a importância da diversidade configura-se vital, na medida em que não há inovação ou renovação na homogeneidade de tipos, de regras e de padrões. A questão, no entanto, não se limita à mera exclusão de um tipo em detrimento de outro, por meio de filtros estabelecidos – consciente ou inconscientemente – ao longo dos processos de contração, reconhecimento e promoção, tampouco em tentativas artificiais de domesticação ou aculturação de

perfis minoritários. É possível, conforme os autores revisados neste artigo, que a saída moral, ética, econômica e socialmente resida, sobretudo no papel da liderança no manejo das diferenças, na integração e na sinergização dos opostos por meio da construção e da sustentação de contextos capacitantes que vão além de prescrições “objetivantes” e protocolos “normopatas” típicos do *ancien régime* (HAN, 2020; FOUCAULT, 2014).

Em suma, os achados corroboram as teses que defendem que as dinâmicas de atração, retenção e desenvolvimento dos talentos nos mais diversos níveis da organização e suas lideranças devem ser pensadas não somente a partir da caracterologia física e psicológica aparente ou suposta – gênero, idade, etnia, crença religiosa – do profissional, mas também em termos dos “recursos ambientais”, “suportes organizacionais” e “espaços potenciais” que respeitem e efetivamente promovam a igualdade de condições à manifestação das atitudes e funções subjetivas dos diferentes agentes humanos em suas interações organizacionais, o que pressupõe espaços e dinâmicas relacionais de liderança que as fomentem e desenvolvam. Sem dúvida, configuraram-se necessários e urgentes os mais diversos tipos de diversidade.

Deve-se, portanto, atentar para os riscos de programas de inclusão que não levem em conta a interseccionalidade nem se restrinjam à dimensão de caracteres visíveis, ignorando dimensões menos aparentes, as quais se manifestam nos processos reconhecimento e promoção, em que, para driblar os “tetos de vidro”, profissionais acabam por se submeter a “violências simbólicas” (BOURDIEU, 2019) que inferiorizam e denigrem seu modo genuíno de ser e agir, com prejuízos em nível tanto pessoal quanto organizacional, ao eliminar atributos subjetivos e de competência essenciais à transição para os contextos societal e organizacional do novo estágio de desenvolvimento capitalista, mesmo sob a aparente inclusão de diferentes grupamentos fenotípicos.

Desse modo, retomando à questão central proposta para este artigo, parece distante, em termos práticos, apontar que fatores contextuais, inclusive a difusão de discursos em torno de novos modelos de negócios, arquiteturas organizacionais e modelos de gestão, estão acompanhados, no mesmo nível, por uma diversidade de perfis profissionais. Ao contrário, as “inovações” parecem, na prática, reverberar na aplicação de “mais do mesmo”, por meio de intensificação e sofisticação dos dispositivos de automação, monitoramento e controle; pela ênfase na “dessubjetivação” senão a mera eliminação do trabalho humano; pela adoção de configurações organizativas monocórdicas, não raro associadas a formas empobrecidas e precárias de trabalho (HAN, 2020), retroalimentando as impossibilidades quanto a ambiências organizacionais efetivamente favorecedores de dinâmicas intra e interorganizacionais mais saudáveis, diversas e criativas. Um círculo vicioso que somente poderia ser superado por uma postura ética, que leve em conta o maior equilíbrio entre as orientações a contexto, a tarefas e a pessoas.

Abstract

Creativity, diversity and innovation are continuously pointed out as central attributes of differentiation and achievement of comparative advantages for organizations in the competitive contemporary business world. This premise has oriented innumerable organizations to the induction of internal processes aimed at greater inclusion of sociological minorities, as well as the development of policies and practices that favor the management of difference and the resulting diversity. In this context, this article aims to investigate a sample of 7,924 professionals appointed by their organizations to participate in executive education programs promoted by renowned Brazilian business schools, which were subjected, in the period from 2010 to 2016, to the MBTI, an instrument developed from Jung's psychological types, to measure individual psychological preferences. The expectation was to verify, throughout the period investigated, a greater diversity of profiles, with increased presence of the psychic function Intuition, as dominant or auxiliary in the psychological types investigated. The results, however, point to a high preponderance of the preferences Thought and Sensation, with the profiles Intuition and Perception, commonly related to creativity and innovation, presenting the lowest incidences throughout the historical series investigated.

Keywords: Psychological Types, MBTI, Diversity, Inclusion, Jung.

Referências

- ANTUNES, R. *O privilégio da servidão*. São Paulo, SP: Boitempo, 2018.
- BAYNE, R. *Psychological types at work*. New York: Felipelli, 2011.
- BOURDIEU, P. *Dominação masculina*. Tradução: Maria Helena. Kühner. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2019.
- CAMPBELL, K. D. Fear becomes the unintended consequence of international review of industrial and organizational psychology creativity and innovation. *Journal of Leadership Studies*, v. 9, n. 3, p. 60-61, 2015.
- CHRISTENSEN, C. M. *O dilema da inovação*. Tradução: Laura Prates Veiga. São Paulo, SP: M Books, 2012.
- COUTO, G.; BARTHOLOMEU, D.; MONTIEL, J. M. Estrutura interna do Myers Briggs Type Indicator (MBTI): Evidência de validade. *Avaliação Psicológica*, v. 15, n. 1, art. 1, 2016.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016. p. 13-172. (Obras completas, 6).
- GARFIELD, M. J.; TAYLOR, N. J.; DENNIS, A. R.; SATZINGER, J. W. Modifying paradigms, individual differences: creativity techniques, and exposure to ideas in group idea generation. *Information Systems Research*, v. 12, n. 3, p. 322-333, 2001. HAN, C-B. *Psicopolítica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- HAVERMANS, L. A.; DEN HARTOG, D. N.; KEEGAN, A. E.; UHL-BIEN, M. Exploring the role of leadership in enabling contextual ambidexterity. *Human Resource Management*, v. 54, n. S1, p. 179-200, 2015.
- HERSEY, P.; BLANCHARD, K. H. *Psicologia para administradores*. São Paulo, SP: EPU, 1986.
- IONESCU, V. C.; CORNESCU, V.; DRUICA, E. Creativity, innovation and change in knowledge-based organization. *Revista Econômica*, v. 3, n. 62, p. 48-60, 2012.
- JUNG, C. G. *Tipos psicológicos* (1921). 7. ed. Tradução: Álvaro Cabral. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia estrutural II*. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro, 1993.
- LUSSIER, K. Managing intuition. *Business History Review*, v. 90, n. 4, p. 708-718, 2016.
- MORASKY, J. M. *Leadership: The personality factor*. Virginia: Marine Corps University, 2002.
- MYERS, I. B.; MYERS, P. B. *Gifts differing: Understanding personality type*. Palo Alto, CA: Nicholas Brealey Publishing, 2004.
- RANDALL, K; ISAACSON, M.; CIRO, C. The Myers-Briggs type indicator: A systematic review and meta-analysis. *Journal of Health Professions Diversity*, v. 10, n. 1, p. 1-27, 2017.
- SANTOS, M. *O espaço dividido*. São Paulo, SP: Edusp, 2004.
- SCHWAB, K. *A quarta revolução industrial*. Tradução: Daniel Moreira Miranda. São Paulo, SP: Edipro, 2016.
- SPITTLER, C. Uber das Gewissen. *Nach einem öffentlichen Diskussions-Vortrag*, v. 21, p. 1-45, 2015.
- WHITE, D. S.; GUNASEKARAN, A.; ROY, M. H. Performance measures and metrics for the creative economy. *Benchmarking*, v. 21, n. 1, p. 46-61, 2004.

Recebido em: 10/11/2021

Aprovado em: 18/11/2021

Sobre os autores

Anderson de Souza Sant'Anna

Psicanalista.
Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG).
Sócio do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP).
Sócio da Federação Internacional de Sociedades Psicanalíticas (IFPS).
Graduado em administração pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e em filosofia pela Universidade Paulista (UNIP).
Mestre e doutor em administração pela UFMG.
Doutor em arquitetura e urbanismo pela UFMG.
Pós-doutor em teoria psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Professor adjunto do Departamento de Administração Geral e Recursos Humanos da Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo (FGV-EAESP).
Pesquisador da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).
Professor visitante da University of Louisiana at Lafayette, UL/Lafayette, Estados Unidos.
Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (AUPPF).

E-mail: anderson.santanna@fgv.br

Luiz Otávio Salgado Vogel

Mestre em gestão contemporânea das organizações pela Fundação Dom Cabral (FDC)

E-mail: luizvogel65@gmail.com

Complexos de Édipo e de castração: dispositivos heteronormativos? Subversividades e conservadorismos na psicanálise¹

*Oedipus and castration complexes:
heteronormative devices?
Subversivities and conservatism in psychoanalysis*

João Eduardo Torrecillas Sartori
Paulo Roberto Ceccarelli

Resumo

Freud criticou normas sociais, sobretudo no âmbito moral sexual. Certos conceitos freudianos, subversivos à época de sua elaboração, são ainda atualmente utilizáveis em críticas à normatividade chamada por Butler (1990), décadas mais tarde, de matriz heterossexual. Mas, não problematizando alguns enunciados, Freud reduziu a subversividade de alguns de seus construtos teóricos. Neste artigo, foram analisadas duas obras de Freud, uma de 1924 e outra de 1925, a fim de discutir enunciados relativos à conceituação dos complexos de Édipo e de castração, e com o objetivo de investigar se esses conceitos atuam como dispositivos heteronormativos. Embora a consideração de Freud como um autor diretamente essencializador do gênero consista em atitude anacrônica, seus conceitos dos complexos teriam sido essencializados e uma recente mobilização acrítica de alguns de seus enunciados contribuiria para a heteronormatividade.

Palavras-chave: Freud, Sexualidade, Psicanálise, Édipo.

Considerações iniciais

Nos últimos anos, os debates acerca das concepções de sexo, gênero e sexualidade assumiram importância expressiva. Autores de vários campos do conhecimento centraram sua análise nos mecanismos simbólicos mediante os quais certas normatividades seriam essencializadas (isto é, concebidas como a-históricas, extradiscursivas) e, assim, mantidas.

Nesse sentido, ousadamente, Butler (1990) – uma das maiores referências contemporâneas nos estudos de gênero – evidenciou o modo como certas teorias, supostamente elaboradas com o intuito de desconstruir essas normatividades, reiteraram o ordenamento socialmente opressivo denominado pela autora de matriz heterossexual. Em *Problemas de gênero*, Butler (1990) entendeu a matriz heterossexual como a estrutura normativa

1. Este artigo derivou da dissertação de mestrado de João Eduardo Torrecillas Sartori *A articulação da noção de identidade na teoria psicanalítica freudiana*, apresentada em 2019 ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos (PPGFil/UFSCar).

não somente constituidora, mas também essencializante das identidades de gênero nas sociedades ocidentais e sustentou que, em tais sociedades, seriam comumente abjetados os indivíduos não compatibilizados com aquela matriz, isto é, nos quais seria ostensivamente contrariada a correspondência socialmente normalizada entre sexo, gênero e sexualidade. Butler (1990) considerou como culturalmente construídas não somente a crença na normalidade da correspondência entre sexos, gêneros e orientações sexuais, mas sobretudo, essas categorias identitárias em si. Por meio da reiteração constante da mencionada matriz, seria mantida a caracterização dos sexos, dos gêneros e das orientações sexuais como entidades extradiscursivas.

Freud desenvolveu sua teoria psicanalítica na primeira metade do século XX e não conceituou, por exemplo, o gênero (SARTORI; MANTOVANI, 2016). Contudo, décadas antes da teorização de Butler, Freud havia criticado certas normatividades de sua época, sobretudo no âmbito moral sexual. Nesse sentido, Sartori e Ceccarelli (2021) asseveraram que certos construtos teóricos freudianos seriam utilizáveis em críticas à matriz heterossexual. Entretanto, não problematizando alguns de seus enunciados, Freud também teria reduzido a subversividade de alguns de seus conceitos, reiterando implicitamente normatizações. Em meio à sua análise das identidades de gênero nas sociedades ocidentais, Butler (1990) evidenciou alguns aspectos teóricos nos quais teorias psicanalíticas – entre as quais, a freudiana – se transformaram, tacitamente, em instrumentos de manutenção de uma estrutura normativa, nos âmbitos identitários e sexuais.

Sodré e Arán (2012) consideraram que Butler desconstruiu conceitos caros à teoria freudiana da sexualidade, concebendo-os como reiteradores do modelo binário e hierárquico tradicional – heteronormativo. Em última análise, certos conceitos psicanalíticos, alguns dos quais freudianos, contri-

buiriam para certa patologização de novos modos de subjetivação (SODRÉ; ARÁN, 2012, p. 298). Entre os maiores debates públicos contemporâneos acerca da teoria psicanalítica, consta aquele referente ao “estatuto de essencialização” dos seus construtos teóricos (SODRÉ; ARÁN, 2012, p. 298). Em outros termos, as teorias psicanalíticas consistiriam em modelos contingentes, históricos, ou compreenderiam modelos transcendentais da diferença?

Embora a consideração de Freud como autor diretamente essencializador da matriz heterossexual (ou especificamente dos gêneros) consista numa atitude anacrônica, seus conceitos de complexos de Édipo e de castração teriam sido concebidos como entidades extradiscursivas em algumas de suas obras. Possivelmente, nesse caso, uma recente mobilização acrítica (isto é, não problematizada) de certos enunciados freudianos contribuiria para a reiteração da heteronormatividade.

Neste artigo, objetivou-se examinar se os conceitos de complexo de Édipo e de complexo de castração, como elaborados na teorização freudiana, atuariam como dispositivos heteronormativos – independentemente do estatuto de intencionalidade do autor nesse sentido. Estariam esses conceitos ocasionando (ou reverberando) resistências em analistas neste momento histórico, em que se assevera o debate acerca de normas socioculturais antes amplamente inquestionadas?

Para tanto, na seção 1. *Qual é o estatuto de subversividade da psicanálise freudiana? Considerações entre a clínica e a política*, se discutiu sobre implicações mais amplas da recusa de alguns psicanalistas em reconhecer a historicidade de certas categorias psicanalíticas de Freud. Na seção 2. *A essencialização dos complexos freudianos*, se recorreu à análise de duas importantes obras de Freud: *A dissolução do complexo de Édipo* (1924) e *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925). Em meio a essa análise, se discutiram enunciados freu-

dianos relacionados com a sua conceituação dos *complexos de Édipo e de castração*, e se evidenciaram esquemas normativos indiretamente constituídos no modo como o autor os conceituou. Finalmente, se evidenciaram as conclusões.

1. Qual é o estatuto de subversividade da psicanálise freudiana?

considerações entre a clínica e a política

A obra de Freud conteve – e ainda contém – conceitos subversivos. Em 1905, o autor supôs a inexistência de uma relação de causalidade entre sexo e objeto sexual. Freud considerou que, originariamente, as pulsões sexuais independeriam de um objeto. Indiretamente, estabeleceu que, a despeito de seu sexo, o indivíduo é originariamente um perverso-polimorfo. O perverso-polimorfismo individual originário consistiria na potencialidade intrínseca de um indivíduo às mais variadas modalidades de investimento sexual objetal. Precisamente, a conceituação freudiana do perverso-polimorfismo originário manteria, como condição necessária, a suposição de uma não determinação da sexualidade pelo sexo (SARTORI, 2019).

Muitos autores, a exemplo de Santos e Ceccarelli (2010), consideraram que certas teorias de Freud ([1908] 1996), tais como a contida em *Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna*, contrariariam contundentemente ideais constitutivos da cultura ocidental e evidenciariam o modo como a moral sexual civilizada originaria a doença nervosa moderna. Desde a criação da psicanálise, as sociedades ocidentais se modificaram expressivamente. E autores como Jorge (2007) ressaltaram a contribuição direta da teorização freudiana à revolução da sexualidade ocorrida no século XX.

Embora tenha sido originalmente subversiva ao articular críticas a normatizações, sobretudo da sexualidade, a teoria psicanalítica consistirá num instrumento de normatização caso os conceitos nela articulados não sejam constantemente revisados e modifica-

dos. Para ser mantida a sua subversividade e a consistência da utilização de teorias psicanalíticas como instrumentos teóricos em análises da cultura recentes, deve ocorrer certo desenvolvimento constante dessas teorias (CECCARELLI, 2017).

Entretanto, a convicção de muitos sobre um suposto caráter aprioristicamente subversivo da psicanálise contribuiu para a reiteração de problemáticas históricas. Recorrentemente, indivíduos autodeclarados “freudianos” resistiram a aceitar críticas a certos enunciados constitutivos da teoria de Freud não problematizados por ele. A mobilização acrítica de certas teorias reiteraria normatividades a exemplo das analisadas por Butler (1990) e relacionadas com a matriz heterossexual. Justamente nesse contexto, a autora interrogou se a concepção do caráter subversivo da psicanálise teria sido ilusória em certos contextos sociopolíticos.

Muitos autores do campo psicanalítico ainda consideram anormais as identidades sociais incompatíveis com a matriz heterossexual, tais como as identidades trans. Assim, esses autores contribuem com a manutenção de um ordenamento socialmente opressivo aos indivíduos identificados com ao menos uma dessas identidades.

Nesse sentido, Sartori e Ceccarelli (2021) ressaltaram que o gênero veio a ser normatizado não somente em setores abertamente conservadores, mas também em comunidades psicanalíticas. Analogamente, Jorge (2007) asseverou que, na França, muitos psicanalistas criticaram a intenção de adoção de uma criança por casais homossexuais. Já Ferraz (2008) ressaltou que as oposições mais enérgicas à oficialização da homoparentalidade vieram não somente da Igreja, mas também da psicanálise lacaniana.

Freud evidenciou a inconsistência de normas socialmente instituídas, tais como aquelas correspondentes à concepção de que as homossexualidades seriam anormalidades. Contudo, obviamente, o autor respondia ao denominado “espírito de tempo”, não sendo

aprioristicamente subversivo: Freud desenvolveu seus construtos teóricos de acordo com a identificação de novos problemas – sociais, epistêmicos, éticos, etc. Além disso, desenvolveu sua teoria psicanalítica inteiramente na primeira metade do século XX, quando o conceito de matriz heterossexual, assim como o de gênero, nem mesmo tinha sido problematizado.

Por outro lado, o modo como Freud construiu certos enunciados ocasionaria interpretações conservadoras em comunidades psicanalíticas indispostas à (auto)crítica. As comunidades psicanalíticas não interpretaram as obras freudianas do mesmo modo e a interpretação de tais obra por determinada comunidade condiciona não apenas suas concepções sociopolíticas mas também, e inadvertidamente, a prática psicanalítica de seus integrantes. Nesse sentido, política e clínica não se dissociam uma da outra.

Por exemplo, caso se entenda a homossexualidade como condição patológica, comumente decisões institucionais serão motivadas a um “tratamento diferenciado” de homossexuais (CECCARELLI, 2012, p. 70) – tanto dos analisandos, quanto dos candidatos a membros da comunidade. Precisamente nesse sentido, muitos dos enunciados de Freud não problematizados por ele têm sido interpretados e utilizados acriticamente de modo a reiterar discriminações e, assim, opressões. Ainda atualmente certos analistas insistem em negar o caráter valorativo (e normativo) de teorias psicanalíticas, concebendo-as como apolíticas e ideologicamente neutras.

Butler (1990) evidenciou alguns aspectos nos quais certas teorias psicanalíticas – entre elas, a freudiana – consistiram ocultamente em instrumentos de manutenção da matriz heterossexual. E como se esperaria, as considerações de Butler causaram ruidosa resistência no meio psicanalítico; sobretudo nos analistas que, idealizando Freud, se recusaram a aceitar a crítica aos construtos teóricos do autor. Ainda que a metapsicologia corres-

ponda a um instrumental analítico subversivo em alguns sentidos, a revisão crítica desses construtos seria cada vez mais relevante, consideradas as transformações socioculturais recentes.

Na seção seguinte se recorreu à análise de duas obras freudianas – *A dissolução do complexo de Édipo* (1924) e *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925) – para discutir e revisar criticamente certas elaborações de Freud, relacionadas com a conceituação dos complexos de Édipo e de castração, com o intuito de examinar se esses conceitos atuariam como dispositivos heteronormativos. A análise desses conceitos assumiria importância aumentada devido à sua centralidade na obra freudiana e à sua recente mobilização acrítica em discursos e teorizações de certos psicanalistas, a qual contribuiria à reiteração da matriz heterossexual.

2 A essencialização dos complexos freudianos

2.1 A dissolução do complexo de Édipo (1924)

Em *A dissolução do complexo de Édipo*, Freud ([1924] 1992) desenvolveu não somente seu conceito de complexo de Édipo, articulado em *O eu e o isso* ([1923] 1992), mas uma noção de complexo de castração. Ainda que a expressão “complexo de castração” tenha sido utilizada somente em um dos enunciados constitutivos desse ensaio, Freud ([1924] 1992, p. 185) sistematizou de modo implícito a ocorrência desse complexo nos momentos em que escreveu sobre a ameaça de castração e a angústia de castração. O autor relacionou ambas com a ocorrência do complexo de castração no menino, mas não deixou de caracterizar esse complexo na menina.

Freud ([1924] 1992) considerou o complexo de castração como uma entidade representacional: (i) universal e, assim, extradiscursiva, que ocorreria no desenvolvimento de cada indivíduo, mas variaria em certos

aspectos, em acordo com o sexo individual; e (ii) que representaria imaginariamente para um indivíduo o estatuto da sua castração: “virtual” ou “real”.

Nesse caso, concebeu o complexo de castração: (i) no menino, como correlacionado com sua angústia de castração; o menino entendendo sua castração como um evento virtual, isto é, não ocorrido, mas passível de ocorrer; (ii) na menina, como correlacionado com a aceitação de sua castração, considerada como um evento “real”, isto é, um evento ocorrido.

Porém, Freud ([1924] 1992) concebeu a angústia de castração como um sentimento que: (i) ocorreria no desenvolvimento de cada menino e (ii) estaria correlacionado com a sensação de ameaça de castração [de si] experimentada pelo menino no contexto de sua constatação da diferença anatômica (ROUDINESCO; PLON, 1997, p. 105). Freud não caracterizou a ameaça de castração e a angústia de castração como eventos universais, mas os considerou como eventos essenciais. Mais restritamente, considerou-os como eventos ocorridos necessariamente, e somente, no desenvolvimento do menino.

Por sua vez, o complexo de Édipo, Freud ([1924] 1992) também concebeu como uma entidade universal – e, assim, extradiscursiva –, a qual ocorreria no desenvolvimento de cada indivíduo, mas variaria em acordo com o *sexo* deste último. E, ao menos implicitamente, o autor considerou este complexo como uma entidade representacional condicionante dos sentimentos de uma criança pelos seus responsáveis. Freud ([1924] 1992) entendeu o complexo de Édipo como uma entidade originariamente não recalcada – mas que seria recalcada em certo momento do desenvolvimento. E considerou o estabelecimento desse complexo como determinado hereditariamente. Assim, sua ocorrência estaria predeterminada na constituição somática individual, embora as experiências individuais condicionassem de algum modo sua ocorrência.

No desenvolvimento de cada indivíduo, se estabeleceriam os dois complexos: o de Édipo e o de castração. Freud não somente concebeu a universalidade de ambos, mas descreveu relações entre eles e algumas de suas implicações psíquicas. Articulando entre si os conceitos de complexos de Édipo e de castração, Freud ([1924] 1992) sistematizou o desenvolvimento individual no menino e na menina.

No menino, o complexo de Édipo se estabeleceria simultaneamente ao início de sua fase fálica, que ocorre no momento do seu desenvolvimento, em que a masturbação consistiria no mais importante modo de anular suas excitações sexuais. Nesse contexto, o menino, num momento inicial de sua fase fálica, amaria “de modo erotizado”, simultaneamente: (i) sua mãe, na “modalidade de amor” considerada nesse ensaio freudiano como uma atitude ativa/masculina; e (ii) seu pai, na “modalidade de amor” entendida em tal ensaio como uma atitude passiva/feminina (FREUD, [1924] 1992).

Todavia, ambivalentemente, o menino odiaria o pai e rivalizaria com ele (FREUD, [1924] 1992). No entanto, recorrendo frequentemente à masturbação, com a qual anularia as excitações sexuais relacionadas com seu amor pela mãe, sentiria medo do pai, receando ser castrado por ele como uma vingança pela masturbação.

Freud ([1924] 1992) considerou que, em muitos casos, inicialmente um menino inferiria que sua mãe é sua propriedade, mas em outro momento, concluiria que ela deslocou seu amor para outro, por exemplo, um irmão recém-nascido. Assim, o menino viria a conceber como inviabilizada a satisfação de seu desejo. Freud concluiu que o convencimento do menino da inviabilidade de satisfação de seu desejo seria determinante na constatação imaginária da ameaça de sua castração. A imaginária constatação do menino de sua ameaça de castração causaria nele a dissolução de seu complexo de Édipo.

No intuito de manter sua genitália externa, isto é, evitar sua castração, o menino: (i) se identificaria com seu pai para não mais rivalizar com ele e não mais amar a mãe e o pai “de modo erotizado”; e (ii) teria inibidas as metas sexuais de suas vinculações afetivas edípicas. Além disso, as excitações sexuais do menino relacionadas com a masturbação seriam inibidas. Freud ([1924] 1992) sustentou que a identificação do menino com o pai indicaria a dissolução de seu complexo de Édipo e resultaria no início de seu período de latência, no qual seriam inibidas as metas sexuais.

Na menina, entretanto, o complexo de Édipo não se estabeleceria simultaneamente ao início de sua fase fálica. A menina aceitaria sua castração como “real” simultaneamente ao início de sua fase fálica. E Freud ([1924] 1992) estabeleceu que comumente a aceitação da castração pela menina ocorreria em meio à sua convivência com um menino, se associando com a constatação de um pênis no corpo dele e da ausência do pênis no seu próprio corpo – ou da existência em seu corpo de uma suposta versão rudimentar do pênis: o clitóris.

Assim, a menina, tendo sido entendida como o indivíduo que não possuiria o mais importante atributo – o pênis –, mas que reconheceria sua “falta constitutiva”, intencionalmente uma “compensação” imaginária para a sua castração – um bebê consistindo em um substituto imaginário da mencionada genitália masculina (LATTANZIO, 2011). Nesse contexto, Freud ([1924] 1992) supôs que a aceitação pela menina de sua castração, isto é, seu sentimento de castração, estaria relacionada com seu amor erotizado pelo pai.

Posteriormente na fase fálica, aceitando sua castração, a menina viria a amar “de modo erotizado” o seu pai (FREUD, [1924] 1992). Entretanto, ainda em sua fase fálica, convencida da inviabilidade de satisfação de seu desejo de ter um filho de seu pai, ela não mais o amaria desse modo. E o autor estabeleceu que o convencimento da menina

quanto à inviabilidade da satisfação de seu desejo determinaria o início de seu período de latência, no qual seriam inibidas as metas sexuais de seu investimento libidinal objetual.

Freud considerou que: (i) a aceitação da menina de sua castração seria condição necessária ao estabelecimento do complexo de Édipo nesta última; e (ii) o complexo de Édipo estabelecido no menino seria dissolvido pela ameaça de castração [de si] imaginada por ele. E, na suposição desta diferença entre o desenvolvimento dos meninos e, das meninas, Freud entendeu os sexos como entidades essenciais – assim como o fez na sistematização dos desenvolvimentos individuais masculino e feminino.

Além disso, Freud ([1924] 1992) afirmou que a diferença anatômica determinaria a diferença entre o desenvolvimento dos meninos e o das meninas. Nesse caso, considerou o sexo masculino e o feminino como entidades não somente essenciais mas normais. Portanto, na utilização acrítica deste ensaio de Freud como referencial teórico em uma recente análise da cultura, os gêneros masculino e feminino seriam implicitamente considerados como entidades extradiscursivas.

Mas a concepção dos gêneros como entidades extradiscursivas ocorreria também na utilização acrítica de outros excertos deste ensaio, tais como aquele em que o autor concebeu a existência de uma atitude feminina. Freud ([1924] 1992) considerou que, na criança integrante do sexo feminino, o complexo de Édipo se expressaria de modo que, em algum momento, ela mantivesse uma atitude feminina na relação com seu pai. Então, uma atitude feminina teria sido relacionada com o sexo feminino e entendida como entidade extra discursiva.

Em *A dissolução do complexo de Édipo*, Freud ([1924] 1992) não normatizou ostensivamente o complexo de Édipo, ou seja, não atribuiu explicitamente nem normalidade a alguns modos de desenvolvimento individual, nem anormalidade a outros. Porém, identificando entre si os termos “masculino”

e “ativo”, e “feminino” e “passivo”, estabeleceu a normalidade de uma correspondência entre certos sexos, isto é, o sexo masculino/feminino, e certas sexualidades, ou seja, a sexualidade masculina/feminina.

Contudo, concebeu indiretamente certas atitudes sexuais como normalmente constituintes de certas sexualidades. A atitude sexual masculina constituiria normalmente a sexualidade masculina e a atitude sexual feminina, a sexualidade feminina. Nesse sentido, na obra de Freud, veio a ser essencializada a normatividade denominada por Butler (1990) de “matriz heterossexual”, ainda que não tenha sido utilizado nesse ensaio o termo “normal” em referência a determinadas correspondências entre sexo, atitude sexual e modalidade de investimento sexual objetal.

2.2 Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos (1925)

Neste ensaio, Freud ([1925] 1992) articulou seu conceito de fantasias originárias, que também tinha sido analisado em 1919 – *Espancam uma criança* (ANTONIO, 2011). Freud ([1919] 1992), em *Espancam uma criança*, considerou que, na infância de um indivíduo, a fantasia de espancamento, independentemente de seu suposto sexo, estaria correlacionada com uma atitude feminina e resultaria de um investimento libidinal incestuoso em seu pai.

Em *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (FREUD, [1925] 1992), foi estabelecida uma relação entre a atitude feminina de um indivíduo, correlacionada com a mencionada fantasia, e o seu complexo de Édipo. Antes, em *A dissolução do complexo de Édipo*, Freud ([1924] 1992) havia suposto, no complexo de Édipo masculino, a existência de uma “orientação dupla”, isto é, a coexistência de uma atitude masculina/atividade e de uma atitude feminina/passividade. Já no complexo de Édipo feminino, ele estabeleceu a existência de outra “orientação”, que não considerou no-

meadamente como “não dupla”, embora tenha sido aparentemente caracterizada desse modo (ANTONIO, 2011).

Em *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* ([1925] 1992), Freud reiterou suas suposições. Ele concluiu que, anteriormente ao estabelecimento do complexo de Édipo num indivíduo, independentemente de seu sexo, esse indivíduo investiria libidinalmente em sua mãe.

Porém, Freud ([1925] 1992) asseverou que os investimentos libidinais edipianos masculinos seriam diferentes dos femininos. Entendeu que: (i) um dos investimentos objetais edipianos do menino, mais restritamente, o investimento em sua mãe, resultaria da reiteração de seu investimento objetal original; mas (ii) o investimento edipiano da menina, investimento libidinal em seu pai, não resultaria de uma reiteração de outro, mas consistiria num evento inédito em seu desenvolvimento.

Na construção psíquica da feminilidade em uma menina, seu investimento em sua mãe seria redirecionado ao seu pai (ANTONIO, 2011). Entretanto, no estabelecimento de uma masculinidade em um menino, a sua atitude feminina em sua relação com seu pai seria comumente substituída, então, sendo mantida – e reiterada – a sua “atitude masculina” em sua relação com sua mãe.

Ademais, Freud concebeu o complexo de castração como uma entidade: (i) que representaria para um indivíduo o estatuto de sua castração – esse estatuto sendo “virtual” no menino e “real”, na menina; e (ii) universal – e, nesse sentido, extradiscursivo –, embora variada, em certos aspectos, em acordo com o sexo individual. Também, o autor entendeu o complexo de castração como iniciado mais anteriormente no desenvolvimento da menina do que no desenvolvimento do menino. Freud ([1925] 1992) considerou o estabelecimento do complexo de castração na menina como condição necessária ao estabelecimento do complexo de Édipo nela; e o estabele-

cimento do complexo de Édipo no menino como condição necessária ao estabelecimento do complexo de castração. neste.

Por outro lado, Freud ([1925] 1992) articulou seu conceito de recusa, que representaria o evento psíquico resultante na assunção de um comportamento masculino – aproximado, neste artigo, à expressão de gênero masculina – pela menina. Ele estabeleceu que, se recusando a aceitar sua castração, a menina se convenceria de que em seu corpo constaria uma genitália externa masculina, e por isso viria a se comportar “masculinamente”. Adicionalmente, supôs que, caso viesse a ser mantida na adulta, a recusa determinaria, nesta, uma psicose.

Nesse sentido, Freud normatizou a relação entre sexo e atitudes sexuais – estas, aproximadas às expressões de gênero neste artigo. Caso se utilizasse acriticamente essa sua obra como referencial teórico na análise da cultura antes mencionada, se caracterizaria como entidade não somente extradiscursiva, mas também normal, uma “cisgenericidade” – se estabelecendo, implicitamente, a normalidade da correspondência entre sexo feminino e feminilidade.

Freud considerou que a menina poderia se desenvolver: (i) normalmente, de modo a se comportar femininamente, por meio da aceitação de sua castração; ou (ii) anormalmente, de modo a se comportar masculinamente, por meio da recusa de sua castração. Ainda nesse contexto, se conceberam como entidades extradiscursivas os sexos e as atitudes sexuais – masculinas e femininas.

O autor estabeleceu de modo indireto que a convicção da menina de sua castração seria condição necessária ao seu desenvolvimento normal – somente vindo a ser uma mulher normal na maturidade caso tenha estado convicta dessa castração. Analogamente, de modo implícito, a convicção do menino de sua ‘castrabilidade’ seria condição necessária ao seu desenvolvimento normal, vindo a ser um homem normal na maturidade caso tenha estado convicto desta.

Não menos importante, ainda no título deste ensaio, Freud essencializou os sexos e, indiretamente, também as atitudes sexuais, entidades atualmente correspondentes aos gêneros. O autor afirmou que a diferença anatômica – correspondente a uma diferença entre os sexos concebidos – determinaria uma diferença psíquica, a qual corresponderia, atualmente, a uma diferença entre os gêneros.

Conclusões

A obra freudiana subverteu o modo como a sexualidade era caracterizada e mantém mais explicitamente um caráter analítico – e até subversivo – que um caráter normatizador da sexualidade. O entendimento de que Freud teria considerado diretamente o conceito de gênero – o qual nem mesmo tinha sido criado no momento da teorização freudiana – como essencial consistiria em uma atitude anacronística. Ainda assim, o modo como Freud desenvolveu certos conceitos contribuiria para a reiteração de problemáticas históricas ainda não superadas.

Alguns psicanalistas conceberam a obra freudiana como aprioristicamente subversiva. E uma recente mobilização acrítica (nesse caso, não “historicizada”) de certas suposições freudianas contribuiria para a manutenção de normatividades, a exemplo das analisadas por Butler (1990), relacionadas com a matriz heterossexual (ordenamento não apenas socialmente opressivo a “minorias identitárias” de sexo, gênero e, orientação sexual, mas também constituidor dessas categorias identitárias). Embora alguns analistas insistam na ocultação do caráter valorativo e normativo de certos enunciados de Freud, o modo como uma comunidade entende um enunciado do autor ocasiona implicações não somente clínicas mas também sociopolíticas.

Neste artigo, analisou-se mais restritamente o desenvolvimento freudiano dos conceitos de complexos de Édipo e de castração entre 1924 e 1925, sendo evidenciado que

tais conceitos se essencializaram em obras escritas na década de 1920. Na análise da conceituação desses complexos, seria consistente a suposição de que o autor normalizou a correspondência entre certos sexos e certas sexualidades – as quais, em sua teoria, também incluiriam entidades atualmente correspondentes a gêneros. Assim, se sustentou que atualmente a mobilização acrítica dos conceitos freudianos dos complexos corresponderia à utilização deles como dispositivos heteronormativos, independentemente do estatuto de intencionalidade do autor nesse sentido. Essa mobilização contribuiria para a manutenção da opressão de indivíduos identificados, em setores da militância identitária, como não cis-heterossexuais. Portanto, a revisão crítica destes conceitos viabilizaria a manutenção de um uso subversivo da teoria psicanalítica freudiana.

Abstract

Freud criticized social norms, especially in the sexual moral sphere. Certain subversive Freudian concepts are still usable today in criticisms of the normativity named by Butler (1990), decades later, heterosexual matrix. But, not problematizing some of his statements, Freud reduced the subversiveness of some of his concepts. In this article, two Freudian works were analysed, one from 1924 and the other from 1925, discussing Freud's statements related to the conceptualization of the Oedipus and castration complexes, in order to investigate whether these concepts act as heteronormative devices. Although the consideration of Freud as someone who directly essentialized the gender consists of an anachronism, his concepts of complexes would have been essentialized and, then, a recent uncritical mobilization of certain Freudian statements would contribute to the heteronormativity.

Keywords: Freud, Sexuality, Psychoanalysis, Oedipus.

Referências

ANTONIO, C. A. O. Freud e os enigmas da diferença sexual. *Anais do VI Congresso Nacional de Psicanálise e do XV Encontro de Psicanálise da Universidade Federal do Ceará*, Fortaleza, CE, 2013. Fortaleza. Disponível em: <http://www.psicanalise.ufc.br/hot-site/pdf/Mesas/07.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2020.

BUTLER, J. *Gender trouble*. New York: Routledge, Chapman & Hall, 1990.

CECCARELLI, P. R. A invenção da homossexualidade. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, Natal, RN, v. 2, n. 2, p. 72-93, 2008.

CECCARELLI, P. R. Psicanálise, sexo e gênero. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, MG, n. 48, p. 135-146, dez. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372017000200014&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 18 mar. 2020.

FERRAZ, F. C. O primado do masculino em xeque. *Percurso*, São Paulo, SP, ano XXI, n. 40, 2008. Disponível em: http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=87&ori=edicao&id_edicao=40. Acesso em: 18 mar. 2020.

FREUD, S. “Pegan a un niño”. Contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales (1919). In: _____. “De la historia de una neurosis infantil” (caso del “Hombre de los Lobos”) y otras obras (1917-1919). Traducción: J. L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. (Obras completas, 17).

FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. p. 273-286. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, S. El yo y el ello (1923). In: _____. *El yo y el ello, y otras obras* (1923-1925). Traducción: José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 1-66. (Obras completas, 19).

FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: _____. *El yo y el ello, y otras obras* (1923-1925). Traducción: José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 177-188. (Obras completas, 19).

FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: _____. *El yo y el ello, y otras obras* (1923-1925). Traducción: José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 259-276. (Obras completas, 19).

FREUD, S. Conferencia XXXIII: La feminidad (1933). In: _____. *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis, y otras obras* (1932-1936). Traducción: José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1991. (Obras completas, 22).

FREUD, S. Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna (1908). In: _____. *"Gradiva" de Jensen e outros trabalhos* (1906-1908). Dirección geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. p. 169-186. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

FREUD, S. Tres ensayos de teoría sexual (1905). In: _____. *Tres ensayos sobre teoría sexual, y otras obras* (1901-1905). Traducción: José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. (Obras completas, 7).

JORGE, M. A. C. A teoria freudiana da sexualidade 100 anos depois (1905-2005). *Psychê*, São Paulo, SP, ano XI, n. 20, p. 29-46, jan./jun. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382007000100003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 18 mar. 2020,

LATTANZIO, F. F. *O lugar do gênero na psicanálise: da metapsicologia às novas formas de subjetivação*. 2011. 195 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2011.

SANTOS, A. B. R.; CECCARELLI, P. R. Psicanálise e moral sexual. *Reverso*, Belo Horizonte, MG, ano 32, n. 59, p. 23-30, jun. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952010000100003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 21 mar. 2020.

SARTORI, J. E. T. A articulação da noção de identidade na teoria psicanalítica freudiana. 2019. 141 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12256>. Acesso em: 21 abr. 2020.

SARTORI, J. E. T.; CECCARELLI, P. R. A feminilidade (1933): uma "virada subversiva" na teorização freudiana e a elaboração psicanalítica do gênero. *Reverso*, Belo Horizonte, MG, ano 43, n. 81, p. 59-

66, jun. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952021000100008&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 20 dez. 2021.

SARTORI, J. E. T.; MANTOVANI, A. Psicanálise, sexualidade e gênero: a abertura à relativização cultural e o diálogo com a etnopsicanálise. *Revista Saúde & Transformação Social*, Florianópolis, SC, v. 7, n. 3, p. 166-175, 2016. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/4216/4656>. Acesso em: 12 fev. 2020.

SODRÉ, M.; ARÁN, M. Considerações contemporâneas sobre a noção psicanalítica de diferença sexual. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, CE, v. 12, n. 1-2, p. 293-326, jun. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482012000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 mar. 2020.

Recebido em: 20/09/2021

Aprovado em: 18/11/2021

Sobre os autores

João Eduardo Torrecillas Sartori

Médico.
Psicanalista.
Mestre em Filosofia (UFSCar).
Doutorando em Ciência Política (UFSCar).
Doutorando em Teoria Psicanalítica (UFRJ).
Pesquisador da Associação Universitária
de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental.

E-mail: joao.sartori@hotmail.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6718-8042>

Paulo Roberto Ceccarelli

Psicólogo.
Psicanalista.
Doutor em Psicopatologia Fundamental
e Psicanálise pela Universidade de Paris 7 - Diderot.
Pós-doutor por Paris 7 - Diderot. *Chercheur associé*
da Universidade de Paris 7 - Diderot.
Membro da Associação Universitária
de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental.
Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais.
Sócio fundador do Círculo Psicanalítico
do Pará (CPPA).
Membro da *Société de Psychanalyse Freudienne*,
Paris. Pesquisador associado do LIPIS (PUC-RJ).
Professor e orientador de pesquisa no Programa
de Pós-Graduação em Psicologia
da Universidade Federal do Pará (UFPA).
Professor e orientador de pesquisa
no Mestrado Profissional de Promoção
de Saúde e Prevenção da Violência
da Faculdade de Medicina da Universidade Federal
de Minas Gerais (UFMG).
Membro do Programa Antártico Brasileiro.
Diretor científico da Clínica Ampliada
de Saúde Mental. (CASM: <https://casm.bhz.br>).
Coordenador do Instituto Mineiro
de Sexualidade (IMSEX - www.imsex.com.br).

E-mail: paulorcbh@mac.com

Homepage: www.ceccarelli.psc.br

A língua não coincide conosco: elementos de indeterminação

*Language does not coincide with us:
elements of indeterminacy*

Scheherazade Paes de Abreu

Resumo

Este artigo propõe o exercício de aproximação entre psicanálise, história e linguagem. O ato de contar algum tipo de história e as paráfrases da vida cotidiana fazem parte de construções na análise – operadores pelos quais o analista poderá levantar a história de vida do analisante. A história de vida de cada um é escrita a partir de elementos de indeterminação, ou seja, é a experiência da palavra conhecida e de que se está privado, o desamparo diante do que é contraído, a mudez no retorno de campos de guerra, o testemunho da ausência, e elementos que provêm de resíduos. Em outras palavras, a história de vida não coincide conosco, de modo que podemos conhecer o seu abandono na experiência de análise.

Palavras-chave: Linguagem, Construções na Análise, História de Vida, Inconsciente atemporal.

*O nome estava na ponta de sua língua,
mas ela não conseguia encontrá-lo.
O nome flutuava em torno de seus lábios,
estava bem perto dela, que o sentia,
mas não conseguia recuperá-lo,
colocá-lo novamente em sua boca,
pronunciá-lo.*

QUIGNARD, 2018, p. 33.

Para começar, é preciso dizer um pouco do texto *O nome na ponta da língua*, de Pascal Quignard (2018, p. 21). *Onde então reside o inferno?*

Colbrune, que nem dormia mais, bordava para ganhar a vida e amava Jeûne. Para conquistar o amor de Jeûne e ser sua mulher, faz um pacto com o senhor Heidebic de Hel em troca de uma cinta que não conseguiu bordar para Jeûne. O compromisso feito era a promessa de que não se esquecesse do nome de

Heidebic de Hel, caso contrário deveria viver ao lado do senhor. Ao final do nono mês, Colbrune se lembrou do dia e da promessa, e estava quase a ponto de se lembrar do nome, que fugiu de seu pensamento. Ficou transtornada, se lembrou dos gestos, da capa branca e do cavalo negro, das palavras, mas não se lembrava do nome. Então, perdeu o sono, chorava todas as noites e emagreceu, a tristeza invadiu sua vida. Jeûne perguntou o que estava acontecendo.

Essa experiência da palavra conhecida e de que se está privado é a experiência a que nossa humanidade esquecida, estranhamente retorna. [...] É a experiência em que os nossos limites e a nossa morte se confundem pela primeira vez. É o desamparo próprio da linguagem humana. É o desamparo diante do que é adquirido. O nome na ponta da língua nos lembra que a linguagem não é, em nós, um ato reflexo. Que não somos bichos que falam tal qual veem (QUIGNARD, 2018, p. 55).

A leitura dos textos de Walter Benjamin que Agamben (2017, p. 36) apresenta em *Língua e história* estabelece relações entre história e linguagem. A ausência de fundamento do ato de fala funda a história, pois a condição histórica do homem é inseparável de sua condição de ser falante e está inscrita na forma de acesso à linguagem. Ou seja, o acesso à linguagem é mediado por histórias. História e significação se produzem, mas atingem uma condição pré-histórica, em que não existe ainda a dimensão do significado, mas apenas o puro som.

Temos aqui, de forma similar à prosa, que a história também consiste em perecer. O confronto com a história se satisfaz somente com a consumação da própria história. É preciso dizer que se trata de uma história que já não pressupõe, sem transmissão, sem gramática e repousa na passagem. A ideia de língua que não pressupõe qualquer língua e, tendo consumido em si todo o pressuposto e todo nome, não tem nada a dizer, mas simplesmente fala. Mas, notemos ainda que para Agamben a história é também a infinita descida dos nomes:

Uma vez que o homem só pode receber os nomes, que sempre o precederam, através da transmissão, o acesso a essa esfera fundamental da linguagem é mediada e condicionada pela história. O homem falante não inventa os nomes nem estes emanam dele como uma voz animal: pelo contrário, eles lhes chegam – descendendo, isto é, através de uma transmis-

são histórica [...]. A razão não pode encontrar fundo nos nomes, como vimos, eles lhes chegam historicamente por descendência. Essa infinita “descida” dos nomes é a história. Portanto, a linguagem se antecipa (AGAMBEN, 2017, p. 35-36).

Nesse sentido, propomos pensar a origem como categoria histórica, mas que não se deixa apreender no plano dos fatos como um determinado acontecimento verificável e nem por isso precisa se apresentar somente como um arquétipo mítico, pois opera antes. Então, é como um vórtice no fluxo do devir, que somente se manifesta através de uma dupla instância de restauração e inconsistência. Na origem, um ponto importante é a intenção pela qual a exposição das ideias se interpenetram e o que satisfaz é a consumação da história, escreve Agamben (2017, p. 207). De fato, um vórtice é um movimento forte e giratório, de disposição concêntrica, espiralada, um turbilhão mesmo, redemoinho, um raio.

O vórtice que Agamben (2018, p. 84-86) conceitua é uma forma que se separa do fluxo da água, uma região autônoma fechada em si mesma e que obedece a leis próprias; entretanto, ainda assim está ligado à totalidade em que está imerso. É feito da mesma matéria-prima de massa líquida que o cerca. “É um ser à parte e, mesmo assim, não há uma gota que de fato lhe pertença” (AGAMBEN, 2018, p. 84). O vórtice como imagem (semblante) da origem separa-se da cronologia inicial. Note-se que a origem é contemporânea ao devir dos acontecimentos, dos quais extrai material e dos quais se faz autônoma. A “*arché*” origem vorticiosa que o método arqueológico procura é um *a priori* histórico, imanente ao devir e que continua a agir. Por vezes, tão distante a ponto de não se perceber o bulício (ruído).

Neste artigo apresenta-se o exercício de aproximação entre psicanálise, história e linguagem. Essa escrita decorre de observações de que o ato de contar algum tipo de história

e as paráfrases da vida cotidiana fazem parte de construções na análise – operadores pelos quais o analista poderá levantar a história de vida do analisante.

O limite da função histórica é a morte, dirá Lacan ([1953] 1998, p. 319) em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. Nesse sentido, a função histórica constrói o passado, e a cada instante intervém um sentido. Pois repetir não é encontrar a mesma coisa. Assim, a repetição visa a temporalidade historicizante, ao passo que a pulsão de morte exprime o limite da função histórica do sujeito – ou seja, a morte. Contudo, a morte não como término da vida, nem mesmo como certeza empírica do sujeito, mas como possibilidade. Esse limite está presente a cada instante que a história tem de acabar, assim representa o passado.

Para Soler (2013, p. 58) a função de *après-coup* permite remanejar o sentido e o presente daquilo que vai se tornar passado e já é histórico. A forma real do passado é aquilo que não pode ser apagado e modificado, que é refratário aos remanejamentos de interpretação e sentido, isto é, resiste à historização. Trata-se daquilo que não se pode apagar nem considerar de outra forma. Ou seja, a morte que está presente a cada instante que a história se acaba.

É tarefa do pensamento arrancar os fenômenos de sua ordem cronológica para restituí-los a uma dimensão de insurgência. Vale lembrar que em Freud ([1920] 2020, p. 111) os processos anímicos inconscientes são atemporais, e isso quer dizer que não são ordenados temporalmente, que o tempo em nada os modifica. Em *A pré-história aqui e agora*, ensaio do livro *Studiolo*, Agamben (2021, p. 97) propõe que uma estatueta cruciforme esculpida em mármore no V milênio a.C. é muito mais presente do qualquer objeto presente. Isto é, nos convoca com a força e a violência, à qual nada se compara. Assim, a pré-história se revela com a dimensão original da presença. Desse modo, a pré-história não é uma história mais antiga (original), é a história do ponto

insurgente de todo acontecimento. A história de vida contata na análise comporta o inenarrável, escreve Abreu (2020, p. 47), e a possibilidade de morte. Isso ocorre a propósito de algo que se vivencia, que é trauma e, assim, não pode se apropriar de palavras.

As teses *Sobre o conceito de história* foram o último trabalho de Walter Benjamin ([1936] 2020), escritas a partir de seu tempo, de catástrofes, da resistência e da Segunda Guerra Mundial. Para Benjamin, era necessário fazer a reflexão epistêmica acerca da concepção tradicional do conceito de história. Com a invasão da Polônia em 1939 e parte da Europa ocidental, Benjamin sente que a vida estava em perigo. Exilado em Paris desde 1933, estrangeiro, judeu e de esquerda, foi internado no campo francês de trabalhadores voluntários de setembro até novembro de 1939. Retorna a Paris e continua o trabalho sobre o poeta francês Charles-Pierre Baudelaire (1821-1867), enquanto escreve, entre a primavera e o inverno de 1940, as teses em francês e uma versão censurada em alemão. Os recursos para viver em Paris eram escassos, além disso era preciso obter passagem e visto e fugir para os Estados Unidos. Na fronteira entre França e Espanha, o grupo do qual Benjamin fazia parte foi barrado em 25 de setembro de 1940. Benjamin provoca sua própria morte nessa mesma noite limítrofe, momento em que toma uma dose de morfina. Benjamin envia do fundo do abismo seu testamento de um período terrível – as suas teses. Para Benjamin, é atual não quem marca passo com o seu tempo, mas aquele capaz de estabelecer curtos-circuitos com outras épocas (SELIGMANN-SILVA, 2020, p. 10-11).

Mas notemos que, anteriormente, Nietzsche ([1874] 2017, p. 29-39), diante de um sintoma de sua época e com as palavras de Goethe, começa o prefácio de suas considerações extemporâneas – sobre a utilidade e as desvantagens da história para a vida: “Aliás, odeio tudo aquilo que apenas me instrui, sem aumentar ou estimular diretamente minha ação”.

Em Nietzsche, o ensino sem vivência, o saber que entorpece a ação, a história como excesso de conhecimento, parafraseando as palavras de Goethe, deve ser odiada. É certo que precisamos da história, mas de maneira diferente do que dela precisa o ocioso. Ou seja, com a “força plástica” (Nietzsche ([1874] 2017, p. 37), que é a força capaz de transformar e incorporar o passado e o estranho, assim como de reconstituir formas arruinadas, isto é, utilizar o passado para a vida e para a ação, de maneira que o ocorrido se faça de novo história. E extemporâneo é o que ocorre ou se manifesta fora ou além do tempo apropriado ou desejável; que não é próprio ou característico do tempo; inoportuno, intempestivo. Pertence “verdadeiramente ao seu tempo”, escreve Agamben (2015, p. 22) na esteira de Nietzsche:

Aquele que não coincide perfeitamente com ele e nem se adequa às suas exigências e é, por isso, nesse sentido, inatual; mas, precisamente por isso, exatamente através dessa separação e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que outros, de perceber e de apreender o seu tempo.

Então, qual é a relação possível com o passado? Em Agamben (2015, p. 31-33), a origem se localiza não apenas no passado, mas é contemporânea ao devir histórico e continua a operar, assim como o embrião continua a agir no organismo maduro, e a criança, na vida psíquica do adulto. Nesse sentido, contemporâneo, é aquele que divide e interpela o tempo, é capaz de transformá-lo e de relacioná-lo com os outros tempos, e de nele ler de modo inédito a história, de citá-la a partir de uma exigência à qual não pode responder, escreve sobre o que significa ser contemporâneo.

Retomemos, então, Pascal Quignard (2018) em *O nome na ponta da língua*. Colbrune promete a Jeûne a tarefa impossível de tentar bordar para ele outra cinta historiada igual à que lhe contornava a cintura. Lacan

([1971] 2009, p. 15), em *O seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante*, dirá que o trovão é um sinal. Mesmo que não se saiba sinal de quê. Essa é a própria imagem do semblante. Tudo o que é discurso, continua Lacan, só pode se dar como semblante. Colbrune trabalhou por dias, mas não conseguiu reproduzir os motivos que ornamentavam a cinta. O cansaço se juntou à ameaça de ser uma pífia artesã e ser rejeitada por Jeûne: eu o amo, sei bordar, trabalho sem cessar, mas em vão, não consigo. O semblante de autoria rompe-se. Resta o trovão. Pois, como nos diz Quignard (2018, p. 74) “é da própria linguagem que o locutor se descobre subitamente separado, completamente separado”. Assim, mostrar-se bordadeira habilidosa no laço com Jeûne, não mais estampava consistência, diante de elementos de indeterminação. Para Lacan ([1971] 2009, p. 122), é no elemento de indeterminação que se mostra o que há de fundamental, isto é, que a relação sexual não é inscritível, fundável como relação.

Estava rubra de excitação. Ele olhou os bordados que ela estava fazendo. Virou-se para ela e tomou as suas duas mãos em suas mãos. Disse que pensava na possibilidade de se tornar seu esposo, mas que impunha uma condição ao casamento. Disse: dizem, Colbrune, que tu és a mais habilidosa bordadeira da cidadezinha de Dives. Serias capaz de bordar uma cinta tão bela quanto esta? (QUIGNARD, 2018, p. 24)

Contudo, é preciso saber sobre ravinação. É um processo de formação de ravinas [fr. *ravine*], escoamento erosivo de grande concentração de águas. Serra Fina, localizada nas fronteiras entre três estados, é uma região de formação de montanhas de picos altos, perigos e, note-se, de ravinas. Nesse trecho trata-se de mostrar que Lacan ([1971] 1998, p. 23) em *Lituraterra* utiliza algumas vezes a ideia de “ravinação”. Na ruptura do semblante emerge o gozo. Lacan

dirá: o que se evoca do gozo ao se romper o semblante é isso que se apresenta como ravinação das águas. Com efeito, a escrita é o próprio ravinação. A escrita é no real o ravinação do significado, isto é, aquilo que choveu do semblante como o que constitui o significante.

Em Lacan ([1971] 2009, p. 86) “a escrita é aquilo de que se trata, aquilo de que falamos”. A partir do dizer de Quignard, perguntamos: é da própria linguagem que se descobre separado na escrita da história de vida? Toda história é do semblante? De que maneira pensar história e ruptura do semblante?

Em *O fogo e o relato*, Agamben (2018, p. 28) dirá que a humanidade se afasta cada vez mais das fontes do mistério, porém pode-se narrar a história. De modo que, o que resta é a literatura. Mas até que ponto isso deve ser suficiente? O elemento em que o mistério desaparece é a história, e é um fato sobre o qual se faz refletir, que um mesmo termo (história) irá designar tanto o decorrer dos feitos humanos quanto o que a literatura narra, tanto o gesto do historiador e do pesquisador quanto do contador. Só podemos ter acesso ao mistério, ao enigma, por meio da história, e a história é também aquilo que o mistério apagou. De que maneira um elemento, cuja presença é a prova incontestável da perda do outro, pode dar testemunho daquela ausência? Onde há relato, o fogo se apagou; onde há mistério, não pode haver história.

Gershom Scholem, conta a história transmitida por Yosef Agnon:

Quando Baal Schem, fundador do hassidismo, tinha uma tarefa difícil pela frente, ia a certo lugar no bosque, acendia um fogo, fazia uma prece, e o que ele queria se realizava. Quando uma geração depois, o Maguid de Mesritsch viu-se diante do mesmo problema, foi ao mesmo lugar do bosque e disse: “Já não sabemos acender o fogo, mas podemos preferir as preces”, e tudo aconteceu segundo seus desejos. Passada mais uma geração, o Rabi Moshe Leib de Sassov viu-se na mesma situa-

ção, foi até o bosque e disse: “Já não sabemos acender o fogo, nem sabemos as preces, mas conhecemos o local no bosque, e isso deve ser suficiente”; e, de fato, foi suficiente. Mas, passada outra geração, o Rabi Israel de Rijin, precisando enfrentar a mesma dificuldade, ficou em seu palácio, sentado em sua poltrona dourada (provavelmente não tinha Zoom como temos no tempo agora), e disse: “Já não sabemos acender o fogo, não somos capazes de declamar as preces, nem conhecemos o local do bosque, mas podemos narrar a história de tudo isso”. E, mais uma vez, isso foi suficiente (AGAMBEN, 2018, p. 28).

Para terminar, a história de vida de cada um é escrita a partir de elementos de indeterminação, ou seja, é a experiência da palavra conhecida e de que se está privado, o desamparo diante do que é contraído, a mudez no retorno de campos de guerra, o testemunho da ausência e elementos que provêm de resíduos. O que resta é o que se encontra no começo deste artigo. São as palavras de Quignard (2018, p. 55), que nos servirão de pano de fundo para continuar esta investigação, no sentido de que a “língua não coincide conosco”, que a língua, em nós, seja adquirida. Isso quer dizer que podemos conhecer o seu abandono. Em outras palavras, a história de vida não coincide conosco, de modo que podemos conhecer o seu abandono na experiência de uma análise.

Abstract

This article proposes an exercise of approximation between psychoanalysis, history and language. The act of telling some kind of story, and the paraphrases of everyday life, are part of constructions in analysis – operators through which the psychoanalyst can survey the patient's life story. The life story of each one is written from elements of indeterminacy, that is, it is the experience of the known word and the word of which one is deprived, the helplessness in the face of what is contracted, the muteness in the return of war camps, the evidence of the absence, and elements that come from residues. In other words, the life story does not coincide with us, so that we can know its abandonment in the experience of analysis.

Keywords: *Language, Constructions in Analysis, Life History, Timeless Unconscious.*

Referências

ABREU, S. P. Narrativa e história de si, contadas em análise. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 42, n. 79, p. 45-51, jun. 2020.

AGAMBEN, G. A pré-história aqui e agora. In: _____. *Studiolo*. Tradução: Vinícius Nicastro Honnesko. Belo Horizonte, MG: Áyiné, 2021.

AGAMBEN, G. Língua e história. In: _____. *A potência do pensamento – ensaios e conferências*. Tradução: Antônio Guerreiro. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017.

AGAMBEN, G. O que é o contemporâneo. In: _____. *Nudez*. Tradução: Davi Pessoa. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2015. p. 19-34.

AGAMBEN, G. Vórtices. In: _____. *O fogo e o relato: ensaios sobre criação, arte e livros*. Tradução: Andrea Santurbano e Patricia Peterle. São Paulo, SP: Boitempo, 2018.

CERTEAU, M. *História e psicanálise, entre ciência e ficção*. Tradução: Guilherme João Teixeira. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2016.

FREUD, S. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. *Além do princípio de prazer. [Jenseits des Lustprinzips]* - Edição crítica bilíngue. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2020. p. 57-220. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

FREUD, S. Construções na análise (1937). In: _____. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Tradução: Claudia Dornbusch. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017. p. 365-382. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

GAGNEBIN, J.-M. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo, SP: Perspectiva, 2013.

GAGNEBIN, J.-M. *Lembrar escrever esquecer*. 2. ed. São Paulo, SP: Ed. 34, 2018.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: _____. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1998. p. 238-324. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. Lituraterra (1971). In: _____. *Outros escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2003. p. 15-25.

LACAN, J. *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud* (1954). 3. ed. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Betty Milan. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1986. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *O seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante* (1970-1971). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2009. (Campo Freudiano no Brasil).

NIETZSCHE, F. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida: segunda consideração extemporânea* (1874). São Paulo, SP: Hedra, 2017.

QUIGNARD, P. *O nome na ponta da língua*. Tradução: Yolanda Vilela e Ruth Silviano Brandão. Belo Horizonte, MG: Chão de Feira, 2018.

SELIGMANN-SILVA, M. Apresentação. In: BENJAMIN, W. *Sobre o conceito de história*. São Paulo, SP: Alameda, 2020. p. 9-20.

SOLER, C. *A repetição na experiência analítica*. Tradução: Elisabeth Saporiti e Dominique Fingerman. São Paulo, SP: Escuta, 2013.

Recebido em: 10/08/2021

Aprovado em: 26/10/2021

Sobre a autora

Scheherazade Paes de Abreu

Psicanalista.

Mestranda em Estudos Psicanalíticos pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Membro do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais.

E-mail: scheherazade_abreu@yahoo.com.br

Solidão: caríssima, quem és tu?

Loneliness: dear, who are you?

Stetina Trani de Meneses e Dacorso

Resumo

Neste texto a autora discorre sobre o sentimento de solidão sob determinados ângulos, primeiro com Sigmund Freud e depois com a escola inglesa; o processo analítico sob o ponto de vista do analista e do analisando. Faz uma articulação com a arte e a sociedade atual, levantando hipóteses sobre a construção de conceitos menos pejorativos e patológicos para a solidão. Nesse percurso, a autora vai utilizar da exposição de experiências e vivências em que a solidão foi vivenciada como enriquecedora.

Palavras-chave: Solidão enriquecedora, Psicanálise, Análise, Criatividade.

Introdução

No dicionário de português do Hussein, temos algumas definições de solidão: estado de quem está só, retirado do mundo. Mais adiante, solitário: que está só, gosta de viver sozinho. No *Vocabulário da psicanálise*, de Laplanche e Pontalis (2016), não existe o vocábulo solidão nem no *Dicionário de Psicanálise*, de Roudinesco e Plon (1998). E no *Dicionário enciclopédico de psicanálise*, de Kaufmann (1996), o vocábulo se situa dentro do verbete *Nós borromeanos*.

Poetas, músicos, filósofos a usam constantemente em suas produções e seus questionamentos. Melanie Klein (1976) escreveu o livro *Sentimento de solidão*, articulando-o com as fases esquizoparanoide e depressiva. Produções cênicas trazem a solidão como tema central; solidão do luto; na produção intelectual como necessária e no desempenho de alguns ofícios como integrante do processo. Dependendo do ângulo que olhamos o sentimento de solidão, nos deparamos com várias definições. Freud se refere a ela nas pesquisas sexuais infantis, que são feitas na solidão, na vivência do traumático da sexualidade. No nascimento e na morte passagens solitárias das quais nenhum ser humano tem

algo a dizer sobre sua experiência. Qual é a dificuldade? Será que é uma palavra com explicações e vivências subjetivas impossíveis de serem generalizadas porque recaem sobre a singularidade de cada um de nós?

Tanis (2003) escreveu o livro *Circuitos da solidão* e considerei o termo “circuito” rico em possibilidades das abordagens que o sentimento de solidão suscita. Encontramos também o termo “solitude”, derivado do latim e na sua origem tem o mesmo sentido que solidão. Paul Tillich (1886-1965), teólogo alemão e filósofo religioso, é considerado como aquele que estabeleceu o termo “solitude” com essa abordagem de solidão escolhida, com sentimento de bem-estar.

Durante este período de pandemia, constatamos *lives* com temas de solidão e solitude ou só solitude, creio que compreensível pelo momento de isolamento social que a maioria da população planetária experienciava. Na presente produção, não vamos nos adentrar na distinção solidão/soletude, vamos utilizar o termo “solidão” e ir discorrendo sobre ele. O objetivo é tentar circundar a solidão com o que existe de positivo, agradável e enriquecedor. Quando a palavra solidão nos vem à mente, várias imagens surgem: solidão das

noites na UTI; solidão nas noites de velório; solidão das noites insones; solidão do prazer de conseguir; solidão da produção intelectual realizada; solidão das perdas; da impotência, solidão dos vitoriosos e dos diferentes. É, minha cara solidão, pensar sobre você é entranhar em vários espaços e, ainda assim, não ser capaz de defini-la.

No Gênesis

*Davi diz a Jeová que se sente sozinho
[e desamparado
por todos o terem deixado.
“Volta-te para mim e tem de mim piedade,
pois estou desamparado e aflito,
as tribulações do meu coração
[multiplicaram-se.
Tira-me das minhas angústias.”
(SALMOS 25:16,17).*

Deus diz a Adão que não é bom o homem estar só e lhe dará uma companhia igual que o auxilie e lhe corresponda (GÊNESIS 2:18). Porém, ainda no livro antigo, a solidão se apresenta como útil para orar e encontrar Deus. Moisés assim o fez em vários momentos de sua vida, quando, depois de caminhar por 40 anos no deserto, é convocado a subir o Monte Sinai e lá ficou por 40 dias e 40 noites descendo com as pedras dos mandamentos, que constituem uma influência significativa na história da humanidade.

Jesus, após seu batismo, vai ao deserto por 40 dias, ficando longe dos seus e em jejum, na busca do encontro com o Pai. Assim, segundo Mateus (14:13) e Marcos (1:35), a solidão serviu também à meditação para Jesus. Muitos santos e apóstolos professaram a solidão para a paz espiritual, o mesmo aconteceu em ordens religiosas. Os trapistas, ordem de São Jerônimo, têm orientação contemplativa e professam a clausura. A ordem, aprovada em 1373 pelo Papa Gregório XI, prescreve a solidão e o silêncio como busca da união mística com Deus. A ordem dos cartuxos, fundada em 1084 por São Bruno e aprovada

pelo Papa Urbano II, é considerada a mais rígida e puramente contemplativa, destacando-se pela solidão e austeridade da vida de seus membros com jejum violento.

Assim, temos que, para o encontro místico com Deus, professa-se a solidão e o silêncio, seja só, seja com outros em volta. A espiritualidade se encontra no mergulho de si mesmo, produzindo o sentimento de paz e de epifania do encontro com Deus, e outros sagrados, sejam acompanhados de ácidos, chás ou não, as experiências são sempre singulares como podemos identificar na história de santos e penitentes de qualquer culto religioso.

Começamos com a religião enquanto o sagrado que desde sempre tem um lugar na forma do ser humano de lidar com seu sentimento de desamparo. E, como vimos, o encontro com o sentimento de amparo se processa, na maioria das vezes na solidão. Vamos nos utilizar da leitura de Tanis (2003) sobre o lugar que a solidão ocupou ao longo da história da humanidade. Na Antiguidade o pior castigo era o exílio: separar o indivíduo de seu meio. Não podemos nos esquecer de que a vida funcionava nas praças, na polis. A partir da Idade Média, o isolamento produz dois olhares: de um lado, o espaço dos loucos e dos foras da lei; do outro, um motivo de admiração por aqueles que procuravam a solidão pelas paixões e atos heroicos, como os cavaleiros medievais. Através da solidão é que vai surgir o sentimento subjetivo de intimidade.

Tanis cita Ariés (1996, p. 51) em *Por uma história da vida privada*, na construção da fronteira entre público e privado. Situação que não existia na comunidade senhoril, nas linhagens, nas vassalagens onde o indivíduo estava cercado da solidariedade desses grupos. No século XIX a população já é anônima e procura se defender da polis, até porque algumas responsabilidades – como lazer, educação e sobrevivência econômica de seus membros – deixaram de ser do Estado e passam para a família. A família se

transforma no espaço de refúgio e descanso, além da afirmação de individualidades. Com a instalação da chamada “civilização moderna”, estabelecida pela revolução industrial e pela generalização da economia de mercado, a sociedade se organiza de outra forma com a divisão de trabalho, a ciência, a tecnologia, a hegemonia de mercado, o trabalho livre e no entorno: racionalização, burocratização e urbanização.

Se a modernidade constitui o indivíduo livre de amarras ancestrais, pregando a igualdade entre todos, produz também o desejo de unicidade, de ser único e distinto. A igualdade produz identificação com o outro, mas a unicidade nos coloca como irremediavelmente sós (TANIS, 2003, p. 54). O crescimento urbano descontrolado, a taxa de mortalidade baixa produz massas indiferenciadas que levam os sujeitos a almejar o silêncio, a solidão e o menos – menos consumo, menos objeto, menos participação. Em plataformas de filmes e documentários encontramos várias produções, como *Minimalistas* (2016), *Nomadland* (2020), *Quanto tempo o tempo tem* (2015), documentários sobre jornadas solitárias seja em busca de vencer desafios, seja em busca de uma resposta para si mesmo.

O Romantismo, com início no final do século XVIII, teve seu ápice até final do século XIX e foi considerado uma reação de revolta à industrialização, ao sentimento de que algo precioso foi perdido tanto no indivíduo quanto na humanidade:

[...] todas as relações com os outros são, ao fim e ao cabo, apenas estação na busca de si mesmo, seja porque se sente igual aos outros e sozinho com suas próprias forças ou porque tem a capacidade de encarar a solidão de frente e tenha a visão da própria singularidade e individualidade (SIMMEL, 1998, p. 114 citado por TANIS, 2003, p. 54).

O sentimento, para o Romantismo, é o núcleo do sujeito, intraduzível e interior.

Ocorre o impulso à introspecção que leva à auto-observação, rumo ao desconhecido e estranho. Na introspecção, se percebe que existem duas almas, demônio e juiz. Tudo se organiza em torno do sujeito, produzindo um individualismo exagerado. O movimento romântico expôs que, além da cabeça o homem, possui um coração enquanto sede das emoções (GUIMARÃES, 2015).

Gênesis freudiana

A solidão é fera, a solidão devora.

*A solidão é amiga das horas,
prima-irmã do tempo.*

ALCEU VALENÇA, 1984.

Sigmund Freud, obviamente, sofreu a interferência do romantismo alemão. A paixão, a emoção e os afetos pulsionais são a mídia do pensar; a linguagem é a mídia do conhecer. A arte nos joga num mundo de emoções, na maioria das vezes intraduzíveis. Nas sessões, as associações livres e na atenção flutuante com os relatos e conteúdos manifestos, são as mensagens da mente. Nas sessões trabalhamos com as produções oníricas de vigília (SANDLER, 2007). Na união do romantismo e desejo de cientificidade de Freud em relação à psicanálise, temos produções ocorridas na solidão e uma dessas produções são os textos da metapsicologia freudiana. Solidão e introspecção presentes nos vários momentos da análise de conceitos e articulações freudianos.

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905) 1980, p. 202) nos apresenta o autoerotismo, quando utilizamos uma parte de nosso corpo para conseguir prazer e nesse momento percebemos a nossa independência do mundo externo, o qual por sua vez não podemos controlar. Algum tempo depois, a pulsão de saber se apresenta exigente, aliando-se com o dominar e a pulsão escopofilia. Essas correntes se aliam na busca do que as crianças se interrogam, as pesquisas sexuais infantis: de onde eu vim;

por que uns tem e outros não e o que papai e mamãe fazem a portas fechadas. Pesquisas fadadas ao fracasso porque dois elementos são desconhecidos: o esperma e a vagina. As pesquisas malogradas vão provocar frustração e podem deixar um dano na pulsão de saber. São pesquisas realizadas na solidão, primeiro passo numa atitude de independência do mundo, primeiro ato de alienação da criança em relação às pessoas à sua volta. A pulsão sexual tem força avassaladora e o ficar só, o medo da solidão e do escuro é o medo de ser dominado pela força libidinal e o que ela pode provocar em si.

Existe um *quantum* da pulsão sexual que vai escapar da representação e permanecerá indomável, não se submete à institucionalização, à repressão e ao recalque nem às ameaças externas. Existe a associação entre precocidade sexual e intelectual. A solidão da pulsão sexual infantil produz a junção do desejo de saber com o de dominar. E o prazer no voyeurismo e o autoerotismo produz o coquetel necessário às grandes epifanias não apenas religiosas, mas também ligadas ao mergulho em si mesmo, às descobertas científicas, à compreensão de algo inicialmente inexplicável, às respostas inesperadas, ao fim de um projeto difícil e almejado, processo realizado na introspecção e na solidão.

Nas interrogações solitárias do querer saber daquilo que não pode ser dito, a criança percebe a interdição, principalmente através das respostas fornecidas pelos adultos que a deixam incrédula e, quanto mais curiosa e inteligente for, mais fará suas pesquisas sexuais na solidão de si mesma, criando artifícios e saídas na busca de encontrar resposta para o não respondível. A dúvida e a insistência na busca de solução para os enigmas são o modelo do trabalho e pesquisas intelectuais *a posteriori*. Em *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância*, Freud ([1910] 1980) analisa que, quando a pulsão de investigação e conhecimento é forte, pode-se deduzir que na infância existia uma pulsão sexual muito forte, pois o ardor dedicado à pesquisa é

idêntico ao dos apaixonados por seu objeto de paixão.

O impulso de pesquisa sexual infantil terá três destinos após a repressão sexual: (a) inibição neurótica: ocorre um enfraquecimento intelectual porque a pesquisa compartilha do mesmo destino da sexualidade, a repressão; (b) o intelectual: é muito forte e resiste à repressão, mas quando as atividades de pesquisas sexuais emergem, provocam uma preocupação compulsiva com a pesquisa, que recebe o investimento sexual levando a pesquisas intermináveis; (c) a libido: última possibilidade, considerada mais rara e perfeita por Freud, escapa da repressão, é sublimada como curiosidade e se liga à pulsão de pesquisa, e como não existem as situações anteriores, a produção intelectual é produtiva (FREUD, [1910] 1980, p. 72-75).

Essa explicação longa, talvez desnecessária, é para percebermos que todo esse trajeto é individual e solitário produzindo aquele que poderá ser um grande intelectual, um pesquisador, um transgressor social, um sujeito com decisões e pensares, independentemente de seu meio. Poderá ou não ter discípulos e/ou seguidores, mas o caminho será vislumbrado por ele. As grandes decisões no domínio do pensamento e as momentosas descobertas e soluções de problemas são possíveis ao indivíduo só (Freud, [1927] 1980).

O grupo, obviamente, provoca grandes produções que implicam relações: linguagem, folclore e canções populares. As relações do indivíduo com os grupos e as exigências sociais foram analisadas por Freud em seus textos culturais. Há o sentimento de inveja na origem da exigência de leis igualitárias, assim como o mal-estar do homem em se submeter às regras da cultura. Uma questão fundamental à psicanálise é como um indivíduo com exigências, dinâmicas e destinos pulsionais singulares se acomoda no convívio com o outro. Questão esta que estamos tentando seguir em direção contrária, como um sujeito singular em si mesmo e, com a pres-

são do meio à qual ele se submete na busca de amor e admiração, conseguirá lidar com a solidão. Já temos conhecimento de que muitos não conseguem e se abatem, enquanto outros conseguem e se redescobrem no trajeto de retirada para estar consigo mesmos.

A solidão é inerente à constituição subjetiva dos sujeitos. Uma verdade que os faz singular e possibilita formas de laços sociais. É a solidão própria do sujeito barrado, singular em si mesmo e impotente frente ao não saber, ao não acesso do material recalcado (FERRARI, 2008, p. 18).

Não vamos realizar uma revisão literária sobre o sentimento de solidão. Iniciamos com Freud e pontuamos agora alguma coisa de Melanie Klein. Houve outros estudos e contextualizações, mas não vamos neles nos deter. Pretendemos uma abordagem não só psíquica, mas também vivencial, visceral.

Melanie Klein (1975, p. 135) analisa os fatores que vão provocar o sentimento de solidão. O primeiro a ser considerado é que uma relação satisfatória com a mãe é uma comunhão dos dois inconscientes que ocorre na fase pré-verbal. Para a autora o sentimento de solidão advém no *a posteriori*, sentir solidão por não ter aquela comunhão com ninguém mais. O processo de integração e a introjeção do objeto bom é que leva ao crescimento do ego. Esse processo diminui o ódio e os processos agressivos ficam menos fortes. A integração total é difícil devido à luta entre impulsos afetivos e de ódio. A tendência é jogar as partes ameaçadoras num outro, o que vai gerar a sensação de não ser pleno, de não se pertencer e, conseqüentemente, estar na solidão. Esse sentimento também aumenta com a crescente percepção da realidade, que diminui a esperança. A perda da idealização do objeto bom e de si mesmo é outra contribuição ao sentimento de solidão.

Nesta direção, é que Klein (1975, p. 143) analisa o suicídio, caso extremo, em que o sentimento de solidão nos pacientes ma-

níaco-depressivos encontra dificuldades em restaurar, acreditar no objeto bom devido aos impulsos agressivos. O sentimento de solidão no maníaco depressivo é então decorrente de sua incapacidade de manter uma convivência interna e externa com o objeto bom. O superego tem também sua parcela de contribuição, quanto mais rígido for, maior será o sentimento de solidão porque suas exigências aumentam as ansiedades depressivo-paranoides (KLEIN, 1975, p. 156).

A busca da alma gêmea, presente nos estados de apaixonamento, é o encontro com aquele esperado, aquele que vai aplacar a solidão e o sentimento de estar só e incompreendido. O sentimento de desamparo e abandono é, enfim, aplacado pelo reencontro do objeto perdido. Sobre a paixão ou amor – sentimentos distintos – teríamos outro texto a ser escrito. O sentimento de comunhão com o outro, de um só em dois corpos é cantado em versos e prosas desde sempre, assim como a dor da perda, em *A separação dos amantes*, de Igor Caruso (1984). Temos uma obra belíssima tanto em sua escrita teórica quanto em sua poética ao descrever relatos de dor, aniquilamento pela perda da alma gêmea.

Eu sei que vou te amar,
Por toda a minha vida eu vou te amar,
Em cada despedida eu vou te amar.
Desesperadamente, eu sei vou te amar.
E cada verso meu será pra te dizer
Que eu sei que vou te amar,
por toda a minha vida.
(TOM JOBIM; VINICIUS DE MORAIS)

Neste período de exceção, quando a pandemia exigiu o isolamento social, vimos surgir muitos memes, postagens em Facebook e Instagram, que foram desnudando solidões vivenciadas por pessoas na sua dificuldade de estar afastadas do frenesi do mundo externo com seus excessos de solicitação para não ficar a sós. O estar em família não aplacava esse sentimento naqueles que sofriam

pela ausência de barulho, da correria, das demandas. Sugestões de comidas, *lives* de como administrar *home office*, trabalho de casa e filhos, *lives* profissionais, *shows*. Uma enxurrada de propostas para povoar o dia. Incluindo autoajudas para solidão, encontros e insônias. Os dois anos da pandemia que nos jogou a todos em nosso universo próprio foram um gatilho para trazer à tona sentimentos que se camuflavam por baixo da excitabilidade da sociedade atual. A mídia, invadindo nosso lar e desnudando uma realidade nua e dolorosa; em consequência, a esperança indo embora, despertando e exacerbando os sentimentos latentes e/ou manifestos de incompletude e não pertencimento.

Kupermann e Franco (2018) escrevem um artigo sobre lobos e psicanalistas, analisando as sociedades de psicanálise e o desejo dos sujeitos de ser sós para trilharem caminhos que não se adequam aos grupos com os quais convivem. Não vamos nos adentrar em sociedades de psicanálise analisadas pelos autores nem de como são controladoras das atividades criativas de seus membros. Recorrendo a *O lobo da estepe*, de Hermann Hesse (1927), os autores comparam os psicanalistas com certa genialidade ao protagonista Harry, que luta entre sua posição burguesa e o desejo de se libertar do outro. A psicanálise no seu início foi constituída por lobos solitários que somavam sua genialidade para o crescimento teórico e o estabelecimento da psicanálise. De lá para cá, a ideia de liberdade ficou a desejar, se pensarmos na psicanálise muitas vezes pedagógica, burguesa e convencional. Todos nós, psicanalistas, passamos pelo conflito de ser aceitos pela sociedade à qual nos filiamos, por nossos pares, supervisores *versus* o desejo de nos constituir de forma independente. Muitos dos grandes teóricos trabalharam e sofreram pela conjugação solidão *versus* encontro-aceitação, quando a sua excepcionalidade os levou à produção solitária, onde, na maioria das vezes, não havia o desejo de liderança mas de seguir a sua genialidade.

...sempre fui acompanhada pela solidão, de perto ou de longe. Amiga inestimável, inimiga mortal – solidão que regenera, solidão que destrói – impele-nos a alcançar e a ultrapassar nossos limites (DOLTO, 1998, p. 412).

A cotidiana solidão de nosso ofício e daqueles que nos procuram

Cada qual narra a história de sua solidão.

Da solidão que acossa reis e escravos.

A que se está condenado mesmo quando cercado de familiares, amores, tribos, séquitos, leis universais.

NÉLIDA PIÑON, 2012, p. 205.

Muito já se escreveu sobre a solidão de nosso ofício. Exercício que se tenta organizar, administrar, tornar respeitável através das várias sociedades com suas diferentes abordagens teóricas. Porém, o exercício de ser psicanalista passa pelo desejo de cada sujeito, sua análise, suas transferências e seu comprometimento teórico. Só a teoria não é suficiente e sozinha pode construir um tecnocrata, e só a análise também não é possível, senão ficamos com a soberania da intuição, da percepção, sem o embasamento teórico para o desempenho do ofício. A solidão não é privilégio daqueles que escreveram o corpo teórico a que recorreremos constantemente na busca de auxílio aos impasses da clínica. O trabalho clínico nos remete à solidão de nós mesmos e de nosso mundo interno. Ofício que nos leva a mergulhar na solidão do não saber, da angústia e de construir lentamente o processo de possibilidades.

Enquanto analistas, necessitamos ficar atentos ao nosso mal-estar frente às guerras institucionais, as lutas narcísicas de egos, às terapias cognitivas, à psiquiatria com solução para todas as questões psíquicas e a diminuição de demandas.

A ousadia do analista em criar novas teorias regionais, originadas da clínica, que nos permitam um intercâmbio e liberdade sem,

necessariamente, invalidar as valiosas contribuições dos grandes sistemas conceituais que já possuímos, poderá nos auxiliar em nossas novas demandas. Isto poderá instrumentalizar a nossa clínica, tanto técnica, como teoricamente, revigorando o aspecto libertador e emancipador da psicanálise, a contrafluxo de forças adaptativas ou atomizadoras na nossa cultura. Como analistas temos de enfrentar o paradoxo de nossa própria solidão (TANIS, 2003, p. 195).

Salomé (DACORSO, 2017) se refere à análise como uma relação de amor, em que o analista se abre inteiro àquele que o procura que, por sua vez, se entrega confiante nessa relação singular e única, em que inconsciente e inconsciente conversam. A enigmática Clarice (1973, p. 58): “E ninguém é eu. Ninguém é você. Esta é a solidão”.

O processo analítico tanto para o analista, que é único em seu estilo, quanto para o analisando que, ao encarar e destituir suas idealizações e identificações, precisará se reconstruir partindo de si mesmo é um caminho solitário. O silêncio e a solidão de olhares e vozes na sessão é muitas vezes necessário e vital para uma paz e elaboração internas de forma que o desejo emerja. Sabemos o quanto o silêncio em análise nos angustia: é resistência, não quer estar aqui? o que não estou percebendo, escutando no silêncio? Quem sabe esse silêncio – num espaço da palavra – seja a solidão da paz, de poder ficar sem um outro falando e cobrando. Uma busca pelo silêncio interno de vozes que nos acompanham incessantemente de dentro.

Final de análise é uma construção solitária. As expectativas que levaram ao processo de análise são destituídas, assim como os ideais sobre si mesmo. Romances familiares terminam, a busca de um pai idealizado e uma mãe incansável no processo de alimentar chega ao término com o sofrimento de um luto indizível, solitário. Luto pelos objetos perdidos, pelo que não se tem e, princi-

palmente, pelo que se percebe que não será possível ter e/ou alcançar. Muitos têm a sensação de “nadar, nadar e morrer na praia” porque esperavam que análise possibilitasse os objetos que os(as) fariam se sentir plenos(as). E o encontro é com o não saber, com o não acabado, o se deparar com a imprevisibilidade da vida, com a transitoriedade dos desejos e dos objetos. Um fazer e refazer cotidiano sem a prisão de ideais cristalizados e substitutos das perdas narcísicas.

O ganho da análise, que considero fundamental, é a solidão ser transformada num sentimento carregado de experiências pessoais e singularidade.

A comunicação total entre dois seres é impossível como também aquela que participamos com nós mesmos. Há uma impossibilidade de tudo dizer, de tudo saber, impossibilidade característica do sujeito barrado. Solidão.

Quando Freud rompeu com Fliess, com o qual partilhava suas ideias e o sentimento de idealizar o amigo, foi uma vivência sofrida para o professor. O período da amizade foi considerado como autoanálise, mas na verdade acreditamos num Fliess analista. Na ruptura, Freud sofreu a solidão dessa perda em termos emocionais, analíticos e intelectual. Mesmo que tempos depois, ele considerasse proveitosa a solidão desse período de luto, que o levou a escrever *A interpretação dos sonhos* (1905). Houve outro período após a IGG, quando a clínica caiu muito, e a solidão e o ócio o levaram a escrever os textos da metapsicologia. A solidão o levou a produzir, mas ele era também um homem solitário na sua genialidade que o convívio familiar não chegava a aplacar. Em entrevista ao repórter George Sylvester Viereck, em 1926, Freud respondeu:

[...] observei as plantas crescerem na primavera. De vez em quando tive uma mão amiga para apertar. Vez ou outra encontrei um ser humano que quase me compreendeu. Que mais posso querer?

A nova ordem direitista e neoliberal torna difícil a escolha de se constituir saindo do pseudorrótulo de “individualidade” que na realidade está perdida na massa de individualidades e não impede angústias, sofrências, incluindo as buscas no Dr. Google para identificação de patologias, até o momento em que nada soluciona e se busca o velho caminho para si mesmo.

Janaína de Paula, citada por Pinto (2018, p. 14), revela:

Já aprendemos com a clínica e a literatura que a psicanálise, assim como a poesia, não são mesmo do sucesso, da festa, nem do mundo... talvez sejam da solidão, dos encontros mínimos e das alegrias breves. São outro tipo de partilha.

Em cena, os que falam à alma e outras palavras...

*Agora acho força.
Na diferença aceito
a solidão de ser única.
Agora me vejo melhor.*
MONICA DIAZ

Assim que escrevi o subtítulo, veio à minha mente toda a produção de seres geniais, ao longo da história, até o primeiro hieroglifo na parede da caverna. O que selecionar?

Compreendemos que muitas produções, na maioria das vezes, foram incompreendidas, mas só ocorreram pela solidão consigo mesmo, pela rebeldia de se afastar da pressão conformista e debochada de seu tempo. São tantos! Mas exatamente por isso, passaram para história como geniais em sua obra, suas opiniões e seus comportamentos, considerados para seu tempo como provocativos, delinquentes, obras escandalosas.

Arte como algo que se oferece ao mundo para ser vivenciado, algo que se constitui subjetivamente. O ato criador se apoia na subjetividade de seu criador que tem esforço,

angústia, pressão interna. Pulsão insatisfeita e constante, que pressiona.

O susto emocional frente às obras de Camille Claudel e vou linkar três delas: *Sakountala* [O abandono] (1905), *A implorante* (1894) e *Idade madura* (1899). Elas traduzem as dores, o desamparo e o sofrimento de Camille consigo e na relação com Auguste Rodin, nos fazem ficar parados, estarecidos, tomados de uma comoção indizível frente o que as peças tão delicadamente esculpidas nos transmitem: a dor, o ser deixado, a solidão de quem implora. Indescritíveis, se aproximam de nosso inominável.

Frida Kahlo, que conseguiu superar, em parte, dor do acidente, da traição de Diego Rivera, dos abortos, da vida em dores constantes através de desenhos iniciados com o presente que seu pai lhe dera para que ela passasse o tempo enquanto estava imobilizada. Não é possível reproduzir aqui, mas fácil de encontrar, a *Cama voadora* (1932) com a imagem de dores e abortos. As *duas Fridas* (1939), ligadas por uma artéria e de mãos dadas na época de sua separação de Diego frente à crise matrimonial. Em 1945 Frida, muito magra, que é obrigada a se alimentar para engordar, faz o quadro *Sem esperança*, onde os alimentos ficam acima de sua boca, estragados e putrefatos. Frida, como ninguém, foi capaz de dar imagem à dor que lhe corria nas entranhas, nos vários momentos de sua vida.

Rilke (2010, p. 26), em sua correspondência com Franz Xavier Kappus, aconselha e enaltece a solidão como necessária à criação. A obra precisa “da escuridão do indizível e do inconsciente em um ponto inalcançável pelo entendimento”. Rilke aconselha o jovem poeta a aceitar a solidão como uma moradia, um lar, lugar onde pode se encontrar e ser livre. E continua em seus conselhos:

[...] para produzir, a solidão tem de ser grande, uma grande solidão interior, entrar em si mesmo e não encontrar ninguém durante horas, é preciso conseguir isto (Rilke, 2010, p. 58).

Como vemos não há negação da dor da solidão, mas é com ela que ocorrerá o parto de uma obra, de uma decisão, de um encontro consigo mesmo.

Recorrer aos poetas, escritores e artistas em geral é reconhecer a impossibilidade de traduzir algo. E a solidão, da qual não retiramos o sofrimento, é necessário pensá-la também pelo seu lado positivo. As solidões se encontram em vários momentos de nossa vida, por imposição do mundo ou opção pessoal. Em todas elas, seja lá por que motivo for, vão produzir algo. Citamos artistas, enquanto legados da humanidade que nos acalmam a alma, mas também é artista o ser humano que a cada dia cria possibilidades de sobrevivência, encontra saídas para sua dor, se reinventa a cada amanhecer e cria possibilidades para satisfazer desejos. É artista aquele que, fora do circuito cultural ou acadêmico, dá conta de sua sobrevivência com as armas que estão às mãos. Se não reconhecemos esse artista anônimo e comum, estamos negando a universalidade do circuito pulsional, independentemente da cultura, da pedagogia e do discurso muitas vezes padronizado. Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é, ou como se questionou Salomé (DACORSO, 2017): “Se eu estivesse no lugar desta pessoa, seria capaz de reagir como ela?”

Se continuamos a analisar a solidão como apenas o lugar da dor, do abandono, da depressão, da doença, da esquisitice, creio que compactuaremos com a sociedade excitada, carregada de adrenalina que exige uma corrida em busca de encontros, consumo, movimento. Um movimento exigente que nega o cansaço, a necessidade de parar, de elaborar, do ficar só.

Illouz (2011), analisa a lógica atual que articula terapias culturais, produtividade econômica e feminismo, que se entrelaçam constituindo processos de retirar os sentimentos do campo da intimidade, colocando-os na individualidade e sociabilidade, construindo um modelo na cultura com ampla capacidade de penetração, que é o modelo

da comunicação. Os afetos se transformam em objetos públicos em todas as esferas. Ora, com isso, nos dirigimos às redes sociais onde felicidade, reuniões de família, reuniões com amigos – antes da pandemia – eram o máximo de prazer, felicidade e sucesso. Com a pandemia que a todos forçou a um isolamento, encontramos violência doméstica, depressão, suicídio, aumento do uso de remédios. Torno a lançar uma questão: onde estavam aqueles sujeitos que aparentemente bem administrados lidando com amigos, família, colegas de trabalho tão bem, não foram capazes de ficar consigo mesmos?

Obviamente não estou ignorando os casos de patologias psíquicas preexistentes, angústias sociais decorrentes das análises de governos necropolíticos e pressão da sociedade com economia neoliberal.

Exemplificando com situações vividas no cotidiano, “Coitada(o)!”, passando Natal ou qualquer outra data só, sem família e sem amigos, seja por opção, seja por isolamento social, angústia, trabalho ou qualquer outro motivo, mas será sempre uma avaliação pejorativa, avaliativa e julgadora porque as redes sociais estão carregadas de imagens de sentimentos positivos partilhados com comidas, bebidas e os grandes encontros.

Bom, ironizando um pouco, se o indivíduo estava bem com a opção de solidão, ao se deparar com tanta demonstração de “felicidade” vai ficar muito mal e se sentindo incapaz e impotente em preencher os quesitos. Em cena Michel Foucault e sua análise de biopoder e dispositivos de poder.

A pressão do social leva o sujeito a fugir de si mesmo, do silêncio, caindo no burburinho desenfreado de encontros com objetos. Analisar a solidão como possível e passível de ser positiva, como marcamos anteriormente neste texto, é algo que, percebemos, se evita. Existe uma dificuldade nesta abordagem, mesmo que muitos a enalteçam como necessária à sua saúde mental e à produção de qualquer teor. Quem sabe, o risco seja de que, ao se ficar só, o caminho seja diferente

daquele que é propagado como o melhor e possa contaminar outros tantos. Afinal, as punições nas comunidades, nos grupos, nas hordas, nas famílias, nas instituições são na sua maioria para que ninguém fique tentado a transgredir e fazer diferente. Assim, o solitário é um sujeito não amável, autista, esquisito, e qualquer outro adjetivo que permeie as condutas daquele que opta pela solidão. Atualmente com uma sociedade medicalizada e com padrões de condutas padronizados, apesar de se dizer livre e sem discriminação, o rotular tem ocorrido de forma indiscriminada e preconceituosa. Quanto mais temos teorias sofisticadas sobre o humano, as sociedades e as culturas, mais nos assustamos com a diversidade que não compreendemos e procuramos regras e limites para enquadrá-las.

Como frisamos anteriormente, o objetivo deste texto é tentar retirar estigmas que o estar só acarreta. Existem várias possibilidades de olhares e percepções sobre a solidão.

Iniciamos este texto com Freud e a solidão das crianças em suas pesquisas sexuais que as levarão a outras tantas solidões de perguntas sem respostas, de angústias sem nome e de premências sem identificação de desejo, mas que produzirá o curioso, o insatisfeito com as respostas que leva ao gênio – em qualquer setor – ao homem comum em seu cotidiano.

Escolhi encerrar, então, com uma música infantil e linda, que fala de bosque, de verde, de anjo que protege e de amor, num espaço que se chama solidão:

Nesta rua, nesta rua tem um bosque
que se chama, que se chama solidão
dentro dele, dentro dele, mora um anjo
que roubou, que roubou meu coração

– Se eu roubei, se eu roubei teu coração,
tu roubaste, tu roubaste o meu também.
Se eu roubei, se eu roubei teu coração
é porque, só porque te quero bem.

(Cancioneiro infantil, autor desconhecido)

Abstract

In this text, the author discusses the feeling of loneliness from certain angles, first with Sigmund Freud and later choosing the English school; the analytical process from the point of view of the analyst and the analysand. It makes an articulation with art and current society, raising hypotheses about the construction of less pejorative and pathological concepts for loneliness. In this path, the author will use the exposition of experiences and experiences where loneliness was experienced as enriching.

Keywords: *Enriching solitude, Psychoanalysis, Analysis, Creativity.*

Referências

- BIBLIA SAGRADA. *O velho e o novo testamento*. Traduzida segundo os originais hebraico e grego. American Bible Society. New York, 1917.
- CAMILLE Claudel. Direção e roteiro: Bruno Nuytten, C. França, DVD, 1988, DVD, 164 minutos.
- CARUSO, I. *A separação dos amantes*. Tradução: João Silvério Trevisan. 3. ed. São Paulo, SP: Diadorim; Cor-tez, 1984.
- DACORSO, S. T. M. Lou Andreas-Salomé: o que você tem a nos dizer. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, Mgn.48, p. 181-194, dez. 2017. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.
- DIAZ, V. *Livre*. Produção livre e independente de Verônica Diaz, 2001.
- DOLTO, F. *Solidão*. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1998.
- FERRARI, I. F. Realidade social e sujeitos solitários. *Ágora*, Rio de Janeiro, RJ, v. 11, n. 1, p. 17-30, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982008000100002>.
- FREUD, S. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância (1910). In: _____. *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos* (1910 [1909]). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1980. p. 59-126. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 11).
- FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1980. p. 81-177. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).
- FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). In: _____. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos* (1901-1905). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1980. p. 129-248 (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).
- FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos* (1920-1922). Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. p. 81-154. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).
- GUIMARAES, A. R. G.; PRÓCHNO, C. C. S. O homem romântico: o homem psicanalítico. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 29, p. 427-444, jun. 2016.
- HOUAISS, A. *Grande dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2001.
- ILLOUZ, E. *O amor nos tempos do capitalismo*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2011.
- JOBIM, T.; MORAES, V. Eu sei que vou te amar (1958). In: DVD *Chega de Saudade*. Rio de Janeiro, RJ: Biscoito Fino, 2007.
- KAUFMANN, P. (ed.) *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Tradução: Vera Ribeiro e Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1996.
- KETTENMANN, A. KAHLO. México: Banco do México Diego Rivera & Frida Kahlo Museums Trust, 1994.
- KLEIN, M. *O sentimento de solidão*. Nosso mundo adulto e outros ensaios. Tradução, prefácio e notas: Paulo Dias Corrêa. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1975.
- LISPECTOR, C. *Água viva*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1973.
- PIÑON, N. *Livro das horas*. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2012.
- PINTO, J. M. *Da solidão*. Belo Horizonte, MG: Quixote + Do, 2018.
- PORTUGAL, A. M.; RODRIGUES, G.; BAHIA, M. A. (orgs.). *Da solidão*. Belo Horizonte, MG: Quixote + Do, 2018.
- RILKE, R. M. *Cartas a um jovem poeta*. Porto Alegre, RS: L&PM Pocket, 2010.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1998.
- SANDLER, P.C. Origens românticas da psicanálise: linguagem e sua consecução. *IDE-SP*. v. 30, n. 45, dez. 2007.

TANIS, B. *Circuitos da solidão*. Entre a clínica e a cultura. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2003.

VALENÇA, A. *Solidão*. Álbum: Mágico, 1984.

VIERECK, G. S. *O valor da vida*. Entrevista concedida por Sigmund Freud em 1926 e reproduzida na íntegra no *Journal of Psychology*, de Nova Iorque, em 1957. Tradução: Paulo César de Souza, 20 abr. 2010.

Recebido em: 20/08/2021

Aprovado em: 28/10/2021

Sobre a autora

Stetina Trani de Meneses e Dacorso

Psicóloga pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Psicanalista e membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção RJ. Mestre em literatura brasileira por Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora/PUC Minas. Mestre em psicanálise pela American World University (AWU-USA). Coordenadora do curso de formação em psicanálise e de seminários de psicanálise do Instituto Brasileiro de Psicanálise, Dinâmica de Grupo e Psicodrama de Juiz de Fora. Didata em psicanálise – Instituto Brasileiro de Psicanálise, Dinâmica de Grupo e Psicodrama – Juiz de Fora. Professora titular e supervisora do curso de Psicologia da Uniacademia – Juiz de Fora. Presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise 2010-2012/2012-2014.

E-mail: sdacorso@gmail.com

Normas de Publicação¹

1. Serão publicados apenas trabalhos inéditos de psicanálise e textos de colaboradores convidados pela Comissão Editorial. Entende-se como inéditos os trabalhos que não foram publicados – nem no todo nem em parte – em periódicos, capítulos de livros nem em anais de eventos.

2. Os trabalhos serão publicados em língua portuguesa ou em língua estrangeira. Ficará a cargo do autor a tradução para o português do resumo dos trabalhos enviados em outro idioma. A revisão de linguagem e a diagramação são responsabilidade da revista.

3. Conteúdo a ser publicado

3.1 Casos clínicos;

3.2 Ensaio;

3.3 Entrevistas;

3.4 Reflexões sobre a psicanálise, em articulação com outras áreas do conhecimento;

3.5 Resenhas.

- Papel: A-4
- Margens: superior e esquerda: 3 cm; inferior e direita: 2 cm
- Fonte: Times New Roman 12 em todo o texto
- Espaçamento entre linhas nos parágrafos: 1,5 cm
- Espaçamento entre linhas nas citações: simples
- Primeira linha dos parágrafos: 1,25 cm
- Recuo das citações à esquerda: 1,25 cm assim como os parágrafos

5. Estrutura do trabalho

Todo trabalho deverá ser obrigatoriamente acompanhado de:

5.1 Título em português e em inglês no corpo do trabalho.

5.2 Nome completo do autor ou autora, ou autores.

5.3 Resumo antes do texto, com o máximo de 250 palavras, seguido de 3 a 5 palavras-chave.

5.5 *Abstract* depois do texto, seguido de 3 a 5 *Keywords*.

5.6 Referências

6. Referências

• Segundo a ABNT (NBR 6023, de 2018), “tudo o que está citado no texto deve ser referenciado e tudo o que está referenciado deve ser citado no texto”. As obras citadas no texto devem ser alinhadas à esquerda, principalmente por causa dos extensos *links*. Na *Estudos de Psicanálise*, o título das obras fica em *itálico*.

Obs.: Não se usa mais o termo “bibliográficas” já que são citadas outras fontes além de livros.

1. Atualizadas em 2021 para as próximas edições.

a. Livro

AUTOR. *Título*: subtítulo. Edição. Local (cidade) de publicação: Editora, ano de publicação.

- LACAN, J. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2008. (Campo Freudiano no Brasil).
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. Direção: Daniel Lagache. Tradução: Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.
- WINNICOTT, D. W. A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. *In: _____*. *Os bebês e suas mães*. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1994. p. 79-92.

b. Capítulo de livro

AUTOR DO CAPÍTULO. Título do capítulo. *In: Autor do livro. Título*: subtítulo. Edição. Local (cidade) de publicação: Editora, ano de publicação. Número do volume (se houver). Intervalo das páginas.

- FREUD, S. As pulsões e seus destinos (1915). *In: _____*. *As pulsões e seus destinos*. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2019. p. 13-69. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 2).
- FREUD, S. Os instintos e seus destinos (1915). *In: _____*. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 51-81. (Obras completas, 12).
- FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes (1915). *In: _____*. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Direção geral da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. p. 123-144. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- IANINNI, G.; SANTIAGO, J. *Prefácio*. Mal-estar: clínica e política. *In: FREUD, S. Cultura, sociedade e religião: O mal-estar na cultura e outros textos*. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2020. p. 33-63. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

c. Artigo de revista

AUTOR. Título do artigo. *Título do periódico*, local de publicação (cidade), número do volume, número do fascículo, páginas inicial e final, mês e ano.

- LOPES, A. J. Sigmund Freud - O manuscrito inédito de 1931 - As aventuras e desventuras de um texto e as ideias desconhecidas de Freud sobre o cristianismo e a sublimação. *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, RJ, n. 50, p. 39-58, dez. 2018. Disponível em: <http://pepsic>.

bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372018000200004. Acesso em: 06 out. 2021.

- MENDES, E. R. P. Sobre a transmissão da psicanálise nas instituições psicanalíticas. *Reverso*, Belo Horizonte, MG, ano 40, n. 76, p. 23-30, dez. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952018000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 maio 2020.

6. As citações deverão ser acompanhadas de sua fonte, com as respectivas páginas.

- **Citação direta:** Quando é extraído um trecho literal, copiado fielmente do original. Nesse caso, deve-se colocar o sobrenome do autor, o ano da obra consultada e a página. As citações diretas podem ser de dois tipos, conforme o número de linhas.

- **Até três linhas**

Aparece incorporada ao texto, entre aspas.

- a. Pontalis (1998, p. 274) afirma: “Nossas memórias, para serem vivas, nossa psique, para ser animada, devem se encarnar”.
- b. “O objetivo da análise é preparar o paciente para a autoanálise”. (GREEN, 1988, p. 302).

- **Mais de 3 linhas**

Deve ser destacada com recuo de 1,25 cm da margem esquerda e espaçamento simples – sem uso de aspas. Ex.:

Em *Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte*, Freud ([1915] 2020, p. 99) afirma:

Tomados pela agitação destes tempos de guerra, informados unilateralmente, sem distanciamento, das grandes mudanças que já se realizaram ou que começam a se realizar, e sem previsão quanto ao futuro que está tomando forma, nós mesmos duvidamos do significado das impressões que nos assolam e do valor dos julgamentos que formamos. Parece-nos que jamais um acontecimento destruiu tanto os bens preciosos comuns à humanidade, confundiu tantas das mais lúcidas inteligências, rebaixou tão radicalmente o que era elevado. A própria ciência perdeu sua desapaixonada imparcialidade; seus servidores, profundamente exasperados, procuram extrair-lhe armas para oferecer uma contribuição na luta contra o inimigo.

- **Citação indireta:** Texto baseado na obra do autor consultado (paráfrase).

- a. Diversos autores citam a importância do estudo das perversões para entender as psicopatias da vida cotidiana. (CLAUVREUL, 1990; DOR, 1991; ANDRÉ, 2003; CORRÊA, 2006).

- b. A concepção médica de oposição entre o normal e o perverso se desfaz, segundo Corrêa (2006), à medida que o inconsciente vai sendo revelado.

c. Para a psicanálise, o Sujeito não seria natural como queria Sade, seria um Sujeito irremediavelmente dividido, como demonstrou Freud, ao que Lacan acrescenta que isso aconteceria pela relação dele, Sujeito, com a linguagem. (LACAN, [1962] 1998 citado por LEITE, 2000).

7. Notas de rodapé

Devem ser usadas apenas as notas explicativas, já que as notas de referência fazem parte do corpo do texto.

8. Uso de destaques gráficos no texto/recursos visuais

- ‘Aspa simples’: Em destaque do autor do texto.
- “Aspas duplas”: Nas citações do autor consultado e nas transcrições das falas de pacientes, entrevistados e outros interlocutores.
- *Itálico*: Em título de obras, palavras de língua estrangeira, em destaque ou grifo do autor.
- **Negrito**: Somente no título do texto e suas seções.

9. Cabe ao Conselho Consultivo de cada sociedade participante do CBP, inicialmente, examinar e aprovar, em primeira instância, os trabalhos de seus respectivos sócios e, posteriormente, encaminhá-los ao Conselho Editorial, já dentro das normas de publicação da revista, que decidirá sobre a sua publicação de acordo com a programação da revista.

10. O Conselho Editorial reserva-se o direito de recusar os trabalhos que não se enquadrem nas normas citadas ou não tenham qualidade editorial.

11. Para submissão, os trabalhos deverão ser enviados por e-mail para **cbp.rj@terra.com.br**.

Revista Estudos de Psicanálise

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504

22050-002 - Rio de Janeiro/RJ

Tel.: (21)2236-0655

Roteiro de avaliação dos artigos

1. Título claro e preciso sobre o conteúdo do artigo.
2. Resumo claro e preciso sobre o conteúdo do artigo, contendo no máximo 250 palavras.
3. Palavras-chave adequadas ao conteúdo, em número máximo de cinco.
4. *Abstract e Keywords* conforme instruções.
5. Normas para citações e referências conforme instruções.
6. Relevância do tema.
7. Clareza de pensamento.
8. Consistência e coerência na fundamentação teórico-metodológica do trabalho.
9. Linguagem, considerando objetividade, estilo e correção.
10. Aspectos éticos de acordo com a Resolução CNS 196/96 sobre privacidade e anonimato das pessoas envolvidas, e declaração de conflitos de interesses.
11. O artigo deverá conter conclusão ou considerações finais.

Local
de
aplicação
do selo
F S C

**Os
papéis
desta revista
são oriundos de
emprendimentos
florestais
que
seguem
normas
internacionais
de reflorestamento.**

Papel Certificado, o papel da revista!



Círculo Brasileiro de Psicanálise